História da Literatura no Rio Grande do Sul

O rumo moderno

As cidades na virada do século XIX



coragem

Organizador
Luís Augusto Fischer

Editora da furg



Volume 2

História da Literatura no Rio Grande do Sul



PUBLICADO COM O APOIO DE:









Brazil LAB
Princeton University

Luís Augusto Fischer
Coordenador geral

História da Literatura no Rio Grande do Sul

Volume 2

O rumo moderno

As cidades na virada do século XIX

coragem

Editora da furg

Porto Alegre e Rio Grande
2024

© Luís Augusto Fischer, 2024.
© Editora Coragem e Editora da FURG, 2024.

A reprodução e propagação sem fins comerciais do conteúdo desta publicação, parcial ou total, não somente é permitida como também é encorajada por nossos editores, desde que citadas as fontes.

Organização e coordenação geral
Luís Augusto Fischer

Capa e projeto gráfico
Flávio Wild

Diagramação e produção editorial
Thomás Daniel Vieira

Preparação de texto
Cláudia Laitano, Laura Rossini dos Santos e Rodrigo Ennes

Revisão final
Mauro Nicola Póvoas, Nathália Boni Cadore e Olívia Barros de Freitas

Fotografia da capa
Acervo do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo

EDITORA CORAGEM LTDA
www.editoracoragem.com.br
contato@editoracoragem.com.br
(51) 98014.2709

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R937 O rumo moderno: as cidades na virada do século XIX / Luís Augusto Fischer, coordenador; Antonio Hohlfeldt ... [et al.]. – Porto Alegre: Coragem; Rio Grande: Editora da FURG, 2024.
447 p. : il. – (História da Literatura no Rio Grande do Sul; v.2)

ISBN: 978-65-85243-30-8

1.Literatura – Rio Grande do Sul – História. 2. Cidades – Cultura – Rio Grande do Sul. 3. Poesia modernista. 4. Jornalismo – Rio Grande do Sul. 5. Modernismo – Cidades – Rio Grande do Sul. 6. Primeira República – Rio Grande do Sul. 7. Biblioteca Pública do Estado – Rio Grande do Sul. I. Fischer, Luís Augusto. II. Hohlfeldt, Antonio. III. Série.

CDU: 869.0(816.5)(091)

Bibliotecária responsável: Jacira Gil Bernardes – CRB 10/463

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RIO GRANDE – FURG

Reitor
DANILO GIROLDO
Vice-Reitor
RENATO DURO DIAS
Chefe de Gabinete do Reitor
JACIRA CRISTIANE P. DA SILVA
Pró-Reitor de Extensão e Cultura
DANIEL PORCIUNCULA PRADO
Pró-Reitor de Planejamento e Administração
DIEGO D'ÁVILA DA ROSA
Pró-Reitor de Infraestrutura
RAFAEL GONZALES ROCHA
Pró-Reitora de Graduação
SIBELE DA ROCHA MARTINS
Pró-Reitora de Assuntos Estudantis
DAIANE TEIXEIRA GAUTÉRIO
Pró-Reitora de Gestão e Des. de Pessoas
CAMILA ESTIMA DE O. SOUTO
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação
EDUARDO RESENDE SECCHI
Pró-Reitora de Inovação e T. I.
DANÚBIA BUENO ESPÍNDOLA

EDITORA DA FURG

Coordenadora
Cleusa Maria Lucas de Oliveira

COMITÊ EDITORIAL

Presidente
Daniel Porciuncula Prado
Titulares
Anderson Orestes Cavalcante Lobato
Angelica Conceição Dias Miranda
Carla Amorim Neves Gonçalves
Cleusa Maria Lucas de Oliveira
Eduardo Resende Secchi
Eliana Badiale Furlong
Leandro Bugoni
Luiz Eduardo Maia Nery
Marcia Carvalho Rodrigues

HISTÓRIA DA LITERATURA NO RIO GRANDE DO SUL

EQUIPE EDITORIAL DA COLEÇÃO

Coordenador Geral:
Luís Augusto Fischer
Coordenador Associado:
Mauro Nicola Póvoas
Coordenadores:
Olívia Barros de Freitas
Heloisa Sousa Pinto Netto
Mires Bender
Karina de Castilhos Lucena
Fábio Augusto Steyer.

CONSELHO EDITORIAL

Eunice Piazza Gai (UNISC)
João Luis Pereira Ourique (UFPel)
Luciana Murari (PUCRS)
Luís Augusto Fischer (UFRGS)
Márcia Duarte (UNISINOS)
Mauro Nicola Póvoas (FURG)
Paulo Becker (UPF)
Pedro Brum Santos (UFSM)

Editora da FURG
Campus Carreiros
Avenida Itália, km 8
CEP 96203-900
Rio Grande – RS – Brasil
editora@furg.br

Sumário

O rumo moderno: as cidades na virada do século XIX

2.1 **Contexto: as cidades na virada do século XIX** 11
Luís Augusto Fischer

2.2 **Jornalismo na virada do século XIX** 39
Antonio Hohlfeldt

2.3 **Cultura letrada na imprensa de língua alemã** 63
René E. Gertz

2.4 **O Simbolismo** 87
Márcia Lopes Duarte

2.5 **Narradores sulinos entre 1910 e 1920** 113
Camilo Mattar Raabe
Regina Kohlrausch

2.6 **Crítica e historiografia: Alcides Maya e João Pinto da Silva** 131
Luís Augusto Fischer

2.7 **Poesia modernista** 157
Diego Grando

2.8 **A cidade e o Modernismo na revista *Madrugada* (1926)** 197
Cida Golin

2.9 **Os centros com cultura letrada** 219

2.9.1 **Pelotas** 221
Eduardo Arriada
Luís Rubira

2.9.2 **Santa Maria** 245
Orlando Fonseca

2.9.3 **Rio Grande** 267
Artur Emilio Alarcon Vaz
Mauro Nicola Póvoas

2.9.4 **Bagé** 287
Cristina Maria Rosa

2.9.5 **São Leopoldo** 315
Isabel Cristina Arendt

2.9.6 **Santa Cruz do Sul** 333
Romar Beling

2.9.7 **Caxias do Sul** 339
Alessandra Rech

2.9.8 **Passo Fundo** 353
Ivânia Campigotto Aquino

2.9.9 **Alegrete** 375
Moisés Mendes

2.9.10 **Cruz Alta** 383
Diego Eduardo Dill
Matheus Abreu

2.9.11 **Cachoeira do Sul** 395
Airton Ortiz

2.10 **Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul** 401
Luiz Gonzaga Lopes

2.10.1 **De Gabinete de Leitura a Biblioteca Rio-Grandense** 419
Francisco das Neves Alves

Autores do volume 437

Luís Augusto Fischer

2.1

Contexto: as cidades na virada do século XIX



O tamanho da mudança histórica ocorrida no período comumente chamado de República Velha (melhor chamá-lo Primeira República) é muito difícil de medir. Não há setor da atividade humana, incluindo o território do sonho, que tenha passado incólume dos anos 1880 para os anos 1930. Para citar apenas algumas dimensões, lembremos: foi aí que a eletricidade estava finalmente domesticada, a ponto de mover regularmente máquinas e iluminar a noite; foi aí que o som passou a ser gravado e reproduzido; foi aí que as vacinas entraram, com grande custo, na rotina da vida; foi aí que, no Brasil, se começou a cumprir o ideal iluminista de que toda e qualquer vida é igual a qualquer outra, o que implicava, por exemplo, a tese de que todos tinham direito à escola, mesmo que houvesse resistência a isso por parte de uma franja política, a dos eugenistas e racistas "científicos", que imaginavam haver superioridade "natural" dos brancos. E foi aí que — já que mencionamos antes — Freud e a psicanálise começaram a libertar a atividade íntima da subjetividade, representada no sonho, dos dogmas e fantasmas religiosos, assim como do domínio das crendices. Sonho, ele postulou, diz respeito ao indivíduo: o sonho fala do sonhador, não do sonhado. Era mais um excelente passo em direção à liberdade individual.

Pensando a partir desses elementos, por outro lado constatamos sem maior dificuldade que nem todos os seres humanos

foram de fato alcançados por essas mudanças radicais — ainda hoje há gente sem luz em casa, crianças fora da escola e pastores cretinos que se passam por intérpretes autorizados de sonhos. Quer dizer: o que aconteceu na Primeira República brasileira, assim como no tempo ocidental que ela ocupa, ainda hoje representa novidade.

Para proceder com alguma ordem, mesmo que singela, distribuímos o capítulo em três seções internas. Cada uma e todas elas estão naturalmente conectadas, não obstante aqui estejam dispostas em relativo isolamento. O interesse maior é formar um quadro de referências concretas, na economia, na política, na sociedade, no urbanismo, na ciência, nas artes, de forma a ajudar na compreensão do fenômeno literário aqui no Rio Grande do Sul. E desde logo devemos alertar que ainda hoje o período é objeto de controvérsia interpretativa, entre historiadores: para alguns, como Targa, o Rio Grande do Sul de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros ensaia na política fiscal o que viria a ser o estado desenvolvimentista brasileiro, indutor do progresso, ao passo que outros, como Jorge Caldeira, sublinham a perda de vitalidade do estado, que restou enredado em questões políticas locais e deixou de financiar a infraestrutura moderna disponível.

Política

Como marcos cronológicos podemos tomar, inicialmente, as datas conhecidas. Em 1889 houve o golpe militar da República, apenas um ano após a Lei Áurea, que encerrou um período de três séculos e meio de escravidão no Brasil; em 1930, sobe ao poder um grupo revolucionário, também fortemente amparado em grupos militares, sob a liderança de Getúlio Vargas.

Com a primeira alteração, caía o regime monárquico brasileiro, uma forma muito particular de organização política e institucional — não custa nunca enfatizar que a nossa forma

monárquica tinha muitos aspectos dos estados europeus do Antigo Regime, com concentração de poder discricionário na mão do monarca, que pode distribuir mercês e privilégios que eternizam a desigualdade. Mesmo havendo, no Brasil imperial, representação política, instâncias jurídicas formais e relativa liberdade, acima de tudo isso havia o Quarto Poder, o Moderador, exclusivo do imperador, que se sobrepunha a todos os outros níveis e era inalcançável pela lei. De tal forma que, se ele não quisesse, nada acontecia podia o Parlamento aprovar uma lei, após muita discussão e árdua deliberação, que os Pedros, primeiro e segundo, podiam simplesmente vetá-la, invocando sua condição superior, inscrita na primeira Constituição brasileira.

Para além disso, o regime que caiu em 1889 era marcado por outros traços também à moda do Antigo Regime. O imperador podia conceder, como os velhos reis portugueses, mercês, comendas, assim como privilégios e monopólios, conforme seu gosto pessoal. Toda uma área de atividade econômica podia ter seu desenvolvimento bloqueado por vontade imperial. Dizendo pelo lado inverso, todo o período monárquico do Brasil foi marcado por fortíssimas restrições ao modo burguês dos principais centros do tempo, que, ao contrário de mercês e privilégios, promoviam a disputa no mercado.

Uma síntese impressionante pode ser dada em números comparativos, muito eloquentes. A renda *per capita* no Brasil (número que expressa a divisão entre o total de riquezas produzido no país e o número de habitantes, em determinado ano) foi de 670 dólares em 1820, e de 704 dólares em 1890. Trata-se de uma quase estagnação, ao longo de 70 anos, ou três gerações inteiras. Num período quase igual, o que aconteceu nos EUA? Eram — 1.300 dólares a renda *per capita* em 1820, e passaram a ser 4 mil dólares em 1900 — um aumento de mais de 200%. Na Argentina, o mesmo cálculo encontra renda de

1.700 dólares em 1870, mas 2.700 em 1900.[1] Mesmo sem levar em conta outros fatores, que por certo influem no cenário, aqui temos uma grande distância, a marcar a extrema diferença entre economias dinâmicas e ricas, nos EUA e na Argentina, e outra estática e pobre, no Brasil.

Os motivos eram vários. Iam de questões estruturais como, em parte, a manutenção da escravidão, regime que não assalaria a mão de obra e portanto não permite a circulação de mercadorias (mas isso não impediu os EUA de crescerem bastante, mesmo com escravidão legal até a Guerra Civil encerrada em 1865), até questões propriamente políticas, como a vigência, por toda a era monárquica no Brasil, de regras muito restritivas para a abertura de empresas em modelo de sociedades anônimas, que dependia, *em todo o território*, da autorização do Conselho de Estado, que por sua vez tinha dependência direta ao imperador, que mandava em tudo pessoalmente — não só era o único que podia nomear e demitir os ministros do Executivo, como era também quem dissolvia as legislaturas e quem nomeava e suspendia os juízes dos tribunais superiores. Em poucas palavras, comandava pessoalmente Executivo, Legislativo e Judiciário nas instâncias nacionais.

A República rompeu com essa centralização absurda. Separou-se a Igreja do Estado (padres eram até ali como que funcionários públicos, pagos pelo Estado brasileiro e submetidos ao poder do mesmo imperador) e editaram-se muito cedo decretos de caráter liberal, pelo ministro Rui Barbosa. Liberava-se a organização de sociedades comerciais, bastando registrar formalmente o negócio; a terra, até então pouco alcançada pela lógica de mercado, passou a ser vista como um bem hipotecável, e, como ela, outros bens, significando que agora essas riquezas entravam na dinâmica do crédito; e a própria moeda nacional

1. Jorge Caldeira, a partir de Maddison, *História da riqueza no Brasil*, p. 295-296.

agora era vista na dinâmica das relações comerciais de mercado, deixando de ser regulada por decreto.

Note-se, aliás, que para as províncias, em particular para o Rio Grande do Sul, o tema da centralização era vital desde muito antes. Quando da Independência, as regiões provinciais viram ali uma chance de descentralizar o mando, o poder, as rendas. Foi convocada uma Assembleia Constituinte, que caminhava nessa direção; mas ela foi dissolvida pelo imperador, que elaborou com poucos assessores uma Constituição inteira; nela, a centralização antiga, que era a do reino português sobre as colônias, se reconfigurou para dentro das fronteiras da jovem nação. Após a renúncia de Pedro I, houve muitos movimentos das províncias na mesma direção. Algumas foram acolhidas, mas no geral não, e aqui temos uma das variáveis não pequenas a justificar a chamada Revolução Farroupilha (1835–1845), que pretendia, entre outros itens, maior descentralização do poder. Ao final dessa guerra, resultou em mais uma rodada de centralização.

Assim, a República veio cercada por uma expectativa grande de reversão desse quadro. De fato, além de uma Assembleia Constituinte, mais uma vez com representação das províncias, os sucessivos governos nacionais garantiram uma autonomia maior para cada parte da nação: governos provinciais podiam contrair empréstimos internacionais sem passar pelo governo central; da mesma forma podiam organizar sua guarda mais ou menos como um exército, o que será decisivo para o Rio Grande do Sul; podiam taxar exportações, o que será decisivo para a província paulista acumular muito capital, sendo o café o principal produto brasileiro de venda exterior (nos anos 1920, o café equivale a quase três quartos da exportação total do país); e organizavam dali em diante a justiça em moldes mais autônomos que antes.

Em linhas amplas, depois do começo fortemente militarizado, incluindo um período de índole ditatorial com Floriano Peixoto,

os governos republicanos se sucederam com eleições e mandatos cumpridos, num jogo bastante estável que foi conhecido como "café com leite", uma associação entre duas das mais ricas províncias, São Paulo e Minas Gerais. Era o tempo da "política dos governadores", em que não havia possibilidade de um partido de oposição chegar ao poder pelo voto, dado o esquema de representação: o governo federal apoiava os governos estaduais, desde que estes elegessem bancadas favoráveis ao primeiro, tudo isso num regime de votação sem sigilo que garantiu a formação de "currais" eleitorais, dominados por "coronéis".

O Rio Grande do Sul viveu uma experiência em muitos sentidos singular. Nos anos iniciais houve grande instabilidade, com governos se sucedendo sem força para estabilizar o mando; mas houve a Revolução Federalista (1893–1895), vencida amplamente pelos republicanos, iniciando ali um amplo domínio de Júlio de Castilhos e seu pupilo Borges de Medeiros. A República havia, como se disse acima, tocado em fundamentos político-econômicos sensíveis. Em uma economia marcada pela grande propriedade rural, a estância de criação de gado, até 89 não se cobrava imposto sobre a terra, coisa que mudou com a República, e não é difícil avaliar o tamanho da bronca.

Pelo lado estritamente político, o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) — os partidos eram estaduais, no período — foi marcado por uma visão positivista radical. Uma visão missionária e iliberal do PRR, com militância disciplinada e armada de doutrina nítida, se associava com a repulsa pelo trabalho parlamentar, o que fez da Assembleia um poder castrado, subordinado a uma constituição autoritária — aprovada por uma Assembleia Constituinte que durou apenas 20 dias —, que dava aos deputados apenas o poder de aprovar o orçamento mandado pelo Executivo — eram eleitos apenas os deputados da chapa vencedora, sem representação de minorias, em eleições com voto

a descoberto e resolvidas na ata, com fraude constante, sempre a favor do governo.

Há quem diga que os positivistas eram como "um bolchevismo de classe média", uma agrupação aguerrida, que comprou todas as brigas possíveis, inclusive as batalhas simbólicas, como a narrativa sobre os heróis, as origens, a história, disputando desde logo o legado farroupilha, que reivindicavam para si. Foram governos antiliberais, em suma, com uma visão muito estrita de manter as contas "em dia", sem déficit, o que implicou a recusa ao mundo do crédito moderno, numa visão trivial de equilíbrio orçamentário, especialmente durante as quase três décadas de domínio de Borges de Medeiros, que entrou no governo em 1898, sucedendo Júlio de Castilhos, e nele permaneceu até 1928, com apenas um intervalo de cinco anos, quando Carlos Barbosa foi o presidente do estado (depois de 1930 passou a ser chamado de governador), entre 1908 e 1913. Essa visão, analisam historiadores mais recentes, fez com que o Rio Grande do Sul se atrasasse em desenvolvimento de infraestrutura, como ferrovias e porto, para os quais era fatal a necessidade de capitais externos. Caldeira anota o paradoxo: tratava-se de um estado forte e autoritário, mas com gasto mínimo nos temas que garantiriam desenvolvimento.

Um debate ainda vivo se refere à natureza da dominação do PRR. Foi uma ditadura? Era um poder realmente monolítico? A tradição historiográfica tende a pensar na Primeira República no estado como uma ditadura positivista, apontando como argumento central o sufocamento da atividade parlamentar e da oposição em geral (numa prática mais parecida com o que ocorreu na formação dos estados nacionais no Prata, em que uma fração que chegasse ao poder tratava de exilar os derrotados, prática portanto mais distante do estilo conciliador brasileiro, em que, passada uma dissidência, as elites se recompunham no mando). Mais recentemente, Gunter Axt entende que o PRR, especialmente com Borges, se parece com a tradição coronelista

brasileira, eis que o poder central precisava negociar com coronéis locais, nas nomeações de chefes de polícia e delegados, de funcionários e professores etc.

Em matéria de lideranças políticas, vale registrar que, se o nome mais recorrente no poder é o de Borges de Medeiros, o mais citado e reverenciado era o de Júlio de Castilhos, liderança mais significativa da geração da "propaganda republicana", como eles se chamavam, falecido precocemente em 1903. Outro nome, com projeção nacional como nenhum outro entre os gaúchos do período, foi o do senador Pinheiro Machado, a primeira liderança nacional na República com origem no estado, figura de grande destaque especialmente no governo de Hermes da Fonseca, quando foi uma espécie de primeiro-ministro informal. Assassinado em 1915, na capital federal, seu enterro em Porto Alegre foi uma comoção sem par. Outros nomes da mesma geração eram Joaquim-Francisco de Assis Brasil, futuro diplomata de grande relevância, que logo depois de 89 tomou rumos liberais, e Ramiro Barcelos, igualmente um dissidente, mais adiante, que protagonizou uma dissidência ruidosa com Borges, após haver servido ao PRR em secretaria estadual, no Senado e em posto diplomático no exterior, numa briga de que resultou o famoso poeta satírico *Antônio Chimango*, de 1915.

Foi um período marcado, na política, por uma série de eventos de grande impacto. Houve guerras civis, com ou sem este nome. Primeiro a Revolta da Armada, a partir de 1891, com a Marinha (chamada então de Armada) representando setores derrotados com a República e, em parte, buscando a volta da Monarquia. Em seu rastro, mas com outros elementos decisivos, houve a Revolução Federalista, no Rio Grande do Sul e algum desdobramento para os dois outros estados sulinos, entre 1893 e 95, uma rebelião de estancieiros e republicanos liberais, secundados por grupos caídos com a monarquia, todos eles descontentes com o autoritarismo da forma republicana no Rio Grande do Sul e com

o fato de haver sido instituído o imposto sobre a propriedade rural, assim como o combate ao contrabando, uma das antigas bases econômicas da hoje chamada metade sul. Em matéria de economia, essa guerra foi o ápice de uma década perdida para a produção: grandes gastos governamentais estéreis, 10 mil mortos, prejuízo à produção primária, problemas com a já precária infraestrutura. Ainda no Rio Grande teríamos outra guerra civil, de escala pequena mas significativa, em 1923, quando o já citado Borges de Medeiros, líder dos chimangos, foi posto na parede, mas resistiu por mais um mandato inteiro, cinco longos anos, ao assédio dos ditos maragatos.

No plano da vida popular do país, a Primeira República ostenta cicatrizes terríveis. A primeira delas é invisível: a ausência de projetos oficiais que incorporassem os ex-escravizados às condições mínimas de uma vida cidadã. Essa omissão só veio a ter de fato um fim mais de cem anos depois, com as primeiras políticas de reparação, como as cotas para as universidades federais. A segunda foi uma carnificina: entre o fim de 1896 e o fim de 97, quando forças policiais da Bahia, e depois forças federais do Exército, combateram até a morte e o extermínio populações pobres na cidade de Canudos, sertão baiano, onde viviam em torno da liderança de Antônio Conselheiro, que foi visto como, e vendido na imprensa como, um inimigo da República, e por isso merecia combate. Euclides da Cunha, em 1902, ao lançar seu clássico *Os sertões*, disse com todas as palavras que havia sido um crime contra os pobres, que morreram aos milhares.

Duas outras revoltas populares merecem menção ainda, ambas marcadas pelo abismo entre povo e elites, entre gente com direitos reconhecidos e gente destituída de direitos elementares. Em 1904, ocorreu uma estranha e inesperada resistência popular contra a vacinação obrigatória. Era uma política de saúde pública correta, protagonizada por Osvaldo Cruz, mas levada a facão, o que fez brotar uma revolta irracional, patética, antimoderna

e anticientífica. A outra foi a Revolta da Chibata, em 1910, liderada por João Cândido, um negro gaúcho que havia estudado um período na Inglaterra, para aprender a lidar com embarcações novas compradas pelo Brasil, e lá constatou o respeito com que marinheiros eram tratados, bem ao contrário do que ocorria na Marinha brasileira, onde faltosos eram, mais de vinte anos depois de abolida a escravidão, chicoteados em público. Sufocada a revolta, os líderes foram tratados vilmente.

No plano internacional, tivemos no período dois terremotos. O mais forte foi a Primeira Guerra Mundial (1914–1918), que opôs uma Alemanha em expansão a vários vizinhos ou países concorrentes, em especial a França, mas também a Bélgica e a Polônia, assim como, mais adiante, a Inglaterra e a Rússia, uma guerra que mudou o Ocidente — foi a primeira de duas grandes guerras ocorrida não nos confins dos impérios, mas nas cidades e regiões ricas dos países desenvolvidos —, na qual o Brasil chegou a ter participação enviando uma missão médica e depois uma força da Marinha, tendo sido o único país latino-americano a participar do conflito. O segundo terremoto, que por muito tempo ecoou mundo afora, foi a Revolução Russa, que em seu processo transformou um país gigante e pobre, a Rússia, na cabeça de uma federação de alcance mundial, tudo subordinado a uma perspectiva comunista, em que a economia era planificada centralmente, fazendas foram coletivizadas, extinguiu-se a vida liberal do parlamento e da imprensa, a troco de desenvolver extraordinariamente o país, que se industrializou em pouco tempo e chegou a ombrear com o mais rico dos países ocidentais, os Estados Unidos, por décadas a fio.

Após esses dois conflitos de alcance mundial, o mundo já era outro. No Brasil dos anos 1920 muita coisa havia mudado. As exigências passaram a ser outras: agora, as classes médias urbanas passaram a exercer papel importante no contexto da opinião pública, das eleições, da cultura. Não à toa, na última década

da República Velha se sucederam novidades políticas de vulto. Em 1922, foi fundado o Partido Comunista no Brasil, uma novidade que mostra a sincronia do movimento operário e sindical daqui com o que acontecia na Europa. No mesmo ano, ocorreu a chamada Revolta dos 18 do Forte de Copacabana, um sintoma de que entre os jovens oficiais do Exército a forma republicana concreta estava deixando a desejar em matéria de acesso ao voto, à educação, a um padrão democrático mais moderno, enfim. Começava ali o que depois se chamou de Tenentismo, um movimento difuso liderado por esses jovens oficiais, que se desdobra em outras insurreições e até na confusa Coluna Prestes (1925–1927), com liderança de outro gaúcho, o capitão Luiz Carlos Prestes, futuro líder comunista brasileiro. No horizonte desse mesmo movimento está a chamada Revolução de 30, que encerrará o período de domínio político das elites paulistas e mineiras, para dar lugar a um novo pacto de poder, sob a liderança de mais um gaúcho, Getúlio Vargas, que havia sucedido a Borges de Medeiros na presidência do Rio Grande do Sul e agregou em torno de si tanto as facções em luta em seu próprio estado, quanto forças provinciais descontentes com o arranjo café-com-leite.

Economia

Uma das características estruturais da organização econômica do estado gaúcho o diferencia das demais províncias ricas do período — o Rio Grande ocupava uma terceira posição econômica, na virada para o século XX, depois de São Paulo e do Rio de Janeiro. Trata-se do fato de que os principais produtos sulinos eram vendidos no mercado interno brasileiro, ao contrário, portanto, da grande propriedade agrícola que se viu na Bahia e noutras partes, produzindo açúcar, e no Rio de Janeiro e em São Paulo, com o café, ambos produtos de exportação. Essa característica pode estar na base do tipo de crítica que

as elites gaúchas tinham a respeito da centralização do poder no Brasil, desde a Independência. Primeiro com o gado em pé, levado do Sul para o centro, para servir ou de transporte ou de alimento no ciclo do ouro, no século XVIII, depois com o charque, alimento processado basicamente em Pelotas e vendido nas grandes praças escravagistas do país, passando por produtos relevantes mas de menor força, como o trigo aqui produzido no século XVIII e, após a estabilização da produção oriunda da pequena propriedade colonial imigrante, com os germânicos (a partir de 1825) e os italianos (1874) que para cá vieram (ao lado de outras levas de imigrantes polacos, espanhóis, portugueses, judeus, russos etc.), o Rio Grande do Sul sempre esteve voltado economicamente para dentro do país.

Em termos de estrutura produtiva, também há notáveis peculiaridades do estado, no contexto brasileiro. Em pelo menos dois importantes pontos: a produção de carne e animais, de um lado, e a produção colonial imigrante, de outro. (Havia ainda outra importante economia agrícola no período: a lavoura do arroz.) Na primeira, temos duas esferas de produção, distintas e associadas: a estância e a charqueada. Na consideração dessas particularidades se verá uma das matrizes culturais importantes da identidade sul-rio-grandense.

A estância era um latifúndio, neste aspecto próxima da velha tradição de ocupação da terra por lusos e seus descendentes, mas aqui não para uma produção agrícola, como eram a cana e o café, e sim para a produção animal. Nela, trabalhavam alguns escravizados, em proporção não dominante, e muitos trabalhadores livres. Estes eram os "gaúchos" originais, mestiços de indígenas com europeus e eventualmente com africanos e afrodescendentes; eram trabalhadores dotados de habilidades específicas no manejo do cavalo e do gado, assim como no preparo para o confronto armado. Veja-se que esse vaqueiro, seja ela o livre ou o escravizado, trabalhava sobre um cavalo e armado,

o que indica haver um limite claro e objetivo para o emprego de mão de obra escravizada em massa, dados os meios de que esse vaqueiro dispunha para a fuga e a sobrevivência individual. Da estância, se deslocavam as tropas de gado para as charqueadas, que ficavam em cidades (especialmente em Pelotas), em jornadas que podiam durar entre 10 e 25 dias. Essa estrutura pouco se modifica até a chegada da técnica da frigorificação, que tornará obsoleto o charque. Vale notar que o Rio Grande do Sul entrou atrasado na era das carnes resfriadas, depois de Uruguai e Argentina terem já ingressado.

Já a charqueada pode ser considerada um complemento da estância, de que se diferenciava em alguns sentidos decisivos. Era uma atividade urbana, de caráter não primário mas secundário (era um artesanato especializado, quase uma indústria, que transformava o animal vivo em postas de carne seca, que eram exportadas como alimento popular), que funcionava com mão de obra escravizada, enquanto isso foi possível. A renda auferida era grande, como se pode ver na riqueza concentrada em todo o século XIX em Pelotas, a maior sede de charqueadas do estado. Era uma produção que transformava o gado, exigindo certa virtude técnica para os cortadores da carne, e estritamente controlada por se tratar de escravizados. O charque era o item mais importante da exportação gaúcha (para outros estados, não para fora do país), tendo chegado a representar uns 90% do valor total, quase tudo para apenas três destinos, os portos das capitais do Rio de Janeiro, da Bahia e de Pernambuco.

Uma e outra, estância e charqueada, complementares, compuseram uma situação particular no quadro brasileiro. A primeira era latifundiária e empregava mão de obra livre; a segunda era uma atividade urbana de transformação mas dependia de mão de obra massiva de escravizados. Dessa diferença decorre que nem sempre os dois lados convergiam em interesses, e daí uma das peculiaridades sulinas: o charqueador tendia a ser mais

moderno nas relações comerciais, porque lidava com os centros maiores, como o Rio e Salvador, enquanto o estancieiro tendia a ser mais conservador, mas dependia menos do escravizado e, acrescentemos, muitas vezes era proprietário de terras dos dois lados da fronteira entre Brasil e Uruguai, o que lhe dava outra marca importante, de circular sua matéria-prima francamente dos dois lados.

Esse quadro muda com a República, que taxa a propriedade da terra e combate o contrabando, quer dizer, o velho e conhecido trânsito de bens e serviços por sobre a linha da fronteira, na estância; e muda, para a charqueada, com a Abolição, para nem falar da mudança tecnológica decisiva da frigorificação. Na Argentina, esse processo industrial moderno começa em 1883, ao passo que no Rio Grande ele é retardado até a altura da Primeira Guerra, quer dizer, trinta anos depois. Por que o Rio Grande se atrasou em ter frigoríficos? Porque o poderoso grupo dos charqueadores simplesmente seria exterminado com as câmaras frias para preservação da carne, coisa que já era possível até mesmo em navios transatlânticos. Para que alguém ainda compraria charque?

É decisivo entender que o resfriamento de carnes proporcionava melhor preço para o produto em função de alcançar mercados mais exigentes e ricos, ao passo que o charque era comida popular, para mercados mais pobres. O que ocorreu nas economias da Argentina e do Uruguai mostra o que poderia ter ocorrido no Rio Grande do Sul, mas foi bloqueado. No Uruguai, o primeiro frigorífico é de 1902. Na Argentina, em 1896 foram destinadas 12 mil cabeças de gado para os frigoríficos, contra 372 mil para a charqueada; mas em 1906, foram 500 mil para os frigoríficos e apenas 107 mil para as charqueadas. A mesma Argentina, na Primeira Guerra, enriqueceu vendendo carne resfriada e trigo para a Europa conflagrada. Acresce ainda um problema de qualidade: os pecuaristas gaúchos da região da fronteira, que

por costume circulavam dos dois lados, preferiam vender seu melhor gado para o país vizinho, restando para a charqueada local o gado de menor qualidade, que ainda por cima precisava andar a pé por muitos dias até chegar ao destino, por não haver linha férrea adequada. As vendas de charque gaúcho em 1864 alcançaram 35,9 mil toneladas; quarenta anos depois, em 1904, chegaram a 35,7 mil toneladas. Uma verdadeira estagnação, no setor que era, em mais de um sentido, o mais forte da economia estadual. E foi justamente neste período que a economia de São Paulo explodiu, tanto em infraestrutura, que chegava ao sertão produtor de café, quanto em industrialização forte, nas cidades.

Os problemas do estado gaúcho não paravam aí. Além de o governo positivista não conceber a ideia de endividar-se para financiar linha férrea, por exemplo, a costa litorânea também foi um obstáculo ao desenvolvimento — só há um porto marítimo relevante, ao Sul do território, e mesmo ele era traiçoeiro, com calado muito variável, situação que se modificou apenas na década de 1910, com a construção dos molhes da barra (com capitais estrangeiros).

E havia a economia colonial imigrante. Outra peculiaridade sulina, ela se baseava na pequena propriedade, tocada com mão de obra familiar. Do ponto de vista da capacidade de produção, era uma estrutura moderna, não escravista e aberta à tecnologia, que logo produziu para o mercado e em pouco tempo tendeu a ser uma agroindústria, produzindo banha, conservas, embutidos etc. Mas do ponto de vista da circulação, ela apresentava um aspecto antigo, na medida em que não havia assalariamento da mão de obra, aproximando-se mais da estrutura do antigo artesanato. Ao lado desse complexo, nas últimas duas décadas do século XIX e nas primeiras do XX se configurou um significativo surto industrial, muitas vezes com capitais de burgueses imigrantes, nas cidades coloniais e na capital. A República positivista, em um de seus aspectos modernos, se compreendia como um

governo para todos os setores, e portanto acolheu e apoiou a representação dos interesses desses grupos novos no cenário.

Uma possível síntese para o laço entre economia e política, neste período: o estado castilhista-borgista, com um partido disciplinado e centralizado, de nítida prática autoritária, tinha apoio dos charqueadores e do comércio e de bancos litorâneos (Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande), assim como da nascente indústria — que não tinha força para impor um projeto modernizador mais à sua feição —, e também dos setores médios urbanos (o funcionalismo incluído) e mesmo da economia colonial imigrante, além de promover, ao estilo do coronelismo tradicional, alianças tópicas em várias localidades. Na oposição estava basicamente a pecuária tradicional e o comércio da fronteira Sul. Trata-se de uma composição com um pé nas relações de produção modernas, mas outro no atraso, no apoio à manutenção da charqueada, contra o frigorífico, com práticas políticas liberais. No fim do período da Primeira República, muita coisa mudaria — a industrialização teria muito maior peso, em grande medida a partir de empresas e capitais imigrantes, e em muitas localidades do complexo colonial se organizariam cooperativas de produção e crédito a partir de 1902. Um exemplo forte de modernização, ligado a capitais imigrantes, está na siderúrgica Gerdau, que começa a atuar em Porto Alegre em 1901 como fábrica de pregos, ou na VARIG, a Viação Aérea Rio-Grandense, que começa a funcionar em 1927. De todo modo, o arranjo que deu sustentação ao PRR no poder encontraria seu fim com a crise de 1929, a quebra da bolsa de Nova Yorque, que imediatamente se espalhou por toda a América.

Sociedade e cultura

A dinâmica social experimentou mudanças drásticas, bastando evocar aqui a industrialização, elemento essencial da modernização

urbana. Ao lado disso, os serviços públicos tiveram um incremento notável, na burocracia e em educação, segurança e outros itens, o que ampliou o vigor e os horizontes das classes médias urbanas. No universo colonial imigrante, é de notar também que alguns núcleos urbanos se desenvolveram, com prosperidade econômica, até mesmo nas maiores cidades, notadamente Porto Alegre. Já os ex-escravizados e seus descendentes amargaram uma vida de desamparo, após a Abolição, passando a viver em bairros populares organizados em regiões pobres da capital e de Pelotas, basicamente, enfrentando preconceitos de variada ordem, começando pelo estigma do trabalho servil a que foram submetidos e terminando no prestígio oficial à imigração de europeus para "branquear" a população. O discurso positivista de acolher todas as classes — classes médias urbanas, funcionais, mais os descendentes de imigrantes e outros — não alcançou o mundo dos afrodescendentes, nem o dos indígenas e seus descendentes.

É certo que o governo estadual promoveu elementos de modernização, como se verifica na educação. Havia já patamares altos, no contexto brasileiro, na escolarização gaúcha, ao final do Império. Lawrence Hallewell anota que em 1907 o Rio Grande do Sul tinha a maior proporção de crianças na escola: 228 por mil, contra 162 por mil em São Paulo. Em 1920, a taxa de alfabetização no estado era de quase 40%, altíssima para os padrões nacionais. No período foram fundadas várias escolas, públicas e privadas, grande parte delas tocadas por ordens religiosas católicas, algumas das quais seguem vivas até hoje.

O Censo de 1890 oferece os seguintes números para o Rio Grande do Sul. O estado sulino era a quinta população no contexto brasileiro, com quase 900 mil habitantes. Antes vinham, pela ordem, Minas, Bahia, São Paulo e Pernambuco. Entre as cidades relevantes, Porto Alegre tinha 54 mil habitantes e Pelotas 41 mil, as duas muito à frente das demais, na faixa dos 20 mil habitantes — Santa Maria, Rio Grande, Cachoeira do Sul, São Leopoldo,

Bagé, Passo Fundo, Montenegro, São Gabriel, Estrela, Rio Pardo. Abaixo desse patamar, estavam cidades que cresceriam muito nos tempos seguintes, como Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul. Por etnia, a composição total do estado seria de 629 mil brancos, 141 mil mestiços (provavelmente significava mulatos), 77 mil pretos e 48 mil caboclos (quer dizer, descendentes de indígenas).

A nítida superioridade atual da capital sobre Pelotas era apenas uma miragem, no começo do período. O mesmo censo de 1890, que aponta volumes de população semelhantes entre as duas, ambas bem acima das demais cidades, mostra proporções também próximas entre as duas cidades no que se refere à composição étnica da população: em Porto Alegre, quase 70% de brancos, contra 71% em Pelotas; somando os ditos mestiços e os pretos, a capital tinha 29%, contra quase 28% na cidade do Sul. Quanto à presença de estrangeiros na cidade, Pelotas contava com quase 11% e Rio Grande quase 10%, com um aspecto cosmopolita notável, ao passo que Porto Alegre contava com menos de 7%. Para uma comparação do processo, veja-se que para o final do período da Primeira República, em 1920 (em 1930 não foi realizado o Censo), Porto Alegre contará quase 180 mil habitantes, enquanto Pelotas terá apenas 82 mil.

A capital, como se vê na *Guia Pública de Porto Alegre — 1929*, mantém sua condição de cidade de chegada de muitos imigrantes, abrigando um corpo consular com nada menos que 22 representações, o que é significativo para uma cidade que não é nem capital federal (era o Rio, então), nem a mais rica cidade não capital (São Paulo), nem porto marítimo. Aqui serviam cônsules europeus, da Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Grã-Bretanha, Espanha, França, Holanda, Hungria, Itália, Noruega, Portugal, Rússia, Suécia e Suíça, assim como os dos mais próximos Argentina, Bolívia, Chile, México, Paraguai e Uruguai, certamente pela presença de nacionais desses países aqui, ou de negócios ligados a eles.

O movimento operário e sindical pode ser um bom termômetro para perceber algo da vida social. O PRR se opunha ao movimento sindical de matriz anarquista, forte nas cidades brasileiras no período. No estado, Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre concentravam as indústrias, e foi nelas que as três grandes greves do período — 1906, 1917 e 1919 — se fizeram sentir. Para dar uma ideia numérica, um relatório de 1919 apontava a seguinte progressão para o conjunto do estado: 1908, 14.434 fábricas e 15.426 operários, e em 1916, 9.477 fábricas e 38.488 operários — uma mudança não apenas em termos absolutos, mas também em termos relativos, com muito mais operários por fábrica no segundo dos anos mencionados, a expressar certamente uma maior concentração de tecnologia e capital. Em 1919, seriam 12.950 fábricas para 65 mil operários. Quanto foi criado o Centro de Indústrias, em 1930, era já incontornável a força econômica do setor.

Um dado que não pode ser negligenciado no período é o da impressionante continuidade administrativa na gestão da capital. Em paralelo quase perfeito com o longuíssimo período de Borges à frente do governo estadual, Porto Alegre teve em José Montaury um prefeito quase eterno, governando entre 1897 e 1924. São dele algumas iniciativas de "higienização" da cidade, em consonância com a perspectiva ocidental que mandava expulsar pobres dos centros, abrir avenidas e, assim, acabar com o perigo dos becos infectos. (Foi em sua longa gestão que a cidade precisou lidar com os perversos efeitos da "Espanhola", em 1918 e 1919, uma epidemia que levou mais de 1.300 almas em Porto Alegre, quase 4 mil no estado.) Em sua sucessão a capital teve Otávio Rocha, à frente da administração apenas por quatro anos, e logo depois tivemos um descendente de germânicos nascido já em Porto Alegre, Alberto Bins, que permaneceria por quase dez anos. Em sua gestão se ampliou a reforma urbana, incluindo a construção ciclópica, para as condições locais, do viaduto que

leva o nome de seu antecessor, um marco na arquitetura e no urbanismo da cidade.

Em matéria de construções imponentes, de resto, o período da Primeira República é fértil. Para dar três outros exemplos: o Cais do Porto da capital foi construído a partir de 1911, também ele representando uma modernização importante da urbanização da cidade; a atual Casa de Cultura Mario Quintana nasceu como um hotel de grande prestígio, o Majestic, tendo sido construído a partir de 1916, com projeto de um dos vários arquitetos construtores germânicos em atuação na cidade, Theo Wiederspahn; e o prédio da Usina do Gasômetro — tocada a carvão, uma fonte energética que parecia promissora para o estado —, de 1928, é talvez o primeiro a usar concreto armado no Sul.

Quanto ao ensino superior, a trajetória gaúcha tem começo justamente no período. Se o Império havia praticamente impedido a difusão de escolas superiores, com apenas dois cursos de Direito (Olinda e São Paulo) e dois de Medicina (Salvador e Rio de Janeiro), mais os escassos cursos no âmbito religioso ou militar (em quartéis começaram a funcionar, ainda no Império, cursos de engenharia) — e isso contra toda a era colonial, em que Portugal impediu o ensino superior totalmente —, a República no Sul mudou o panorama. O primeiro dos cursos se organizou em Pelotas, em 1883 — era o Instituto Agrícola e Veterinário. Mas foi em Porto Alegre que se concentrou a explosão: 1896, Faculdade de Farmácia e a Escola de Engenharia de Porto Alegre (houve também em 98 uma formação em Arquitetura, que não teve sequência); 1898, o curso de Medicina, que juntou a Farmácia com a Escola de Partos; em 1900, Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre. Nos anos 1909 e 1910, surgiram cursos de Artes e Música, na forma de ateliês e conservatório. Não havia coordenação entre eles, o que só se configurou nos anos 1930, com a criação da Universidade Estadual.

No plano popular, é um tempo de grande expansão de várias modalidades esportivas. No começo do século XX, em Porto Alegre, ciclismo e remo têm muito mais força e presença do que o futebol, que começa justamente aí a se espalhar como prática de diversão, saúde e agregação social. Dos times até hoje existentes na capital, o Grêmio foi fundado em 1903, o Internacional em 1909, o Cruzeiro e o São José em 1913. Mas o primeiro clube de futebol do estado é anterior ainda: o Sport Club Rio Grande, da nossa cidade portuária, é de 1900, o mais velho em atividade no país, ao que consta; seu rival local é o São Paulo, criado em 1908. A cidade de Pelotas tem uma dupla da mesma idade — o Esporte Clube Pelotas, de 1908, e o Grêmio Esportivo Brasil, de 1911. Muitas outras cidades gaúchas assistiram ao mesmo fenômeno. Para nomear algumas: o Lajeadense, de Lajeado, nasceu em 1911; o Riograndense, de Santa Maria, é de 1912; o Guarany de Bagé nasceu em 1907; o Juventude, de Caxias, é de 1913. Nos anos subsequentes, não havia cidade sem alguma agremiação, ou mais de uma, para a prática do antigamente chamado "esporte bretão". Na *Guia Pública de Porto Alegre*, de 1929, se lê que, na véspera da virada política de 1930, a cidade tinha várias agremiações esportivas, de ginástica, remo (7 clubes), tênis (4), turfe e de futebol (14 entidades). Nesse momento novo, na virada dos anos 20 para os 30, começa uma imensa mudança na prática do futebol, com a profissionalização dos jogadores.

A prática musical também se altera muito no período. Em parte foi a chegada de imigrantes, germânicos e italianos, que marcou a difusão da música no estado. Em Porto Alegre, em 1897, começa a funcionar o Clube Haydn, uma orquestra amadora, que duraria décadas. Em 1925 começava a funcionar a Banda Municipal, com seus concertos públicos ao ar livre, que tinham como lugar privilegiado o auditório Araújo Vianna, o primeiro, inaugurado em 1927, que funcionou no lugar em que hoje está a Assembleia Legislativa. Em cidades de boas condições

econômicas, como Pelotas e Bagé, era prática corrente receber companhias de música e teatro. A música de concerto, ou erudita, ou como se queira chamar, tinha muita presença também em outros âmbitos, como no cinema (músicos tocando ao vivo trilhas para o filme em tela) e em igrejas da capital e da região colonial germânica. Era tão intensa essa atividade que justificou a criação, em 1920, do Centro Musical, que se transformaria em sindicato em 1934, sempre em torno do problema da profissionalização da atividade.

No campo da nascente linguagem brasileira da música popular, a capital contou com uma figura maiúscula em Octávio Dutra (1884–1937), líder do grupo conhecido como "Terror dos Facões", que compôs polcas, valsas, mazurcas, maxixes, tangos, scottisches, modinhas, marchas, choros. Nisso era ajudado pela chegada da novidade tecnológica dos discos e dos gramofones, vendidos nas grandes cidades. Em Porto Alegre, a Casa "A Elétrica", que revendia partituras, discos e gramofones, em 1913 (até 1923), foi também uma casa gravadora, a segunda do Brasil; em seus dez anos de atividade, produziu entre 3.500 e 4.500 títulos diferentes. Se quisermos mencionar o mundo do samba e do carnaval, também há bastante a registrar na Primeira República. Para citar apenas um aspecto, em Porto Alegre funcionavam, desde os anos 1870, sociedades carnavalescas importantes, a Venezianos e a Esmeralda. Em certo momento perderam fôlego, mas se adaptaram às mudanças e voltaram a ter prestígio e a comover multidões no começo do século XX, ao lado de outras agremiações que foram aparecendo, como a Germânia, os Congos, a Prontidão.

Uma face nova do mundo das diversões e das artes surgia, em dois fenômenos: o cinema e o rádio. Para mencionar apenas alguns dados, veja-se que a primeira exibição do cinematógrafo na capital ocorreu no Theatro São Pedro, 1896, e já em 1908 se estabeleceu o primeiro cinema estável, não itinerante: o Recreio

Ideal, na rua da Praia, praça da Alfândega. Houve tentativas de produção local: Eduardo Hirtz, diretor e produtor de filmes e sócio de rede de cinemas em várias cidades do estado, em 1911 dirigiu A *tragédia da rua dos Andradas*, documentário, com milhares de espectadores. Em Pelotas era criada a "Guarany-Films", de Francisco Santos, que realizou em 1913 o curta-metragem *Os óculos do vovô*, e um longa de ficção em 1914, o *Crime dos banhados*. Bem ao final do período aqui enfocado, aparece o cinema sonoro, com banda sonora sincronizada com a ação filmada. Nos Estados Unidos foi em 1927; em Porto Alegre, em 1929.

Já o rádio de fato se torna uma presença marcante apenas depois de 1930. Mas já antes temos estações no Rio Grande do Sul. As primeiras transmissões do novo meio se deram, no Brasil, em 1922, em caráter experimental. Logo se formariam sociedades de pessoas interessadas no revolucionário veículo, em todas as cidades importantes do país. A primeira começou a funcionar em 1924, como Rádio Sociedade Rio-Grandense, em Porto Alegre; a Sociedade Rádio Pelotense abriu os trabalhos em 25; a Gaúcha, em 1927.

Em matéria de editoras, o estado contava com empresas desde o final da monarquia, por exemplo, com a Livraria Americana, de Pelotas, assim como havia uma significativa produção entre os germânicos, seja por motivos religiosos, seja por motivos culturais. Em Porto Alegre, em 1883, foi fundada a primeira livraria e papelaria Globo, que de fato virou editora nos anos 1920, quando começou a publicar autores locais da nova geração e se preparou para o grande salto na geração seguinte, simbolizado na figura de Erico Verissimo.

O jornalismo foi vibrante. A principal modalidade era o jornalismo partidário, em especial com A *Federação*, órgão do PRR, fundado para a propaganda republicana em 1884, com grande força na opinião pública até a década de 1930. Como contraponto a essa modalidade, surgiu em 1895 o *Correio do Povo*, o

primeiro jornal moderno, que se apresentava como apartidário — já no primeiro editorial afirmou que se interessava mais que tudo no leitor — e tendeu à profissionalização dos colaboradores. Em 1900, a capital contava com 15 jornais, sendo 7 diários. Em 1910, o *Correio* pôs a funcionar a primeira rotativa do estado, superando a antiga prensa, o que elevou a possibilidade de produção massiva do periódico, agora com 10 mil exemplares. Vale o registro de que muitos outros jornais circulavam no período, como *O Exemplo*, ligado à comunidade negra, criado em 1892, e diários editados em alemão para esta comunidade.

Foi também um tempo pródigo em criação de associações, tendo como modelo a Academia Brasileira de Letras, que começou a operar em 1896. Houve uma Academia Rio-Grandense de Letras, criada em 1901, retomada em 1910 e com funcionamento até 1924. Outra se organiza em 1934. Neste tempo, as modas literárias ocidentais se manifestavam também no estado, seja na forma do romance naturalista e eventualmente "de escândalo", seja na poesia parnasiana ou simbolista. Aqui no estado, em fenômeno marcante, o período viu ser editado um conjunto importante de escritores, prosadores na maior parte, contistas sobretudo, que se dedicaram a contar histórias sobre o mundo rural, sobre o gaúcho, esse tipo humano que, nesta altura, era já um símbolo em disputa.

A Primeira República, vista desde o ângulo da literatura como sistema — sua produção e sua circulação, com as obras, os escritores, editores, jornalistas, leitores, tudo visto em conjunto —, começa quando a Sociedade Partenon Literário tinha deixado há pouco de existir, na década de 1880, e termina quando começa a funcionar vivamente a Editora Globo, a partir da Livraria de mesmo nome. Na ponta anterior do processo, está a revista do Partenon, que esteve ativa entre 1869 e 1879, e seus protagonistas, em particular Apolinário Porto Alegre, se envolveram nas campanhas abolicionista e republicana. Na ponta

posterior, está a política da Globo de editar escritores locais, a partir de 1928 — Dyonélio Machado e Augusto Meyer, como exemplos —, e em seguida o florescimento da geração de Erico Verissimo, Mario Quintana e muitos outros. Do ponto de vista sociológico, ocorreu entre os dois extremos toda uma jornada de amadurecimento do mercado local de livros e de ideias, fruto da existência de classes médias leitoras, assim como se pôde perceber uma progressivo profissionalização do metiê letrado, desde uma condição precária, quase heroica entre os homens e mulheres do Partenon, que eram professores, médicos etc., até uma condição mais moderna, em que nos anos 1920 e 1930 veremos cada vez mais jornalistas, tradutores, revisores, escritores enfim sendo remunerados para tarefas letradas. No meio desse caminho, a vida dos letrados foi marcada por uma limitadíssima autonomia, o que se pode perceber na história social de gente como João Pinto da Silva e Alcides Maya, ambos cooptados pelo PRR, situação inexistente para os filhos da aristocracia da terra, como Simões Lopes Neto, que salvo a decadência final teve uma vida serena, com suficiente altivez social para inventar a forma que achasse mais conveniente para seus projetos, uma condição que gente das classes médias urbanas nem sabia que existia, ou como funcionava.

Referências

AXT, Gunter. *Gênese do Estado Moderno no Rio Grande do Sul, 1889-1929*. Porto Alegre: Paiol, 2011.

CALDEIRA, Jorge. *Júlio Mesquita e seu tempo*: o tempo econômico. São Paulo: Mameluco, 2015. v. IV.

CALDEIRA, Jorge. *História da riqueza no Brasil*: cinco séculos de pessoas, costumes e governos. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2017.

CENSO de 1890. Rio de Janeiro: Oficina de Estatística, 1898. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/. Acesso em: 6 jul. 2021.

GUIA Pública de Porto Alegre — 1929. Porto Alegre: Hugo Müller Casa Editora, 1929.

HALLEWELL, Lawrence. *O livro no Brasil*. Trad. Maria da Penha Villalobos e Lólio Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.

LOVE, Joseph. *O regionalismo gaúcho*. Trad. Adalberto Marson. São Paulo: Perspectiva, 1975.

PETERSEN, Sílvia; SCHMIDT, Benito. O movimento operário no Rio Grande do Sul: militantes, instituições e lutas (das origens a 1920). *In*: GRIJÓ, Luiz Alberto; KÜHN, Fábio; GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; NEUMANN, Eduardo Santos (Org.). *Capítulos de história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004.

RECKZIEGEL, Ana Luiza; AXT, Gunter (Dir.). *História geral do Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Méritos, 2007. v. 3. República Velha: 1889-1930.

ROSA, Marcus Vinícius de Freitas. *Além da invisibilidade*: história social do racismo em Porto Alegre durante o pós-abolição. Porto Alegre: EST, 2019.

SIMÕES, Julia da Rosa. *Ser músico e viver da música no Brasil*: um estudo da trajetória do Centro Musical Porto-Alegrense (1920-1933). 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

STEYER, Fábio Augusto. *Cinema, imprensa e sociedade em Porto Alegre (1896-1930)*. EDIPUCRS: Porto Alegre, 2001.

TARGA, Luiz Roberto Pecoits. *Gaúchos e paulistas na construção do Brasil moderno*. Torres: Mottironi Editore, 2020.

TRINDADE, Hélgio. *O positivismo*: teoria e prática. Porto Alegre: UFRGS/IFCH, 1999.

TRUSZ, Alice Dubina. *Entre lanternas mágicas e cinematógrafos*: as origens do espetáculo cinematográfico em Porto Alegre, 1861-1908. São Paulo: Ecofalante: 2010.

VEDANA, Hardy. *Octavio Dutra na história da música de Porto Alegre*. Porto Alegre: Proletra/FUMPROARTE, 2000.

WASSERMAN, Cláudia. O Rio Grande do Sul e as elites gaúchas na Primeira República. *In*: GRIJÓ, Luiz Alberto; KÜHN, Fábio; GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; NEUMANN, Eduardo

Santos (Org.). *Capítulos de história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004.

WEIMER, Günter. *Arquitetura erudita da imigração alemã no Rio Grande do Sul*. EST: Porto Alegre, 2004.

Antonio Hohlfeldt

2.2

Jornalismo na virada do século XIX

A imprensa jornalística sul-rio-grandense nasceu em 1827, com o lançamento do *Diário de Porto Alegre*. À semelhança de outras províncias, o recente abrandamento da censura à então nascente imprensa facilitou o surgimento destas publicações provinciais, de reduzidas dimensões, duração efêmera e caracteristicamente partidárias.[1]

Se a referência a algumas publicações é problemática, a periodização de uma história da imprensa jornalística sul-rio-grandense também apresenta desafios, dependendo dos critérios a serem adotados. A proposta de Sérgio da Costa Franco, em "Evolução da imprensa porto-alegrense"[2], é a mais pertinente porque se refere a ocorrências diretamente vinculadas ao próprio desenvolvimento da imprensa jornalística, quer no que diz respeito ao surgimento de novas tecnologias e adoção de novas práticas jornalísticas, quer a partir de novos conceitos de jornalismo. Foi a que adotamos quando estudamos o romance-folhetim na imprensa porto-alegrense do século XIX[3]; mais tarde, voltando ao assunto, chamamos a atenção para a simultaneidade de práticas e tendências verificáveis, de sorte que não há uma sucessão, mas

1. Ver bibliografia específica sobre o tema ao final.

2. Sérgio da Costa Franco, "Evolução da imprensa porto-alegrense", p. 123-131

3. Antonio Hohlfeldt, *Deus escreve certo por linhas tortas*: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900.

uma contemporaneidade de tendências, o que dificulta ainda mais os estudos sobre tais produções e impressos.[4]

Pode-se simplificar as coisas, afirmando que, depois do final da Revolução Farroupilha, principalmente a partir de 1850, com o surgimento do *Correio do Sul*, teremos a emergência de uma imprensa partidária solidificada, vinculada aos grandes partidos políticos existentes no Rio Grande do Sul mas que, ao mesmo tempo, não deixava de se preocupar em buscar leitores fora das hostes dos militantes ideológicos, de modo que apresentará espaços de entretenimento, como diríamos hoje em dia, sobretudo com a divulgação de romances-folhetins em seus rodapés de primeira página, estampando ainda poemas, artigos de teor literário e resenhas sobre livros recém-publicados ou espetáculos apresentados nas escassas salas da cidade, sobretudo depois de 1858, com a inauguração do Theatro São Pedro, em Porto Alegre. Estas folhas procuravam seguir, assim, o modelo concorrente e contemporâneo, que era o do jornalismo literário independente, publicações especializadas em temas literários; ou as folhas que passaram a caracterizar o jornalismo industrial, que vivia da venda avulsa do exemplar ou, principalmente, da assinatura e da venda de publicidade, tendência que se notabilizou especialmente com o surgimento do *Correio do Povo*, em 1º de outubro de 1895. No entanto, jornais como *A Reforma*, *Jornal do Comércio* e *O Mercantil*, embora mais ou menos vinculados partidariamente, já haviam ensaiado tais práticas, de sorte que pudemos evidenciar a dinâmica de publicação das narrativas ficcionais fragmentadas, que se concentraram nas décadas de 1880 e 1890, publicações estas que não precisavam estar ideologicamente alinhadas com o jornal em que eram impressas.

Aquiles Porto Alegre é certamente o primeiro que, dedicando-se a reviver momentos do passado, valoriza esta década que verá o surgimento de publicações mais estritamente jornalísticas

4. Antonio Hohlfeldt, "A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1930".

e informativas, como o referido *Jornal do Comércio* (lançado em 1864, segundo Jandira M. M. da Silva, ou em 1863, segundo Aquiles Porto Alegre), *O Mercantil* (de 1849) ou as revistas literárias, como *O Guaíba*, de Carlos Jansen e João Vespúcio de Abreu, *O Trovão*, de V. da Costa Ferreira, ou *O Diógenes*, de Luís Francisco Cavalcanti de Albuquerque, e *Arcádia*, esta em Rio Grande. Também começaria a circular, nesta mesma década, a revista editada pelo Partenon Literário, e é este fator, certamente, o mais expressivo em que se baseia Aquiles Porto Alegre.[5]

O autor de nossa primeira história da literatura, João Pinto da Silva, mantém perspectiva crítica e condenatória à imprensa do final do século XIX:

> Os órgãos quotidianos ou periódicos de publicidade, entre nós, não deixaram nunca de ser, predominantemente, instrumentos de ataque e defesa de partidos ou facções [...]. Esse jornalismo, saturado de preocupações políticas, não se limitava, aliás, a falhar, simplesmente, como agente propulsor do desenvolvimento literário. Sua ação, neste particular, foi, a certos respeitos, mais do que nula, ou negativa: era depressiva, dissolvente, porque, como única forma de atividade mental que o meio lhes proporcionava, atraía, inevitavelmente, os escritores, assimilando-os, desviando-os, pouco a pouco, de suas vocações.

O estudioso reconhece, porém, que "os povos não têm o jornalismo que desejam, mas o que podem ter, o de que necessitam, isto é, o que as suas condições econômicas e sociais impõem, ou permitem". Daí sua conclusão:

> Não articulo, portanto, censura alguma ao jornalismo rio-grandense do passado, quando imparcialmente assinalo, *ex officio*, a nulidade, pouco menos do que absoluta, da

5. Aquiles Porto Alegre, "A nossa imprensa", *in*: *Serões de inverno*, p. 94-98.

> sua interferência na produção literária. Ele foi o que tinha de ser, o que não podia deixar de ser.[6]

Poucos anos depois de finalizada a Revolução Farroupilha (1835–1845), começa a se estruturar uma imprensa diversificada e pujante, num primeiro momento vinculada ou ao menos fortemente simpática aos partidos políticos que então se organizam, tanto nacional quanto regionalmente; depois, ela se fragmenta e segmenta, constituindo-se numa imprensa mais preocupada em atender interesses específicos de seus potenciais leitores: a imprensa literária, a imprensa ilustrada, a imprensa caricata, a imprensa feminina etc. Este processo dinâmico, diga-se de passagem, não ocorre apenas em Porto Alegre, mas também em alguns importantes núcleos urbanos do interior da província, como Pelotas, Rio Grande, Livramento, Jaguarão, Passo Fundo, São Leopoldo, Caxias do Sul etc.

Em todos estes exemplares de imprensa ganharão espaços de destaque dois tipos de textos que fogem às características específicas da informação, embora estejam umbilicalmente a elas vinculadas: a crônica e o folhetim, tanto a primeira quanto a segunda.[7]

Pode-se mencionar o *Correio do Sul*, que circulará entre 13 de outubro de 1857 e 12 de dezembro de 1860, como o primeiro desses jornais. Logo depois registra-se o surgimento de uma publicação explicitamente literária, a revista *Arcádia*, da cidade de Rio Grande, circulando a partir de fevereiro de 1868. Este tipo de publicação culminará com a *Revista do Partenon Literário*, da entidade do mesmo nome, que existirá entre 1869 e 1879; logo começa a se organizar a imprensa partidária, com seus principais títulos, como *A Reforma* (16 de junho de 1869 a

6. João Pinto da Silva, *História literária do Rio Grande do Sul*, p. 145-146.

7. Antonio Hohlfeldt, *Deus escreve direito por linhas tortas*, em especial o capítulo IV, "Os *moicanos* de Porto Alegre", referente ao folhetim *A casa de Tio Pedro*, nos rodapés do *Correio do Povo*.

1912), vinculado ao Partido Liberal; *O Mercantil* (4 de janeiro de 1878 a 28 de dezembro de 1897), também vinculado ao monarquismo; e *A Federação* (1º de janeiro de 1884 a 2 de dezembro de 1937), vinculado ao Partido Republicano Rio-Grandense. Como se disse, a vinculação, mais ou menos direta, a um partido político, não impede certa independência quanto à matéria não redacional, em sentido estrito, quer dizer, a parte dedicada ao divertimento e ao passatempo, na verdade, matéria tão importante — inclusive do ponto de vista comercial, de atração do leitor — quanto seu material redacional político. Basta mencionar que muitos dos folhetins publicados num jornal eventualmente foram também editados em outro, com orientação ideológica totalmente diversa. Por outro lado, estas atrações não estavam necessariamente desvinculadas das preocupações ideológicas de seus editores, antes as ilustravam e aprofundavam, como se pode ver nas eventuais motivações de o jornal *O Mercantil* ter trazido à estampa uma narrativa como *Paulo Lopes*, de Jean-Charles ou João Carlos Moré, entre 14 de outubro de 1887 e 10 de agosto de 1888, em que se faz uma leitura *não republicana* da ainda recente Revolução Farroupilha, advertindo-se para os riscos desta ideologia; ou de o *Correio do Povo* ter divulgado uma série de folhetins, marcadamente vinculados a uma nova estética realista, bebendo em fontes dos *fait divers* jornalísticos, que enfocavam a vida cotidiana da cidade de Porto Alegre: assim como o jornal defendia a modernização da cidade, o folhetim ilustrava os *desvios* sociais que a caracterizavam mas que deveriam ser extirpados, como a presença dos negros benzedores ou as negras vendedoras de quitutes pelas ruas ou as casas de prostituição que se reproduziam em toda a área urbana.

Levantamento feito nos acervos do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa indica que, entre os anos de 1850 e 1900, há uma clara emergência do formato romance folhetim, que se acentua no decorrer das décadas, até o final do

século. Assim, entre 1850 e 1860, foram localizados seis títulos, que sobem para quarenta e quatro na década de 1870–1880, atingindo cento e dezesseis obras entre 1880 e 1890 e caindo para setenta e três na década final do século. O levantamento inclui tanto os jornais de referência, como se os designa nos dias de hoje, isto é, jornais eminentemente dedicados ao noticiário, semanais ou diários, ligados ou não a partidos políticos, como as publicações especificamente literárias, dentre as quais a *Revista do Partenon Literário*[8], editados em Porto Alegre. O que se deve concluir, deste levantamento, independentemente dos números absolutos, é que, a partir da década de 1870, aumenta significativamente a quantidade de tais publicações, mantendo-se até o final do século. Os folhetins continuarão ao longo das três primeiras décadas do século XX, diminuindo a partir do momento da eclosão da II Grande Guerra, sem desaparecer totalmente. Esta tendência se repete em jornais do interior, como o demonstra consulta à coleção de A *Gazeta do Alegrete*.

Ou seja, o espaço do folhetim, originalmente dedicado ao que hoje denominaríamos *resenha cultural* (sobre espetáculos teatrais, musicais ou livros recém-lançados), além de algumas experiências aproximadas da atual crônica, e mais escassamente o comentário político, multiplicou-se em outros textos, dependendo, ao que tudo indica, do gosto do editor de plantão, da disponibilidade de textos ou até mesmo da oferta de tradutores.

Quanto à crônica em si, ela surge, no jornalismo brasileiro, com Francisco Otaviano, nas páginas do *Correio Mercantil* (1854). Quando ele se retira da atividade, deixa José de Alencar em seu lugar. Gênero desde logo híbrido, repartindo-se entre o jornalismo e a literatura, a crônica será uma das principais barricadas da produção romântica no país. Atravessará o século

8. Regina Zilberman; Carmen Consuelo Silveira; Carlos Alexandre Baumgarten, *O Partenon Literário*: poesia e prosa. O estudo traz o levantamento de todos os textos ficcionais editados na *Revista*, num total de quarenta e três obras, a totalidade estampada no formato de folhetim.

e chegará aos nossos dias, modificando-se em aspectos externos, mas mantendo sua essência: do ponto de vista do texto, é um espaço de experimentação do escritor; do ponto de vista da sociologia da literatura, é o momento de aproximação e popularização de ideias e do nome do escritor.

No Rio Grande do Sul não foi muito diferente. À medida em que os jornais se preocupavam com suas tiragens, a crônica vai ganhando espaços, muitas vezes assinadas por pseudônimos de jornalistas que tinham alguma ambição literária. E quando o jornal se torna definitivamente uma empresa, a crônica tem reconhecida a sua importância, consagrando alguns autores que ainda hoje, reeditados, são redescobertos por leitores entusiasmados, bastando lembrar-se de Aquiles Porto Alegre. Nesse sentido, são referenciais o *Jornal do Comércio* (1865), *O Mercantil* (1865), *A Reforma* (1869) e o *Correio do Povo* (1895).

Se consultamos os documentos literários mais antigos da província, verificamos que a crônica, num sentido mais conservador — de registro e reflexão a respeito de acontecimentos do momento —, ganha espaço garantido nas primeiras revistas literárias que aqui se editam, como a *Álbum de Domingo*, que estreia em 4 de novembro de 1860, estampando a "Crônica semanal", que fazia resenhas sobre teatro, lançamentos literários, música, festas cívicas e religiosas etc., que a tornam "preciosa fonte de informações acerca das mais variadas atividades da sociedade local."[9] Pouco adiante, nos anos 1872, a crônica ganha um novo adepto, Damasceno Ferreira, nas páginas de *Ensaios Literários*. Damasceno Vieira era versátil: poeta, ficcionista, assinando folhetins na passagem dos séculos, tanto nas páginas de *A Reforma* quanto nas do *Correio do Povo*, também cultivava a crônica. Mais que isso, "com Damasceno Vieira, a crítica literária

9. Athos Damasceno Ferreira, *Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX*, p. 31.

deixa de ser, no Rio Grande do Sul, uma prática exclusiva de jornal para atingir o livro", avalia Carlos Alexandre Baumgarten.[10]

A partir de 1918, afirma-se a figura de João Pinto da Silva, que reúne, em livro, as crônicas publicadas nas páginas de jornais porto-alegrenses, especialmente *O Diário*, *A Notícia* e *A Federação*. Nesse sentido, a crônica mistura-se com a crítica literária: é periódica e vincula-se aos lançamentos de livros ou a debates que invadem a província, atingindo um público diversificado, graças a uma linguagem que se pretende crítica e científica, ainda que seja apenas subjetiva e impressionista.

Mas o "primeiro gramático e o primeiro cronista de Porto Alegre", na verdadeira acepção da palavra, segundo Raimundo de Menezes, foi Antônio Álvares Pereira, que, devido a um apelido desde a infância, adotou como sobrenome, também, a alcunha de Coruja, tornando-se, pois, Antônio Álvares Pereira Coruja, para a posteridade, autor de obras como *Antigualhas e reminiscências de Porto Alegre* (1881)[11], recuperando uma memória muito mais emotiva e pitoresca do que propriamente histórica da cidade.[12] Daí o poder dizer-se que ele tenha sido um *cronista*, pois graças a muitos de seus textos a cidade foi gradativamente constituindo uma mitologia em torno de personagens, paisagens e acontecimentos. De sua bibliografia, tem-se ainda registro de *Antigualhas: as ruas de Porto Alegre* (1888). Teve seguidores, como Sebastião Afonso de Leão, que, sem ser parente, adotou, contudo, a alcunha de Coruja Filho, escrevendo centenas de textos, reunidos em *Efemérides em formas de crônicas* (1895) e *Escavações históricas — Crônicas* (1897). Sua obra, contudo, não se encontra totalmente exumada, segundo observação de

10. Carlos Alexandre Baumgarten, *A crítica literária no Rio Grande do Sul*: do Romantismo ao Modernismo, p. 107.

11. Antônio Álvares Pereira Coruja, *Antigualhas e reminiscências de Porto Alegre*, 1881. Houve reedições, em 1947, pela *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, e em 1996, pela Unidade Editorial da Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

12. Raimundo de Menezes, *Dicionário literário brasileiro*, p. 205.

Pedro Leite Villas-Bôas, que registra: "encontramos, ainda, no *Correio do Povo*, várias crônicas, de assuntos diversos, publicadas sob pseudônimos, mas de sua autoria".[13]

De qualquer modo, Pereira Coruja e Coruja Filho tornaram-se modelos para os textos dos cronistas de então. Para Luís Augusto Fischer, o final do século XIX será vivido sob a influência simbolista e esta será a característica da crônica deste momento, através de Aquiles Porto Alegre e Paulino Azurenha: "mesmo os bons cronistas do período são marcados pelas tintas da melancolia"[14], de onde aqueles textos rememorativos e saudosistas de uma cidade antiga, com seus flagrantes da vida urbana ainda ensaiando uma verdadeira cidade, mas sendo apenas a aldeia em que os açorianos haviam aportado, no século anterior.

Também a *Revista Mensal do Partenon Literário* estampou, ao longo de sua história, uma série de textos que podem ser considerados cronísticos. Mas se tomarmos a crônica em seu sentido mais estrito, enquanto produção literária, então, de fato, a série se inicia com Antônio Álvares Pereira Coruja e continua com Aquiles Porto Alegre, Sebastião Leão (Coruja Filho), Paulino Azurenha e Gaston Hasslocher Mazeron. Aliás, o estudo de Dileta A. P. Silveira Martins, *História e tipologia da crônica no Rio Grande do Sul* é, neste sentido, documento de referência: ela escolhe um nome representativo de cada época da história literária brasileira, como o período romântico (Apolinário Porto Alegre), parnasiano (Aquiles Porto Alegre), regionalista [sic] (Roque Callage) e modernista — a que dá maior atenção, elencando os nomes de Álvaro Moreyra, Augusto Meyer e João Bergmann, encerrando sua pesquisa com referências a Luis

13. Pedro Leite Villas-Bôas, *Dicionário bibliográfico gaúcho*, p. 65. Pode-se consultar, também, Guilhermino Cesar, *História da literatura do Rio Grande do Sul*, p. 133; Raimundo de Menezes, *Dicionário literário brasileiro*, p. 546; Pedro Leite Villas-Bôas, *Dicionário bibliográfico gaúcho*, p. 191.

14. Luís Augusto Fischer, *Literatura gaúcha:* história, formação e atualidade, p. 68.

Fernando Verissimo, a quem dedica maior atenção.[15] Como o foco deste capítulo é a passagem dos séculos XIX para o XX, a seleção ficou mais restrita, referenciando apenas três nomes: Aquiles Porto Alegre, Paulino Azurenha e Carlos von Koseritz que são, neste sentido, representativos do momento.

Aquiles Porto Alegre foi, simultaneamente, fundador, com o irmão Apolinário, do Partenon Literário, em 1879, mas em 1920 tornou-se sócio-fundador do Instituto Histórico-Geográfico do Rio Grande do Sul. Sua bibliografia é imensa, mas pouco reeditada. O verbete de Pedro Leite Villas-Bôas é bastante detalhista quanto a esta bibliografia, classificando cada um dos volumes editados. Assim, *Fantasias* (1894) seria o primeiro volume a reunir crônicas e contos firmados pelo autor, de que houve uma segunda edição, em 1923, muito ampliada, conforme a própria observação do dicionarista (a primeira edição tinha 78 páginas; a segunda, 208!). Este interregno foi preenchido por livros de poemas e contos. Mas o início dos anos 1920 devolve o autor ao gênero que acabaria por torná-lo reconhecido. *Através do passado (Crônica e história)*, como o título indica, traz um texto inicial, de quase cinquenta páginas, intitulado "Porto Alegre de ontem e de hoje". Este volume abre uma série significativa de crônicas que se sucederão: *Flores entre ruínas* (1920), *Jardim de saudades* (1921), *Paisagens mortas* (1922), *Noutros tempos* (1922), *Serões de inverno* (1923), *Noite de luar* (1923), *À sombra das árvores* (1923), *À beira do caminho* (1925), *Palavras ao vento* (1925) e *Prosa esparsa* (1925). Aquiles Porto Alegre faleceu em 1926. O último volume de sua autoria, editado postumamente, foi a *História popular de Porto Alegre*, reunindo crônicas em seleção de Deusino Varela, posteriormente reeditado em 1994.

Aliás, aquela edição de 1940, que funciona como uma espécie de antologia, tem uma outra vantagem, graças à sensibilidade de seu organizador, este Deusino Varela, de quem só se sabe ter sido

15. Dileta A. P. Silveira Martins, *História e tipologia da crônica no Rio Grande do Sul*.

funcionário público municipal e admirador do cronista. Ele não se limitou a selecionar textos, mas os organizou tematicamente. Assim, temos um "Histórico da cidade", reproduzido de *Através do passado*, a que se seguem "Diversões e costumes", "Imprensa no passado", "Tipos populares", "Páginas inesquecíveis" — provavelmente, segundo o critério do organizador — e por aí afora. É nesta última seção, aliás, na divisão que a reedição respeitou escrupulosamente, que aparece o texto "As linguiças de carne de gente", a respeito do tal açougueiro da Rua do Arvoredo. Quem fez estudo aprofundado do tema, inclusive indo às fontes primárias da época, quer dizer, os jornais de então, sabe que a versão de Porto Alegre é bastante ficcionalizada[16]. No entanto, ainda que falseada, a versão do cronista goza de maior credibilidade, hoje em dia, do que as pesquisas históricas fidedignas, talvez porque a ficção seja mais provocativa da imaginação...

Há, ainda, outras crônicas interessantes sobre jornais e jornalistas — por exemplo, "Lótus azul", ou "O salão Alberti", ou o conjunto de textos que se reuniu no volume *História popular de Porto Alegre*, como aquelas intituladas, por exemplo, "Nossa imprensa do passado" ou "Caldas Júnior"[17], além de alguns especificamente dedicados a jornais da época.

Walter Galvani lembra que Caldas Júnior escolheu a dedo o grupo com quem dividiu a iniciativa de fundação do jornal: Mário Totta, Souza Lobo e Paulino de Azurenha.[18] Azurenha iniciara como gráfico no *Jornal do Comércio*, onde conheceu Caldas Júnior. Em 1895 acompanhou o amigo e permaneceria no jornal até sua morte. A assinatura de sua crônica semanal — Leo

16. Ver Cláudio Pereira Elmir, *A história devorada*: no rastro dos crimes da Rua do Arvoredo.

17. Não se deve esquecer que Caldas Júnior era genro de Aquiles Porto Alegre, tendo se iniciado nas lides jornalísticas nas páginas de *A Reforma*, de onde saiu para abrir o *Correio do Povo*. Aquiles Porto Alegre, por seu lado, já havia trabalhado, anteriormente, no *Jornal do Comércio*, de que foi chefe de redação. Ver Nestor Ericksen, *O sesquicentenário da imprensa rio-grandense*, p. 31.

18. Walter Galvani, *Um século de poder*.

Pardo — brincava, simultaneamente, com a designação latina do leão e com sua cor. No entanto, nada mais distante de um leão que o tom da crônica de Paulino, mais poética e impressionista, de onde advinha seu sucesso.

Nascido em Porto Alegre, em 1860, Paulino de Azurenha, ao lado das atividades do jornalismo, ensaiou alguns poemas e assinou pelo menos uma novela de folhetim, com Mário Totta e José Carlos de Souza Lobo, intitulada *Estrychnina*.[19] Azurenha era bastante respeitado: "Paulino era o mais velho e o mais sobrecarregado pela vida. Levava nos ombros, num país em que a escravatura havia sido abolida apenas sete anos antes, a sua negritude. Com bom humor, passaria, mais tarde, a assinar uma coluna com o pseudônimo de Leo Pardo. Um felino, gato negro numa sociedade dos brancos em que toda riqueza fora construída com o trabalho dos africanos escravos". De onde o comentário registrado por Juremir Machado da Silva: "— É negro, mas sabe escrever!".[20]

Azurenha escreveu pelo menos entre 1900 e 1909, quando faleceu. Uma coletânea póstuma priorizou os textos produzidos entre 8 de julho de 1905 e 19 de junho de 1909, portanto, pouco antes de sua morte. Suas crônicas não traziam títulos, mas logo definiam seu tema com absoluta clareza. Veja-se este exemplo, de 12 de agosto de 1905: "Cheia. A bacia do Guaíba de novo transborda. E não só ela: todo o seu estuário, intumescido, regurgitando, extravasa. É o majestoso Jacuí, que, como um senhor feudal, de tão longe vem, atravessando campos e vales, recebendo aqui a servidão de humildes arroios vilões, além do tributo de rios fortíssimos, quase tão poderosos como ele, mas que apressados, como o Taquari, descem de seus castelos rouqueiros

19. Mário Totta; Paulino Azurenha; Souza Lobo, *Estrychnina*. Trata-se de edição comemorativa do centenário original de publicação nas Oficinas Tipográficas da Livraria Americana, de Porto Alegre, em 1897.

20. Juremir Machado da Silva, *Correio do Povo*: a primeira semana de um jornal centenário, p. 35-37.

e lhe vêm ao encontro, na sua vagarosa passagem afim de lhe render preito de vassalagem e pagar páreas de tributário".[21] O que dá o tom de modernidade ao texto, porém, é o modo pelo qual ele encerra o texto: "Cheia. Como se assemelha ela a uma grande, a uma incomensurável dor, quando esta nos assoberba a alma! [...] Cheia! Pois maior, muito maior que a sua terrível imensidade, é a incomensurabilidade de uma oculta mágoa! Por isso, daquela quase todos se salvam, enquanto que, nesta, muitos se submergem...".[22]

No dia 1º de outubro de 1905, uma crônica, por oportuna, é por ele assinada: "Lá vão dez anos que este *Correio do Povo* saiu à luz da publicidade. Dez anos é muito ou é pouco, conforme a relativa durabilidade das coisas. Na vida da imprensa, onde são raros, raríssimos, os macróbios, dez anos de existência, para um jornal, já representa alguma coisa".[23] O cronista vai refletindo sobre a primeira década de vida do jornal que, de certo modo, é também a sua vida, e conclui seu texto: "O Povo, somente o Povo, há sido objeto de seu culto — o Povo, nas necessidades materiais, na sua fome de justiça efetiva, na sua sede de liberdades práticas. Por ele, somente, o *Correio* nasceu e se fez gente: por ele está brandindo a pena, como uma lança: por ele desceu à arena, como um cavaleiro, e nela se mantém impertérrito ao embate de todas as hostes, ao choque de todos os elementos".[24]

É esta capacidade de, do geral, buscar o particular, do concreto, encontrar uma reflexão mais abstrata e filosófica, que marca a crônica de Paulino de Azurenha e a faz ser extremamente bem aceita pelos seus leitores, nas páginas do *Correio do Povo*. A crônica não deixa, quando necessário, de tocar em temas de atualidade imediata, como o polêmico Caso Dreyfus,

21. José Paulino Azurenha. *Semanário de Leo Pardo*, p. 15.
22. *Ibid*., p. 20.
23. *Ibid*., p. 45.
24. *Ibid*., p. 50.

que assim examina o jornalista: "Está, felizmente, terminada a velha e emocionante questão Dreyfus [...]. O que se esperava, o que se desejava, o que se impunha não era um julgamento mais ou menos imparcial, não era o estudo calmo e sereno de uma questão intrincada e difícil — o que se queria era o reconhecimento legal de uma sentença que há muito já fora lavrada extrajudicialmente, era a aquiescência, a submissão, era o *placet* da magistratura de um certo e determinado país aos princípios eternos e internacionais dos direitos e da justiça humana".[25] O cronista não tergiversa, ele é claro e transparente e, na conclusão, é quase amargo: "Se ele fora pobre... Ora, se ele fora pobre nem haveria desautoração, nem haveria reabilitação, nem haveria processo Dreyfus, nem haveria nada, provavelmente. As coisas se passariam como se não se houvessem passado...".[26]

Bem diversa foi a característica de outro cronista que escreveu ao longo de décadas: Carlos von Koseritz. Sobre ele se tem muitas informações, devido à sua variada participação na vida da imprensa, da política e das ideias que circulavam no Rio Grande do Sul, ao final do século XIX. Koseritz escreveu tanto em alemão quanto em português, idioma que passou a dominar ao longo dos anos, desde sua chegada à província, em 1852, fixando-se primeiramente no Sul, em Rio Grande, e depois em Pelotas, transferindo-se mais adiante para Porto Alegre, onde viveria até o fim de sua vida, ainda que também possuísse uma propriedade em Pedras Brancas (atual município de Guaíba). Koseritz chegou a Pelotas com apenas 22 anos de idade, meio que fugido da chamada revolução liberal de 1848, contra o conservadorismo de Frederico Guilherme IV, em sua terra natal.[27] Embora de ascendência nobre, seguiu o conselho do pai que, vendo uma vocação extremadamente liberal no filho, entendeu que ele não

25. *Ibid*., p. 107-108.
26. *Ibid*., p. 113.
27. Guilhermino Cesar, *História da literatura do Rio Grande do Sul*, p. 249.

poderia realizá-la na Europa e sugeriu a emigração do filho para o Brasil, para onde veio enquanto grumete. Desertando da Legião Estrangeira, que o Império do Brasil contratara, ele encontra um protetor, na figura do comerciante Telêmaco Bouliech. Assim, começa a lecionar, mas logo se vincula às lides jornalísticas.

Sucessivamente, entre Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre, onde chega em 1864, para assumir a direção do *Deutsche Zeitung*, colabora e torna-se editor ou diretor, chegando mesmo a proprietário, em jornais como *O Noticiador*, *Brado do Sul*, *Jornal de Pelotas*, *O Povo*, *Eco do Sul*, *Deutsche Zeitung*, *Gazeta de Porto Alegre*, *Eco do Ultramar*, *O Combate*, *A Lanterna*, *Koseritz' Deutsche Zeitung*, *A Ordem*, *O Mercantil*, *Jornal do Comércio*, *A Sentinela do Sul*, *Rio Guaibense*, *A Reforma* etc.[28]

A concepção de imprensa, para Koseritz, embora ele preze a liberdade de expressão, é a de uma instituição com viés doutrinário, pois ela seria um poderoso instrumento de orientação.[29] Sua função jornalística abarca um conjunto de temas que pode ser sintetizado em três grandes eixos: as questões políticas imediatas da província, de cujo processo ele participava; questões vinculadas à perspectiva liberal e maçônica, que significa um ataque substancial à Igreja Católica e, por fim, sua vinculação aos movimentos filosófico e literário de então, em especial a Escola de Recife e o Partenon Literário, tendo relações de proximidade com Tobias Barreto e Sílvio Romero, de um lado, Bernardo Taveira Júnior e Lobo da Costa, de outro. Sua

28. O material em torno da figura de Carlos von Koseritz e sua contribuição à imprensa sul-rio-grandense foi retirado, alternadamente, de obras de José Fernando Carneiro; René Gertz (Org.); Klaus Becker; Walter Spalding (Org.); Guilhermino Cesar; Sérgio Roberto Dillenburg; Nestor Ericksen; Márcio Miranda Alves; Imgart Grutzmann; Tiago Weisenmann; dentre muitas outras.

29. Carlos von Koseritz é estudado enquanto um dos tantos emigrantes alemães que se fixaram na América do Sul, na segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX, como o também *brummer* Carlos Jansen, na mesma região do Rio Grande do Sul; Ernest Alemann, na Argentina; e Karl Keller Rueff, no Chile. Imgart Grutzmann, "Intelectuais de fala alemã no Brasil do século XIX: o caso Karl von Koseritz (1830–1890)", p. 123-133.

participação no conjunto de produção e circulação de ideias, na segunda metade do século XIX, no Rio Grande do Sul, é significativa, de modo que chega a inspirar Erico Verissimo, em *O tempo e o vento* (1949), que, ao criar a figura do médico de origem alemã, Carl Winter, coloca-o em diálogo com o jornalista alemão, reconhecendo-lhe a importância e, ao mesmo tempo, registrando que sua militância se deu, sobretudo, através das páginas dos diferentes jornais em que, como se disse, colaborou, dirigiu ou editou.[30]

Koseritz veio para o Brasil em 1851, na Legião Alemã, formada por mercenários contratados pelo império brasileiro para lutar na Província Cisplatina. No Rio de Janeiro, contudo, alistou-se no Regimento de Artilharia, vindo para a cidade do Rio Grande, onde desertou, em 1852. Passou a viver em Pelotas, tornando-se professor e guarda-livros. Em 1856, engaja-se no jornal *O Noticiador* e, em 1858, já possui seu próprio jornal, *O Brado do Sul*. Em 1864, muda-se para Porto Alegre, naturalizando-se e assumindo a direção do *Deutsche Zeitung*, já tendo desposado uma nativa, Zeferina Maria de Vasconcelos, filha de um estancieiro de Pelotas, ainda em 1855. Falecendo em 1890, sua produção é tão vasta que se pode falar a respeito de uma *era Koseritz*, compreendida entre 1864, quando ele assume a direção do já mencionado *Deutsche Zeitung*, e 1890, quando falece. Ele foi um mediador entre as comunidades alemã e brasileira; mais que isso, foi defensor do liberalismo, aproximando-se da maçonaria e atacando duramente a Igreja Católica. Colaborava simultaneamente em diferentes jornais, ao mesmo tempo em que dirigia sua própria folha. Sua projeção intelectual, na província, deu-se essencialmente através das páginas dos jornais, em que era "combativo, radical e irônico. Durante embates com opositores, fez da imprensa sua principal

30. Márcio Miranda Alves, "Ficção e jornalismo em *O continente*: o caso dos alemães Carl Winter e Carl von Koseritz", p. 42-66.

tribuna para atacar e defender-se"[31], sobretudo nas páginas do *Koseritz' Deutsche Zeitung* ou de *A Reforma*, o liberal *Jornal do Comércio* ou a maçônica *A Acácia*. Inovou ao divulgar o *Koseritz' Deutscher Volkalender*, calendários e almanaques que tanto serviam para a orientação dos camponeses alemães em suas plantações e atividades rurais, quanto divulgavam ideias bastante modernizadoras, preocupado sobretudo com a necessidade de adequação e aproximação dessas comunidades germânicas de seus entornos portugueses e brasileiros. Koseritz foi sempre *moderno*, no sentido de estar bem-informado e trazer ao seu leitor um conjunto de reflexões e de ideias que circulavam, tanto na Europa, quanto nos principais centros urbanos brasileiros ou, mesmo, a partir do governo da província.

René Gertz organizou interessante e representativa coletânea de textos de Carlos von Koseritz: ali ele publicou "Bosquejos etnológicos" (1884) e "A terra e o homem à luz da moderna ciência" (1884), divulgados originalmente nas páginas da *Gazeta de Porto Alegre*. Isso significa que o conceito de *crônica* ou *folhetim*, em Koseritz, deve ser alargado. No fundo, são artigos, ensaios ou conferências que ele vai divulgando nas páginas dos jornais e que, depois, acaba por reunir em volumes que publica, no formato de livros. Isso ocorre com estes dois textos iniciais, "Resumo de economia nacional" (nas páginas do *Jornal do Comércio*, 1870) e, sobretudo, "Roma perante o século" (nas páginas do *Deutsche Zeitung*, 1871), em que ele ataca especialmente as hierarquias eclesiásticas da Igreja Católica. Os textos mais importantes, contudo, e que o tornaram celebridade, de certo modo, são os de *Imagens do Brasil (Bilder aus Brasilien)*[32], divulgados original-

31. Tiago Weisenmann, *"Sou, como sabem..."*: Karl von Koseritz e a imprensa em Porto Alegre no século XIX (1864–1890), p. 345.

32. Há, também, uma interessante coletânea a respeito do Rio Grande do Sul nas *Reiserbriefe* que ele escreveu desde a Alemanha e editou no mesmo *Koseritz' Deutsche Zeitung*, e que foram editadas apenas em alemão, já que a *Gazeta de Porto Alegre*, onde poderiam ter sido traduzidas, já havia desaparecido. Abeillard Barreto considera a edição

mente nas páginas do *Koseritz' Deutsche Zeitung*, num formato de diário de viagem, a partir de 1883, mas impresso no formato de livro no ano de 1885, traduzido e editado no Brasil em 1943.

Por questões político-partidárias, Koseritz se viu obrigado, no final da vida, a deixar Porto Alegre e refugiar-se em Pedras Brancas (Guaíba), mas assim mesmo teve sua casa cercada e chegou a ser preso. Poucos dias depois de solto, veio a falecer. Horas antes de sua morte, contudo, ainda registrou, de próprio punho, aqueles acontecimentos, num texto denominado "Explicação necessária", no dia 30 de maio de 1890, vindo o texto a ser editado no jornal *Eco do Sul*, da cidade de Rio Grande, no dia 4 de junho, quando ele já falecera. Viveu jornalista e jornalista morreu, pode-se dizer de Koseritz, a título de síntese de sua obra.

Foi, como se vê, um tempo de grandes novidades para o jornalismo em Porto Alegre, cidade que se habilitava para abrigar uma ampla experiência de produção intelectual, e particularmente literária, nas gerações vindouras.

Referências

ALENCAR, José de. *Ao correr da pena*. São Paulo: Typographia Alemã, 1874.

ALVES, Francisco das Neves. O periodismo gaúcho no século XIX: breves impressões históricas. *Biblos*, Rio Grande, n. 23, p. 137-166, 2009.

ALVES, Francisco das Neves. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2002.

ALVES, Márcio Miranda. Ficção e jornalismo em *O continente*: o caso dos alemães Carl Winter e Carl von Koseritz. *Antares — Letras e Humanidades*, Caxias do Sul, v. 4, n. 8, p. 42-66, jul./dez. 2012.

em livro, de que se tem notícia, mas que ele mesmo nunca viu, como obra raríssima (*Bibliografia sul-rio-grandense*, p. 765-772).

ASSIS, José Maria Machado de. *O velho Senado*. Brasília: Senado Federal, 1989.

AZURENHA, José Paulino. *Semanário de Leo Pardo*. Porto Alegre: Globo, 1924.

BARRETO, Abeillard. *Bibliografia sul-rio-grandense*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1976. 2 v.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *A crítica literária no Rio Grande do Sul*: do Romantismo ao Modernismo. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1997.

BECKER, Klaus. Imprensa em língua alemã (1852-1889). *In*: BECKER, Klaus (Org.). *Enciclopédia rio-grandense*. Canoas: Regional, 1956. v. 2. O Rio Grande antigo.

BERNARDI, Aquiles. *Vita e storia de Nanetto Pipetta*. *Stafetta Riograndense*, Caxias do Sul, 23 jan. 1924 a 18 fev. 1925. Posteriormente editado sucessivamente em livro. Porto Alegre: EST, 1990.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. *In*: CANDIDO, Antonio (Org.). *A crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1992.

CARNEIRO, José Fernando. *Karl von Koseritz*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1959.

CESAR, Guilhermino. *Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul*: 1605-1801. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1969.

CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1956.

CORUJA, Antônio Álvares Pereira. *Antigualhas e reminiscências de Porto Alegre*. Porto Alegre: Tipografia do *Jornal do Comércio*, 1881 (1996).

DILLENBURG, Sérgio Roberto. *Quatro publicações marcantes no jornalismo rio-grandense*. Nova Petrópolis: Amstad, s.d.

DILLENBURG, Sérgio Roberto. *A imprensa em Porto Alegre de 1845 a 1870*. Porto Alegre: Sulina; Associação Rio-Grandense de Imprensa, 1987.

ELMIR, Cláudio Pereira. *A história devorada*: no rastro dos crimes da Rua do Arvoredo. Porto Alegre: Escritos, 2004.

ERICKSEN, Nestor. *O sesquicentenário da imprensa rio-grandense*. Porto Alegre: Sulina; Associação Rio-Grandense de Imprensa, 1977.

FERNANDES, João Damasceno Vieira. À imprensa. *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*, Porto Alegre, 1875, n, 8, p. 87. Referência encontrada em: ZILBERMAN, Regina; SILVEIRA, Carmen Consuelo; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre (Org.). *O Partenon literário*: poesia e prosa. Porto Alegre: Instituto Cultural Português; Escola Superior de Teologia, 1980, p. 178-180.

FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1975.

FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962.

FERREIRA, Athos Damasceno. *Jornais críticos e humorísticos de Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1944.

FISCHER, Luís Augusto. *Literatura gaúcha:* história, formação e atualidade. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

FRANCO, Sérgio da Costa. Evolução da imprensa porto-alegrense. *In*: FRANCO, Sérgio da Costa. *Gente e espaços de Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000, p. 123-131.

GALVANI, Walter. *Um século de poder*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

GERTZ, René (Org.). *Karl von Koseritz*: seleção de textos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

GOLIN, Cida; RAMOS, Paulo. Jornalismo cultural no Rio Grande do Sul: a modernidade nas páginas da revista *Madrugada* (1926). *In:* CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA MÍDIA, V, 2007, São Paulo. *Anais* [...]. São Paulo: Intercom, 31 maio/2 jun. 2007.

GRUTZMANN, Imgart. Intelectuais de fala alemã no Brasil do século XIX: o caso Karl von Koseritz (1830-1890). *Revista História UNISINOS*, São Leopoldo, v. 11, n. I, p. 123-133, jan./abr. 2007.

HOHLFELDT, Antonio. A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1930. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, p. 2-12, dez. 2006.

HOHLFELDT, Antonio. *Deus escreve certo por linhas tortas*: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

HOHLFELDT, Antonio. La letteratura dell'imigrazione de lingua italiana nel Brasile. *In*: SULIANI, Antonio (Org.). *Etnias & carismas*: polianteia em homenagem a Rovílio Costa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

KOSERITZ, Karl von. *Resumo de economia nacional*. *In*: GERTZ, René E. (Org.). *Karl von Koseritz*: seleção de textos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 115-.

KOSERITZ, Karl von. *Roma perante o século*. *In*: GERTZ, René E. (Org.). *Karl von Koseritz*: seleção de textos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 154-

KOSERITZ, Karl von. *Imagens do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980 [1943].

MACEDO, Francisco Riopardense. *Imprensa farroupilha*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Instituto Estadual do Livro, 1994.

MARTINS, Dileta A. P. Silveira. *História e tipologia da crônica no Rio Grande do Sul*. 1984. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1984.

MAYA, Alcides. Natureza opulenta. *In*: MAYA, Alcides. *Através da imprensa (1898-1900)*. Porto Alegre: Livraria A Nacional, 1900.

MELO, José Marques de. *Gêneros jornalísticos na* Folha de S. Paulo. São Paulo: FTD, 1992.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. Rio de Janeiro; São Paulo: LTC, 1978.

MEYER, Marlyse. *O folhetim*: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre e suas escritas*: história e memórias da cidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

PORTO ALEGRE, Aquiles. *História popular de Porto Alegre*. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal de Cultura. 1994 [1940].

PORTO ALEGRE, Aquiles. À beira do caminho. Porto Alegre: Globo, 1925.

PORTO ALEGRE, Aquiles. *Palavras ao vento*. Porto Alegre: Selbach, 1925

PORTO ALEGRE, Aquiles. *Prosa esparsa*. Porto Alegre: Globo, 1925.

PORTO ALEGRE, Aquiles. *Fantasias*: crônicas e contos. Porto Alegre: Selbach, 1924.

PORTO ALEGRE, Aquiles. *Noite de luar*. Porto Alegre: Globo, 1923.

PORTO ALEGRE, Aquiles. *Serões de inverno*. Porto Alegre: Selbach, 1923.

PORTO ALEGRE, Aquiles. *Noutros tempos*. Porto Alegre: Globo, 1922.

PORTO ALEGRE, Aquiles. *Paisagens mortas*. Porto Alegre: Globo, 1922.

PORTO ALEGRE, Aquiles. *Jardim de saudades*. Porto Alegre: Wiedmann & Cia., 1921.

PORTO ALEGRE, Aquiles. *Flores entre ruínas*. Porto Alegre: Wiedmann & Cia., 1920.

PORTO ALEGRE, Aquiles. *Fantasias*: crônicas e contos. Porto Alegre: Tipografia do *Jornal do Comércio*, 1894.

QUEFFELEC, Lise. *Le roman feuilleton français au XIXème. Siècle*. Paris: PUF, 1989.

RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1993.

SCHNEIDER, Edgar Luiz. Imprensa sul-rio-grandense nos séculos XIX e XX. *In*: BARRETO, Abeillard *et al*. *Fundamentos da cultura rio-grandense*. Porto Alegre: UFRGS, 1962. 5ª série, p. 83-101.

SILVA, Jandira M. M.; CLEMENTE, Elvo; BARBOSA, Eni. *Breve histórico da imprensa sul-rio-grandense*. Porto Alegre: CORAG, 1986.

SILVA, João Pinto. *História literária do Rio Grande do Sul* [1924]. Org. Carlos Alexandre Baumgarten. Porto Alegre: CORAG; IEL, 2013.

SILVA, Juremir Machado da. *Correio do Povo*: a primeira semana de um jornal centenário. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SOUSA, Jorge Pedro (Org.). *As relações de Manuel Severim de Faria e a génese do jornalísmo lusófono*. Porto: Editora da Universidade Fernando Pessoa, 2007.

SPALDING, Walter (Org.). *Construtores do Rio Grande*. Porto Alegre: Sulina, 1973. v. III.

STRELOW, Aline; ALBIO, Nádia. *O Lábaro*: a Porto Alegre do século XIX sob o olhar de um jornal literário positivista. *In:* ENCONTRO REGIONAL SUL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 5., 2014, Florianópolis. *Anais* [...]. Florianópolis: Alcar Sul, 2014.

STRELOW, Aline. Primórdios da imprensa literária no Rio Grande do Sul — A história do jornal *O Guaíba*. *In:* ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9., 2013, Ouro Preto. *Anais* [...]. Ouro Preto: UFOP, 30 maio/1º jun. 2013.

STRELOW, Aline. Imprensa literária no Rio Grande do Sul no século XIX: textos e contextos. *In:* CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXIV, 2011, Recife. *Anais* [...]. Recife: Intercom, 2 a 6 set. 2011.

TOTTA, Mário; AZURENHA, Paulino; LOBO, Souza. *Estrychnina*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998.

VIANNA, Lourival. *Imprensa gaúcha (1827-1852)*. Porto Alegre: Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, 1977.

VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Dicionário bibliográfico gaúcho*. Porto Alegre: EST, 1991.

WEISENMANN, Tiago. "*Sou, como sabem ...*": Karl von Koseritz e a imprensa em Porto Alegre no século XIX (1864-1890). 2015. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

WESCHENFELDER, Greicy. *A imprensa alemã no Rio Grande do Sul e o romance-folhetim*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

ZILBERMAN, Regina; SILVEIRA, Carmen Consuelo, BAUMGARTEN, Carlos Alexandre (Org.). *O Partenon literário*: poesia e prosa. Porto Alegre: Instituto Cultural Português; Escola Superior de Teologia, 1980.

René E. Gertz

2.3

Cultura letrada na imprensa de língua alemã

O dilema

O dilema deste capítulo pode ser ilustrado por um episódio ocorrido em torno de 2000. Uma editora universitária publicou uma série chamada "Pensadores gaúchos", textos de autores de destaque no panorama intelectual regional. O responsável pela série convidou o historiador Martin Dreher a montar um volume com escritos do pastor luterano sul-rio-grandense Hermann Gottlieb Dohms (1887–1956).[1] Quando o manuscrito chegou ao diretor-executivo da editora, ele foi ao presidente para cobrar explicações sobre a inclusão daquele volume na série. Em sua opinião, os textos não tinham nada a ver com o Rio Grande do Sul, pois, originalmente, haviam sido publicados em alemão, motivo pelo qual não podiam ser vistos como "pensamento gaúcho", já que aqui a língua oficial é o português.

À exceção de dois dos onze textos, trata-se de artigos saídos nos *Deutsche Evangelische Blätter für Brasilien — Folhas Evangélicas Teutas para o Brasil*, revista publicada pelo autor, de 1919 a 1938. Mesmo que um deles se intitulasse "A Nova Alemanha e nós" (de 1933, referindo-se à situação criada com a então recente tomada do poder pelos nazistas), os outros oito tratam dos seguintes temas: "Tobias Barreto e a teologia protestante alemã do século

1. Martin N. Dreher (Ed.), *Hermann Gottlieb Dohms*: textos escolhidos.

XIX", "O positivismo no Brasil", "Os partidos políticos no Rio Grande do Sul no contexto da história política do Brasil", "Igreja e Estado", "As exigências católicas, os partidos políticos no Rio Grande do Sul e a igreja evangélica", "Quais as possibilidades de minorias étnicas na América do Sul?", "Do sentimento nacional à confissão política", "O movimento integralista".

Tratava-se de uma revista editada em alemão, no Rio Grande do Sul, refletindo ideias de uma elite intelectual luterana, representativa de não menos que 10% da população estadual daquele tempo, já que 20% eram considerados de descendência alemã, e, entre eles, o percentual de luteranos era maior que o de católicos. Claro, essa revista não era conhecida, e, muito menos, lida pela população considerada "tradicional", a qual, quando se referia a esse tipo de imprensa, classificava-a como "estrangeira", querendo dizer que tinha pouco a ver com o Brasil e o Rio Grande do Sul.

A imprensa em língua alemã

A avaliação do papel da imprensa nas comunidades de imigração e colonização alemãs é divergente, até entre estudiosos originários delas. Para clássicos como Emílio Willems — referindo-se de forma genérica ao Brasil, mas sua opinião também vale para o Rio Grande do Sul —, "a extrema instabilidade da grande maioria dos jornais teuto-brasileiros, a sua tiragem insignificante, o baixo grau de periodicidade parecem constituir uma prova de que somente em casos excepcionais chegou a desempenhar papel vital na cultura teuto-brasileira".[2]

Diretamente vinculada ao tema deste capítulo, o autor emitiu opinião semelhante em relação à literatura "teuto-brasileira":

> o romance, a novela, a poesia e o teatro criados por imigrantes alemães e descendentes próximos encontram a

2. Emílio Willems, A *aculturação dos alemães no Brasil*.

> reprovação estética quase unânime dos poucos críticos alemães que tomaram conhecimento desse ramo americano de literatura germânica. É uma literatura, sobretudo, de almanaque e jornal, escrita por diletantes, e destinada ao "consumo" de leitores cuja maioria apenas alfabetizada não é capaz de elevar-se acima do nível mais rudimentar.[3]

Em outras obras clássicas sobre imigração e colonização alemãs, as referências à imprensa são escassas, ou mesmo inexistentes, sugerindo que os autores lhe atribuíram pouca importância.[4] A situação é diferente em autores "germanistas", com uma visão mais positiva sobre a "contribuição alemã", e preocupados com a manutenção da identidade étnico-cultural. No conhecido livro do centenário da imigração (1924), elaborado por Theodor Amstad (padre católico) e pelo jornalista Arno Philipp (luterano), lê-se que, juntamente com a escola alemã, "a germanidade do Rio Grande do Sul vive ou morre com a imprensa alemã".[5]

Poucos anos depois dessa publicação, saiu na Alemanha uma tese de doutorado sobre A *imprensa alemã no Brasil de 1852 até a atualidade* (1931). O autor considerou que para a sociedade de origem alemã, daqui, três instituições foram fundamentais: igreja, escola e imprensa. Quanto a esta, "defende os interesses dos imigrantes alemães frente ao governo e frente ao contexto luso-brasileiro; dentro das colônias, mantém vivo o sentimento de pertencimento ao grupo étnico alemão, e estabelece a ligação com a antiga pátria".[6]

É possível que a importância atribuída à imprensa de língua alemã tenha sido influenciada pelo contexto em que as avaliações foram feitas. Francisco Rüdiger localiza o auge da influência de alemães e descendentes na sociedade gaúcha — em especial na capital — de 1890 a 1914, e "a imprensa em língua

3. Emílio Willems. *A aculturação dos alemães no Brasil*, p. 545.
4. René E. Gertz, "Imprensa e imigração alemã".
5. Arthur Blásio Rambo, *Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul*.
6. Hans Gehse, *Die deutsche Presse in Brasilien von 1852 bis zur Gegenwart*.

alemã viveu seu auge nessa época, geradora de um ciclo que durou até o final da Primeira Guerra Mundial".[7] Essa guerra teve efeitos negativos, mas a comunidade conseguiu reverter a situação, na década de 1920 — entre outros, pelos intensos festejos do centenário, em 1924 —, e é compreensível que a imprensa também tenha reconquistado a importância que a caracterizara no período anterior. Essa situação talvez explique as diferenças de avaliação por parte de autores como Amstad e Philipp, mais Gehse, por um lado, pois escreveram num período em que a comunidade vivia um momento favorável, enquanto, na comparação, o livro de Willems foi publicado no imediato pós-Segunda Guerra Mundial, quando essa imprensa tinha sido proibida — choque do qual nunca mais se recuperou.

Jornais e revistas

Como os estudos sobre a imprensa de língua alemã no estado são limitados, seria temerário tentar equacionar as divergências da historiografia e emitir um juízo sobre sua real importância.[8] Aquilo que se pode fazer é apresentar alguns dados sobre sua história — chamando atenção para o fato de que Gehse afirmou que os números de exemplares editados, por exemplo, não são confiáveis, já que, em virtude da concorrência entre os vários órgãos, sua eventual ocultação ou manipulação fazia parte da estratégia mercadológica.[9]

Em levantamento — ainda que lacunar — feito anos atrás, elaborou-se uma lista com 142 títulos de jornais e revistas em língua alemã no estado, entre 1852 e 1941. Já que praticamente inexistem

7. Francisco Rüdiger, "Imprensa e esfera pública".

8. Tentativa de aprofundar esses estudos foi feita no XV Simpósio de História da Imigração e Colonização, na UNISINOS, São Leopoldo, em 2002, cujos resultados foram publicados em 2004 no livro *Imigração & imprensa*, organizado por Martin N. Dreher, Arthur Blásio Rambo e Marcos Justo Tramontini.

9. Gehse, *op. cit*.

estudos sobre a história e o conteúdo das revistas, não há como ir além de poucas observações gerais. Grande parte delas foi editada por associações, e se destinavam a um público específico (religioso, educacional, esportivo, cultural, econômico, sanitário, de gênero).

Alguns exemplos podem ilustrar essa diversidade: em 1910, foi fundada uma revista chamada *Antialcoólico* (*Alkoholgegner*); em 1923, *A ciência da cura natural* (*Die Naturheilkunde*); no ano de 1934 surgiu *Para a mulher* (*Für die Frau*); em 1916, havia surgido *Autoeducação* (*Selbsterziehung*), que hoje seria classificada como "alternativa" e refletia uma tendência não de todo desprezível na "cultura" da população de origem alemã no estado — basta recordar a presença significativa de descendentes no movimento ecologista.[10] Falando em "alternativo", cabe citar a revista *O livro alemão* (*Das deutsche Buch*), editada em 1937 como parte da luta de um grupo de anarquistas contra o nazismo.

Além de revistas com alcance mais restrito, houve outras que perduraram por muitos anos e influenciaram determinados grupos, com reflexos sobre o conjunto da sociedade imigrantista, a exemplo do movimento cooperativista agrícola, iniciado na virada do século XIX para o XX, que, de imediato, passou a publicar *Amigo do agricultor* (*Bauernfreund*), até 1912, quando ocorreu uma cisão no movimento. Uma das alas, sob liderança católica, em especial de jesuítas, fundou nova associação, que passou a editar, no mesmo ano, a revista *Folha São Paulo* (*Skt. Paulus-Blatt*), que continua a ser publicada em 2015.[11]

Da mesma forma, as duas associações de professores que atuaram nas regiões de colonização alemã editaram revistas de influência inequívoca sobre teorizações e práticas educacionais. A associação católica publicou, de 1899 a 1938, o *Jornal teuto-católico para professores* (*Deutsche katholische Lehrerzeitung*),

10. Algo semelhante vale para publicações dedicadas a esportes.

11. Samuel Klauck, *O apostolado da imprensa*: a revista *St. Paulus-Blatt* como instrumento de informação e catequese no Rio Grande do Sul (1912-1934).

enquanto a luterana publicou, de 1903 a 1938, o *Jornal geral para professores do Rio Grande do Sul* (*Allgemeine Lehrerzeitung für Rio Grande do Sul*).[12] De 1917 até 1938, a editora luterana Rotermund, de São Leopoldo, publicou a revista *O livro escolar* (*Das Schulbuch*), lida também por professores católicos.[13]

Passando para os jornais em língua alemã, poderia definir-se como balizas cronológicas agosto de 1852 e outubro de 1941. Na primeira data, surgiu *Der Colonist*, em Porto Alegre, que só sobreviveu até julho de 1853. Foi sucedido por *Einwanderer* [*Imigrante*], que, apesar de interrupções e trocas de editor, existiu até 1861. Por causa da precariedade dessas duas publicações, um marco mais incisivo para essa história é o surgimento da *Deutsche Zeitung*, neste mesmo ano de 1861, que inaugurou uma fase de maior regularidade desse tipo de publicação, pois foi editada, de forma ininterrupta, até 1917.

Como marco final, está outubro de 1941, quando a pressão "nacionalizadora" das autoridades brasileiras levou ao encerramento desse jornalismo, no Rio Grande do Sul. Depois da Segunda Guerra Mundial, ressurgiram apenas algumas "folhas" institucionais, de menor abrangência, ou sobreviveram aqueles jornais que adotaram o português, no contexto da crise do final da década de 1930. Os exemplos mais conhecidos foram *A Nação*, em Porto Alegre, *Gazeta do Sul*, em Santa Cruz do Sul, e *Correio Serrano*, em Ijuí — sucedâneos, respectivamente, de *Deutsches Volksblatt*, *Kolonie* e *Serra-Post*.

Em resumo, a história mais claramente definida desses jornais abrange os oitenta anos (1861 a 1941), já que a Primeira Guerra

12. Raquel Fritzen Dapper Vetromilla *et al*, "Livros didáticos na escola teuto-brasileira: discussão pedagógica em *Das Schulbuch* e *Lehrerzeitungen* (católico e evangélico)", 2008; e Isabel Cristina Arendt, *Educação, religião e identidade étnica*: o *Allgemeine Lehrerzeitung* e a escola evangélica alemã no Rio Grande do Sul. Mesmo que nos títulos aparecesse "jornal" (*Zeitung*), tratava-se de revistas.

13. Lúcio Kreutz, "*Das Schulbuch* (o livro escolar), 1917–1938: um periódico singular para o contexto de imprensa pedagógica no período", 2007.

trouxe apenas transtornos passageiros, e, mesmo que tenha feito algumas vítimas, outros puderam publicar edições em língua portuguesa, ressurgindo muito logo em sua língua original.

No decorrer desse tempo, apareceram jornais na maioria dos municípios típicos de colonização alemã, e até em localidades não identificadas como tais — a exemplo de Pelotas, onde foi publicado um de certa expressão (*Deutsche Wacht*, 1914–1917). Igual às revistas, existiram muitos pequenos jornais editados por instituições, com formato e conteúdo específicos. Diante desse quadro, aqui só se faz referência àqueles de maior expressão, e que podem ser classificados como jornais "políticos" — se, por essa expressão, se entenda órgãos que não se distinguiam, significativamente, na forma e no conteúdo, daqueles em língua portuguesa.

Não há dúvida de que o surgimento de uma imprensa em língua alemã no estado teve a ver com mercenários trazidos, em 1851, para enfrentar os vizinhos do Prata — os *brummers*, parte deles com experiência política, pois envolvidos na onda revolucionária europeia de 1848, além de um nível educacional superior ao da maioria dos alemães e descendentes aqui estabelecidos. Carlos Jansen, que, mais tarde, exerceria papel como literato, participou do *Einwanderer*, e dois colegas seus foram decisivos na fundação da *Deutsche Zeitung*, em 1861 (Frederico Hänsel e Guilherme ter Brüggen). Este jornal tomou rumo ascendente a partir de 1864, quando um *brummer sui generis* assumiu a direção, Carlos von Koseritz.[14] A importância destes três pode ser avaliada pelo fato de que se tornaram deputados provinciais, na década de 1880.

Grosso modo, pode-se dizer que o jornal passou por três fases: de 1861 a 1881, sob orientação *brummer*, significando que sua linha editorial era liberal, defensora dos interesses políticos, econômicos e culturais da população de origem alemã, além

14. Tiago Weizenmann, "'*Sou, como sabem...*': Karl von Koseritz e a imprensa em Porto Alegre no século XIX (1864–1890)".

de anticlerical. Em 1881, Koseritz abandonou a direção, e ele voltou a sofrer maior influência de Brüggen, fato que, porém, não significou o abandono dos ideais originários, mas uma mudança em relação ao papel da Alemanha para a população de origem alemã aqui estabelecida.[15] Em 1883, Arno Philipp assumiu a direção, e ficou até sua extinção, em 1917. Philipp era defensor da "germanidade", foi governista, tendo sido eleito deputado estadual em 1905 (função que ocupou até 1928). O anticlericalismo que caracterizara o jornal em sua primeira fase desapareceu, pois Philipp era um militante cristão-luterano.

Na crise de 1881, Koseritz fundou seu próprio jornal, a *Koseritz' Deutsche Zeitung*, para defender as formas de pensar e de agir desse intelectual que marcou a vida política, econômica, cultural e administrativa da província, durante toda a década. Do ponto de vista político, os esforços foram no sentido de conquistar espaço para a população de origem alemã, elegendo representantes à Assembleia Provincial. Do ponto de vista cultural, tentou difundir no Rio Grande do Sul formas de pensar em moda na Europa, como o evolucionismo. Do ponto de vista religioso, o maçom Koseritz continuou enfrentando o mundo clerical representado pelas confissões católica e luterana.

Tendo entrado em rota de colisão com os novos detentores do poder estadual após a Proclamação da República, morreu em 1890. Depois disso, o jornal adotou uma linha menos polêmica, tornando-se o mais destacado defensor do *status quo* da "colônia alemã" gaúcha, sem abandonar seu caráter laico, fato que, porém, incluía luteranos entre seus editores, com a consequente defesa

15. O Império Alemão fora criado em 1871. Em termos genéricos, pode-se dizer que todos partiam do pressuposto de que no Rio Grande do Sul vivia uma população significativa de origem alemã, a qual apresentava características culturais específicas que ela não perderia dentro de um futuro previsível. As divergências giravam em torno do seguinte ponto: se essa população deveria organizar-se e lutar por seus interesses, seus direitos exclusivamente dentro das instituições do Estado a que pertencia (Koseritz), ou se o Estado alemão deveria ser levado em conta como variável interveniente, nesse processo (Brüggen).

de seus interesses. Em 1905, o nome de Koseritz foi eliminado do título, vindo a denominar-se *Neue Deutsche Zeitung* [*Novo Jornal Alemão*]. Com o desaparecimento da *Deutsche Zeitung*, em 1917, passou a ser o jornal de maior destaque em língua alemã, no estado, durante as décadas de 1920 e 1930.

A atuação de Koseritz contribuiu para o surgimento de dois outros órgãos, ambos sob orientação religiosa, para contrapor-se ao ateísmo e ao anticlericalismo pregados por ele, em São Leopoldo, ainda que um deles, mais tarde, fosse transferido para Porto Alegre, onde foi editado por décadas, enquanto o outro permaneceu naquela cidade, até seu desaparecimento, em 1928.

A partir da metade do século XIX, jesuítas começaram a vir ao país, e, anos depois, outros foram expulsos da Alemanha, por Bismarck, fato que levou muitos a também migrar para o sul do Brasil, a ponto de as comunidades religiosas católicas das regiões de colonização alemã no Rio Grande do Sul terem sido atendidas quase exclusivamente por essa ordem, até 1930. E foi sob influência jesuíta que surgiu, em 1871, o *Deutsches Volksblatt* [*Folha Popular Alemã*], ainda que a direção fosse de um leigo — situação que se preservou por toda a sua existência, pois teve como editores e proprietários famílias católicas, com destaque para os Metzler, e sua Tipografia do Centro, uma potência editorial que atendeu à demanda por jornais, revistas, livros, folhetos da "colônia alemã" católica, até a Segunda Guerra Mundial.[16]

Mesmo que São Leopoldo tivesse tido dois jornais editados por luteranos, nas décadas de 1860–1870, foi a partir de 1881 que surgiu a *Deutsche Post* [*Correio Alemão*], criada por aquele que viria a ser a maior liderança luterana no estado, até a Primeira Guerra, fundador, em 1886, do Sínodo Rio-Grandense, que congregou a maioria dos luteranos gaúchos — Wilhelm

16. Sérgio Roberto Dillenburg, "*Deutsches Volksblatt*: a saga de um jornal". A designação "do Centro" tinha a ver com a situação na Alemanha, onde o "Partido do Centro" defendia a igreja católica e as demandas da população de confissão católica.

Rotermund.[17] Mais ou menos como aconteceu no campo católico, esse jornal era de uma empresa que se tornou uma potência editorial na produção e distribuição de impressos religiosos, escolares, e mesmo literários — a Editora Rotermund. Objetivo expresso do jornal era defender os interesses da população de origem alemã em geral, mas, sobretudo, os luteranos. Na década de 1920, enfrentou dificuldades econômicas, envolveu-se em polêmicas, e acabou empastelado, em 1928.[18]

Apesar de claramente comprometidos com instituições e grupos católicos e luteranos, deve-se destacar que tanto *Deutsches Volksblatt* quanto *Deutsche Post* eram "jornais políticos", no sentido aqui adotado, pois não se diferenciavam dos grandes jornais em língua portuguesa nem dos demais de língua alemã. Traziam notícias internacionais, nacionais, estaduais, locais, de caráter político, econômico, social, cultural, esportivo — ainda que, óbvio, podiam tratar de temas ou eventos religiosos —, mas não se tratava de "folhas religiosas".

Entre os "jornais políticos", cabe destacar ao menos mais três, dois do interior do estado e um da capital. Desde 1891, existiu em Santa Cruz do Sul a *Kolonie*, que sempre se apresentou como laica, fundada por uma elite maçônico-luterana, liderada pelo conhecido empresário e político Carlos Trein Filho, com o objetivo de defender os interesses dessa colônia, que se encontrava em ascensão econômica, na época, mas profundamente dividida entre republicanos e federalistas, católicos e luteranos.[19] E a partir de 1911, foi publicada em Ijuí a *Serra-Post*, que se proclamava "jornal teuto-brasileiro independente dos agricultores",

17. Martin N. Dreher, *Wilhelm Rotermund*: seu tempo — suas obras; René E. Gertz, *O aviador e o carroceiro*: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920.

18. A gráfica sobrevive até hoje, sendo conhecida pelas agendas que publica, mas também pela confecção de livros para editoras.

19. Cássio Fernando Filter. *Jornal Kolonie*: influência do Estado Novo na linha e no conteúdo; Greicy Weschenfelder, *A imprensa alemã no Rio Grande do Sul e o romance-folhetim*. Em função das profundas divisões internas, Santa Cruz do Sul foi a "colônia alemã" mais afetada pela Revolução Federalista (1893–1895).

tendo exercido importante papel nas assim chamadas "novas colônias" do noroeste do estado (Ijuí, Panambi, Santo Ângelo, Santa Rosa). Do ponto de vista editorial, também se dizia laica — seu fundador e proprietário era um judeu imigrado, que se convertera ao catolicismo, por ocasião de seu casamento.[20]

Dentre os jornais da capital, deve-se citar ainda o *Rio Grandenser Vaterland* [*Pátria Rio-Grandense*], que após a Primeira Guerra reapareceu com título reduzido à última palavra. Foi fundado por Ernesto Reinoldo Ludwig, em 1902. Tendo sido redator da *Koseritz' Deutsche Zeitung*, foi deputado constituinte estadual, em 1891, quando fundou o *Pionier* (1891–1897), com uma clara linha a favor dos federalistas. Mais tarde, Ludwig teria se aproximado de Júlio de Castilhos, mas em 1907 encontramos seu jornal fazendo propaganda para Fernando Abbott, candidato de oposição ao castilhismo-borgismo, para o governo do estado.[21] Por tudo isso, é possível que esse tenha sido o jornal mais claramente politizado, entre aqueles de língua alemã.

Há registros de que em 1880 se publicou, em Porto Alegre, um jornal chamado *Vorwärts* [*Avante*]. Certamente, foi uma tentativa de reprisar por aqui o jornal homônimo da social-democracia alemã, surgido em 1876. Mas como aconteceu no Brasil todo, essa orientação político-ideológica não conseguiu ganhar força, e o anarquismo ocupou seu lugar, entre operários e intelectuais. Em 1917, aportou em Porto Alegre o anarquista alemão Friedrich Kniestedt, que, em 1920, passou a editar um jornal que também possuía um antecedente homônimo na Alemanha — *Der freie Arbeiter* [*O Trabalhador Livre*]. Talvez este tenha sido o jornal anarquista que sobreviveu por mais tempo, no Brasil, pois só foi extinto em 1930. Apesar de anarquista, orientações "alternativas" ganharam algum espaço para manifestar-se neste órgão bimensal.[22]

20. Rosane Marcia Neumann, "*Correio Serrano*: órgão dos interesses regionais".
21. Gehse, *op. cit.*
22. René E. Gertz, "Um jornal anarquista em Porto Alegre".

Finalmente, alguns dados numéricos sobre esses jornais. Todos eles começaram de forma muito modesta, com uma folha dobrada, isto é, com apenas quatro páginas, tendo evoluído, no decorrer do tempo, para mais páginas. No início, nenhum deles era diário, mas nos anos 1920–1930 vários deles eram editados seis vezes por semana. Quanto ao tamanho, deve-se lembrar que não eram tabloides, mas sim de páginas grandes, e que começaram sem imagens, para terminar com algumas poucas, de forma que praticamente todo o espaço era ocupado por textos.

Naquilo que tange ao número de exemplares, não há estudos consistentes, de modo que aqui só se pode reproduzir os números apresentados por Gehse (referentes a 1928), ainda que ele mesmo tenha feito restrições a sua confiabilidade: *Deutsche Post* — 5 mil; *Deutsches Volksblatt* — 7.200; *Kolonie* — 3 mil; *Neue Deutsche Zeitung* — 16 mil; *Serra-Post* — 4 mil.[23] Isso daria um total de 35 mil, para presumíveis 500 mil habitantes de origem alemã, na época.

Almanaques

Uma terceira publicação periódica eram os almanaques, com uma função mais importante que os jornais na divulgação de uma "cultura letrada", pois iam além de notícias do cotidiano, trazendo poesias, crônicas, comentários políticos, sociais, religiosos, culturais, científicos. A maioria dos grandes jornais tinha seu almanaque, mas outras instituições também os produziam, podendo citar-se até laboratórios farmacêuticos, e teve boa repercussão um almanaque humorístico produzido por seminaristas

23. Gehse, *op. cit*. Segundo fontes de bastidores, *Deutsche Post* editaria, de fato, 1.800 exemplares diários, e 3 mil numa edição semanal. Outros jornais também tinham "edição semanal" (*Wochenausgabe*), uma seleção de notícias da semana (havia possibilidade de assinar apenas essa edição, e ela atingia um público maior, porque parte dela ia para o "interior"). Gertz, *op. cit*., p. 42.

em Arroio do Meio.[24] Os dois sínodos luteranos tinham seus almanaques, e instituições católicas publicaram vários títulos.

Diante desse quadro, só se pode fazer referência a alguns títulos mais duradouros, que divulgaram uma "cultura geral". Sem estabelecer hierarquias, não resta dúvida de que o *Kalender für die Deutschen in Brasilien* [*Almanaque para os Alemães no Brasil*] foi um dos mais destacados, publicado pela firma Rotermund, em São Leopoldo, com comprovados 30 mil exemplares, nas décadas de 1920–1930.[25] Com destaque comparável, aparece *Koseritz' deutscher Volkskalender für Brasilien* [*Almanaque Popular Alemão de Koseritz para o Brasil*]. Os dois eram tão populares que eram referidos por títulos abreviados — *Rotermund-Kalender* e *Koseritz-Kalender*, respectivamente. O jornal *Vaterland* também editou um substancioso *Volks-Kalender* [*Almanaque Popular*].

Além deles, merece referência o *Kalender der Serra-Post*, de Ijuí, ligado ao jornal local. E editados em Porto Alegre, não podem deixar de ser lembrados *Der Familienfreund* [*Amigo da Família*], que, publicado pelo *Volksverein* [*União Popular*], a referida instituição cooperativista-agrícola católica, não era um almanaque exclusivamente religioso. Além disso, destacou-se, por cerca de trinta anos (1885–1918), a publicação de uma instituição de grande relevância econômica, mas também cultural e comunicacional, a Associação dos Caixeiros-Viajantes, cujo *Musterreiter's neuer historischer Kalender* [*Novo Almanaque Histórico do Caixeiro-Viajante*] apresenta algumas peculiaridades significativas.

Conteúdo literário

Considerando como balizas cronológicas a fundação da *Deutsche Zeitung*, em 1861, por um lado, e a proibição da imprensa em

24. *Brummbär-Kalender* [*Almanaque-Resmungão*].

25. Era distribuído em todo o Brasil, mas o maior "consumo" acontecia no Rio Grande do Sul.

língua estrangeira, em 1941, por outro lado, temos oitenta anos com diversos tipos de órgãos em circulação. Isso torna impossível apresentar o conteúdo literário dessas publicações. Aquilo que se pode fazer é recorrer a algumas informações contidas em trabalhos já existentes, e arrolar alguns exemplos ilustrativos, tomados aleatoriamente.

É possível que a produção literária gaúcha de língua alemã em jornais e almanaques tenha sofrido alterações, no decorrer do tempo, naquilo que se refere à sua aproximação com a produção em língua portuguesa. Nesse sentido, independente da importância que *O patuá*, de Carlos Jansen, tenha, dentro do "cânone" da literatura gaúcha, é significativo que sua primeira publicação se deu em alemão, no *Koseritz-Kalender*, de 1879 (p. 33–114)[26]. Como Jansen, Koseritz fez parte do Partenon Literário, que congregou literatos regionais da segunda metade do século XIX. Em contrapartida, pode-se levantar a hipótese de que no final do período — décadas de 1920–1930 — essa relação entre literatos tenha mudado, sem que houvesse maior contato. Mas esta é apenas uma hipótese.

Dos dois meios de publicação referidos, os jornais apresentavam menor conteúdo literário, pois traziam, em especial, notícias sobre política, administração pública, economia, sociedade, e mesmo esportes, mas não tinham seções culturais. No entanto, como os jornais em língua portuguesa[27], quase todos eles publicavam um folhetim — situação que se observa até no citado jornal anarquista *Der freie Arbeiter*[28].

26. O título está em português, e um rodapé o traduz para "*das Amulet*". No texto, rodapés explicam e traduzem expressões em português. No ano anterior, fora publicado "O voluntário da pátria", também de Jansen.

27. Antonio Hohlfeldt, *Deus escreve direito por linhas tortas*: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900.

28. Neste jornal, apareceram histórias com títulos como "O açougue humano", "O hospício", "Libussa, o cavalo do imperador", em capítulos que ocupavam página inteira. Mas tratava-se da transcrição de textos originalmente publicados na Alemanha.

Nesse sentido, na edição de 12 de fevereiro de 1862 da *Deutsche Zeitung*, 40% da primeira página, 55% da segunda e 30% da terceira estavam ocupados por uma história intitulada "Os jurados e seu juiz", de Cevin Schücking, um autor alemão. No mesmo jornal, dez anos depois (10 de fevereiro de 1872), 40% da primeira, 30% da segunda e 20% da terceira páginas estiveram ocupados por um folhetim intitulado *O tambor de Wörth*: romance histórico da guerra franco-alemã de 1870, de um autor alemão chamado Karl Tornow.[29]

Esses são exemplos tomados a esmo, que não podem ser vistos como representativos de uma tendência. Aparentemente, existe apenas um estudo específico sobre folhetins em jornais de língua alemã no Rio Grande do Sul — aqueles publicados em *Kolonie*, de Santa Cruz do Sul.[30] A autora, porém, escolheu só oito para análise (de 1891, 1900, 1930, 1938, 1939), de forma que não se trata de seleção representativa para os cinquenta anos em que o jornal circulou. Assim como os exemplos aleatórios antes citados, das oito histórias selecionadas, metade está ambientada na Europa, e foi escrita por europeus. A outra metade, em tese, se refere ao Brasil — *Um natal* se passa na "colônia alemã"; o título *Uma viagem a Santa Cruz do Sul* esclarece o tema; *Os tesouros de Santa Rosa* apresenta romance ambientado na região platina, com um branco e uma indígena como personagens centrais; e o título *Apenas uma moça-colona* também aponta para um conteúdo regional. Quanto à autoria, não há indicação sobre quem escreveu a primeira história; a segunda é do viajante europeu Avé-Lallemant; a terceira é de L. Beck-Bernard[31]; e a quarta, provavelmente, foi escrita por Th[erese] St[utzer], esposa de um pastor alemão que atuou em Santa Catarina.[32] Consciente

29. Gertz, *op. cit*., 2004.

30. Weschenfelder, *op. cit*.

31. Deve tratar-se de Lina Beck-Bernard, escritora europeia que viveu na Argentina.

32. Giralda Seyferth, "A ideia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade".

do caráter incipiente dos estudos, e da baixa representatividade dos exemplos arrolados, esses dados *sugerem* que os folhetins em jornais não refletem uma produção literária regional significativa.

A situação é diferente nos almanaques. Esses, por si só, apresentavam um caráter mais literário, pois sua própria periodicidade (anual) exigia que publicassem textos mais "duradouros", que, muitas vezes, se prestavam para leituras coletivas, em família, ao longo do ano. Mesmo que também sobre a prosa neles divulgada os levantamentos ainda sejam escassos, há estudos sobre a produção poética nos almanaques.[33]

Tem-se destacado a tendência "germanista" da produção literária de origem alemã — que ela estaria centrada na exaltação de imigrantes e descendentes, na defesa da manutenção de suas características genéticas e culturais, incluindo eventuais manifestações desabonadoras em relação às populações "autóctones"[34] —, com que o senso comum costuma imaginar que essa produção seja, por si só, pouco brasileira, mas esta não é toda a verdade. Imgart Grützmann cita um texto de Ernest Niemeyer sobre "literatura dos teutos", de 1917, em que ele diz que os poetas dos antepassados [os da Alemanha] "cantam para outro povo, eles não nos conhecem nem nossa terra", "nossa alma precisa de uma poesia própria".[35]

De fato, nos 575 poemas analisados pela autora, de 1874 a 1941, são abordados temas variados, que — independentemente

33. Imgart Grützmann, *Onde o sabiá canta e a palmeira farfalha*: a poesia em língua alemã publicada nos anuários (1874–1941) sul-rio-grandenses; Imgart Grützmann, *A mágica flor azul*: a canção em língua alemã e o germanismo no Rio Grande do Sul. Em 1995, editou-se um texto sobre a memória a respeito da Revolução Federalista (1893–1895), cujas fontes são, basicamente, relatos "reais" e ficcionais sobre esse acontecimento publicados em almanaques de língua alemã. René E. Gertz, "A memória da guerra civil de 1893 nas regiões de colonização alemã".

34. Grützmann, *op. cit* e Seyferth, *op. cit*.

35. Grützmann, *op cit*. Niemeyer — também assinava "Erny" — nasceu em Santa Catarina, tendo trabalhado em vários estados brasileiros, viveu em Porto Alegre, Rio Grande e São José do Norte. Os dados sobre autores apresentados de agora em diante foram buscados no anexo II da obra referida no início desta nota, p. 210-223.

da qualidade literária — denotam enraizamento local e regional: o Brasil, o Rio Grande do Sul, a natureza, o colono, o professor, habitantes naturais, festas e comemorações etc. Alguns poucos exemplos podem servir de ilustração. "Onde o Dois Irmãos nos saúda, (olhando) do norte para nós, / o Quilombo e o Sapucaia resplandecentes nos induziam ao descanso / [...] / ali é minha pátria, meu torrão rio-grandense".[36] "No alto céu claro e límpido, / brilha o Cruzeiro do Sul, / convida-me a meditar, / símbolo meu da paz".[37] "Mesmo que a política desuna o mundo, / colocando tudo de pernas para o ar, / e cada um dos partidos do estado / brigue ferozmente com o outro, / o caixeiro-viajante, onde ele pode, / é constante e fiel ao vendeiro".[38] "Amo os prados, os pampas, / amo o inverno, o calor do sol. / [...] / Denomina-se 'confiança' o belo laço / que une os homens na Campanha. / [...] / Perto do céu, longe das preocupações, / assim vagueio pela vida, esta é minha sina".[39]

Ainda poderiam ser citados outros poetas que atuaram no Rio Grande do Sul, como Otto Fenselau, com um poema "À margem do Guaíba" (1903); Carlos Kirsch, que foi professor em Pelotas, com um poema chamado "Encanto de primavera" (1923); Ludwig Kruse, também professor, em São Leopoldo, com poesias como "Brasil" ou "Diante do Cruzeiro do Sul" (ambas de 1926); Karl Naschold, que viveu no interior e na capital, tendo produzido poemas como "O *kerb* na colônia" (1898); Karl Heinrich Oberacker (sênior), pastor na região de Pelotas, com "A primavera chegou" (1921); Wilhelm Georg Süffert, veio como pastor, para São Leopoldo, mas transferiu-se, depois, para

36. *Ibid*. Essa poesia (de 1934) se intitula "Canção ao torrão rio-grandense", de Clara Sauer, alemã que veio ao Brasil com pouco mais de 20 anos, e viveu o restante de sua vida no Vale do Rio dos Sinos.

37. *Ibid*. "Cruzeiro", poesia de 1906, de Wilhelm Wustrow, alemão emigrado para São Lourenço do Sul, com pouco mais de 30 anos.

38. *Ibid*. Poesia de 1901, sob o título "A classe do caixeiro-viajante", por Cyclop [Alfredo Wiedemann], que veio a Porto Alegre com 18 anos, e morreu ali, com mais de 50 anos.

39. *Ibid*. Poesia do citado Ernest Niemeyer, de 1924, com o título "Canção do gaúcho".

Santa Cruz do Sul, onde foi diretor de escola, participou da administração municipal, transferindo-se, mais tarde, para Porto Alegre, onde foi jornalista, autor de poesias como "Sofrimentos e alegrias de um professor" (1892) e de um volume de poesias intitulado *Viver e agir no Rio Grande do Sul* (1902).

Desconhecendo-se estudos sistemáticos sobre a prosa gaúcha de língua alemã publicada nos almanaques, fez-se, aqui, uma tentativa de apontar para alguns poucos textos, numa busca em alguns dos principias órgãos do gênero, nos anos de 1900, 1910, 1920 e 1930.[40] No *Almanaque-Koseritz* de 1900, foram encontrados os seguintes títulos: "Balduin Bitz — flashes da vida de F.", história ambientada em "Santa Isabel", sem indicação de autor; "O grande diamante — acontecimento da vida da colônia", de Emil Schlabitz, alemão que, depois de passar pelos Estados Unidos, se estabeleceu no Vale do Taquari, colaborador assíduo da imprensa da capital; "O escavador de tesouros de São Miguel — uma lenda das Missões", de Carl Schüler, engenheiro alemão que atuou no estado a partir de 1890. No mesmo almanaque de 1910, apareceram dois textos de Wilhelm Wustrow, "Um pato" e "Uma prova", este em formato de peça de teatro, ambos classificados como humorísticos. Em 1921 — em função da guerra, não houve edição de 1920 —, apareceu "Quando eu ainda era professor...", de autor identificado com A. B., e em 1930, não foram identificados textos ficcionais ou memorialísticos, tendo sido encontradas apenas duas reportagens, uma sobre Santa Cruz do Sul, outra sobre Nova Petrópolis.

O *Almanaque-Rotermund* publicou, em 1900, "Do diário de um professor da floresta", de Alfred Funke, que atuou como pastor e professor no estado. Em 1910, foram publicados "O assalto", sem indicação de autor, episódio da "colônia"; "O médico-feiticeiro ou A Lotte enfeitiçada", cujo autor foi Walter

40. Esse levantamento é provisório, significando que podem ter sido publicados outros, que não foram identificados como tais.

Schmitt-Bornagins, de quem se desconhecem dados, mas a história está ambientada na "Picada dos Palmitos"; "Judiado até morrer", texto ficcional sobre a Revolução Federalista, sem indicação de autor. Na edição de 1920, há, no mínimo, dois textos literários, mas ambientados em outros estados brasileiros, e de autores não ligados ao Rio Grande do Sul. Finalmente, em 1930, Arno Philipp rememorou, em texto relativamente longo (dezoito páginas), os dez anos da morte do poeta-caixeiro-viajante Alfredo Wiedemann; e o pastor Hellmut Culmann, que atuou no Vale do Sinos, publicou a história intitulada "O caminho de Luiz Ringeisen para a felicidade".

No almanaque de 1901 editado pela associação dos caixeiros viajantes[41], o citado Otto Fenselau publicou uma longa história sobre "Os procuradores de esmeraldas de São Paulo", ambientada no século XVII; de autor não nominado há "Memórias de um velho caixeiro-viajante". Em 1910, apareceu "Pelo trem ou A porca enfeitiçada" ("relato da vida colonial rio-grandense"), de Arthur Spindler, autor sem referências; e de Augusto Kunert, pastor no Vale do Caí, "Flashes das colônias alemãs do Rio Grande do Sul".

A primeira edição do almanaque da *Serra-Post*, de Ijuí, só surgiu em 1922. Nela, encontramos — de Wilhelm Wustrow — "As crianças petrificadas — uma lenda do espírito curupira das florestas brasileiras"; de H. Eger "A primeira geada"; e de C. Ebenau "Uma história de contrabandistas", que se desenrola no Rio Uruguai[42]. Na edição de 1930, Wustrow publicou uma história infantil intitulada "Belinha"; A. Friedrich Lorenzen, de Ijuí, "O casamento de Pedro Stackels"; e Frieda Zieschank, "A noiva do chacareiro".[43]

E mesmo em *Der Familienfreund*, almanaque de cunho religioso, encontramos em sua primeira edição, de 1912, uma

41. Não foi encontrada a edição de 1900. Ele só foi publicado até 1918.
42. Não foi possível obter informações sobre estes dois últimos autores.
43. Também não há informações destes dois autores.

história de F. B. chamada "A vingança", "história da vida da colônia"; em 1920, foi publicada "Salvo pelo sacrifício", "uma história despretensiosa das colônias alemãs do Brasil"; e em 1930 apareceu "Desmascarado", de A. H., mais "Tendência malévola — tragédia", "história intimidadora para esclarecer jovens e adultos", do conhecido padre Mathias Gansweidt.

Iniciou-se este capítulo apontando para um dilema enfrentado pelo diretor-executivo de uma editora ao questionar se poderiam ser consideradas "pensamento gaúcho" ideias expressas em uma língua que não fosse o português. Certamente, muitas pessoas enfrentarão a mesma dúvida em relação a uma produção literária em outra língua. Mesmo que este possa ser um dilema, sobre o qual não há, neste final de capítulo, espaço para uma resposta mais elaborada, cabe lembrar que, no passado, ela influenciou, sim, contingentes de gaúchos, influência que talvez sobreviva no subconsciente de muitos de seus descendentes.

Referências

AMSTAD, Theodor (Org.). *Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Ed. da UNISINOS, 1999.

ARENDT, Isabel Cristina. *Educação, religião e identidade étnica*: o *Allgemeine Lehrerzeitung* e a escola evangélica alemã no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Oikos, 2008.

DILLENBURG, Sérgio Roberto. *Deutsches Volksblatt:* a saga de um jornal. *Estudos Leopoldenses*, São Leopoldo, v. 29, n. 133, p. 55-69, 1993.

DREHER, Martin N. (Ed.). *Hermann Gottlieb Dohms*: textos escolhidos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

DREHER, Martin Norberto; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo (Org.). *Imigração & imprensa*. Porto Alegre: EST, 2004.

DREHER, Martin N. *Wilhelm Rotermund*: seu tempo — suas obras. São Leopoldo: OIKOS, 2014.

FILTER, Cássio Fernando. *Jornal Kolonie*: influência do Estado Novo na linha e no conteúdo. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2003.

GEHSE, Hans. *Die deutsche Presse in Brasilien von 1852 bis zur Gegenwart*: ein Beitrag zur Geschichte und zum Aufgabenkreis auslanddeutschen Zeitungswesens. Münster: Aschendorfsche Verlagsbuchhandlung, 1931.

GERTZ, René E. Um jornal anarquista em Porto Alegre. *Veritas*, Porto Alegre, n. 140, p. 606-617, 1990.

GERTZ, René E. A memória da guerra civil de 1893 nas regiões de colonização alemã. *In*: RAMBO, Arthur Blásio; FÉLIX, Loiva Otero (Org.). *A Revolução Federalista e os teuto-brasileiros*. São Leopoldo: Ed. da UNISINOS; Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1995, p. 97-113.

GERTZ, René E. *O aviador e o carroceiro*: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

GERTZ, René E. Imprensa e imigração alemã. *In*: DREHER, Martin Norberto; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo (Org.). *Imigração & imprensa*. Porto Alegre: EST, 2004, p. 100-122.

GRÜTZMANN, Imgart. *Onde o sabiá canta e a palmeira farfalha*: a poesia em língua alemã publicada nos anuários (1874–1941) sul-rio-grandenses. 1991. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1991.

GRÜTZMANN, Imgart. *A mágica flor azul*: a canção em língua alemã e o germanismo no Rio Grande do Sul. 1999. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

HOHLFELDT, Antonio. *Deus escreve direito por linhas tortas*: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

KLAUCK, Samuel. *O apostolado da imprensa*: a revista *St. Paulus-Blatt* como instrumento de informação e catequese no Rio Grande

do Sul (1912–1934). 2009. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

KREUTZ, Lúcio. *Das Schulbuch* (o livro escolar), 1917–1938: um periódico singular para o contexto de imprensa pedagógica no período. *História da Educação*, Porto Alegre, v. 11, n. 23, p. 193-215, 2007.

NEUMANN, Rosane Marcia. *Correio Serrano*: órgão dos interesses regionais. *In*: DREHER, Martin Norberto; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo (Org.). *Imigração & imprensa*. Porto Alegre: EST, 2004, p. 190-209.

RÜDIGER, Francisco R. Imprensa e esfera pública. *In*: FISCHER, Luís Augusto; GERTZ, René E. (Org.). *Nós, os teuto-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1996, p. 131-137.

SEYFERTH, Giralda. A ideia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 10, n. 22, p. 149-197, 2004.

VETROMILLA, Raquel Fritzen Dapper *et al*. Livros didáticos na escola teuto-brasileira: discussão pedagógica em *Das Schulbuch* e *Lehrerzeitungen* (católico e evangélico). *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISADORES DA HISTÓRIA DAS COMUNIDADES TEUTO-BRASILEIRAS, IX, São Vendelino, 2008. *Anais* [...]. São Leopoldo: Oikos, 2008. 1 CD-ROM.

WEIZENMANN, Tiago. *"Sou, como sabem..."*: Karl von Koseritz e a imprensa em Porto Alegre no século XIX (1864–1890). 2015. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

WESCHENFELDER, Greicy. *A imprensa alemã no Rio Grande do Sul e o romance-folhetim*. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1946.

Márcia Lopes Duarte

2.4
O Simbolismo

Tal é a natureza da vivência que Baudelaire pretendeu elevar à categoria de verdadeira experiência. Ele determinou o preço que é preciso pagar para adquirir a sensação do moderno: a desintegração da aura na vivência do choque.[1]

O movimento simbolista, cujo eixo fundamental é o sentimento de decadência propiciado pelo momento que separa duas eras (romântica *versus* moderna), foi, como salienta João Pinto da Silva (2013), uma das influências mais frutíferas para a literatura escrita no Rio Grande do Sul. No que tange à literatura brasileira, o movimento teve uma atuação bastante periférica, sendo que os autores mais reconhecidos do período foram o catarinense Cruz e Sousa e o mineiro Alphonsus de Guimaraens. Os autores gaúchos, também oriundos de uma literatura periférica, tiveram, então, destaque na produção simbolista brasileira, por força talvez da necessidade de contraponto em relação à fixidez do modelo parnasiano, tão ao gosto do eixo central da literatura no Brasil. Caracterizada como uma literatura da margem, a matriz sul-rio-grandense apropriou-se dos preceitos estéticos

1. Walter Benjamin, *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*, p. 145.

dos simbolistas franceses e deu a eles uma roupagem alegórica peculiar, ampliando-os, inclusive, para outros tempos.[2]

Segundo Arnold Hauser,

> Em certos aspectos, o Simbolismo pode ser considerado a reação contra toda a poesia anterior, descobre algo que nunca se conhecera antes ou nunca fora enfatizado: a *poésie pure* — a poesia que nasce do espírito irracional, não conceptual da linguagem, o oposto de toda a interpretação lógica. Para o Simbolismo, a poesia é tão somente a expressão desses relacionamentos e correspondências que a linguagem, entregue a si mesma, cria entre o concreto e o abstrato, o material e o ideal, e entre as diferentes esferas dos sentidos.[3]

Centrado no fundamento estético primordial que prescinde da racionalidade, o texto simbolista constitui-se como uma esfinge que, por força de ser indecifrável, se alimenta de sua própria essência, num ciclo infinito de significação. A força que move o símbolo, como bem salienta Walter Benjamin (1994) sobre a obra de Baudelaire, é o choque, resultante da incapacidade de ressignificar um mundo que se desintegrava, se rompia e se preparava para a experiência única da modernidade. O Simbolismo é, portanto, o momento antes da queda, momento em que os poetas se viram sem norte, sem cordas que os suspendessem no abismo, e foi preciso que eles se reinventassem, a partir de si mesmos.

Diz-nos Massaud Moisés, em livro já icônico sobre o referido período na literatura brasileira, que "o Simbolismo é antes de tudo literatura".[4] Ou seja, é o registro literário aquele que, por um lado, melhor representa a atitude simbolista e, por outro, mais sofreu sua influência estética. A literatura, a partir do Simbolismo, modificou-se de modo irreversível, uma

2. Há poetas de gerações posteriores que seguiram expandindo o repertório simbolista, como, por exemplo, Reynaldo Moura e Mario Quintana.

3. Arnold Hauser, *História social da arte e da literatura*, p. 923-924.

4. Massaud Moisés, *A literatura brasileira*: o Simbolismo, p. 29.

vez que o próprio cerne do fazer poético, o trabalho simbólico, foi reestruturado a partir de então, com foco na concepção de que o símbolo tem significação em si mesmo e prescinde das interpretações baseadas em modelos lógico-racionais.

No Brasil, entretanto, esta mudança operou-se de forma menos visível, mais esparsa, por força das características secundárias do movimento em relação ao ideal real/naturalista/parnasiano, força motriz da literatura no final do século XIX e início do século XX. A preocupação excessiva com a realidade circundante ou com apuro da linguagem, como salienta Alfredo Bosi (1994), moldou essa geração de escritores, deixando em segundo plano o ideário simbolista, tanto no que se refere à perspectiva da transfiguração, presente na poesia de Cruz e Sousa, como àquelas mais obscurantistas, que se propuseram a tratar da temática da morte e da aniquilação do sujeito.

Na contramão deste cenário, um pouco tardiamente, talvez, surge, no Rio Grande do Sul, a partir de 1902, uma geração profícua de poetas simbolistas, como salienta Luís Augusto Fischer (2004). Essa geração tem como elemento norteador (e paradoxal) a indiferença com relação aos mitos fundadores do gauchismo, principalmente àqueles centrados na vida rural, em detrimento da vida urbana que se expandia na época. Contemporâneos e conterrâneos de autores extremamente marcados pela alusão ao mítico herói do Pampa, o *gaúcho*, os poetas simbolistas sul-rio-grandenses não pareciam ser tocados pela mesma musa e se preocuparam, antes, com as questões intrínsecas da existência, mais metafísicas e menos pragmáticas (quiçá programáticas) que as questões da identidade concreta.

O Simbolismo brasileiro — cujas características, por um lado, permitem observar a concordância com os modelos europeus, principalmente oriundos da França e de Portugal, e por outro apontam para algo novo, alicerçado nas tendências estéticas locais, que se pautam mais pelo realismo que pelo pendor

metafísico e idealista — foi marcado, portanto, pelo momento ímpar de sua assimilação em território nacional e por uma descentralização pouco comum nas letras brasileiras. E é a partir destes fatores que podemos apontar as principais linhas de força que constituíram o movimento tanto no Brasil como no Rio Grande do Sul.

Cabe destacar, então, que por força de sua inserção em solo no qual já se haviam implantado outras, e mais profícuas, escolas literárias, o Simbolismo brasileiro prescindiu de uma desconstrução efetiva das demais modas literárias de sua época. Conviveu, portanto, com as demais, sem alterar-lhes, de modo objetivo, as feições estéticas. Ou seja, foi coadjuvante em uma realidade na qual, apesar de sua precisa caracterização, era considerado modelo menos significativo.

Na contrapartida desta situação, em solo sul-rio-grandense, o movimento se caracterizou por fazer despontar as vozes de poetas singulares, que constituíram um grupo coeso, cujo reflexo pode ser observado inclusive nos momentos estéticos posteriores, como o Modernismo, por exemplo. O Simbolismo dos autores gaúchos, ao representar os anseios de uma intelectualidade urbana nascente, que floresceu nos circuitos culturais da capital do estado, surgiu como uma possibilidade de novas tendências, num local cujas principais preocupações, mesmo as estéticas, estavam voltadas à consolidação de um modelo histórico baseado na afirmação do mundo agropastoril e na exaltação dos sujeitos que o constituíam.

Ficou evidente para estes jovens poetas urbanos, desde o início, que a possibilidade de se afiliar a um novo modo de fazer poesia, tanto no que concerne à forma, como no que se refere aos temas, seria uma maneira de reorganizar o cabedal simbólico da literatura do Rio Grande do Sul. Assim, ao inserirem na produção literária local temas universais como a morte, o amor impossível, as agonias do homem moderno, a melancolia, o sonho, o

desespero, os poetas sul-rio-grandenses do início do século XX iniciaram um novo matiz nas obras locais, apropriando-se de conceitos transplantados, mas dando a estes uma roupagem metafórica condizente com sua própria condição de excluídos.

Para bem avaliar a obra dos autores da geração simbolista do Rio Grande do Sul, é necessário compreender o momento no qual estes autores iniciam sua produção, bem como a gestação intelectual do momento. O início do século XX, na cidade de Porto Alegre, é marcado pela forte presença de grupos de intelectuais que gravitavam em torno dos locais nos quais era difundida a cultura sulina e mundial, como a Livraria do Globo e os jornais *Correio do Povo* e *Folha da Manhã*. Tais grupos, entre os quais aquele que congrega os autores aqui apresentados, se caracterizam por realizar um profundo debate sobre as questões referentes aos eventos mundiais e seu reflexo na provinciana Porto Alegre.

O grupo em questão, formado por jovens intelectuais cuja influência europeia é evidente, busca diferenciar-se do padrão hegemônico local, ainda alicerçado no estilo romântico. Para tal, os poetas elegem a forma como possibilidade expressiva de sua inadaptação ao modelo de sociedade vigente. Em consonância a isso, situam como sustentação para sua poesia o invólucro inebriante do símbolo. Assim composta, a obra destes autores alia o trabalho formal meticuloso à construção de imagens que se constituem como visões, alucinações, embriaguez, diafaneidade.

Marcelo Gama, Felippe D'Oliveira, Eduardo Guimaraens e Alceu Wamosy podem ser considerados os autores que melhor personificaram tal grupo, e é a partir da obra de cada um deles que se vai aqui abordar o Simbolismo no Rio Grande do Sul. Pode-se apontar, por critérios de cronologia e, até mesmo, de filiação estética, alguns outros autores, como Zeferino Brazil, Homero Prates e Álvaro Moreyra (que depois obteve maior destaque como cronista e dramaturgo, já na seara do Modernismo), que flertaram com o legado simbolista dos poetas europeus.

Parece-nos, entretanto, que os quatro autores citados acima possibilitam uma visão panorâmica mais significativa, a fim de explicitar o que representou o Simbolismo em terra gaúcha.

Cabe ressaltar, ainda que se tenha optado pela ordem cronológica na apresentação de cada um dos autores a seguir e que haja diversidade de produção e alcance das obras aqui abordadas, que os críticos e estudiosos são quase que unânimes em referenciar a obra de Eduardo Guimaraens como aquela que melhor representa o escopo simbolista no Rio Grande do Sul:

> Desse grupo, foi o último [Eduardo Guimaraens] o que maior atividade desenvolveu na propagação dos ideais simbolistas. A sua carreira literária, iniciada muito cedo, bifurca-se em dois livros que exprimem os dois momentos da penetração da escola no Rio Grande: no primeiro, o *Caminho da vida*, que o poeta considerou depois como inexistente, era o Simbolismo coado através de autores lusitanos; no segundo, *Divina quimera*, expande-se, em projeções diretas, a influência dos *leaders* da seita.[5]

Ainda assim, coube a Marcelo Gama ser o primeiro autor gaúcho a produzir uma obra considerada simbolista, *Via Sacra*, 1902. E a Alceu Wamosy, perpetrar, por força de sua morte em uma batalha da Revolução de 1923, uma mitologia muito propícia ao cabedal simbólico do movimento. Além disso, também Felippe D'Oliveira, autor que se consagrou no Modernismo, teve a obra mais plural do movimento aqui abordado. Feitas as devidas ressalvas, pode-se proceder à análise específica de obras e autores, na ordem crescente de seu ano de nascimento.

Marcelo Gama (pseudônimo de Possidônio Cezimbra Machado) nasceu em 1878 e faleceu em 1915, em um inusitado acidente de bonde na cidade do Rio de Janeiro. Seu pendor para

5. João Pinto da Silva, *História literária do Rio Grande do Sul*, p. 177. A primeira edição do livro *História literária do Rio Grande do Sul* é de 1924, portanto, Eduardo Guimaraens, falecido em 1928, ainda produzia sua obra.

a boemia talvez justifique o fato de sua obra ser abordada como mais irônica que metafísica ou idealista. Tendo publicado, em 1902, o volume *Via Sacra*, é considerado iniciador do ideário simbolista em terras gaúchas. Destaca-se, em sua produção, como aponta Andrade Muricy (1987), a presença do *humour*, traço pouco característico do Simbolismo brasileiro.

O poema "Eu", cuja construção reflete a tentativa de dar conta da trajetória do sujeito lírico, é um exemplo evidente da propriedade que o poeta tem de dar um tom irônico/jocoso à sua produção:

> Sou feio se não mente o juízo dos espelhos,
> nem é falsa a expressão do que olha para mim!
> Também, onde habitar, senão num corpo assim,
> esta alma que me põe sangrentos os joelhos?
>
> Porque eu vou me ferindo entre abrolhos e cardos,
> que tal é, neste mundo, o fadário dos bardos![6]

Já neste início pode-se observar a perspectiva corrosiva que anima o poeta, ao desnudar-se, mostrando seu lado menos aprazível. Além disso, pode-se visualizar, também, sua representação como "bardo" ou poeta.

> Já sem brilho e sem luz, já de um verde apagado,
> os meus olhos vêm tudo através de atro véu.
> Se eu tivesse, ao nascer, volvido-os para o céu,
> Talvez fossem azuis e melhor o seu fado...
>
> Porém, mal os abri, refleti-os no mar,
> e eis que verdes os tenho e exaustos de chorar.

No trecho em questão, se percebem traços significativos da estética simbolista. A presença da cor verde, como indicativo de melancolia, o reflexo das águas do mar, que representaram

6. Todos os poemas de Marcelo Gama citados a seguir foram retirados de *Via Sacra e outros poemas* (1944).

o momento inicial da vida do poeta, e a construção imagética pautada por pares opositivos, no caso, mar *versus* céu.

> Meu barco naufragou em alto mar... Sem norte,
> esperanças perdi de receber socorro...
> E debato-me, e luto, e bem vejo que morro...
> Que pavor me produz esta ideia de morte!
>
> Uma vela!... Esperança!... É, talvez, mais um sonho
> dos muitos que afaguei e de que me envergonho.

Os versos finais do poema permitem observar a junção entre a forma expressiva, *tour de force* do movimento simbolista, e a construção simbólica das imagens. O uso de exclamações e reticências, que espessam a tessitura do texto, aliam-se ao momento simbólico da morte, ao mesmo tempo desejado e temido pelo poeta.

O tema da morte, aliás, é o mote de um longo poema de Marcelo Gama, denominado "Rua da Azenha", no qual o poeta apresenta ao leitor toda a caracterização de uma vizinhança na qual se encontra um cemitério:

> Lá, naquele casebre, habita o "Zé Coveiro",
> arquiteto da morte. Além, é um taberneiro
> que faz muito negócio em dias de finados.
>
> E ali estão a morrer, tristes, desenganados,
> um valetudinário e uma filha ainda nova,
> mas tísica... Aqui estão mais próximos da cova.

Aqui apresenta-se, de forma clara, outro elemento característico da obra do autor: a representação de cenas cotidianas e comuns, elevadas à temática da construção poética. Assim, a figura do coveiro ("arquiteto da morte") e das demais figuras que povoam a rua, são representadas de forma a compor, em sua insignificância, a visualização trágica da morte e de tudo que a constitui.

— Os tons quentes de luz que o sol, morrendo, espalma,
e a sombria expressão, parada, dos ciprestes...
e ali, no Partenon, a capelinha branca
como este que, em meu peito, a minha dor estanca
na funda adoração a uma Nossa Senhora
e ao anjo que ela embala; e os efeitos de agora,
vendo a noite a estender crepe no céu sem nuvem
e sobre o ciprestal, como almas que enviúvem...
e esse esforço em subir a ladeira empoeirada,
para chegar ao nada!

Menos prosaica e construída a partir da reverberação de várias imagens sobrepostas, a estrofe derradeira do poema remete à concepção estética vigente, exagerando na fusão das peculiaridades paisagísticas em consonância com as representações imagéticas da morte. Aqui apresenta-se, também, a dissonância das perspectivas, visto que, ao final, é forçoso subir a ladeira íngreme que leva ao nada.

Ainda que menos expressiva, a temática amorosa também fez parte do repertório de Marcelo Gama. Em sintonia com sua inadequação social, a idealização da mulher, inatingível por força de sua elevação (social, espiritual) ou nem sequer cobiçada, é o elemento que tece o poema "Mulheres":

Pela simples razão de eu ser viril e poeta
que celebra, encantado, eternas bodas,
olho as mulheres todas
com o mais impertinente interesse de esteta.

Por isso, às três da tarde e às vezes antes,
desconhecido entre desconhecidos,
levo para a Avenida uns ares importantes
e afinado o quinteto dos sentidos.

Aqui se pode entrever novamente o tom anedótico da poesia de Marcelo Gama. Ao referir-se às mulheres, tema principal do poema, o eu-lírico se coloca como um observador, que está mais

preocupado com a perspectiva da construção do poema, que efetivamente com a consolidação do enlace amoroso, visto que sai à Avenida como um esteta, com os cinco sentidos aguçados. O apelo aos sentidos, aliás, já bem demonstra o referencial simbolista do autor, pois é através deles que a realidade se nos desvenda.

> Vejo-lhe a carne rósea sobre a meia
> que é de uma transparência de cambraia...
> Imagino-lhe um rosto de madona...
> Tão sinergicamente ela impressiona,
> que apuro o passo... Alcanço-a... Fito-a... É feia!

Exemplo contundente da verve irônica do autor, o trecho acima delineia-se como um idílio amoroso, que acaba suspenso, uma vez que o objeto de desejo, a mulher que desperta, ao longe, a sinergia, congregação dos sentidos, acaba por revelar-se feia e, portanto, incapaz de realizar as fantasias do poeta. Entretanto, o autor não despreza de todo as mulheres sem atrativos, afirma em outro poema, "Feia":

> E é por seres assim que eu te quero assim tanto,
> com este amor tão limpo e tão sem egoísmo,
> pois logo a sujaria o meu sensualismo,
> se animasse essa carne algum sopro de encanto.

Exalta, assim, a pureza do amor que não se vale das intenções da carne e da consumação mundana.

> Isso é quando, num vórtice a saudade
> me envolve e arrasta
> para junto da que é a inconfundível, ínscia
> do exasperado anseio da vaidade...
> a que acalanta os meus lamentos...
> a vitoriosa na postura casta
> das místicas madonas do quinhentos...
>
> aquela que ficou lá na minha província...

De novo em "Mulheres", depois de realizar seu passeio simbólico, observando as mais diversas mulheres urbanas, o poeta acaba por exaltar aquela que ficou lá na província como a única digna de seu apreço, ainda que inatingível, por questões espaço-temporais, mas provavelmente também morais, visto que, no passeio, o eu-lírico nos deixa entrever suas próprias qualidades e defeitos, estes últimos incondizentes com a figura cândida da amada provinciana.

Ao nos apresentar uma visão das questões cotidianas, mesclada a uma idealização das imagens simbólicas, com acento no tom jocoso, Gama se coloca como um poeta singular no panorama da literatura sul-rio-grandense.

Felippe D'Oliveira nasceu em 1890 e faleceu em 1933, num acidente automobilístico nos arredores de Paris. Dentre os simbolistas gaúchos, foi aquele que produziu a obra cujo espectro abrange temáticas mais amplas, ainda que nos interesse efetivamente a análise de seu primeiro livro, *Vida extinta*, marcadamente simbolista, ou, como afirma Rodrigo Otávio Filho, penumbrista.[7]

Nas décadas iniciais do século XX, alguns escritores oriundos de outros estados fundam, no Rio de Janeiro, uma revista que foi essencial para consolidar a transição entre o Simbolismo e o Modernismo no Brasil. Coube à revista *Fon-Fon* perpetuar o legado simbolista que já se esvaía e projetar as bases do movimento modernista ao qual alguns destes autores vieram a se filiar depois. Conforme aponta Massaud Moisés:

> Em 1908, aparece a revista *Fon-Fon*, dirigida por Mário Pederneiras, na qual colaboram Hermes Pontes, Álvaro Moreyra, Felippe D'Oliveira, Eduardo Guimaraens e outros. E graças a ela, o Simbolismo renasce mais uma vez, com o impulso próprio das erupções epigonais: seus neo-aderentes assimilam a lição dos mestres simbolistas e decadentes, brasileiros e alienígenas, e levam-na ao limite

7. Rodrigo Otávio Filho, "Sincretismo e transição: o penumbrismo", p. 541-592.

> do exagero. Mais realistas que o rei... E com isso, já iam manifestando sinais de mudança rumo ao Modernismo, de que alguns podem ser considerados legítimos precursores.[8]

A transição penumbrista pode ser observada na obra de Felippe D'Oliveira: os versos de seu primeiro livro se apresentam num viés pessimista ante os fatos da vida, desencadeado pela desilusão e inadaptação ao mundo, num tom às vezes mórbido. Em sintonia com o tom decadente do movimento estético simbolista europeu, os penumbristas locais colocam-se como engrenagens inoperantes num processo cujo intuito é a busca constante da revitalização.

> Eu hoje estou com as crises de Cesário...
> Abafo ímpetos bruscos, esquisitos...
> O meu temperamento tumultuário
> É um desconchavo doido de ais e gritos.[9]

No poema "Desafinamentos", a própria menção ao poeta português Cesário Verde já demonstra claramente a preocupação do autor em definir-se como herdeiro de um legado estético amargo, visto que o léxico é preferencialmente composto de indicações negativas — "crises", "ímpetos", "esquisito", "tumultuário" — que compõem o cenário de um lamento, não de um idílio. A ligação com a tradição se dá pelo viés da negatividade, e, portanto, do pessimismo. Do mesmo modo, nos versos a seguir, numa referência ao pintor romântico espanhol Francisco de Goya:

> Da minha cara de caricatura,
> foi-se a ironia acídula, vermelha...
> E o espelho, a refleti-la, parda, escura,
> a uma tela de Goya se assemelha.

Além deste viés penumbrista, também as imagens, construídas através de elementos sinestésicos, remetem claramente à estética

8. Moisés, *op. cit.*, p. 66.

9. Todos os poemas de Felippe D'Oliveira citados a seguir foram retirados de Lígia Militz da Costa, *Felippe D'Oliveira* (1989).

simbolista. A ironia caricata e ácida do eu-lírico se concretiza nos violentos matizes do *rojo* dos quadros impactantes de Goya. E, especularmente, os reflexos distorcidos, às avessas, se consolidam nos matizes escuros, opacos.

> Por isso, desde que tu vieste, e insistes
> numas carícias que me fazem mal,
> rogo que percas os teus ares tristes
> e que desculpes o meu tom brutal.
>
> Deixa que, tonta, esta cabeça louca
> em infrene histeria se conflagre:
> os beijos acres, que me dás, a boca
> sorve-os como se fossem de vinagre...

Para finalizar o poema, cujo mote é o descompasso, o eu-lírico aborda este outro, marcado pela segunda pessoa, que não expressa nenhum bem, apenas acentua a negatividade já apontada nas primeiras estrofes. Perseguindo o espelho, que já fora apresentado anteriormente, o par amoroso, se é que podemos vislumbrar romance nessa parceria, se constitui como o avesso das consumações românticas. O outro é triste, enquanto o eu é brutal. As carícias fazem mal e os beijos têm o sabor ácido do vinagre. Em consonância com o teor inicial do poema e sua adesão ao ideário negativo, o desfecho também se estrutura a partir da incapacidade do eu-lírico de se sentir pleno, completo. O poeta penumbrista, em acordo com a tradição pessimista, se fecha sobre si mesmo e se exclui do outro, por conta de sua incapacidade de adaptação à realidade.

O poema "História leal dos meus amores" acompanha a trajetória amorosa do eu-lírico e delineia o ideal feminino por ele construído. As imagens novamente estão alicerçadas no embate entre a realidade e a percepção de mundo distorcida que impregna a visão do poeta:

Eu tive a iniciação para a alegria
num templo primitivo de paisagem,
em que, num fundo aberto de baía,
da argila das montanhas, emergia
a forma azul de um ídolo selvagem.

A perspectiva inicial do poema remete a uma construção imagética inusitada, visto que é anunciado, no título do poema, que se trata da história dos amores do eu-lírico, equiparada por ele a uma peregrinação religiosa. O sujeito lírico parte de um templo incrustrado em uma bela paisagem em busca de sua realização amorosa, cuja forma é um ídolo selvagem.

A vida, então, logo me deu meu fado,
— meus maus desígnios e meus bons misteres —
e, no decurso desse tempo andado,
os homens quase todos tenho odiado
e tenho amado todas as mulheres.

Ao longo do percurso, o poeta se depara com seu destino, que tem por base, novamente, a dualidade. Não há um traçado claro e objetivo para atingir seu objetivo, uma vez que os caminhos são permeados por agouros e, por mais que o eu-lírico esteja convicto de suas potencialidades, a inspiração tende a lhe pregar peças.

E ao fim de tanto anseio, ao fim de tanto
intenso desvairar, de intensa febre,
tu me mandaste este teu vulto santo,
que eu não celebro em versos neste canto,
por não haver um ritmo que o celebre.

A curva não modela, a linha, esquiva,
não esboça, e não canta o plectro raro
teu nervoso perfil de sensitiva,
como apanhar não pode uma objetiva
o infinito de um céu lúcido e claro...

A estrada amorosa trilhada pelo poeta culmina na figura santificada da mulher inacessível, que não pode ser capturada nem mesmo pela palavra, visto que sua perfeição seria maculada pela construção imagética impura perpetrada pelo poeta mundano. A mulher ideal é, portanto, aquela que se transfigura e se perde, por força da incapacidade do eu-lírico de lhe dar uma forma poética adequada.

A análise da poesia simbolista de Felippe D'Oliveira permite vislumbrar traços daquilo que se transformaria, em seu segundo livro, *Lanterna verde*, no cabedal modernista de sua obra. Nesses poemas iniciais, pode-se já antever o cerne do ideário modernista que vai ser desenvolvido posteriormente.

Eduardo Guimaraens nasceu em 1892 e morreu em 1928. Ele é, dentre os simbolistas do Rio Grande do Sul, aquele que, como já se observou, é considerado o autor que melhor soube aproveitar o legado dos poetas europeus. O grande destaque da obra de Guimaraens é, para além da qualidade estética de seus poemas, a erudição e o empenho com que soube assimilar a tradição cultural de sua época, em paragens bastante longínquas, para um autor nascido no sul do Brasil. Assinala Guilhermino Cesar:

> De qualquer modo, temos nele um grande poeta, que só não é lembrado, aqui, todos os dias, porque a nossa cultura ainda não nos permite. Somos uns bárbaros. Eduardo Guimaraens, flor de cultura e civilização, plana acima, muito acima de nossas debilidades mentais gloriosamente imperantes.[10]

Tal peculiaridade fez da obra do poeta gaúcho, *A divina quimera*, publicada em 1916, um referencial para os estudos do Simbolismo no Brasil. Fortemente inspirado em Dante, de cuja obra foi tradutor, Guimaraens centra sua obra na figura de uma musa inspiradora, que o conduz pelos caminhos da poesia. No que se refere ao ideário simbolista, a poesia de Baudelaire e D'Annunzio

10. Guilhermino Cesar, *Notícia do Rio Grande*: literatura, p. 128.

foi o eixo a partir do qual o poeta gaúcho se constituiu como vate do símbolo no Brasil.

> Pelo divino horror de um desespero eterno
> e pelo ardor febril a que a alma nos conduz,
> florindo para o azul, irrompendo do inferno,
> Dante evoca um abismo onde há lírios de luz.[11]

No poema denominado "Dante" podemos observar o apreço do poeta gaúcho pela obra do autor italiano, cuja marca, segundo o texto, é a peculiaridade de tornar infernal aquilo que um dia fora divino. O poeta da *Divina comédia* serve como guia para que Guimaraens adentre o mundo das sombras, ideal estético dos simbolistas tardios.

> Cada verso revela um fundo imenso de erma
> tristeza em que uma voz alucinada clama:
> e ora, inútil recorda a asa de uma águia enferma,
> ora a ascensão brutal de uma língua de chama.
>
> Dá-me, agora, o terror de uma visão que assombra.
> Torvo, Ugolino sofre a sua fome atroz;
> tem Virgílio a expressão sagrada de uma Sombra;
> uiva um blasfemo! E a selva é lúgubre e feroz.

E, para além do vate italiano, eternizado nos umbrais do Inferno, está o poeta latino Virgílio, que também servira de guia àquele, como a Sombra crucial que move todos os poetas, na busca da quimera empreendida pelo autor do Rio Grande do Sul.

> Dante! — Quero-o, porém, mais doloroso e terno,
> mais humano, a compor, torturado e feliz,
> sob a angústia mortal do seu secreto inferno,
> uma canção de amor em louvor de Beatriz!

11. Todos os poemas de Eduardo Guimaraens citados a seguir foram retirados de *A divina quimera* (1944).

E, finalizando o poema, o eu-lírico aproxima-se ainda mais do poeta italiano, chamando-o para compor um último verso de louvor à amada, num tom mais humano e, portanto, mais metafórico, talvez como forma de apresentar ao público seu próprio inferno interior. Na figura da musa, a cujo apelo é impossível resistir, o poeta simbolista recria as perspectivas sombrias da existência, congregando Paraíso e Inferno num mesmo registro, visto que o amor é o que move e, ao mesmo tempo, imobiliza o indivíduo.

O poema "Na solidão do parque abandonado" apresenta alguns dos elementos mais produtivos do ideário simbolista, entre eles as paisagens decrépitas, que relembram um passado mais auspicioso. No parque em questão, os demais componentes da natureza, a água, o vento, congregam-se para compor o cenário da desilusão do eu-lírico.

> Na solidão do parque abandonado,
> chora, abraçado às árvores, o vento.
> Ouve-se da água o trêmulo lamento
> sobre as conchas de mármore gelado.

A construção de tal paisagem se dá pela negatividade, pelos presságios, os murmúrios de músicas já desgastadas, que retornem, com o propósito de uma última esperança. Aquilo que foi vivido no parque, hoje apenas reverbera nos recantos em que houve movimentação. E a lua, companheira profética dos poetas simbolistas, termina por compor o cenário obscuro da paisagem atual.

> Que estranha insônia acorda o mal pressago,
> vem despertar o antigo pesadelo?
> Pudesse a lua, ao menos, compreendê-lo!
> Perde-se, ao longe, o último acorde vago
>
> Sobre as conchas de mármore, gelado,
> não se ouve mais o trêmulo lamento.
> Queda-se a lua. Silencia o vento.
> Dorme, sombrio, o parque do Passado.

O parque, que representava alegria, ruído, êxtase, no passado, agora dorme e é representado no pesadelo do futuro. A imagem é alegórica, pontua a decrepitude que sucede o momento idílico, tanto no que se refere ao amor, como no que representa as várias fases da vida do sujeito. Dentre as figuras características do Simbolismo europeu, a ruína tem papel significativo, pois, como foi apontado desde o início deste capítulo, ela é o ponto crucial para a recriação das estruturas abaladas pelo choque.

O soneto "Espelho encantado" representa a visão amorosa do autor, consolidada em uma imagem que é bastante significativa aos poetas simbolistas: a imagem ideal, distorcida pelo espelho. O tema do espelhamento como impossibilidade de atingir o ápice amoroso é recorrente na poesia universal, mas é ainda mais contundente, quando se trata das imagens ao avesso dos adoradores do símbolo.

> Meu coração é como um espelho encantado.
> Guardo-o: estampada nele a tua imagem presa;
> e, ante o êxtase do meu olhar maravilhado,
> ah! Nada iguala a tua indizível beleza!

De dentro do espelho, a imagem da amada parece irretocável aos olhos do eu-lírico. Ele a preservou do tempo e dos dissabores do mundo no espelho de sua alma, que reflete, desse modo, uma imagem idealizada da mulher. A ânsia de perpetuar tal imagem, leva o poeta a considerar o espelho como uma dádiva, um presente divino, que mantem para sempre a figura irretocável da musa que o inspira.

> Mas, a tornar mais belo o teu perfil amado
> e dando-te a mais doce e angelical pureza,
> haloa-te a Bondade, ao resplendor velado
> dessa auréola castanha em raios de ouro acesa.

Guardada, assim, por um encantamento, no espelho idealizador do eu-lírico, a figura da amada também atinge um patamar

divino. Fundindo-se à forma divinal do espelho, eleva-se a mulher a um padrão que, ao mesmo tempo, engrandece o poeta, por ser ela a sua inspiração, mas apequena-o, por fazer dele um simples mortal, que não pode aspirar a uma tal divindade. O espelho do eu-lírico, então, é seu próprio castigo, uma vez que eleva sua amada, mas o "mas" instaura para sempre a impossibilidade da realização amorosa.

> Guardo-te assim comigo, ao fundo desse espelho.
> Oh toda Boa e toda Linda! E em vão se escoa,
> ao pé de mim, o tempo... Olho-te sempre, e ainda!
>
> E nada sei do mundo em que oras e ajoelho!
> — Sei apenas que a vida é boa, porque és boa.
> Sei apenas que a vida é linda, porque és linda.

Por força de guardar eternamente a figura idealizada da mulher amada, o espelho reflete-se na própria realidade do poeta, transformando-a. Assim, como a amada é elevada a uma categoria superior, também a vida do poeta passa a ter um significado mais elevado, por força desta imagem preservada pelo espelho, que acaba se multiplicando ao seu redor.

Coube ao poeta Eduardo Guimaraens dar voz aos anseios viscerais da poesia do Sul do Brasil de modo a realizar, em sua obra, uma efetiva ruptura com as imagens cristalizadas do espaço e do tempo em que viveu. O eu-lírico de seus poemas não foi o sulista clássico, detentor do passado heroico forjado nas guerras; foi, antes, o poeta condutor, aquele que reitera o legado dos séculos, abençoado pela musa eterna das noites de insônia. Inserido na tradição da poesia imagética e conflitante que remonta a tempos imemoriais, o poeta gaúcho fugiu de seu próprio tempo, de seu próprio chão, buscando quimeras inacessíveis, mas não menos representativas de uma determinada visão do mundo. A partir de sua posição provinciana, Guimaraens conseguiu constituir, como

poucos poetas brasileiros, um viés original dentro da tradição da, por vezes, desgastada poesia gaúcha.

Alceu Wamosy nasceu em 1895 e morreu em 1923, em um episódio da revolução interna entre as facções políticas do Rio Grande do Sul. O poeta guarda muitas semelhanças com a geração ultrarromântica, seja por sua morte heroica, seja por sua vida breve. Entretanto, de modo diverso àqueles poetas, Wamosy compôs uma obra na qual predominam os questionamentos acerca da inserção do indivíduo na sociedade, por força da necessidade de rupturas, tanto no que se refere à tradição literária, como no que tange ao comportamento do escritor.

Em consonância com as posturas simbolistas dos autores europeus, Alceu Wamosy recria em ambiente provinciano os anseios vivenciados pelos poetas decadentes franceses, como no soneto abaixo, cujo título é "Claude Debussy", do livro *Coroa de sonho*:

> Chove cinza do céu. Todo o rosal ajoelha,
> balbuciando uma suave oração de perfume.
> Não há, no firmamento, uma sombra vermelha:
> — Tudo é ausente de cor — tudo é viúvo de lume.
>
> A tristeza do instante em teus olhos se espelha,
> minha estranha Quimera, ó sacrossanto Nume
> que acendeste em meu sonho a radiosa centelha
> na qual todo o esplendor deste amor se resume...
>
> Sob a chuva do espaço o jardim adormece.
> E, sobre nós os dois, como um mistério, desce
> a carícia da tarde, essa divina viúva.
>
> Andam lábios errando, invisíveis, no ambiente;
> e, morrendo de amor, dentro da luz morrente,
> os nossos corações são Jardins sob a Chuva...[12]

12. Todos os poemas de Alceu Wamosy citados a seguir foram retirados de *Poesias completas* (1925).

O primeiro ponto a ser observado, neste poema, diz respeito à forma fixa do soneto, tão ao gosto de outro grande poeta simbolista brasileiro, Cruz e Sousa. Entretanto, se a forma é fixa, não o são as construções imagéticas acopladas pelo poeta ao tecido desta mesma forma. Do mesmo modo que Cruz e Sousa, Alceu Wamosy parte da rigidez do texto estruturado para a fluidez das metáforas, dando sonoridade, já apontada no título, ao andamento dos versos. A reverberação da chuva, no texto, conduz a um ápice no qual o espaço concreto, as ações concretas se transformam em melodias.

Outro elemento sinestésico do poema é a alusão às cores, cujos matizes, esfumaçados pela chuva, do mesmo modo que o barulho da chuva abafa os rumores, apenas se delineiam ao olhar dos amantes, na tarde que espelha a paisagem e também se esvai lentamente. Nessa "tarde viúva", em um espaço também viúvo, a realização das paixões não pode ser efusiva, pois é necessário estar de acordo com o momento, no qual tudo precisa ser lento e suave.

O poema "Eu e o outono", do mesmo livro, retoma outro dos temas recorrentes do Simbolismo europeu, a concepção de que o outono, com seus sobretons, é a estação que mais se aproxima do estado de alma do poeta. Aliada a este tema, está, provavelmente, uma visão do outono gaúcho, cujo apelo simbólico é evidenciado pela paisagem do parque, escolhida pelo poeta para emoldurar seu encontro com o outono e, portanto, consigo mesmo:

> Quando, a primeira vez, eu encontrei o outono,
> num fim de tarde triste, em um parque fanado,
> o céu resplandecia em ouro, como um trono.
>
> Andava pelo espaço um silêncio encantado,
> magnífico, oriental, mágico, deslumbrante,
> como se fosse a voz calada do passado.

Percebe-se, também, neste poema, novamente a menção à tarde, momento no qual a melancolia toma conta do espaço e dos indivíduos, numa espécie de abraço simbólico, aconchegado pelo silêncio.

> Nessa divina tarde
> o outono me cobriu todo de uma redoma...
> E eu, desde aí, reflito o outono, eternamente,
> como um espelho ideal que um sonho guarde.

A partir deste primeiro encontro, o eu-lírico se coloca como um paladino do outono, fazendo-o reverberar pelo espaço e pelo tempo. Cabe ressaltar, aqui, o interessante paradoxo que este texto anuncia, visto que o outono é considerado, metaforicamente, o momento da vida que antecede a velhice, ou seja, o inverno. Entretanto, coube a um poeta cuja vida foi extremamente breve aliar-se a uma imagem outonal de existência. Seria, talvez, mais condizente, Wamosy ter cantado *As primaveras*, como fez Casimiro de Abreu, no entanto sua filiação simbolista aproximou-o do espectro outonal da meia-idade.

O poema mais conhecido de Alceu Wamosy, "Duas almas", aproxima-o de um ícone da poesia brasileira, o parnasiano Olavo Bilac, pois o tema do texto lembra bastante um famoso poema de Bilac, "*Nel mezzo del camin*":

> Ó tu, que vens de longe, ó tu, que vens cansada,
> entra, e, sob este teto encontrarás carinho:
> Eu nunca fui amado, e vivo tão sozinho,
> vives sozinha sempre, e nunca foste amada...
>
> A neve anda a branquear, lividamente, a estrada,
> e a minha alcova tem a tepidez de um ninho.
> Entra, ao menos até que as curvas do caminho
> se banhem no esplendor nascente da alvorada.
>
> E amanhã, quando a luz do sol dourar, radiosa,
> essa estrada sem fim, deserta, imensa e nua,
> podes partir de novo, ó nômade formosa!

Já não serei tão só, nem irás tão sozinha:
Há de ficar comigo uma saudade tua...
Hás de levar contigo uma saudade minha...

O tema do desencontro amoroso, muito caro aos poetas clássicos, é revivido por Wamosy. O eu-lírico encontra aquela que seria sua grande paixão, mas deixa que ela siga seu caminho, levando consigo a imagem imaculada dele. Considerando-se que se trata, também, de um soneto, pode-se antever neste poema a perfeita harmonia entre conteúdo e forma, tão ao gosto dos parnasianos, o que talvez tenha colaborado para o sucesso de público do texto.

A poesia de Alceu Wamosy, como destaca Moisés (1973), estrutura-se com base nas situações tangíveis, no mundo em que o poeta viveu, talvez pela brevidade de sua vida, que o impeliu para uma realidade mais acentuadamente concreta. Sua obra é marcada pelo tom melancólico dos simbolistas, mas, por vezes, o viés clássico se acentua, por força das fronteiras tênues entre os movimentos estéticos no Brasil.

Como se pode observar a partir da análise empreendida, a vertente simbolista que se perpetuou no Rio Grande do Sul foi, além de produtiva, visto que há uma série de poetas a ela filiados, bastante original e marcadamente destacada da tradição poética gaúcha, cujo modelo desde a origem esteve ligado às figuras heroicas locais. A obra dos autores acima citados constitui-se, desse modo, como uma sombra, acompanhando, sorrateiramente, o legado da tradição heroica, mas sobressaindo-se, bem ao gosto simbolista, no que se refere ao componente estético.

Referências

AGUIAR, Vera Teixeira de. *Marcelo Gama*. Porto Alegre: IEL, 1989.

BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira*: seguida de uma antologia. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994. Obras escolhidas III.

BERNARDI, Mansueto. *Eduardo Guimaraens e Alceu Wamosy*. Porto Alegre: EST; Sulina, 1980.
BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
CESAR, Guilhermino. *Notícia do Rio Grande*: literatura. Porto Alegre: IEL; UFRGS, 1994.
CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1956.
COSTA, Lígia Militz da. *Felippe D'Oliveira*. Porto Alegre: IEL, 1989.
FILIPOUSKI, Ana Mariza. *Alceu Wamosy*. Porto Alegre: IEL, 1989.
FISCHER, Luís Augusto. *Literatura gaúcha*: história, formação e atualidade. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.
FISCHER, Luís Augusto. *Um passado pela frente*: poesia gaúcha ontem e hoje. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1992.
GAMA, Marcelo. *Via Sacra e outros poemas*. Rio de Janeiro: Sociedade Felippe D'Oliveira, 1944.
GUIMARAENS, Eduardo. A *divina quimera*. Porto Alegre: Globo, 1944.
HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira*: o Simbolismo. São Paulo: Cultrix, 1973.
MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 1987. 2 v.
OTÁVIO FILHO, Rodrigo. Sincretismo e transição: o penumbrismo. *In*: COUTINHO, Afrânio (Org.). *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: EDUFF, 1986, p. 541-592. v. 4.
RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Poesia simbolista*: antologia. São Paulo: Melhoramentos, 1965.
SCHÜLER, Donaldo. *Eduardo Guimaraens*. Porto Alegre: IEL, 1990.
SILVA, João Pinto da. *História literária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: IEL; CORAG, 2013.
WAMOSY, Alceu. *Poesias completas*. Porto Alegre: Globo, 1925.
ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
ZILBERMAN, Regina. *Roteiro de uma literatura singular*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1992.

Camilo Mattar Raabe
Regina Kohlrausch

2.5

Narradores sulinos entre 1910 e 1920

A maioria dos escritores e das escritoras da década de 1910–1920 tiveram sua estreia literária no final do século XIX ou início do século XX.[1] Desse conjunto, a seleção que aqui se destaca[2], tomando como referência as publicações de conto e romance da década mencionada, compõe-se dos seguintes nomes e respectivas obras: a) Aquiles Porto Alegre, membro fundador da Sociedade Partenon Literário, publicou *Contos e perfis* (1910); b) Roque Callage, membro da Academia Rio-Grandense de Letras, publicou *Escombros* (1910), *Terra gaúcha: cenas da vida rio-grandense* (1914), *Terra natal*[3] (1920) e *Crônicas e contos* (1920); c) Custódio Carlos de Araújo Cavaco, pseudônimo Carlos Cavaco, reconhecido como jornalista, professor, poeta, romancista, dramaturgo, publicou *Estela* (1911), *Nas sombras do cárcere* (1913) e *Lama* (1916); d) Pedro de Castro do Canto e Melo, reconhecido como jornalista, advogado, poeta e romancista, publicou *Mana Silvéria* (1913), *Relíquias da memória* (1914) e *Recordações*

1. Tomou-se como referência *História literária do Rio Grande do Sul*, de João Pinto da Silva; *História da literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*, de Guilhermino Cesar; *Notas de bibliografia sul-rio-grandense*: autores, de Pedro Villas-Bôas; *Dicionário bibliográfico gaúcho*, de Pedro Leite Villas-Bôas; *Literatura gaúcha*: temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul, de Regina Zilberman; *A literatura no Rio Grande do Sul*, de Regina Zilberman; *A literatura no Rio Grande do Sul*: aspectos temáticos e estéticos, de Luiz Marobin, entre outros.

2. Salienta-se que Alcides Maya, João Fontoura e Amaro Juvenal não constam neste capítulo porque fazem parte de outro capítulo.

3. Não incluída na análise.

(1920); e) Breno Silveira de Arruda, reconhecido como jornalista e advogado, publicou *Águas de primavera* (1918)[4]; f) Andradina América de Andrade e Oliveira, reconhecida como líder feminista, jornalista, conferencista, dramaturga, biógrafa, contista e romancista, publicou *O perdão* (1910) e *Divórcio?* (1912); g) Revocata Heloísa de Melo, reconhecida como poeta, jornalista, contista, dramaturga, publicou, com sua irmã Julieta de Melo Monteiro, professora, jornalista, poeta e contista, *Berilos* (1911).[5]

Nosso olhar, partindo dessa seleção, objetiva, primeiro, situar o leitor acerca do enredo e das temáticas abordadas nas narrativas escolhidas e, segundo, destacar alguns pontos comuns e/ou divergentes entre os textos analisados. Convém esclarecer que não se trata de um estudo exaustivo, mas de apontamentos com vistas a oportunizar, numa perspectiva histórica, uma percepção da produção literária do período. Além das obras em prosa indicadas, os escritores citados acima já tinham publicado e seguiram publicando obras em verso, prosa e dramas, e atuavam, antes e depois da década aqui considerada, em periódicos e também como profissionais em setores públicos e privados.

Aquiles Porto Alegre exerceu cargos como funcionário público e paralelamente foi professor; como jornalista, colaborou com a *Revista Mensal* da Sociedade Partenon Literário, dirigiu o *Jornal do Comércio*, *O Mosquito*, *A Escola* e *A Notícia*, todos em Porto Alegre, e foi membro da Academia Rio-Grandense de Letras. Roque Callage, como jornalista, trabalhou na redação de *O*

4. Livro de contos não localizado para leitura. Mesmo assim optou-se pela manutenção da referência ao autor para futuras pesquisas que possam completar o panorama da década entre 1910 e 1920.

5. Convém explicar ou justificar ausências como, por exemplo, Zeferino Brazil, que, além de poeta, cronista, dramaturgo, foi romancista. Seus dois romances, *Juca, o letrado* (estudo da psicologia mórbida), de 1900, e *O meio* (psicofisiologia do alcoolismo), de 1922, estão fora do escopo deste estudo. Mesmo assim, pode-se afirmar que em termos de enredo, espaço e tempo, os dois romances estão em sintonia com as obras aqui tratadas, já que ambos se passam no centro urbano, na cidade de Porto Alegre, e tudo que envolve essa urbanidade, tendo como protagonistas sujeitos em busca de um assunto para produção de seus romances, situados na última década do século XIX.

Combatente e *O Estado* e foi fundador e diretor das revistas *O Boêmio* e *O Estudante*, todos em Santa Maria, sua cidade natal; em São Gabriel, foi diretor do *Diário da Tarde* e de *A Tribuna*, e foi redator de *O Bico da Chaleira* e *O Comércio*; no Rio de Janeiro foi funcionário da Biblioteca Nacional; em Porto Alegre foi redator do *Correio do Povo* e do *Diário de Notícias*, entre outros, e foi membro do IHGRS. Custódio Carlos de Araújo Cavaco formou-se bacharel pela Faculdade de Direito de Porto Alegre; foi funcionário do Arquivo Público de Porto Alegre; como jornalista, foi redator da *Gazeta do Comércio* e do *Correio do Povo*, fundador e diretor da revista *Pampa* e do *Eco Americano*, e redator-chefe de *A Vanguarda*, todos em Porto Alegre; atuou também como auxiliar da Imprensa Nacional no Rio de Janeiro. Pedro de Castro do Canto e Melo, como jornalista, atuou como redator do *Diário Oficial*, do *Diário Popular* e de *A Luta*, todos de São Paulo, onde também foi secretário do Serviço Social Sanitário e do Governo Provincial de São Paulo.

Quanto à produção literária, toma-se como ponto inicial *Contos e perfis*, de Aquiles Porto Alegre. Essa obra conforma-se em duas seções, uma de vinte e cinco contos e a outra de doze perfis.[6] Os contos, variando a narração entre a primeira e terceira pessoa, apesar de denotarem características românticas, englobam um panorama da vida privada e do espaço urbano de Porto Alegre no início do século XX, que poucas vezes é contrastado com a vida no campo, então mais idílica. Nas esferas sociais mais altas, histórias de amores impossíveis e traições são recorrentes, com críticas ao descompasso entre o amor e os bens materiais, entre a pureza e tranquilidade das paisagens do campo e o furor

6. Personagens históricas são rememoradas e biografadas, na maior parte necrológios por ocasião do falecimento; muitos deles, antigos associados ao Partenon Literário, como Damasceno Vieira e Luciana de Abreu. Nesses casos, são desenvolvidas narrativas mais próximas do trabalho do historiador, na linguagem mais objetiva do jornalismo, porém com certo caráter pedagógico, sendo a vida das pessoas descritas como modelos a serem seguidos.

e "perversão" da cidade. A questão da pobreza é ilustrada, como no desamparo de Pepa, em conto homônimo, após a morte do pai na Guerra do Paraguai; em "O encontro", quando uma jovem leva uma menina mendicante para sua mãe cuidá-la; e em "A embaixada", na pobreza em que uma estudante se encontrava, que sensibiliza seu professor.

Escombros, de Roque Callage, dedicado à "memória do grande mestre Euclides da Cunha", indica em seu título tratar das ruínas humanas e do espaço de sua época, ao que o autor acrescenta: "Justifica-se nele uma impressão d'alma, sinceramente desdobrada ao tocante sugestivo das coisas — e nada mais". De minuciosa e poética descrição dos ambientes e da psicologia de tipos de sua terra natal, fundindo-se simbolicamente um ao outro, a obra é dividida em duas partes: "Alma gaúcha" e "Sombras".

A primeira, composta de quatro contos, apresenta o ambiente rural, a vida árdua do homem do campo em busca da sobrevivência, assombrado pelos acontecimentos da Revolução de 1893, como o gaúcho Izidro em "Através do Pampa"; a decrepitude do campo e das pessoas representados pelas taperas em ruínas em consonância, como em "Duas existências" e "Entre ruínas"; assim como os costumes e crenças populares, em "Em festa". A segunda parte apresenta uma série de "Sombras" humanas, as quais têm como espaço o meio urbano em transformação, onde ocorre a degradação de seus personagens, ilustrando a vida nas fábricas na cidade, veículos em meio a carroças. Pode-se citar o drama da prostituição e o alcoolismo da velha china Domingas, o vício do jogo e suas instabilidades (porém tentador, para aliviar problemas financeiros), como em "Contraste vivo", ou ainda um trovador que vai parar, ensandecido por amor, em um hospício, porém não deixando sua viola sem cordas, assim como figuras indiferentes ao mundo, absortos em numa aura romântica e, até mesmo, fantástica.

Soando como causos contados por terceiros, a obra busca expressar a crise existencial e material em que se encontram os personagens, do campo e da cidade, numa fusão entre espaço interior e exterior, com aguçado tino psicológico, sob o signo da morte, do ocaso, do tempo que deixa em escombros taperas e pessoas. Enquanto a primeira parte da obra anuncia a vertente regionalista que o autor seguiria, porém ainda em uma linguagem mais próxima do erudito do que do homem do campo, a segunda anuncia uma vertente que seria desenvolvida nas atividades do cronista de "A cidade", mas ainda impregnada de uma estética simbolista, vertente forte no Rio Grande do Sul no começo do século XX.

Callage, em *Terra gaúcha: cenas da vida rio-grandense*, composto por quinze contos, novamente homenageia Euclides da Cunha com a epígrafe de abertura do livro. Nos contos, o foco está na decadência do campo em meio às mudanças velozes realizadas em nome do progresso e no modo como afetavam os hábitos e o estilo de vida dos gaúchos, em quadros ambientados em diferentes cidades, marcados por uma cultura orgulhosa dos feitos heroicos, vista sob o signo do ocaso — palavra recorrente em sua prosa.

O conto de abertura, "Pessimismo de guasca", por exemplo, sintetiza essa crise pelo ponto de vista de um velho tropeiro, antigo capataz da "estância secular" então em ruína, que assiste à ascensão da colônia de imigrantes, da ferrovia, luz elétrica, os alambrados que delimitavam o campo e "derruíam por terra o ideal gauchesco", culpando o "governo, sempre metido na política, nas inleições [*sic*], nas trapaças do voto". No final do conto, há a fusão entre ele e a casa em ruína que contemplava o "último vestígio de uma tradição, a derradeira sombra de uma raça apagada". Ao compor quadros com uma descrição dos costumes e dos feitos típicos do gaúcho — os saladeiros, a marcação do gado, festas em pulperias, carreiras, causos sobre feitos heroicos

da Revolução de 1835, as tradicionais trovas —, anuncia, de modo crítico, o declínio de tais tradições e consequentemente do homem delas dependente, numa concepção próxima ao Naturalismo. É o caso dos carreteiros, que perdem espaço por causa da implantação da ferrovia; da figura do antigo cancioneiro, os rapsodos da terra, então com moradia fixa em uma rodoviária, como em "Alma de cego"; da sina dos contrabandistas, por vezes antigos caudilhos, como em "Contrabandista"; e até mesmo da preta velha Tia Florinda, no último conto, "Resto de outra raça", que acompanhou o fim da escravidão, o que não trouxe sua liberdade, e a queda do senhorio de sua estância.

Em *Crônicas e contos*, Callage apresenta uma obra composta de vinte e quatro textos, distribuídos, como indicado no título, em duas seções: a primeira com catorze crônicas e a segunda com dez contos. Em sintonia com a segunda parte de *Escombros*, os contos aqui dispostos, narrados em terceira pessoa, voltam-se para um universo mais urbano, sem ater-se à descrição espacial, retratando cenas que envolvem sujeitos solitários e condenados como, por exemplo, em "Suplício de Sabatt", um homem acometido por uma doença rara, cujo recurso entre "os poucos que a incerteza da ciência lhe dava era operar", precisa escolher entre a morte ou a mão do cirurgião. Ou em "A volta das andorinhas", em que João de Souza, encarcerado e doente, acompanha, pela grade da prisão, a movimentação das andorinhas como uma espécie de provocação, "uma insistência irônica em mostrar a liberdade". Ou ainda em 'Pecadora", com a jovem Branca, doente, aguardando "que se lhe cumpra a sentença com que Jesus alvejou todas as Madalenas". Retrata também episódios envolvendo matrimônios destruídos pelo adultério e pela morte, como ocorre em "A verdade" e "O bilhete". Nos contos "Cabelos brancos" e "Tentação feminina", o protagonismo é feminino, envolvendo situações pontuais: a descoberta de dois fios brancos e a aproximação da velhice aos trinta e cinco anos, e o convite

da Madame, ao descer do bonde, a um jovem para que a acompanhe ao tomar um sorvete, respectivamente.

Em relação à produção romanesca de autoria masculina entre 1910 e 1920, a análise recai sobre *Estela*, de Carlos Cavaco[7], *Mana Silvéria* e *Relíquias da memória*, de Canto e Melo.[8] *Estela*[9], alinhado à temática romântica, retrata a relação amorosa e impossível entre Estela e Anarlo. Ela, uma jovem órfã de catorze anos, no esplendor de sua juventude, controlada por "estranhos", que viam nela a oportunidade de ingressar "na sociedade" e por isso não aceitavam sua amizade com ele; Anarlo, "um moço de espírito ardente e revolucionário", com "uma alma de verdadeiro poeta sentimentalista e forte".

Apesar do controle e da violência contra Estela, os jovens mantinham encontros clandestinos marcados, inicialmente, pelo afeto e carinho e, depois, por uma intensa paixão e pelo desejo de um amor completo e infinito, apesar da impossibilidade, cujo final consiste na morte amorosa, primeiro, de Estela e, posteriormente, de Anarlo. Entre encontros e desencontros,

7. A obra *Nas sombras do cárcere* (cartas de Carlos Cavaco, enviadas da prisão a Alfredo Mendes Guimarães) compõe-se, como indicado no subtítulo, de cartas reunidas pelo destinatário, Alfredo Mendes Guimarães, com o intuito de mostrar, como informa a carta de apresentação da obra, dirigida "Ao povo amigo", a inocência de Carlos Cavaco no "Caso da menor Leonor". Já ao romance social *Lama*, de 1916, publicado em São Paulo, não foi possível ter acesso para leitura.

8. Não foi possível o acesso ao texto *Recordações*, de 1920.

9. Esgotada a primeira, o romance *Estela* recebeu uma segunda edição em 1912. Antecede a narrativa a carta dirigida aos leitores, "Meu caro leitor", escrita por Alfredo Mendes Guimarães, seguida por uma mensagem dirigida a "Minha boa amiga", assinada pelo próprio autor, Carlos Cavaco, explicitando que "este romance surgiu porque assim o quiseste. Recordas-te?" Guimarães inicia sua carta informando: "Tenho a ocasião de comunicar-te que visitei há dias, no cárcere, Carlos Cavaco — autor deste livro". Na sequência, explica que o próprio autor estava cuidando da segunda edição mas, em função dessa "catástrofe violenta d'O caso da menor Leonor lhe estala, com fúria, sobre a cabeça pensante e lhe rouba, súbito, a liberdade e o sol, atirando-o brutalmente para o fundo estreito e asfixiante de um cárcere — onde ainda agora se encontra", ela foi concluída pelos amigos "que o visitaram se encarregaram logo de ultimar, apressados, essa delicada empreitada, — e o livro, afinal, surge de novo e mais belo, trazendo somente a desmerecê-lo, importuna e sem graça, a maçadora missiva que aqui deixo ao leitor".

permeados pela solidão e melancolia, pelo contraste entre o campo e a cidade, entre o urbano e o rural, o dia e a noite, o claro e o escuro, o tempo é cronológico, entre a primavera e o inverno, e o espaço é mostrado na sua composição natural, uma espécie de "cor local", que oscila entre a luz solar e a lunar, composto por árvores, flores, pássaros, insetos, cascatas, garantindo um ambiente, entre a tristeza e a alegria, entre a felicidade e a infelicidade, a certeza e a incerteza por conta da convicção de Estela de que "aquele amor era um crime aos olhos da família, um grave delito aos olhos da sociedade", em sintonia com os ideais românticos. Diante desse infortúnio, a jovem, separada do amante, mergulha no desespero, sucumbindo antes do retorno de Anarlo. Em termos de linguagem, sem estabelecer diferença na fala das personagens, a obra, narrada em terceira pessoa, alternando narração, descrição, diálogos, poemas e cartas, segue a norma culta padrão.

O romance *Mana Silvéria*, o segundo de Canto e Melo, situa-se, conforme já sinalizado pela crítica, como representante da estética realista-naturalista devido à presença de dois dos temas que consagraram o Naturalismo: o anticlericalismo e o incesto. O primeiro se conforma na origem dos protagonistas: a sedução de Joaninha pelo Padre Valongo, que resulta no nascimento dos gêmeos Júlio e Belisário Fernandes. Para manter sua reputação, o Padre doa a Joaninha a quinta herdada de seus pais e passa a visitá-la com frequência, ajudando-a a cuidar e a educar os filhos gêmeos. Em fevereiro de 1850, então com quinze anos, Júlio e Belisário partem de Portugal para o Rio de Janeiro. Passados dez anos, chega a notícia da enfermidade da mãe e logo depois nova carta informando sua morte. Com as economias do trabalho mais a herança materna, Júlio adquiriu uma fazenda para os lados de Barra Mansa, e Belisário virou proprietário da loja de ferragens, cujo dono era o Comendador Bernardo Siqueira, seu patrão. Júlio casou-se com a filha de um fazendeiro vizinho e

Belisário casou-se com a filha do Comendador. Desses matrimônios nasceram Joaninha e Silvéria, filhas de Júlio, e Isidorinho, filho de Belisário.

Em função da enfermidade de Júlio, já viúvo, ele e as filhas vêm para o Rio de Janeiro e se hospedam na casa de Belisário. Após o tratamento, Júlio retorna para a fazenda e as meninas permanecem na casa dos tios. A convivência entre os primos é normal, com evidente sintonia entre Silvéria, Mana Silvéria, como é chamada por todos, e Isidorinho. O estado de saúde de Júlio piora, e a família de Belisário viaja para a fazenda. Ali acompanha-se o desfecho do enredo, quando se conforma o incesto, na relação entre Isidorinho e suas duas primas, cujo conflito resulta na morte das personagens, já determinada devido à herança genética de seus antecedentes, os pais e avós.[10]

No romance *Relíquias da memória*, de Canto e Melo, o narrador em primeira pessoa, quarenta anos depois dos eventos, evoca, com "amarga saudade", a lembrança do velho Magalhães, um estancieiro da região do Jaguarão, fronteira com o Uruguai, que lhe dedicava extrema afeição por sua semelhança com o filho do primeiro casamento, Joaquim do Amor Divino Caneca de Magalhães, morto na epidemia da cólera que devastou a região fronteiriça entre o Uruguai e o Brasil. O narrador, quando jovem, passou alguns dias na estância do velho Magalhães e ali, entre um espaço e outro, ouviu sua história da vida. Agora, quarenta anos depois, cede, pela memória, a palavra ao velho Magalhães. Este, ao contar sua vida, evoca um conjunto de personagens que fizeram parte de sua trajetória, situando-os no tempo e no espaço de seus oitenta anos; retrata o universo regional da fronteira, envolvendo vida pública e privada, individual e coletiva,

10. Cabe ressaltar que o romance aborda a questão da escravidão ao descrever o episódio de violência contra uma mulher negra descoberta pelos três primos em um dos passeios. Após um confronto entre Belisário e seu filho, Mana Silvéria decide ela mesma fazer a denúncia da violência contra a mulher negra à polícia. O caso é investigado, resultando na condenação dos culpados, atendendo a expectativa de se fazer justiça.

culminando com as situações trágicas causadas pela epidemia de cólera, entre elas a perda da esposa, do filho, do sogro, de vizinhos da região. Conta, ainda, como se restabeleceu e formou nova família mesmo sem se conformar com a desgraça da epidemia.

No universo de autoria feminina, na década em questão, despontam as escritoras Andradina de Oliveira, no romance, e as irmãs Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro, no conto. Essas mulheres, professoras da rede de ensino básico, em sintonia com outras mulheres dos estados brasileiros e da América hispânica, marcaram suas trajetórias na imprensa feminina como fundadoras e diretoras de jornais e revistas literárias entre o século XIX e o século XX. Julieta de Melo Monteiro fundou e dirigiu a revista *Violeta*, de 1878–1879, e, juntamente com sua irmã, Revocata Heloísa de Melo, fundou e dirigiu a revista literária *Corimbo*, em atividade de 1883 a 1944. Andradina de Oliveira fundou e dirigiu o jornal literário *O Escrínio*, estreado em Bagé em 1898, transferido em 1901 para Santa Maria e depois, em 1902, para Porto Alegre, com o objetivo de, primeiro, colaborar na divulgação das atividades das letras; segundo, dar voz à mulher urbana e educada; e terceiro, incitar a mulher rio-grandense, convidando-a "a romper o casulo da obscuridade". Entre as atividades de professoras e jornalistas, produziram suas obras em verso, prosa e drama, além de participação efetiva em atividades literárias e em defesa do direito à instrução e à educação para as mulheres como instrumento para alcançar a independência.

O romance *O perdão*, de Andradina de Oliveira, publicado em maio de 1910, foi escrito, conforme revela a autora no texto de abertura, "Duas palavras", datado de 15 de maio de 1910, "de um fôlego, começado a 13 de maio e terminado a 13 de junho de 1909", e afirma ser "o primeiro que publico, dado em suplemento no *Escrínio* desde setembro, o que retardou seu definitivo aparecimento". Organizado em quarenta e um capítulos numerados, o enredo de *O perdão*, na voz de um

narrador em terceira pessoa, gira em torno do clã familiar de Leonardo de Souza, um fazendeiro e comerciante bem-sucedido do setor de agronegócios. Em função de sua situação econômica, a família, formada pelo casal, três filhas e uma tia, servidos por um conjunto de empregados da casa, situa-se como parte da elite porto-alegrense do início do século XX. A célula dramática emerge a partir da descrição das irmãs Estela, a primogênita da família e protagonista da obra, e Celeste, a caçula; são dois perfis, o físico e o psicológico, contrastantes: "os olhos de Estela brilhavam lindos, profundamente verdes, profundamente misteriosos [...]. De resto um temperamento nervoso, impressionante, com alegrias doidas às vezes, outras com tristezas sem causa, a revelarem o fundo histérico da sua natureza"[11]; e Celeste era uma "branca criatura angelical, flor delicadíssima que todos velavam como cálice ideal dos quinze anos".[12] Entre as duas irmãs, Armando, sobrinho de Jorge, esposo de Estela, que veio morar em Porto Alegre, na casa do casal, para concluir seu curso de Direito. Seduzida por Armando, Estela torna-se refém dessa paixão. O desenrolar dessa situação é responsável pela desestruturação da família dos Souza, que perde, ao mesmo tempo, duas filhas, além do abalo moral próprio da época, consequência do adultério feminino.

Dois anos depois, em 1912, ano em que tramitava no Congresso Nacional campanha a favor do divórcio pleno, Andradina publica a obra *Divórcio?*[13], dividida em três partes. Na primeira, "Às mulheres e aos homens do meu país", um convite ou "chamamento" à leitura da obra, Andradina abre seu texto ordenando,

11. Andradina de Oliveira, *O perdão*, p. 40-41.

12. *Ibid.*, p. 40.

13. Reeditada em 2007, com a organização de Hilda A. Hübner Flores, oportunizou novas leituras e uma espécie de (re)descoberta dessa autora e sua atuação a favor da mulher. Salienta-se que essa (re)descoberta está relacionada também com a atuação de pesquisadoras em torno da Editora Mulheres, de Florianópolis, dirigida pela professora Zahidé Lupinacci Muzart.

"Abri-o sem medo: é um livro moral", justificando: "Moral porque é sincero, moral porque é todo ele um grito de piedade por infinitas mágoas".[14] Na sequência, esperançosa e movida por sua convicção, ela diz: "os que meditadamente percorrerem *as cartas* que ali vão, dessa leitura sairão menos infensos ao divórcio e mais apiedados da mulher — a grande vítima dos absurdos e opressores preconceitos sociais", sinalizando ao leitor o tipo de texto e o conteúdo que irá encontrar: "exemplos desesperadores, pungentes, que clamam pelo remédio".[15] Ao reiterar sua convicção, buscando atingir a todos, comenta sobre a possibilidade de essa urgência, a aprovação do divórcio pleno, ser algo transitório, e que no futuro, talvez, essa necessidade desapareça.

Na segunda, "Cartas", há um conjunto de vinte e cinco cartas escritas por homens e por mulheres e destinadas a homens e a mulheres, nas quais se configura uma espécie de escrita de si, revelando-se ao outro sobre as condições de sua vida privada e conjugal. Cada carta, antes de nomear seu destinatário, contém uma epígrafe originária de fontes diversas, em consonância com o conteúdo tratado. Se as epígrafes de cada carta pertencem a uma existência real (escritores, advogados, políticos, ativistas antigos e contemporâneos ao momento histórico ali representado), nas cartas os sujeitos dos episódios relatados, destinatários e remetentes, são indivíduos ficcionalizados, que representam uma coletividade na situação que descrevem, e sua história pode ser a mesma de vários outros casais e famílias residentes no universo espaço/tempo ali configurados, que alcançam sua universalização porque ultrapassam o âmbito regional/nacional.

Na terceira e última parte, *"Súplica" a todos os homens de alma e de coração*, um apelo em favor da mulher sofredora e estigmatizada fora do casamento que prefere sujeitar-se a continuar malcasada. Para convencê-los, é sugerido que frequentem

14. Andradina de Oliveira, *O divórcio*, p. 27.
15. *Ibid.*, p. 33.

os mais diversos espaços e verifiquem em que condições vivem as mulheres e respectivas famílias: "Entrai pelas fábricas. Vede como a desgraçada sofre ali, naquela multidão miserável [...]. Percorrei todos os bairros operários [...]. Aqui é um lar sem pão: o marido bebe e espanca a mulher e os filhos [...]; prossegui! Agora são os recantos da pobreza quase miséria".[16] Essa descrição organiza-se a partir de uma sequência, como se uma câmara cinematográfica, parada ou em movimento de um lugar a outro, percorresse todos os rincões sociais, do mais pobre ao mais rico, do mais requintado ao mais miserável, do mais opressor ao mais libertino, revelando, em cada um e em todos, vítimas femininas, independentemente de sua condição social.

Entre 1910 e 1912, anos de publicação das obras de Andradina, tematizando o direito à educação e à instrução para as mulheres, em 1911 vem à luz *Berilos*, das irmãs Revocata e Julieta, obra composta de dois livros, um de Revocata e o outro de Julieta. O livro de Revocata divide-se em duas partes: "Reflexos" e "Cintilas". "Reflexos", composto por quatorze contos, com um tom romântico, aborda temas como o amor, o suicídio por amor não correspondido, o meio familiar maculado em meio às seduções da cidade ou então pelas dificuldades financeiras, a caridade, assim como a fidelidade dos soldados ao não fugirem do fuzilamento, como no caso de uma deserção para visitar a mãe. "Cintilas" encerra ponderações sobre temas variados, com um apelo pedagógico aos valores cristãos e da família — sendo nela a mãe a figura de maior importância —, criticando os problemas axiológicos da sociedade, e necessidade de educação (principalmente a da mulher) e do trabalho.

O segundo livro, o de Julieta, engloba dezoito contos, também dividido em duas partes, retomando temas caros ao primeiro livro de *Berilos*, enaltecendo a sensibilidade da mulher em histórias de amor e também reiterando a necessidade do

16. *Ibid.*, p. 163-174.

trabalho e da educação da figura feminina. A maioria dos contos de *Berilos* é relatado em terceira pessoa, no entanto certos relatos de terceiros são introduzidos pela primeira pessoa em alguns casos. A questão espacial não está muito presente na obra, no entanto a cidade apresenta-se em alguns casos com suas modernidades, como o bonde, as fábricas, as festas e meios artísticos, por vezes em contraste com a pureza e tranquilidade do campo, como em "Coincidência", também estando presente o ambiente marítimo em diversos contos.

Dessa breve apresentação dos escritores e escritoras e suas respectivas obras, evidencia-se como marca da produção narrativa, tanto nos contos como nos romances, enredos girando em torno de sujeitos, homens e mulheres, juntos e/ou separados, sozinhos ou acompanhados, ambientados na cidade, no espaço urbano, transitando em lugares privados de âmbito familiar — casa, quartos, sala — ou em espaços públicos de âmbito coletivo — praças, parques, ruas, bondes. Em relação ao tempo, há o predomínio da sequência cronológica, contextualizada historicamente, na maioria o final do século XIX e início do século XX, ou seja, no tempo histórico dos autores e autoras.

Como exemplo, pode-se citar *O perdão*, de Andradina de Oliveira, que retrata o clã familiar de um fazendeiro e comerciante bem-sucedido, pertencente à elite porto-alegrense do início do século XX, que circula pela cidade de bonde, automóvel ou a pé para suas atividades pessoais e sociais, assim como em "Tentação feminina", de Roque Callage, que se passa no Rio de Janeiro, na Galeria Cruzeiro, ponto de chegada dos bondes; no conto, o bonde da Gávea é local de intenso movimento, de "fazedores de avenida", de "ruído ensurdecedor dos automóveis em todas as direções", nos passeios, principalmente "nas quadras entre Assembleia e Ouvidor, os pontos preferidos pela elegância feminina".

Percebe-se, ainda, a ficcionalização de episódios que retratam relações conflituosas entre casais, a presença do adultério,

do suicídio como alternativa, as relações entre classes sociais distintas, sem o caráter pedagógico ou moralista, mas como relatos de sua época, esta virada de século, com indícios de ou com efetiva denúncia, como é o caso, por exemplo, de *Divórcio?*, também de Andradina de Oliveira.

Em relação às atividades dos escritores, confirma-se uma efetiva atuação, como jornalistas, na função de fundadores e/ou diretores, e/ou redatores de jornais e de revistas, em diversas localidades. Em outras palavras, essa geração efetivamente viveu em torno do universo das letras, comprometida com aquilo que aconteceu ou com aquilo que poderia ter acontecido, retratando o particular ou o universal.

Referências

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de; MOREIRA, Maria Eunice; ZILBERMAN, Regina (Org.). *Pequeno dicionário da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Novo Século, 1999.

BARCELLOS, Rubens de. *Estudos rio-grandenses*: motivos de história e literatura. Porto Alegre: Globo, 1955.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRAZIL, Zeferino. *Juca, o letrado*: estudo de psicologia mórbida. 2 ed. Porto Alegre: Fundação de Educação e Cultura do Sport Club Internacional, 1975.

BRAZIL, Zeferino. *O meio*: psycho-physiologia do alcoolismo. Porto Alegre: Brasil Meridional, 1922.

CALLAGE, Roque. *Prosas de ontem*; *Escombros*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2004.

CALLAGE, Roque. *Terra gaúcha*: cenas da vida rio-grandense. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2000.

CALLAGE, Roque. *Crônicas e contos*. Porto Alegre: Livraria Brasil, 1920.

CANTO E MELO, Pedro de Castro do. *Mana Silvéria*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

CANTO E MELO, Pedro de Castro do. *Relíquias da memória*. 2. ed. São Paulo: Pensamento, 1920.

CARRAZONI, André Gonçalves. *Roque Callage*. Porto Alegre: Globo, 1932.

CAVACO, Carlos. *Estela*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1912.

CAVACO, Carlos. *Nas sombras do cárcere*. Porto Alegre: Casa Editora, 1913.

CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*: 1737-1902. Porto Alegre: Globo, 1956.

FISCHER, Luís Augusto. *Literatura gaúcha*: história, formação e atualidade. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

KÜHN, Fábio. *Breve história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

MACHADO, Propício da Silveira. *Roque Callage*: vida, obra e antologia. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1975.

MARTINS, Cyro. *Escritores gaúchos*. Porto Alegre: Movimento, 1981.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1978.

MELO, Revocata Heloísa de; MONTEIRO, Julieta de Melo. *Berilos*. Pelotas: [*s.n.*], 1911.

MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre e suas escritas*: história e memórias da cidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre:* urbanização e modernidade: a construção social do espaço urbano. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

MOREIRA, Maria Eunice (Coord.). *Narradores do Partenon literário*. Porto Alegre: IEL, 2002.

OLIVEIRA, Andradina de. *Divórcio?* Porto Alegre: ALF; Florianópolis: Mulheres, 2007.

OLIVEIRA, Andradina de. *O perdão*. Florianópolis: Mulheres, 2010.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira*. São Paulo: José Olympio, 1950.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade*: visões literárias do urbano — Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy (Coord.). *O espetáculo da rua*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy (Coord.). *Memória de Porto Alegre*: espaços e vivências. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.
PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
PORTO ALEGRE, Aquiles. *Contos e perfis*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1910.
SANMARTIN, Olyntho. *Mensagem*: temas literários. Porto Alegre: A Nação, 1947.
SILVA, João Pinto da. *História literária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Instituto Estadual do Livro; CORAG, 2013.
SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*: seus fundamentos econômicos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.
VELLINHO, Moysés. *Letras da província*. Porto Alegre: Globo, 1944.
VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense*: autores. Porto Alegre: A Nação; IEL, 1974.
ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

Luís Augusto Fischer

2.6

Crítica e historiografia: Alcides Maya e João Pinto da Silva

No ambiente requintado da crítica literária, o Rio Grande do Sul viu estabelecer-se uma sólida tradição, desde os anos 1860 até hoje. Em se tratando de uma província distante dos centros maiores de sua língua nos séculos XVIII e XIX (Lisboa, Porto, Salvador, Ouro Preto e Rio de Janeiro), essa continuidade merece ser estudada e compreendida. No período enfocado no presente capítulo, duas figuras têm destaque: Alcides Maya e João Pinto da Silva. Bastante diferentes entre si, Maya e João Pinto deixaram obra crítica que seria apreciável em qualquer parte da América, ambos mergulhando nas contingências locais com destemor e sem localismo provinciano, vindo a produzir sínteses que interessam ainda agora.

Antes de passar ao exame dos dois, vejamos, em traço largo, a tradição mencionada acima. Tudo começa com o principal animador da Sociedade Partenon Literário, Apolinário Porto Alegre (Rio Grande, RS, 1844–1904, Porto Alegre). Prosador e poeta, criador e pesquisador, desenvolve uma não muito reconhecida atividade crítica, por um lado proporcionando meios de expressão para a literatura (com a revista e com o próprio Partenon), por outro escrevendo sobre casos locais e examinando, em texto decisivo, a figura maior da literatura brasileira em 1873, José de Alencar.

Dono de colégio em certa altura da vida, ele foi professor de Alcides Maya (São Gabriel, RS, 1878–1944, Rio de Janeiro). Maya toma posição nas principais questões de seu momento, nos debates literários e na arena tortuosa da política da virada do século XIX, aliás como fizera seu mestre, um republicano não autoritário que sofreu na mão dos castilhistas e precisou exilar-se em 1893.

Autor de estudo alentado sobre a obra de Machado de Assis, além de praticar ficção, Maya foi uma forte inspiração para João Pinto da Silva (Jaguarão, RS, 1889-1950, Genebra, Suíça), que igualmente vem do interior para Porto Alegre ainda na juventude, aqui desenvolvendo uma vida de crítico militante de alta qualidade. Acima disso, escreve uma improvável história da literatura no Rio Grande do Sul, em 1924.

Com João Pinto aprendem, pela leitura e convivência, dois jovens que virão a representar o melhor da crítica modernista no estado: Moysés Vellinho (Santa Maria, RS, 1902-1980, Porto Alegre) e Augusto Meyer (Porto Alegre, 1902–1970, Rio de Janeiro). Meyer teve toda uma carreira de poeta, mas se revelaria uma figura de grande importância no plano nacional da crítica literária, assim como da gestão pública em órgão nacional de política letrada, o Instituto Nacional do Livro. Vellinho, que no futuro se identificaria mais como historiador, foi um crítico literário de grande ambição e forte descortino, vindo a escrever o necrológio de João Pinto.

Maya morreu em 1944, depois de viver muitos anos no Rio. João Pinto tornou-se diplomata em 1930, motivo por que se ausentou da vida literária ao vivo, na capital gaúcha, e faleceu em 1950. Meyer mudou-se para o Rio de Janeiro em 1937 de lá só retornou em férias, o que igualmente o transformou numa figura esfumaçada na vida literária do estado. Vellinho foi cogitado como professor de literatura brasileira quando da criação do curso de Letras na futura UFRGS, em 1942, mas não chegou

a assumir a cátedra, que foi ocupada por Guilhermino Cesar, o primeiro titular da área na UFRGS. A criação dos primeiros cursos superiores específicos na área (o da futura PUCRS em 1940, o da futura UFRGS em 1942), ainda que não tenha representado imediatamente um acréscimo na atividade crítica e de pesquisa no campo, por certo marca uma inflexão na trajetória da crítica literária — dali por diante, as novas gerações de críticos nascerão quase que obrigatoriamente nas salas de aulas de Letras. Tal será o caso de Flávio Loureiro Chaves, Donaldo Schüler, Tania Franco Carvalhal, Regina Zilberman, José Hildebrando Dacanal e outros.

A linha sucessória entre Apolinário, Alcides Maya, João Pinto da Silva e então Moysés Vellinho e Augusto Meyer é que chama a atenção. Trata-se de uma sequência notável entre críticos de grande inteligência e largo alcance de vistas, trato informado da literatura e sensibilidade para a história e a sociedade. Ocupando posições sociologicamente fortes no mundo letrado, como professores (Apolinário), na gestão de museus (Maya), biblioteca (Meyer) e instituto federal ligado ao livro (também Meyer), ou com cargos vinculados ao mundo da política (João Pinto e Vellinho), com formação superior apenas parcial em Direito (Apolinário, Maya e Meyer, todos eles desistentes do curso), com formação autodidata mas prática no campo jurídico (João Pinto) ou com grau de bacharel no curso (Vellinho), todos eles praticaram a crítica em jornais e revistas, às vezes ajudando a criar os veículos em que atuariam (Apolinário, a revista do Partenon; Maya, alguns periódicos como o *Jornal da Manhã*; João Pinto, um jornal de Jaguarão chamado A *Liberdade*; e Vellinho dirigindo a revista *Província de São Pedro*). Atuaram na província, sendo os dois últimos figuras-chave na ascensão da grande Editora Globo no cenário local e no nacional, mas também fora daqui, especialmente Maya e Meyer, ambos eleitos para a Academia Brasileira de Letras.

Quando da criação dos primeiros cursos de Letras, essa linhagem de algum modo se rompeu. Começava ali o fim da tradição da crítica literária e da prática historiográfica como *second métier*, como segunda ocupação, mas lidando com matéria de relevo, dada a proximidade entre as letras, a vida intelectual e o poder político. No âmbito dessa tradição é que vamos apreciar a obra crítica de Alcides Maya e de João Pinto da Silva.

Alcides Maya

Nascido em 1877 em São Gabriel, Alcides Maya veio de família de alta condição social pelo lado materno (mãe herdeira de bens de raiz naquela cidade), sendo o pai funcionário público de boa posição. Aos 12 anos de idade, no ano da Proclamação da República, muda-se com a família para a capital, onde convive com um tio, funcionário da Alfândega e letrado, que o teria instruído em latim e inglês. Neste momento estuda regularmente na escola dirigida por Apolinário Porto Alegre. Daí resulta uma amizade duradoura, que pode ser interpretada como uma passagem de bastão entre o professor e seu aluno.

Em 1895 Maya ruma a São Paulo, para cursar Direito, destino dos filhos da elite em muitas províncias brasileiras. Retorna um ano depois, sem concluir o curso[1]. Retomaria a intenção de ser bacharel no Rio de Janeiro, em 1898, fracassando mais uma vez. Nunca mais retomou o curso, nem em Porto Alegre, embora já em 1900 tenha sido criado na capital gaúcha o curso de Direito.

1. Os motivos do abandono do curso não são nítidos. Ele contraiu febre amarela, o que pode ter sido motivo suficiente; mas também há a hipótese, levantada por familiares em contato com antigos colegas, de que Maya teria sido expulso pela Congregação da faculdade, por haver contestado um professor em banca de exame. Este e a maioria dos demais dados biográficos constam do excelente levantamento *Na trilha de um andarengo*: Alcides Maya (1877–1944), de Marlene Medaglia Almeida (o caso específico, p. 28). A biografia de Maya é pontuada de problemas de saúde, que o obrigam a intervalos de isolamento e a outros percalços, até a morte, em decorrência de um câncer.

Os anos iniciais da República no Sul não foram nada simples, nem pacíficos. Desde a militância disciplinada da propaganda que o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) fez, a partir de 1884, passando pela derrubada da monarquia até a chamada Revolução Federalista (1893–1895), uma impressionante geração de jovens impôs a nova forma de governo com mão de ferro, sob a liderança de Júlio de Castilhos, à frente de um grupo de políticos que teriam imenso papel nas décadas vindouras, como Pinheiro Machado, Assis Brasil, Borges de Medeiros, Ramiro Barcelos e tantos outros, e que prepararam a geração seguinte, na qual desponta uma figura como Getúlio Vargas, secundado por João Neves da Fontoura e Osvaldo Aranha.

Maya era jovem demais para ter sido companheiro da propaganda republicana. Mas mais do que a diferença de idade, o separava do grupo fundador do PRR um sentido menos doutrinário, uma visão política e cultural mais cosmopolita, numa perspectiva não dogmática, afastada do Positivismo. Assim, não é de estranhar que em 1897 o encontremos colaborando para um jornal de oposição, alinhado com o Partido Federalista, que representava os que haviam lutado contra Júlio e o PRR, liberais e parlamentaristas que se opunham à ditadura positivista. Era Maya, então, um jovem opositor do poder que se consolidava e permaneceria no mando do estado por décadas, incontrastadamente. Essa condição de crítico parece que foi a origem de retaliação contra seu pai, que em 1899 foi transferido da alfândega de Porto Alegre, onde trabalhava, para a de Rio Grande, uma represália aos editoriais em *A República* e aos artigos no *Correio do Povo* assinados pelo jovem escritor.

Seu primeiro livro saiu em 1897, aos seus vinte anos de idade, reunindo artigos de imprensa, sob o sugestivo título *Pelo futuro*. Aqui, em textos originalmente marcados por leituras eruditas — Vico, Boileau, Sainte-Beuve, Taine —, acusa o ambiente cultural gaúcho de não ter ainda assimilado "os princípios

da estética moderna"[2], referindo-se ao fluxo pós-romântico que teve diferentes florações, no Naturalismo narrativo e no Parnasianismo poético. Em outro texto, assinala a importância da poesia popular, não escrita, aquelas de luso-brasileiros mas também das "lendas africanas" e das "tradições indígenas", para construir a cultura do país, o que contrabalança aquela visada cosmopolita com um tempero local. Em termos do debate crítico nacional, essa duplicidade seria como uma síntese entre o cosmopolitismo de José Veríssimo com a visada nacional-popular de Sílvio Romero, críticos uma geração mais velhos que Maya.

No ano seguinte, publica um pequeno livro de nome enganoso, *O Rio Grande independente*, que combatia a ideia separatista, um velho fantasma sul-rio-grandense. Para prefaciar o libelo, que combatia essa ideia acalentada ambiguamente por muitos do Partido Republicano Rio-Grandense, convidou seu velho mestre, Apolinário Porto Alegre.

Em 1900, morre seu pai, e Alcides manda construir, ao lado da casa da família, em Porto Alegre, um sobrado para sua biblioteca. Ali receberá muitos colegas de ofício; ali pontificará como um *causeur* admirado — um testemunho de Augusto Meyer dirá que, frequentando as falas de Maya quando este passava por Porto Alegre, já no período em que estava baseado no Rio de Janeiro, Alcides Maya, "um andarengo saudoso de tudo, querendo estar em toda a parte ao mesmo tempo", mostrava ser daqueles tipos humanos que não cabem na página impressa, dada sua habilidade na conversação. Testemunho mais azedo dará Humberto de Campos, testemunha das falas de Maya

2. Uma antologia recente da obra crítica de Maya está em *Alcides Maya*: textos críticos, de 2004, abrangendo seus três primeiros livros (*Pelo futuro*, *O Rio Grande independente* e *Através da imprensa*, assim como uma obra posterior, *Crônicas e ensaios*, esta de 1918). Salvo referência em contrário, daqui foram tiradas as citações de Maya relativas a tais livros.

quando já na capital federal: conforme ele, Maya não conversava, nem discutia, mas dissertava, fazia longos monólogos.[3]

Fechando um primeiro ciclo de vida editorial, lança outra coletânea de artigos, *Através da imprensa*, em 1900. Mantém sua posição de pensador independente, inimigo do fanatismo comtista e das "escolas literárias". Faz restrições ao pensamento de Taine, o grande crítico de pendor naturalista, expondo uma posição pela qual Maya ficará relativamente famoso no campo literário. Faz estudo bastante detalhado e longo sobre Sílvio Romero, assim como oferece um ensaio alentado sob o título "O Rio Grande mental", que pode ser visto como o complemento crítico de sua posição anti-separatista: reivindica que "ao federalismo político definitivamente triunfante corresponda o federalismo literário", o que implica lutar contra a "centralização das letras" — "o Brasil não pode ser, em estética, uma dependência da Capital Federal".[4]

Foram três livros de combate até os vinte e três anos de idade, livros marcantes, que polarizaram a atenção em Porto Alegre e de alguma forma prepararam a transferência do autor para o Rio de Janeiro. Nada de ficção, nenhum sinal disso; e muitos sinais de independência mental, na literatura e na política, por parte de quem conhecia o repertório mais contemporâneo e de quem combatera abertamente o monolitismo ideológico do PRR.

A ida para o Rio de Janeiro, em meados de 1903, altera algo. Já neste ano se anuncia que Maya está escrevendo um romance de costumes gaúcho, que se chamará *O bandido*. Este prometido romance é, ao que tudo indica, *Ruínas vivas*, que porém só será editado em 1910. No ambiente amplo da capital brasileira, estabelece relações importantes com alguns dos mais relevantes escritores do tempo — Machado de Assis, Bilac, Alberto

3. Marlene Medaglia Almeida, *Na trilha de um andarengo*: Alcides Maya (1877–1944), p. 100 e seguintes.

4. Alcides Maya, "O Rio Grande mental", *in*: *Alcides Maya*: textos críticos, p. 125.

de Oliveira, Raimundo Correa, Euclides da Cunha, Coelho Neto. Colabora com jornais gaúchos e cariocas, até que se fixa no jornal *O País*. Esta experiência no *grand monde* literário e político nacional, ao mesmo tempo em que o familiariza com o cenário e lhe traz prestígio, tornará espetacular seu retorno a Porto Alegre em 1907, onde dirigirá um jornal revolucionário, o *Jornal da Manhã*.

Vinculado a um grupo de oposição ao mando do PRR, o novo jornal defende a modernização econômica e política do estado. Lamenta o atraso da cidade de Porto Alegre (Maya vinha de viver no Rio reformista de Pereira Passos), discute o modo como se operam as manobras políticas do governo estadual na sucessão daquele ano (sempre manipulada pela cúpula do PRR, sob Borges de Medeiros, como era a regra na Primeira República, no que se chamava de "política dos governadores"), faz paralelos com a pujança da Argentina, denuncia as más condições dos pobres do interior, sem acesso à terra, e mostra a precariedade do ensino. Tudo isso; mas dura pouco mais de um ano. No futuro, Maya evocaria esse tempo do *JM* como sua mais bela aventura intelectual.

Em 1909, retorna ao Rio de Janeiro, agora para uma longa temporada. É o tempo da famosa Campanha Civilista de Ruy Barbosa, candidato à presidência em oposição ao gaúcho Hermes da Fonseca, militar vitorioso que no poder terá como principal ator político Pinheiro Machado, figura de proa do PRR. Maya apoia Ruy, em favor de quem discursa, já no Rio. Em matéria de orientação política em Maya, temos uma linha reta: ele se manteve até aqui como um republicano liberal e antiautoritário.

Mas algo profundo ocorre nesse momento, não se sabe exatamente o quê. O certo é que Maya muda: se aproxima do poder na esfera federal e do novo presidente, através do conterrâneo Pinheiro Machado, a quem pouco antes atacava no *Jornal da Manhã*. Neste novo momento, a mudança se explicita

no desempenho de cargos oficiais; o primeiro, já em 1911, é a direção do Pedagogium, uma escola normal na capital federal.

No mesmo momento histórico, publica o principal de sua obra de ficção, o já citado romance *Ruínas vivas*, em 1910, e os contos de *Tapera*, de 1911. A recepção crítica a eles não é unânime, e um dos principais críticos daquela época, José Veríssimo, vê muitos problemas na linguagem, rebarbativa e pedante. Em 1912 publica aquela que talvez seja sua maior mostra de competência em crítica literária, o estudo *Machado de Assis: algumas notas sobre o humour*. Trata-se da primeira monografia sobre o grande autor e principal liderança da Academia Brasileira de Letras, inaugurada em 1897. Do lado da erudição, Maya mostra suas credenciais na filosofia, com Kant, Schlegel e Schopenhauer; evoca Dante, Camões, Shakespeare, Goethe; discute o conceito de humor segundo vários pensadores, de Aristóteles a Paul Stapfer e Carlyle, mostrando exemplos em Cervantes, Rabelais, Molière, Voltaire, Sterne. No específico do campo da teorização literária, reitera suas restrições a Taine.

Sobre Machado de Assis, não apenas mostra intimidade com sua obra, tendo por centro as *Memórias póstumas de Brás Cubas*, como igualmente repassa sua fortuna crítica detalhadamente, discutindo as principais formulações de Romero, Veríssimo, João Ribeiro e outros. Para a análise, Maya não evoca a vida pessoal do autor, mantendo a obra como objeto nítido, ao contrário das posições triviais de seu tempo, nem perde o foco em seu tema, o humor, numa atitude crítica raríssima para aquele contexto.

Podemos ainda assinalar outro feito crítico, menos óbvio: mostra com fartura de exemplos que Machado não seguiu escola alguma, preferindo compor suas personagens e tramas diretamente da vida e não de alguma doutrina — Maya via nele um criador entranhado na experiência concreta que, no entanto, recusou a visada determinista de Taine, que era a mesma do Naturalismo como escola. Nisso, Maya rechaça a crítica

nacionalista, que reclamava de Machado não ser nitidamente localista em suas criaturas; Maya abre o capítulo III, em que trata desse ponto, com a citação de passagem famosa do ensaio "Notícia da atual literatura brasileira", mais conhecido como "Instinto de nacionalidade", de 1873, na qual repele a ligação entre tema local e espírito nacional.

Maya estava, aqui, ao mesmo tempo ecoando a posição filosófica de Machado e se filiando a uma longa tradição crítica (se é que não a estava inaugurando), em cujo ponto máximo estará Antonio Candido, para a qual Machado foi profundamente representativo do Brasil sem recorrer à óbvia menção de elementos brasileiros. Tomando Machado como a primeira evidência de ter a literatura brasileira conquistado grandeza intelectual efetiva, Maya postula ao mesmo tempo e pelos mesmos motivos a condição emancipada, vale dizer não localista, do autor estudado, o que seria visível justamente pelo humor presente em sua obra.

No ano de 1913, se candidata à Academia Brasileira de Letras, sendo eleito para a vaga de Aluísio Azevedo — paradoxalmente, um cultor direto das premissas do Naturalismo; no ano seguinte, profere o discurso de posse (que seria publicado em livro apenas em 1926, *Romantismo e Naturalismo através da obra de Aluísio Azevedo*). No ensaio-conferência, Maya não abriu mão de observar que o autor de *O cortiço*, se tinha construído personagens que "andam, vestem, falam, agem à moda do tempo", por outro lado mostrava uma falha, porque "o tempo como espírito não está neles".[5] Isso quer dizer que Maya preservou sua tese de que verdadeiramente representativo era Machado, aquele que não copiava as circunstâncias imediatas do Brasil mas havia apreendido o modo de ser de sua época, ao contrário de Azevedo, tão obviamente mergulhado nas coisas de seu entorno direto.

5. Alcides Maya, *Romantismo e Naturalismo*, p. 30.

Vistas as coisas do ângulo pragmático, pode-se dizer que, na sucessão de eventos entre sua mudança de opinião política (de liberal antipositivista e apoiador de Ruy, a autor de elogios a Pinheiro Machado e, em 1914, de ataques ao mesmíssimo Ruy) e a eleição para a Academia, houve algum cálculo. Não faltou quem dissesse, aliás, que sua eleição para a ABL teria sido impulsionada pelo então todo-poderoso Pinheiro Machado, o que Maya renegou. Consta que o mesmo alto hierarca gaúcho, no auge de seu prestígio, teria obstado a ida de Maya para a Itália, onde seria cônsul, na cidade de Gênova, para que ele permanecesse no Brasil atuando na imprensa política.[6] Essa nomeação teria sido uma grande recompensa pela conversão política; mas outras viriam.

O certo é que em 1918 Maya será candidato a deputado federal pelo PRR, o mesmo partido do mesmíssimo Borges de Medeiros outrora atacado, sendo eleito e uma vez reeleito, vindo a encerrar essa fase em 1924. Neste ano, é nomeado diretor do Arquivo Público do Rio Grande do Sul, o que o faz voltar a fixar residência na capital gaúcha. No ano seguinte, passará a ocupar o prestigioso cargo de diretor do Museu Júlio de Castilhos, uma posição que não poderia ser mais radicalmente identificada com o poder do PRR. Neste cargo segue até 1939. Neste novo período porto-alegrense, continua colaborando com vários órgãos de imprensa e pontificando em suas palestras privadas e conferências públicas, na capital e no interior. Havia publicado ainda no tempo do Rio seu derradeiro livro de ficção, os contos de *Alma bárbara*, em 1922.[7]

6. Almeida, *op. cit.*, p. 105.

7. Quanto à vida pessoal, consta que havia tido, antes de 1918, uma relação forte com uma francesa, Deny Duprof Dupuing, uma mulher casada que vivia na capital federal. Ela retornou ao país natal ao final da Primeira Guerra, mas veio de novo ao Rio para casar com Maya em 1920. Essa ligação, porém, logo se desfez, tendo ela mais uma vez voltado à França. Essa desilusão teria sido um baque emocional tremendo para o escritor. Ver Osório Santana Figueiredo, *Alcides Maya, um clássico dos pampas*, p. 93.

Em 1925, ocorre uma importante polêmica na imprensa gaúcha, tendo por objeto a obra de Maya — o que significa dizer que a década inicial do Modernismo, no Sul, viu-se na obrigação de enfrentar criticamente sua obra, claramente ocupando uma posição central no campo. Em cinco textos, Moysés Vellinho, com ânimo combativo sob o pseudônimo de Paulo Arinos, debate com Rubens de Barcelos. O ponto central era a atitude espiritual da ficção de Maya, que, segundo Vellinho/Arinos, via apenas decadência e saudosismo no estado e expressava apenas seu ponto de vista pessoal, não o de seu tempo, tudo isso em linguagem descolada de seu objeto. Para Barcelos, o escritor de São Gabriel estava representando o povo simples e atropelado pelo progresso mecânico. Como pano de fundo palpável, embora não totalmente enunciado, reponta na polêmica um fantasma, a presença das "revoluções" de 1893 e de 1923, ambas travadas contra o poder do PRR, ambas vencidas pela máquina estatal contra os insurretos. Maya, assim, parecia um passadista para o jovem moderno que era Vellinho.[8]

No largo tempo em que voltou a viver em Porto Alegre, entre 1925 e 1939, muita água rolou, incluindo a Revolução de 30. Maya fez parte de um batalhão muito particular, a "Legião Bento Gonçalves", um grupo de aspecto militarizado mas não combatente, formado por intelectuais, que mesmo assim foram ao Rio acompanhando as tropas que conduziram Getúlio ao poder. Num excesso a que não faltou algo de bravateiro, nosso escritor compareceu com o uniforme dessa legião (bombacha, bota, lenço no pescoço, chapéu de aba larga) à Academia, onde proferiu discurso. Maya teria mantido boa proximidade com Vargas por este tempo inicial de 30, inclusive redigindo algum texto para o grande chefe.

Seus projetos editoriais fracassam; sua literatura é arguida pela geração modernista, que em regra escolhe outros rumos

8. A polêmica está reproduzida no livro organizado por Flávio Loureiro Chaves.

estéticos. No campo pessoal, em 1939, já muito doente, casa-se com sua governanta, Ofélia Balthesan.[9] Neste ano volta a morar no Rio de Janeiro, onde vem a falecer em 1944. Seus restos mortais são trasladados a Porto Alegre em 1949. Com isso, toda uma época se cala: os mais jovens em geral se pautam já pela regra modernista; e mesmo os que admiravam suas páginas críticas e ficcionais, como Cyro Martins, simpático ao carinho com que Maya tratou os despossuídos do campo, opõem restrições fortes ao seu estilo, impenetrável para as novas gerações.[10]

João Pinto da Silva

Nascido em 1889 numa cidade rigorosamente fronteiriça, Jaguarão, separada do vizinho Uruguai por um rio, João Pinto da Silva traz dessa vivência uma visão que sabe da força da cultura platina sobre o mundo sul-rio-grandense — hipótese que viria a ser matéria de ampla divergência, anos depois.

Sua vida é pouco conhecida. O registro mais completo é ainda o necrológio escrito por Moysés Vellinho, em 1951.[11] Ali se lê que sua família de origem era modesta e que o menino João teve apenas dois anos de escolaridade regular — o mais teria sido sempre esforço pessoal de autoeducação. Foi aprendiz de tipógrafo num pequeno jornal municipal, depois tipógrafo em outro; neste, teria se beneficiado da convivência com um francês, Eduardo Lacombe, proprietário, para aprender o idioma que lhe abriria

9. Segundo Sérgio Ribeiro Rosa, a esposa de Maya está no pivô do triste destino póstumo de sua obra. Após a morte do escritor, sua obra não foi reeditada por décadas, na verdade até que ela entrasse em domínio público, porque a viúva voltou a casar, com "um sargento da força pública", que, enciumado pela constante lembrança de que sua esposa era a viúva do grande escritor, "iniciou uma ridícula campanha de silêncio em torno da memória do autor", tendo-a induzido "a queimar todos os caixotes que continham o precioso acervo jornalístico do escritor, desde manuscritos até publicações e discursos". Ver Sérgio Ribeiro Rosa, *Pombagira e o apocalipse*, p. 137-138.

10. Cyro Martins, "Alcides Maya", *in*: *Rodeio*: estampas e perfis.

11. Publicado na revista *Província de São Pedro*, n. 17, de 1952.

um decisivo universo intelectual. Parece que ainda adolescente teria pronunciado uma conferência intitulada "O fanatismo", contra o Positivismo dominante no estado. Aqui fica desde logo marcada uma posição mental, quando não política, que interessa reter para entender a figura do crítico: em linha parecida com a de Maya, também João Pinto da Silva tratou com desconfiança e crítica a hegemonia positivista no Rio Grande do Sul.

Em 1907, aos dezoito anos de idade, ele funda seu próprio jornal, com o sugestivo nome de *A Liberdade*. Era a conjuntura de uma eleição para o governo do estado: o candidato situacionista era um famoso conterrâneo seu, Carlos Barbosa Gonçalves da Silva, que enfrentou um dissidente republicano de tendência liberal, Fernando Abbott. João Pinto escreveu editoriais candentes *contra* o candidato oficial e participou como orador do comício oposicionista na cidade. O resultado, amplamente esperado, foi a vitória de Carlos Barbosa, o que levou o jovem jornalista a mudar de cidade, para São Gabriel, cidade de Abbott e, por coincidência, terra natal de Maya.

Pouco tempo depois retorna a Jaguarão, onde publicará seu primeiro e único livro de poesia conhecido, *Estalactites*, de 1910, que mostra um poeta promissor nas regras do tempo, atravessado de pessimismo simbolista expresso em alexandrinos caprichados, a que não falta a menção a Baudelaire. Mais tarde o autor iria diminuir a importância da obra, mas se pode aquilatar nela uma inteligência atualizada.

Antes do livro, porém, João Pinto muda de lado na política: a 26 de janeiro de 1910, o órgão oficial do PRR e do governo estadual, *A Federação*, dá a seguinte nota: "Aderiu ao Partido Republicano o sr. João Pinto da Silva, ex-proprietário da *Liberdade*, órgão democrata de Jaguarão. O sr. João Pinto da Silva está trabalhando na redação da *Situação*". O que terá acontecido? Não se sabe.

Neste mesmo ano sai de Jaguarão, para tentar a sorte em Porto Alegre. Era já promotor público na cidade, e na capital ingressa, ao final de 1911, como funcionário da Secretaria de Obras Públicas. Mas em pouco tempo vai trabalhar no Palácio, como oficial de gabinete do mesmo Carlos Barbosa, conterrâneo e antes adversário político. Permanece no restrito grupo dos funcionários letrados do poder estadual com Borges de Medeiros, que retorna ao mando para mais quinze anos de gestão, de 1913 até 1928. Neste último ano, sobe ao poder um político futuroso, Getúlio Vargas, e João Pinto, que já havia sido seu chefe de gabinete em 1927 quando da breve experiência getuliana no Ministério da Fazenda, se torna secretário da presidência do estado.

Já no ano de 1928 teve seu batismo de fogo diplomático, compondo a delegação brasileira à Exposição Universal de Sevilha. A partir de 1931, diplomata de ofício, trabalha como adido comercial nas embaixadas de Madri, Ancara (Turquia) e Paris. Estava na capital francesa quando esta foi capturada pelos nazistas; solto, foi nomeado cônsul geral em Genebra, Suíça. Lá faleceu, em 1950.[12] Foram, no conjunto, dois distintos períodos de vinte anos, entre 1910 e 1930 em Porto Alegre, de então em diante na Europa.

No primeiro desses dois tempos é que se desenvolveu sua carreira propriamente crítica. Publica seu primeiro volume de crítica, *Vultos do meu caminho*, em 1918. Depois sai um livro de crônicas, *Bolhas de espuma*, em 1920, e depois são quatro publicações admiráveis: em 1922, *Fisionomias de novos*; em 1924, a impressionante *História literária do Rio Grande do Sul* (edição da Globo, ainda uma pequena editora provincial, com segunda edição em 1930), e a retomada da série *Vultos do meu caminho*, também pela Globo, em 1926 (que revê e aumenta aquela de 1918) e 1927. Depois disso, embora tenha mantido colaboração

12. Foi casado duas vezes, tendo perdido tragicamente suas companheiras. A primeira vítima da Gripe Espanhola, a segunda falecida em acidente de avião. Teve dois filhos.

para alguns veículos, não publica mais livros, muito embora tenha anunciado como "em preparação" um novo volume da série *Vultos do meu caminho* e dois tomos de história, *Ídolos do Pampa (Estudo sobre a evolução social do Rio Grande)*, sobre os caudilhos do estado, e *Tribunos e publicistas do Rio Grande*, conforme anúncio no volume de 1927.[13]

O primeiro conjunto dos *Vultos do meu caminho*, lido aqui em sua segunda edição, revela algo de valioso. São estudos, mais do que críticas no sentido rotineiro, sobre figuras estrangeiras, de monumentos como Cervantes a contemporâneos como Oscar Wilde e Anatole France. Entre todos, se destacam dois estudos sobre pensadores da vizinhança. José Enrique Rodó (1872–1917), uruguaio, merece mais de cinquenta páginas de um comentário minucioso, simpático à defesa que faz Rodó de uma força cultural latina, presente nas Américas, força que poderia fazer frente à voga avassaladora dos Estados Unidos. Nada de xenofobia se vê nas palavras de João Pinto, mas sim uma reivindicação da força desse sentimento latino e panamericano. Rodó, diz o autor, é para ele uma figura quase familiar por ser uruguaio.

O segundo estudo em extensão é dedicado a José Ingenieros (1877–1925), médico e intelectual ítalo-argentino, autor de obras de sociologia e psicologia, positivista mas também socialista, que compartilha com Rodó um sentido anti-imperialista notável. O texto sobre Ingenieros é significativo também porque ali lemos uma lembrança marcante: João Pinto conta de sua viagem a Buenos Aires, em 1920, quando visitou o próprio pensador. Queria discutir Sarmiento, a figura totêmica da nação argentina. O médico estava entusiasmado com a recente Revolução "maximalista" russa, sentimento este não partilhado por João Pinto.

13. Vellinho afirma que o autor deixou prontos dois livros: este *Tribunos e publicistas* e um outro chamado *Sob os olhos de Clio*, "vista panorâmica da evolução econômica do Rio Grande". Moysés Vellinho, "No primeiro ano da morte de João Pinto da Silva", p. 211.

No segundo volume da série, todo dedicado a brasileiros, temos também perfis críticos, mesclados com depoimentos pessoais, tudo escrito sem sombra de intenção polêmica trivial ou pose professoral, a expressar uma visão não nacionalista, cosmopolita, atenta à dimensão americana dos fatos e autores abordados. Euclides da Cunha merece o maior dos estudos. Cruz e Sousa é defendido ferrenhamente contra a opinião "mesquinha" de José Veríssimo, que João Pinto acusa de não ter entendido o poeta. Pensadores como Alberto Torres e poetas como Vicente de Carvalho e Olavo Bilac são também objeto de sua atenção. Um longo ensaio final, "A poesia nova e o Rio Grande", dá notícia da grande novidade modernista.

Este estudo, que será reproduzido como apêndice nas edições subsequentes da *História literária*, expressa bem um ponto de vista que podemos chamar de organicista, que põe reparos à modernização, política ou literária, em nome de um ritmo que combine todos os fatores internos do país. Aqui, abre-se um fosso entre o ponto de vista que apresenta este que é o melhor crítico gaúcho do período e a vertente paulista do Modernismo: enquanto esta é entusiasmada com a velocidade das transformações, com rupturas e invenções — exemplarmente na voz de Mário de Andrade (1893–1945) ou de Oswald de Andrade (1890–1954), ambos contemporâneos de João Pinto e comparáveis a ele no campo da crítica —, nosso autor é um cauteloso, mais parecido com o carioca e também modernista Ronald de Carvalho (1893–1935).

O argumento de João Pinto evoca uma passagem de Saint-Hilaire, na qual o célebre viajante francês observa que os brasileiros não esperavam que os frutos ficassem devidamente maduros para comê-los. Nós brasileiros não fazemos, disse ele, o menor sacrifício ao futuro, preferindo comer os pêssegos ainda verdes. A essa luz são comentados por João Pinto os poetas Felippe D'Oliveira, Augusto Meyer e Vargas Netto. Mas o que importa aqui é mostrar

o dito organicismo, ou um certo antimodernismo do autor: seu argumento é que o Brasil não espera o tempo certo para agir: "Somos tradicionalmente acusados de lerdos e fatalistas, quando a verdade é que procuramos quase sempre andar à frente do tempo, desnorteados, em busca de perigosas antecipações".[14]

Ora, isso não está muito longe de certo aspecto fundamental da perspectiva histórica de Machado de Assis, de meio século antes, quando, no famoso ensaio conhecido como "Instinto de nacionalidade" (1873), pensou no caminho da emancipação estética do Brasil, relativamente a Portugal e à Europa, como algo necessariamente processual, fruto não de rompimentos agudos mas do trabalho paulatino de sucessivas gerações. Sem dúvida, Machado pratica uma dialética madura no tema da emancipação cultural do Brasil, e ambos, o carioca e o gaúcho, apostam no processo, e não no episódio de ruptura, como caminho correto.

Por outro lado, João Pinto assinala que não há, em sua visada filosófica, qualquer "condenação ou censura ao esforço atual dos nossos modernistas". Se é certo que o amadurecimento dos metafóricos pêssegos não depende de gritos e desejos, não é menos correto que "a mocidade" gosta de "combater pelos ideais longínquos, que ela, muitas vezes, julga próximos, através dos óculos de alcance do seu contagioso entusiasmo". Um distanciamento crítico como esse lhe permite perceber uma contradição que escapou a muitos críticos, no momento: "na tendência francamente nacionalista, o nosso Modernismo afasta-se do europeu, que é todo ele cosmopolita".[15]

Ficou para o final deste percurso o comentário sobre um livro cronologicamente anterior, a citada *História literária do Rio Grande do Sul*, de 1924, sua obra mais desenvolvida. Em primeiro, chama a atenção, ao lado da qualidade expositiva e do horizonte amplo, o mero fato de ser uma história da literatura

14. João Pinto da Silva, *História literária do Rio Grande do Sul*, 3ª ed., p. 241.
15. *Ibid*., p. 244-245.

sobre objeto tão acanhado: nem a geração modernista estava consolidada, no sentido estético, nem o grande romance dos anos 30 existia, no sentido do eco social e da capacidade de representar a experiência local, nem mesmo o circuito empírico da literatura estava assente, no sentido imediato da edição e circulação de obras. Tudo isso estaria vivo e claro duas décadas depois; em 24, era apenas um sonho, se tanto.

Mesmo assim, o livro mostra com clareza não apenas a sucessão das três ou quatro gerações de escritores, desde a década de 1830, como também os nexos entre os vários gêneros e estilos e as forças culturais da região. Sendo uma história, não deixa porém de ser um exercício forte de crítica literária: praticamente todos os capítulos contêm verdadeiros estudos, de temperamento analítico predominante, que se concluem com juízos comparativos.

Reserva um capítulo, o VIII, para analisar a crítica literária, que se resume essencialmente a Apolinário Porto Alegre e Alcides Maya (embora note, na abertura, que uma nova geração já se desenha, com Paulo Arinos/Moysés Vellinho, Augusto Meyer e outros, justamente a geração modernista). A Apolinário elogia a "visão [...] nítida e ampla, em violento contraste com a bisonhice e a desorientação estética de outros".[16] Quanto a Maya, reconhece-o como o melhor de todos, mas logo faz restrições ao "tom de inapelável suficiência, de *Magister dixit*"[17], que caracteriza tudo que escreve.

Pode-se postular a existência de uma certa rivalidade entre João Pinto e Maya. O autor demonstra que a oposição de Maya a Taine não era tão forte como Maya alegava. Em capítulo anterior de sua *História*, dedicado ao regionalismo, lendo a obra ficcional de Maya, João Pinto identificava em *Ruínas vivas* "qualquer coisa de artificial".[18] Já os contos de *Tapera* são elogiados como corretos

16. *Ibid*., p. 134.
17. *Ibid*., p. 135.
18. *Ibid*., p. 117.

e futurosos, de leitura garantida pelos tempos afora, no mesmo nível que os do uruguaio Javier de Viana, "o mais fascinante dos modelos"[19] do regionalismo hispano-americano do Sul.

Na discussão sobre o destino póstumo de sua obra, vale lembrar que, na *História literária*, João Pinto mostra com muitas evidências a proximidade da literatura produzida no Rio Grande do Sul em relação àquela produzida nos países do Prata. Para dar um exemplo apenas: abordando a obra de Simões Lopes Neto, "mais fácil, mais singelo, mais espontâneo" e por isso "mais próximo do povo" do que Alcides Maya no trato com a matéria regional, o crítico mostra que, no desenho da "nossa psicologia coletiva", Lopes Neto acerta por mostrar personagens com uma "uma espécie de narcisismo explosivo e pitoresco, que nos vem não do português, mas do espanhol, por efeitos de contágio".[20] No mínimo em outras dez passagens da *História literária* se constata que o autor considerava este o terreno adequado para compreender a literatura sul-rio-grandense. E justamente essa perspectiva é que será derrotada, nos círculos dominantes da crítica e da historiografia, nos anos posteriores, notadamente nas figuras de Moysés Vellinho e Guilhermino Cesar: para João Pinto era óbvio o nexo entre a literatura produzida no Rio Grande do Sul com a do Prata, enquanto para Vellinho e Guilhermino esse nexo não existe.

João Pinto saiu do Rio Grande do Sul em 1930 e nunca mais retornou. Teve prestígio e exerceu influência parece que apenas nos anos de 1920. Sua obra em livros permaneceu muda depois de 1930, ano da segunda edição da *História literária*, que só viria a ser reeditada em 2013. No necrológio já citado, Moysés Vellinho não esquece de criticar, de viés[21], justamente esse

19. *Ibid*., p. 118.

20. *Ibid*., p. 121-123.

21. Vellinho elogia a disposição de João Pinto para o reexame de seus textos e mostra que uma passagem "platinista" da *História literária* foi suprimida na segunda edição: na primeira edição, se lê: "Meio espanhol, meio português, muito mais em contato com

traço comparatista com o Prata, que adiante será chamado de "platinismo", em oposição à interpretação desse mesmo Vellinho e outros, claramente lusófila e negadora da familiaridade entre o mundo cultural gaúcho e o platino, marcadamente no que se refere ao gaúcho e ao chamado regionalismo.

Em 1956, Guilhermino Cesar lança sua meritória *História da literatura do Rio Grande do Sul*, pela Globo em seu apogeu, tendo por certo lido a *História literária* de João Pinto, que porém é mencionada apenas de passagem. Na "Introdução", Guilhermino assume o mesmo lado de Vellinho: comentando o estudo minucioso do regionalismo gaúcho que faz ali mesmo, diz ter certeza de que ele se liga apenas de "correntes válidas da literatura nacional", nada tendo ele com qualquer coisa não brasileira. E faz questão de colocar um imaginário prego no caixão do "platinismo": "Onde, pois, a influência platina descaracterizadora — alegada impensadamente, por comodidade, preguiça ou ignorância — sobre o conjunto do regionalismo gaúcho? [...] Cheguei à conclusão de que a literatura gaúcha é um dos elos mais fortes de nossa unidade literária [com o Brasil]. *Eis o que neste livro mais me satisfaz*".[22]

Não há dúvida que se trata de um ataque, não diretamente nem apenas contra João Pinto, e sim contra a posição que o grupo hegemônico no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRS) e na Globo, integrado e mesmo protagonizado por Guilhermino e Vellinho, via como equivocada, "insustentável", influência "descaracterizadora" do veio luso-brasileiro, este visto como o único legítimo.

---

o Prata do que com a Guanabara", o Rio Grande teria pensado em ser autônomo antes já de 1835. Todo o primeiro capítulo foi reescrito para a segunda edição, tendo sido essa passagem suprimida. E essa supressão é celebrada no necrológio de Vellinho por se tratar de uma "premissa insustentável". Mas é de notar que ao longo do texto João Pinto manteve a comparação entre vários casos de literatura gauchesca sul-rio-grandense e platina. Vellinho, *op. cit.*, p. 215.

22. Guilhermino Cesar, *História da literatura do Rio Grande do Sul*, p. 21, grifo nosso.

Alcides Maya e João Pinto da Silva, duas grandes figuras em sua qualidade crítica, representam assim toda uma época, entre as intuições de Apolinário e o grupo do Partenon, de um lado, e o caminho da profissionalização representado pela Globo e o grupo de intelectuais que ela reuniu, ainda antes de entrar em cena a crítica universitária. Os dois são raros por pelo menos dois fatores: serem amadores no tema e no metiê — antes de universidades, antes mesmo da existência de postos estritamente literários nos aparelhos públicos de cultura, antes da profissionalização e até mesmo da mínima rentabilidade da função literária — e terem tido horizonte bem amplo, leitura vasta e competente e reflexão profunda, tudo isso sendo os dois não professores (ao contrário de José Veríssimo e Sílvio Romero).

Curiosamente, os dois tiveram uma trajetória semelhante, em parte contemporânea, no que se refere à posição política, naquele tempo absolutamente decisiva para o exercício intelectual dada a precariedade de instâncias independentes. Ocorreu que os dois tiveram início intelectual na condição de opositores ao castilhismo, ao republicanismo oficial no estado, considerado por ambos como autoritário. E, embora nascidos com distância considerável no tempo (Maya em 1877, João Pinto em 1889), ambos aderiram ao poder do PRR na altura de 1910. Apenas a partir dessa mudança é que galgaram de fato as posições que desejavam, e assim adquiriram as melhores condições para desempenhar sua inteligência, na conjuntura.

Com *Machado de Assis: algumas notas sobre o* humour, de 1912, Maya alcança expressar uma maturidade crítica notável; com a *História da literária do Rio Grande do Sul*, de 1924, João Pinto da Silva mostra que é possível organizar uma leitura processual de conjunto sobre uma região sem perder de vista o juízo das proporções. E ambos, por motivos diversos mas na mesma quadra histórica do getulismo triunfante no plano nacional, como que deixaram de falar para as novas gerações, vindo a ser,

na prática, esquecidos ou postos de lado do debate pela geração modernista triunfante.

Referências

Dos autores:

MAYA, Alcides. *Machado de Assis*: algumas notas sobre o *humour*. Rio de Janeiro: Jacintho Silva, 1912. 2. ed.: Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1942. 3. ed.: Santa Maria; Porto Alegre: Ed. da UFSM; Movimento, 2007.

MAYA, Alcides. *Crônicas e ensaios*. Porto Alegre: Barcellos, Bertaso & Cia., 1918.

MAYA, Alcides. *Romantismo e Naturalismo*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1926.

MAYA, Alcides. *Alcides Maya*: textos críticos. Seleção, organização e notas de Lea Masina. Porto Alegre: Movimento; Santa Maria: Ed. da UFSM, 2004.

SILVA, João Pinto da. *Bolhas de espuma*: crônicas. Porto Alegre: Globo, 1920.

SILVA, João Pinto da. *História literária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1924. 2. ed., revista: Porto Alegre: Globo, 1930. 3. ed.: Porto Alegre: IEL, 2013.

SILVA, João Pinto da. *Vultos do meu caminho* — Primeira série. Porto Alegre: Globo, 1926. 1. ed.: 1918.

SILVA, João Pinto da. *Vultos do meu caminho* — Segunda série. Porto Alegre: Globo, 1927.

Sobre os autores e outros temas:

A FEDERAÇÃO. Hemeroteca Digital Brasil da Biblioteca Nacional.

ALMEIDA, Marlene Medaglia. *Na trilha de um andarengo*: Alcides Maya (1877–1944). Porto Alegre: IEL; EDIPUCRS, 1994.

BARCELLOS, Rubens de. *Estudos rio-grandenses*. Porto Alegre: Globo, 1955.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *A crítica literária no Rio Grande do Sul*: do Romantismo ao Modernismo. Porto Alegre: IEL; EDIPUCRS, 1997.

CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1956.

CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). *O ensaio literário no Rio Grande do Sul (1868–1960)*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; Brasília, INL, 1979

D'ÁVILA, Floriano Maya. *Terra e gente de Alcides Maya*. Porto Alegre: Sulina, [1969].

FIGUEIREDO, Osório Santana. *Alcides Maya, um clássico dos pampas*. São Gabriel: [*s.n.*], 1987.

FISCHER, Luís Augusto. *Literatura gaúcha*: história, formação e atualidade. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

MARTINS, Cyro. *Rodeio*: estampas e perfis. Porto Alegre: Movimento, 1976.

ROSA, Sérgio Ribeiro. *Pombagira e o apocalipse*. Porto Alegre: Cultura Contemporânea, 1970.

MASINA, Léa. *Alcides Maya*: um sátiro na terra do currupira. Porto Alegre: IEL; São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 1998.

VELLINHO, Moysés. No primeiro ano da morte de João Pinto da Silva. *In*: VELLINHO, Moysés. *Letras da província*. Porto Alegre: Globo, 1960.

Diego Grando

2.7
Poesia modernista

É preciso fazer uma porção de ressalvas sobre a poesia feita no Rio Grande do Sul ao longo da década de 1920, especificamente a partir de 1922, para que se possa rotulá-la como modernista. Isso porque, se entendermos por Modernismo as propostas e obras surgidas no centro do país, sobretudo em São Paulo, através de um movimento consciente, que tem na dupla Oswald e Mário de Andrade seu núcleo artístico e intelectual, chegaremos simplesmente à constatação de que não houve fenômeno parecido por aqui. O que não quer dizer que não tivemos poesia modernista, e muito interessante, aqui.

Uma primeira ressalva possível diz respeito ao fato de que a incorporação de temas cotidianos, da linguagem coloquial e da fala popular, associada à prática do verso livre, surgiu lá como forma de romper com o beletrismo da poesia de índole parnasiana. Aqui, contudo, já se estava, de certo modo, na contracorrente, uma vez que a influência simbolista era a dominante entre nossos poetas do início do século, o que pode ter vindo a relativizar a necessidade de ruptura.

Outra ressalva é que a valorização dos elementos nacionais, sobretudo as origens indígenas, e a releitura crítica da história do Brasil, associadas às formulações estéticas propostas pelas vanguardas europeias, notadamente o Futurismo e o Cubismo, parecem fazer menos sentido num estado que já vinha forjando

uma identidade autônoma (e a contrapelo), e não sem uma dose de ressentimento, em relação ao centro do país. E uma terceira ressalva, que será a última apenas porque não é este o foco aqui, a mais simples: como a novidade modernista surge no centro, ela demora a chegar nas periferias; e quando chega, já está atenuada, justamente pela demora, e tende a ser assimilada aos modos de fazer e pensar vigentes, e não a substituí-los. Dito de outro modo: não houve aqui a mesma *urgência* de Modernismo que houve lá, portanto sua configuração é diferente.

Assim sendo, o Modernismo na nossa poesia pode ser visto como tal desde que o entendamos como um processo de modernização que vai se dando ao longo da década de 1920, e não como uma tomada consciente de partido (um inimigo específico a destruir) seguida de uma ação agressiva e imediata. Esse processo é identificável, por exemplo, no percurso evolutivo das obras dos autores mais prolíficos do período, casos de Athos Damasceno Ferreira, Theodemiro Tostes e Augusto Meyer. Há, nesses três poetas, um desenvolvimento gradual, primeiro a diluição do Simbolismo, depois a afirmação das possibilidades modernistas, sempre pela via da síntese, e não da ruptura. O caso de Vargas Netto, também de síntese, diferencia-se dos demais pela preocupação tanto mais franca de operar dentro da expressão gauchesca. Uma terceira vertente, ainda, é composta por Ruy Cirne Lima, Ernani Fornari e Tyrteu Rocha Vianna, poetas que, em diferentes graus de realização, criaram as obras de culminância desse processo. Lamenta-se que não tenham escrito mais, para saber no que teria dado a continuação de suas carreiras.

Na obra poética de Athos Damasceno Ferreira (1901–1975), a herança simbolista dá o tom. Se o longo poema *No turbilhão...* (1922) seria renegado pelo autor, aqueles que aparecem em *Poemas do sonho e da desesperança* (1925) pouco alteram a perspectiva inicial: crepúsculo, outono, perfumes, flores, neblina e morte são as palavras que mais aparecem ao longo dos trinta

e cinco poemas, sempre marcados pela melancolia, pelo amor espiritualizado, em cenários indefinidos e pouco concretos, num texto repleto de suspensões e reticências. Do ponto de vista formal, predominam os alexandrinos (dezesseis poemas), seguidos pelos octossílabos (sete) e decassílabos (cinco), ou seja, dentro dos paradigmas tradicionais. Além disso, boa parte dos poemas são sonetos (quinze). No restante, alguma estrofação irregular e versos livres que em nada apontam para uma busca de outros ritmos, e sim um relaxamento da metrificação regular.

É em *Lua de vidro* (1930) que o poeta toma uma distância maior em relação a sua poesia anterior, seja no âmbito da forma, seja no dos temas. A aura simbolista diminui, embora persistam os elementos da natureza, o léxico musical e a captura de instantes breves. Também a melancolia e a espiritualidade diminuem, cedendo espaço ora a algum humor, ora a um registro do cotidiano.

Não há nenhum soneto entre os vinte e nove poemas que compõem a obra, muito embora predomine a regularidade: dísticos, tercetos e quartetos são a tônica, além de outras estruturas estróficas que se repetem de forma simétrica. Em termos de extensão, os versos, ainda que irregulares, giram em torno dos ritmos tradicionais, isto é, as redondilhas menores e maiores, o octossílabo, o decassílabo e o alexandrino. As rimas estão quase sempre presentes, mas já é possível notar um esforço de trabalhar com a musicalidade para além delas, como no caso do poema "Bombo":

> Que bombo que bomba
> ribomba que arromba
> parece um trovão!...
>
> O bombo no lombo
> na lomba do congo
> Babão!...
>
> E bomba que bomba
> descamba a molamba
> no chão!

No meio do samba
zubumba que bumba
— Carão!

E o longo ribombo
do bombo no congo
zabumba que bumba
que bão-bão-bão!...

(A vida com máscara de arame,
a vida vestida de dominó...

— A vida é infame
como ela só!...

O poema, apesar de fazer referência ao Carnaval, aos instrumentos de percussão, e mesmo à presença do negro, não chega a apontar para um diálogo franco com o ideário de valorização dos elementos nacionais do Modernismo do centro do país, isolado que está no livro. É, no máximo, uma tentativa bem-intencionada.

Outro tímido avanço, dessa vez na tentativa de trabalhar com a linguagem oral, cotidiana, aparece no poema "Max e Moritz", cujo título faz menção à obra de literatura infantil do alemão Wilhelm Busch (de 1865, com tradução brasileira feita por Olavo Bilac, que os transformou em "Juca e Chico"), e que tem como subtítulo "ensaio sobre o humor alemão...". Eis o poema:

Os meninos sapecaro
uma pedra na vidraça
do vizinho... e dispararo...

Que meninos engraçados!...
Que traquinas! quá quá quá...
Como são endiabrados!...

Todo mundo se queixaro
das enormes travessuras
que os meninos praticaro...

Merecero uma tunda
de chinelo: — paf paf...

— Ai ai ai a minha bunda!...

O que há de novidade aí, no contexto de sua poesia, se restringe à opção pelo registro da forma falada, desviante da norma culta, dos verbos na terceira pessoa do plural, além de uma ou outra interjeição ou onomatopeia. Mas o coloquialismo não avança, por exemplo, para a absorção das formas orais dos substantivos e adjetivos, que têm uma tendência a perder a marca do plural (como vem a acontecer em alguns momentos da poesia de Oswald de Andrade). Uma imitação do linguajar popular que fica no meio do caminho, portanto.

O caso de Theodemiro Tostes (1903–1986) não é muito diferente. Em *A canção preludiada* (1925), os trinta e dois poemas dividem-se entre sonetos, baladas e canções, além de outras formas com regularidade métrica ou estrofação simétrica. Os octossílabos e os decassílabos predominam. A herança simbolista é mais diluída, do ponto de vista lexical, sendo mais marcantes o tom e a dicção casimiriana: um lirismo amoroso, por vezes apaixonado, por vezes levemente desenganado, algum saudosismo, uma sensualidade física bastante comportada, uma melancolia suave ratificada por imagens da noite e da chuva. A "Elegia no cemitério em Taquari" é o único poema que insere uma nota pessoal e local ("Pequeno cemitério da minha terra triste / todo florido de lembranças e de flores..."), rompendo com o convencionalismo expressivo de viés romântico-simbolista do restante da obra, embora o título seja mais ousado que o restante do texto.

Em *Novena à Senhora da Graça* (1928), os dez poemas que compõem o conjunto abdicam da regularidade métrica. Ainda

assim, o verso livre nada tem a oferecer em termos de possibilidades rítmicas, indo pouco além da mera possibilidade de não haver um metro fixo. Do ponto de vista temático, o amor e a devoção religiosa andam de mãos dadas, não acrescentando novidade em relação ao livro anterior.

Embora datado de 1932, cabe o registro, pela mudança que aponta em relação à poesia de Tostes, do poema "O arranha-céu engolido".[1] Já no título, a marca modernizante se faz presente: a cidade verticalizada, portanto grande, de onde se subentende a multidão, o movimento e a velocidade, elementos que assinalam tanto a modernidade na poesia de Baudelaire quanto o novo horizonte temático invocado pelo Futurismo. É assim que se dá a abertura do poema:

> A manhã pulou toda nua do trampolim verde das ondas
> e abriu o lombo do mar num salto rápido e esportivo.
> Seu corpo animou os mil espelhos que a noite bafejou de névoa,
> correu pelos ombros das montanhas e veio deitar na areia fina.
> Farra das asas na luz.
> Da popa dum bote salta um boto.
> Pescador tira a rede da água,
> uma estrela apagada vem na rede.
> Do convés do navio espocam as interjeições dos passageiros.
> Quem foi que plasmou na areia essas formas de bronze e nervos?

Aqui, não é necessário esforço para se perceber as diferenças rítmicas e sintáticas, que emprestam ao poema a agilidade do universo retratado. Também as imagens, que vão se justapondo, denunciam o desejo do inusitado. E o poema segue nessa linha,

1. Escrito no Rio de Janeiro, o poema permaneceu inédito até a compilação da obra poética do autor, em 1988.

alternando ritmos e pontos de vista, dando espaço para neologismos e construções coloquiais, num andamento que lembra momentos da poesia de Mário de Andrade:

> Em cada janela há um bom-dia.
> Todos os sorrisos se misturam.
> Todas as músicas se juntaram na manhã nítida e
> polifônica.
> A voz da fábrica lá longe chamou o rebanho
> desgarrado.
> Avião veloz tuf-tufa furando o céu de ponta a ponta.
>
> Garoto que vai à escola,
> Pará, Paris, Zanzibar.
> O mundo é uma boa bola
> rola, rola, sem parar.
> Livreco de oitenta folhas,
> primavera enfolhou ele.
> Gostosura de inocência,
> fulgor de sol na pupila.
> Garoto que vai à escola,
> levando a cruz da mochila.

Há momentos em que o próprio fazer poético é colocado em questão, não sem uma dose de autoironia:

> Deixa a lua, as estrelas e as ondas, sombra.
> Não adianta rimar neste mundo sem rumo,
> neste mundo sem rima e sem remédio.
> A poesia perdeu o sentido.
> O poeta coitado caiu na vida,
> as torres de marfim têm elevador.

E na sequência, com direito ao registro da diversidade social no universo urbano e ao diálogo, em leve tom de deboche, com a tradição:

> Olha como as ruas vão se povoando de gente feliz.
> Compra o jornal.

As ruas retas, lisas, pretas, rodeadas de luz.
Vitrinas caras.
Olha os bichos de aço com olhos compridos.
Repara o moleque que vai descalço
e o rapaz que voa nos quatro pneus.
Aquele é o menino de braços rijos,
de pernas elásticas e pés certeiros.
A raça forte virá amanhã.
Não veio hoje, perdeu o bonde.
Aquele é o gênio que dá discursos,
aquela é a palmeira que dá bananas,
aquela é a várzea que tem mais flores,
estas ruas sem fundo também não têm fim.

Mais adiante, é a vez da cultura popular:

É a hora do samba no terreiro.
A voz do cantor molhando a sombra.
[...]
Ê tumba ê tumba
moleque tumba
a lua redonda rola no chão
nêga lustrosa de braços mortos
rebola a bunda no embalo bom.

Depois dessa espécie de exercício de apropriação das propostas e possibilidades abertas pelo Modernismo paulista, o poema se encerra em tom menor:

A noite gostosa se esparrama sobre todas as vidas machucadas,
rompe as paredes de vidro em que os bichos da terra se
entocaram,
engole tudo, tudo, tudo, o mundinho errado, o céu sem cor,
a noite bonita que bota mandinga,
a noite morena que rola do morro enrolada na voz do tambor.

Augusto Meyer (1902–1970) foi quem mais produziu durante a década de 1920. Em *Alguns poemas* (1922) predominam os sonetos em heptassílabos (são oito, num total de dez poemas), numa

busca de síntese entre a cultura letrada e a tradição gauchesca. Veja-se, a título de exemplo, alguns dos vocábulos do universo regional que aparecem na obra: "tapera", "macega", "sarandi", "maricá", "pelego", "guaipeca", "mate", "sanga".

Em *Coração verde* (1924), já assentado no verso livre, Meyer leva adiante seu projeto poético. Ao longo de quarenta e dois poemas, as imagens naturais são frequentes, tanto a fauna quanto a flora, a chuva, as estações do ano, sem, no entanto, a particularização regional (e lexical) da obra anterior. A linguagem não é afetada, não tem pretensões de elevação, mas acaba a serviço de uma poesia de celebração da vida, do amor, da leveza da existência. Ressalva seja feita a um poema como "A chaminé", em que este símbolo de modernidade e progresso aparece como elemento de destruição, em chave melancólica, das tradições:

> A chaminé sobe e vomita a fumaça,
> enovelada em penacho que rola e espirala,
> a chaminé vermelha sobre a arquejante forja da usina,
> enquanto a chuva bate o seu rufo inocente
> sobre as telhas de zinco,
> sobre as casas baixas, mansamente.
>
> Cha-mi-né.
>
> Torre nova de uma igreja sem fé,
> canhão monstruoso de tijolos,
> vomita, ameaça,
> pragueja dia e noite a praga escura da fumaça...
>
> Tapando a torre da catedral,
> sonhando ao longe um sonho de rapina,
> imensamente sobe a chaminé,
>
> — a chaminé — como um senhor feudal...

Vale assinalar também a presença da cultura popular, seja através da retomada de cantigas de roda, seja de lendas e folclore, que será uma marca frequente em seus livros posteriores. O principal exemplo é o poema "Boitatá", no qual é nítido esforço de trabalhar a linguagem no nível fônico:

> Quentura dos mormaços que impregnaram as
> carquejas,
> nem um sopro leve entre as furnas e as moitas.
>
> Noite, grande noite, a rancharia adormecera
> como um sono sem sonhos no coração da noite.
>
> Téu-téu! téu-téu!
> (Tesconjuro!)
> Téu-téu!
>
> Boitatá — tesconjuro!
> No escuro,
> uma chama vai rabeando — leve, lambe, amarela,
> a macega na lomba, enrosca-se em bola,
> em coleios se desenrola e rebola, raivosa,
> amarelece, azulece...
>
> Téu-téu! téu-téu! — Boitatá!
>
> Boi tatá na água dos mananciais,
> fogo maldito que não queima como fogo,
> na bruma dos mormaços que impregnaram as
> carquejas,
> quando a rancharia adormecera, negra, negra,
> como um sono sem sonhos no coração da noite...

Nos quarenta e um poemas de *Giraluz* (1926) coexistem cenários gauchescos, lendas, folclore e cantigas populares, e o lirismo pessoal, tanto o amoroso quanto o da reflexão sobre a passagem

do tempo. O poema de abertura é o singelo "Espelho", que de certo modo antecipa traços da poesia de Mario Quintana:

> Quem é esse que mergulhou no lago liso do espelho
> e me encara de frente à claridade crua?
>
> Tem na íris castanha irradiações misteriosas,
> e o negrume do sonho alarga tanto as pupilas
> que o seu lábio sensual como um beijo esmaece.
>
> Abro a mão — ele abre a mão.
>
> Meu plagiário teimoso...
>
> Tudo que eu faço morre no gelo de um reflexo.
>
> (Ele sorri do meu sarcasmo...)
>
> Não poder fugir da introversão,
> tocar a carne da evidência!
>
> Dói-me a ironia de pensar que eu sou tu, fantasma...

O lirismo com marcas da cultura e da fala populares aparece em "Sapo":

> Nota glauca do sapo,
> fanhosidade fria,
> tão boa como um gole de água no verão:
>
> Coax!
>
> (Diz que a Uiara brinca,
> limpa, na onda clara.
> A estrela pinga,
> para...)
>
> Diz que a mãe-d'água anda solta numa noite campeira

de macega arrepiada,
quando o fogo tem mais fome
e as estrelas são agulhas de geada.

Coaxar para o céu — coax!

Quando eu era gurizinho,
só pensava em brinquedinho:
"Tutu
Tatá
O sapo
qué brincá de pegá."

Hoje eu sei que o mesmo sapo
está no fundo do poço:
calado
lá dentro
de mim.

Também em *Duas orações* (1928) o folclore regional é artifício para dar realce ao lirismo pessoal. É o caso da "Oração ao Negrinho do Pastoreio", em que o que há a encontrar diz respeito à própria interioridade do eu-lírico do poema, em tom de lamento, como no trecho a seguir:

Eu quero achar-me, Negrinho!
(Diz que você acha tudo)
Ando tão longe, perdido...
Eu quero achar-me, Negrinho:
a luz da vela me mostre
o caminho do meu amor.

Negrinho, você que achou
pela mão da sua Madrinha
os trinta tordilhos negros
e varou a noite toda
de vela acesa na mão
(piava a coruja rouca

no arrepio da escuridão,
manhãzinha, a estrela-d'alva
na voz do galo cantava,
mas quando a vela pingava,
cada pingo era um clarão),
Negrinho, você que achou,
me leve à estrada batida
que vai dar no coração!
Ah os caminhos da vida
ninguém sabe onde é que estão!

Já *Poemas de Bilu* (1929), com quarenta e sete composições, pode ser considerado o livro que sintetiza os anteriores, apontando para as mesmas soluções formais e linguísticas. O espectro temático também é o mesmo, ficando mantida a tendência à mistura de elementos díspares, o cosmopolita e o regional, o erudito e o popular, o moderno e o folclórico. É o caso de "Balada de Bilu":

Compadre Bilu, conte uma história.
"Vi a andorinha fugir do avião,
vi cada coisa, vi cada cara,
vi Carlitos fazer discurso
e a fonte cantar a eterna canção."

Bilu, compadre, conte uma história,
que foi, meu bem, que você viu?
"Vi Lenine dançando shimmy,
vi Mlle. Moral, chanteuse,
vi a estátua da Liberdade
na corda bamba do bate-boca,
vi minha infância brincar de roda
e a fonte cantar a eterna canção."

Depois depois que foi que viu?
"Vi o tesouro da Teiniaguá,
vi tanta coisa que fiquei grogue.
Passa Rampaglia na Cadillac...

Vi o Curupira trocando o pito
pelo canudo de bacharel.
Mas vi a rosa que sempre é a rosa
e a fonte cantar a eterna canção."

Se há um elemento novo, é a presença do humor. Na maior parte dos casos, é derivado de uma postura lúdica no trato com a linguagem (em alguns casos, o humor já está antecipado no título do poema: "Delirismo", "Canção do me nego", "Puerilíssima", "Canção bicuda", "Pirronite aguda", "Canção encrencada", "Madrigal sem jeito"). É o caso de "Rimance", que parodia a poesia trovadoresca, puxando o tapete no verso final:

Senhora minha, quo vadis?
Que me enchedes de soidades,
A esta façom me feredes
Deperecer por my fé
De vossas blandas beldades.

A esta façom me deixades?

Senhora minha, haveredes
De avelenar coraçom,
Y ay quão cuitado deixades
A quem tão mal atendedes!

Deixaredes de mardades.

Assentado na tradição gauchesca, Manoel Vargas Netto (1903–1977) publicou *Tropilha Crioula* (1925), além de *Joá* (1927) e *Gado Xucro* (1928). Entre os trinta poemas que compõem *Tropilha Crioula*, as formas tradicionais prevalecem: vinte obedecem a padrões métricos e estruturais, sendo doze sonetos em versos decassílabos, e os demais indo das quadras às sextilhas, sobretudo em redondilhas maiores. Os dez poemas restantes empregam o verso livre, sem divisão estrófica. Independente das formas, há grande coesão linguística e temática em toda a obra: o

universo gauchesco, a vida no rincão, sua paisagem, fauna e flora, além dos tipos humanos e dos costumes. Dedicado a Eduardo Guimaraens, "Gaúcho" representa já uma tentativa de mescla da dicção simbolista com o cenário regional:

> Perambulando pelo pampa enorme,
> Para ânsias de amplidão satisfazê-las,
> Vive a correr, no seu corcel, conforme,
> O pampeiro das lendas e novelas...
>
> O gaúcho, por entre a massa informe
> Dessas campinas, verdes, amarelas,
> Si a noite o pega, no deserto dorme
> Coberta pelo poncho das estrelas...
>
> É portador dum ar de quem domina.
> Seu sangue forte vibra e rumoreja,
> Ao troar da pistola ou da clavina.
>
> Quando à morte, a garrucha aperta e beija,
> E morre revivendo na retina
> A epopeia crioula da peleja.

O retrato do gaúcho, altamente positivo, é de uma figura algo mítica, representada em "lendas e novelas", que atravessa em liberdade a amplitude dos campos, altivo, em comunhão com a natureza. O homem de espírito guerreiro e "sangue forte", contudo, parece viver da própria imagem que tem de si, da sua memória, e termina o poema beijando a arma que já não usa, ou seja, transformada de instrumento em símbolo. Orgulho e melancolia, heroísmo e resignação, parece, não são inconciliáveis nessa visão do mundo gauchesco.

Ainda dentro da forma tradicional do soneto, Vargas Netto investe em opções lexicais e culturais próprias do universo gauchesco. Uma síntese, de certo modo, entre tradições: a letrada e a regional. É o caso, por exemplo, de "No bochincho":

Huâi-huin, huâi-huin, huâi-huin, huâ-huâi-huin...
O gaiteiro abre a gaita no bochincho...
Por gostar de fandango foi que eu vim,
Mas 'stá apertado como queijo em cincho...

Gaitêro, toca um "chote" só pra mim,
Pois ninguém "junta" no rincão que eu rincho!
Quero ver se aqui tem algum micuim
Que queira se meter como capincho...

Veio o "dono" com parte de teteia,
Já le tranquei meu mango bem na ideia,
Pois pra me esparramar foi mesmo, um upa!

Dei um talho de adaga no gaitêro,
Atravanquei um coice no candiêro
E levei uma china na garupa...

Diferente do anterior, neste poema há um sujeito a enunciar os acontecimentos, de dentro da ação, e não apenas visto de longe. Esse contraste é notável tanto em termos de vocabulário quanto no desenrolar dos fatos. O verso de abertura, onomatopaico, mimetiza, com alguma ousadia, o som da gaita, para logo dar lugar à voz do guasca, que descreve o ambiente com seu linguajar característico ("bochincho", "rincho", "capincho", "teteia", "china", "garupa"), suas comparações e expressões ("apertado como queijo em cincho", "quero ver se aqui tem algum micuim", "dei um talho de adaga"), além de formas orais e castelhanismos ("gaitêro", "candiêro", "le"). Do ponto de vista do conteúdo, Vargas Netto coloca em cena o gaúcho valentão, que desde o princípio se mostra disposto a arranjar encrenca, e assim o faz: reclama da quantidade de gente, coloca-se como o dono do baile, ameaça, até que a coisa descamba para a violência e ele sai, depois de distribuir pancadas e facadas como quem faz seu exercício físico diário, vitorioso, carregando uma mulher como

prêmio. É, enfim, um tipo que já havia sido pintado por Simões Lopes Neto nos *Contos gauchescos*, e que anos adiante seria imortalizado por Erico Verissimo na figura do Capitão Rodrigo.

A mesma linguagem está presente nas quadras, em diálogo direto com a tradição popular gaúcha da trova. Um bom exemplo é "Cousa velha":

> Você pensa que é mentira,
> Mas eu le digo que não,
> Ouvindo falar nos pagos
> Sinto dor no coração.
>
> Dizque não chora o gaúcho,
> Pois eu le garanto agora,
> Fale dos pagos distantes
> Vamos ver si ele não chora.
>
> Quando me lembro, la pucha,
> Da china que deixei lá,
> Sinto um repuxo por dentro
> Que nem sei o que será.
>
> É como um tirão "de atrás",
> Quando se pega a carreira,
> Dum sovéu de três ramais
> Atado numa tronqueira.
>
> Não há gaúcho mais quera
> Que não conheça o tirão,
> Porque essa história é tão velha
> Que tem a idade do chão.
>
> Pode ser gavião de fama
> Que sente, embora não queira,
> Pois o sovéu é a saudade
> E o coração é a tranqueira.

Dessa vez, o gaúcho se dirige um interlocutor não identificado ("eu le garanto"), a quem abre o coração: em tom simultaneamente de confissão pessoal (e minimamente localizada no tempo e no espaço, da china deixada "lá") e de exposição coletiva (dos gaúchos de todo o sempre, já que a "história é tão velha / que tem a idade do chão"), ele fala sobre amores passados, saudade e distância. De novo, é uma visão melancólica e sentimental, de linhagem romântica.

Mas é nos poemas em verso livre que Vargas Netto dá um passo adiante. Ao abdicar da dureza imposta pela metrificação regular e pela forma do soneto, caminha em direção ao relato, ao causo, deixando que o conteúdo e o ritmo da prosa definam o andamento do poema e, com isso, dando mais naturalidade e coloquialidade à fala, diminuindo a sensação um tanto afetada dos poemas em formas fixas. Muitos lembram aqueles momentos em que Blau Nunes, o narrador de Simões Lopes Neto, avista algo ou alguém, no momento presente, que remete ao passado e, assim, dá-se início ao causo. Veja-se, por exemplo, a abertura de "Domador": "Com suas licença... este seu... / Se chegue amigo! / 'Stá vendo este quera que ali vem? / Não tinha domador igual a ele. / E não tem..."

Essa estrutura se repete no início de "Outra charla", poema mais extenso do livro, que faz uma reflexão sobre a existência do gaúcho, uma confrontação entre passado e presente. Eis a abertura:

> — Alcance os avios de fogo
> Quero prender meu pito.
> Pois é assim...
> Como eu ia le dizendo patrãozito,
> É sempre o mesmo jogo...
> — 'Stá o isqueiro.
> Mas, como eu ia dizer, qualquer povoero
> desses caras de idiotas,
> que nunca tomaram sol num lombo de coxilha,
> vêm com uma lenga-lenga

e uma porção de lorotas,
a dizer que não há mais gaúcho,
que gaúchos foram nossos avós ou nossos pais,
que o verdadeiro não existe mais.
Pura peta!

Feita a introdução, o orador parte direto para o ataque aos inimigos, aos difamadores dos gaúchos, que representam, em tudo o que são, uma negativa do gaudério:

Que vão saber esses trompetas,
que nunca se meteram em pendenga...
Nem sabem quando o sol avisa seca...
Não aguentam um pulo de bagual...
Não conhecem o vento que traz chuva,
nem qual é o pasto que faz mal.

Em seguida, vem a afirmação do gaúcho e, mais que isso, da sua continuidade, isto é, da permanência de seus valores e tradições:

O gaúcho sempre há de viver
enquanto o Rio Grande não morrer...
Em campo fino o potrilho é mais lindo,
tem mais quartos e encontro,
anda sempre escramuçando
e tem o pelo reluzindo...
É que a invernada é pura campo flor...
O rebanho que pasta em terra negra
a lã tem mais valor...
E o Rio Grande é campo bom!...

Vem, então, um inventário das ações do gaúcho guerreiro, desde o momento fundador, a Revolução Farroupilha, até as margens do momento presente:

Em 35 o gaúcho mostrou o que ele valia,
aguentou o tirão!...
93 chegou...
Quanto gaúcho apareceu?!...
E deu rinha

e morreu
como ninguém pensou...
E diziam sempre o gaúcho se acabou!
Veio 23...
E o que o gaúcho fez!?
Quanto caboclo bicharedo
chegava rindo, como num brinquedo
e entreverava na peleia
como quem entra num bochincho.
Não senhor, a cousa esteve feia!
Quanto gaúcho deixou prendas no seu pago,
e foi assobiando... p'ra coxilha,
e morreu a sorrir num entrevero
como quem chupa um amargo ou toma um trago!...
Em 24 o mesmo se passou,
o rodeio era geral
mas só o gaúcho é que parou...

O poema culmina com a afirmação da permanência do gaúcho:

Quer saber porque é?
Está na massa do sangue deste povo.
Porque o gaúcho é como o cinamomo,
duma ponta de raiz brota de novo
e um outro cinamomo ficará de pé.
Não acaba, não senhor.
Há de sempre viver lindo e sestroso...
Nem o tempo há de vencê-lo...
Um gaúcho se mata e não se vence,
mas ele é mesmo que capim teimoso...
Se a geada mata no inverno,
na primavera volta mais viçoso!...

Não é, portanto, a vitória que define o gaúcho (o acúmulo de fracassos o prova), mas a persistência, o não se dar por vencido, o gosto pelo enfrentamento. Imagem positiva, sem dúvida, mas não sem ambiguidades. Afinal, aquilo que tem de permanência, tem igualmente de estagnação. Na poesia de Vargas Netto,

portanto, o que há de modernização se dá pelo acomodamento, e não pela ruptura, isto é, pela junção de uma autoimagem levemente destoante da tradicional às opções formais renovadoras que mais se adaptam às tradições vigentes (basicamente o verso livre e a linguagem popular regional), sem, com isso, que fique marcado um corte brusco com elas.

O ano de 1928 parece ter sido o mais importante para a poesia feita no Rio Grande do Sul, em termos de quantidade e qualidade de publicações. Além das obras já mencionadas, três outras ocupam posição de destaque. Autor de apenas dois livros, *Minha terra* (1926) e *Colônia Z* (1928), Ruy Cirne Lima (1908–1964) é o mais próximo dos poetas precedentes. Os trinta e um poemas de *Colônia Z e outros poemas* são organizados em seis partes. Na primeira, "Colônia Z", a imagem que perpassa os seis poemas é a do mar. Junto com ele, seus correlatos: as ondas, a espuma, os peixes, os pescadores, a imensidão, o céu e a terra. A tentativa é a de registrar cenas breves, criando uma atmosfera de mistério, silêncio e solidão, em postura mais contemplativa que reflexiva, sempre sem sofrimento. A linguagem, girando em torno do tema central, é correta, seja lexical, seja gramaticalmente, com raras marcas locais, sem coloquialismos em excesso. O uso do verso livre serve mais como facilidade expressiva do que como recurso formal, pesquisa rítmica. Nesse sentido, esse grupo de poemas de Ruy Cirne Lima situa-se no terreno de boa parte da poesia de Cecília Meireles. O poema "Madrugada", que fecha esta primeira parte, é o de melhor realização:

> A lancha da lenha vem chegando, ainda escuro,
> mansa, com a sua tosse miúda de gasolina
> e o seu motorzinho fumegando na popa.
>
> Vem vindo na volta do rio.
>
> Para trás, os matos cochilam na névoa da madrugada
> onde escorre a asa negra dos biguás.

Um silvo claro demora no ar.
Chegou.

A lenha veio coberta de folhas verdes, palmas, bambus,
e a lancha parou, em silêncio, no meio do rio,
pequenina, esmagada, como uma formiga orgulhosa.

Em "A primavera nos campos", também com seis poemas, temos um deslocamento para o cenário do campo. A atmosfera, contudo, permanece a mesma, com ênfase na vastidão e na natureza sugestiva. O campo é retratado com pouca especificidade (as menções repetidas às coxilhas e aos caponetes é o que há de mais local, tanto em termos geográficos quanto lexicais), à exceção de "Vento", poema que fecha a série:

Campos de Cima da Serra,
semeados de pedras musgosas
como o céu de nuvens.

Capim macio, piscando ao sol, mosqueado,
enquanto se espreguiça no azul a rama verde do umbu.

Vento teso do planalto,
pinheirais severos vestindo as lombas,
orvalho claro da Serra!

Ergo as mãos, tão longe! para as montanhas verdes,
e nas minhas mãos o vento cheiroso do alto
é largo e redondo como os campos da Serra.

Tanto em "Chuva de setembro", com seis poemas, quanto nos dois poemas de "Noturnos", a lógica se mantém: o registro de quadros da natureza, na tentativa de capturar instantes efêmeros, com algum mistério e pretensão de profundidade. O mesmo acontecerá na última parte, "Tarde", composta de quatro poemas.

A nota destoante, e por isso mesmo o momento mais original do livro, está nos dois poemas de "Canto de negros", penúltima parte. Embora haja pouca novidade no trabalho com a linguagem, há um esforço de incorporação do tema popular, a partir do deslocamento da representação de cenários para o retrato de indivíduos. O primeiro é "Moleque":

> Moleque não chora.
>
> Moleque fica, coitado,
> meio zonzo, num canto.
>
> Moleque que chora apanha!
>
> Moleque fica mais preto
> de tanta raiva.
> Mas negrume de fazer mal,
> escuridão das Profundas.
>
> Moleque que chora apanha!
>
> Moleque fica, coitado,
> meio zonzo, num canto,
> mas os olhos alumiando.
>
> Moleque tem fogo por dentro,
> alumiando nos olhos.
> Mas deixa o fogo queimar...
>
> Moleque que chora apanha!

A violência e as ameaças vão contra o espírito de celebração que domina as outras partes da obra. E este tom, em que o desencanto empático vai de par com a denúncia de realidades históricas e sociais, se mantém em "Negro velho", aliás dedicado a Mário de Andrade, indicando algum desejo de filiação:

Negro velho é manso, manso,
e quanta pancada leva!

Negro velho não tem ninguém.
Sinhá Moça gosta dele,
mas Sinhá vai ser bonita
e branco bonito não tem pena.

Negro velho veio de muito longe
e pra lá é que quer ir.
Está cansado desta vida!

Negro velho está sonhando!
Preto não tem querer.

Negro velho não quer nada, não...
Está cantando só pro sono vir.

Caso bem diferente é o de Ernani Fornari (1899-1964). Depois de uma estreia bastante comportada, com *Missal da ternura e da humildade* (1923), em que predominam os sonetos, a linguagem elevada e os temas da lírica tradicional, o poeta dá uma guinada com seu *Trem da Serra* (1928). O conjunto de trinta e dois poemas, como antecipa o título, simula uma viagem de trem pela Serra gaúcha. Já aí, duas questões: a novidade do cenário, que não é nem o da capital, nem o do campo, e que aponta para o registro de outro tipo regional, o imigrante italiano e seus descendentes; e a presença do trem, marca de modernidade e movimento, questões centrais da pauta vanguardista.

O poema de abertura, que dá nome ao livro e início à viagem, compara a locomotiva a um cavalo, numa primeira síntese entre modernidade e tradição, tecnologia e natureza:

A *Mallet*
é um flete puro-aço
esfaimado de distância,

com um olho na testa e a dentuça de fora,
puxado pelas rédeas compridas das paralelas.

Ele vai, digere que digere feixes de dormentes,
bufando
e sacudindo ao vento
as crinas trançadas de fumaça...

Tróc-tróc... tróc-tróc... tróc-tróc...

Isto? É o batido dos cascos do animal!

E aquelas brasinhas que vão ficando pelo chão,
o que serão?...

É no quinto poema, "Cinematógrafo", que outra comparação vai ser feita: a vidraça do trem transforma-se em tela de cinema, e através dela o poeta-espectador observa e registra o que vê. Mais uma vez, dois conceitos significativos para a poesia de vanguarda, o movimento e a velocidade, se fazem presentes, revelando uma paisagem local, por sua vez, primitiva e lenta:

Vesperal infantil
dos meus olhos de homem feito!

Aboletado no banco vascolejante
do meu cinema ambulante,
fico olhando para a tela *Pathé-Baby* da vidraça,
onde a paisagem dispara, assustada, para trás.
Os postes telefônicos se sucedem,
junto dos trilhos,
formando uma paliçada interminável...

É aqui que a terra-zebu principia aos tombos
a fazer calombos.
Na distância andam homens depilando
a giba dromedária de uma montanha peluda...

Olha,
aquele morro recém-queimado que se vê ali,
não parece um enorme crânio encarapinhado
de tio-mina até às orelhas enterrado?

Olha
aquele ventrudo monte chico-bóia,
muito lá,
caminhando devagar

no "retardador" esfumado da distância...

Graças a esse recurso, o conjunto vai sendo acrescido de narratividade, e os poemas, pequenas cenas, vão se encadeando como numa projeção cinematográfica (que, lembremos, nada mais é do que a sucessão acelerada de imagens estáticas gerando sensação de movimento). Temos aí o caso de um livro flagrantemente pensado como livro, com estrutura e arquitetura próprias, e não como simples coletânea de poemas.

A linguagem de Fornari é ágil, segue o ritmo da locomotiva. Há, mesmo, uma tentativa de representação da simultaneidade, em que diferentes momentos e paisagens vão se sucedendo, mas sempre num "agora", caso do poema "Segunda parte":

Com um estrondo de ferragens uma ponte nos
engoliu...

Passou um rancho correndo... correndo...

(Rancho, que bicho te picou?)

Capões... Sangas... Cascatas anônimas na geografia...
Árvores respeitáveis, de longas barbas veneráveis,
abanam as barbas para o trem...

Agora,

os primeiros pinheiros
e uma carroça, ali embaixo, atolada no barreal...

Agora,
uma choupana triste, sem horta, sem chiqueiro,
com paredes de taquara e barro formando barriga:
— casa cai-não-cai de índio verminado...

Agora,
um chalé muito claro, muito fresco,
com telhado novo, num cenário de fartura;
— lar de colono que compreendeu toda a bondade
do chão que a gente pisa sem carinho...

Agora,
uma tapera — esperança que falhou...

A realidade local também é afetada pela presença dos viajantes, como em "Cozinha ítalo-brasileira", numa interrupção da viagem para o almoço: o restaurante, cheio, opera em ritmo frenético, enquanto a locomotiva, parada, recarrega o combustível como quem se alimenta. A mistura cultural indicada no título efetiva-se no poema, tanto no plano do conteúdo (come-se macarrão, bebe-se cerveja) quanto no da linguagem, em que um neologismo (*jazzbandiza*) convive com as expressões em *talian*, variante linguística do vêneto falado na região:

O *buffet* regurgita como tenda de arraial
em dia de carreiras.

Refeições velozes a 3$000.

Cheiro de mato é mostarda de viajante;
pela algazarra se avalia o apetite
que ela andou abrindo em toda aquela gente...

A locomotiva, desprendida dos comboios,

foi mamar num reservatório lá distante...

A máquina também tem fome:
foi ao depósito empanturrar-se
de carvão nacional à la minuta.

O barulho dos talheres e dos pratos
jazzbandiza a música álacre das fomes tagarelas,
e põe uma zoada de realidade que entontece
dentro do excesso de luz que sitia a casa
e pula pelas janelas...

Bandos de moscas,
depois de algumas proezas aéreas,
difíceis e arriscadas,
capotam dentro dos copos de cerveja.

— *Candalostia! Maledetto!*

— *Ó garçom, mais macarrão pra um!*

A chegada dos colonos italianos na região, a mistura cultural e linguística com o gaúcho de ascendência indígena, bem como as questões de adaptação e os problemas de comunicação daí decorrentes, são tematizadas em "Conquista da Serra". O poema, aliás, que funde uma citação erudita em italiano ("*La donna è mobile*" é a frase de abertura de uma canção da ópera *Rigoletto*, de Giuseppe Verdi) com regionalismos ("guaiaca", "Buenas tardes", "vancê", "china"), língua italiana ("*Bona sera*", "*Per Bacco*", "*Figlio mio*"), expressões e ditos populares ("Cala o bico, bem-te-vi!", "Dandá, dandá / p'ra ganha tem-tem") e linguagem oral ("Faiz"), culmina com a conquista, altamente sugestiva, da mulher gaúcha pelo imigrante italiano:

O gringo veio do mar...

A china estava na terra quando o gringo chegou
puro e cheio como a guaiaca cheia de onças de um mascate,
acordando a mataria com a voz empostada,
e fazendo calar os inhambus:

"La donna è mobile..."

Ela não compreendia, mas pensava
que ele trazia para a Terra Nova,
transformada em esperança, a desilusão do seu país...

E a china ficou espiando atrás do pinheiral
o gringo que chegava, louro como o Sol — que era o deus dos seus avós.

— Buenas tardes p'ra vancê!
— *Bona sera!*

— Que é que ele disse?

E o gringo construiu uma casa com telhado de tabuinhas ...

(O rancho da china era de santa-fé!)

E o gringo plantou trigo na montanha,
— milagrou aquele chão que era só pedra...

E a china ficou espiando aquele estranho que plantava
também cabelos louros no cocuruto da montanha.
E gostou tanto da maciez estranha da seara
que quis deitar-se sobre ela e adormecer...

(Até parecia os cabelos dele!)

— *Per Bacco!*

Mas o italiano que era esperto despertou a china linda
que dormia
aquele sono milenar...

Houve um estremecimento mais violento no trigal ...
.....
— Psiu! Cala o bico, bem-te-vi! Faiz que não viu!
.....

— Dandá, dandá
p'ra ganhá tem-tem!

— *Figlio mio!*

O caso mais interessante é o de Tyrteu Rocha Vianna (1898–1963), autor de *Saco de viagem* (1928), seu único livro. Aqui estamos diante da experiência mais inovadora da década, e talvez das décadas seguintes. Partindo do mesmo mote de Fornari, a viagem, Vianna radicaliza a proposta, abrindo mão da linearidade espaço-temporal (e, consequentemente, narrativa) que há em *Trem da Serra*. O caráter fragmentário se dá ainda antes dos poemas, em nota do autor, a título de preâmbulo: iniciada e terminada por reticências (as únicas marcas de pontuação, aliás, em todo o livro), o texto de quatro linhas supõe, em tom satírico, como seria o prefácio do livro de acordo com um acadêmico e purista da língua, o dr. Austregésilo (Antônio Austregésilo Rodrigues Lima, membro da ABL), antevendo uma bem-humorada menção às "obscuridesas e incomprensibideses" dos poemas, bem como a "verdez da iniciatividade futurística do autor". Ou seja, pela via irônica, Vianna afirma um desejo de ruptura com a linguagem retórica de cunho barbosiano, na trilha dos modernistas paulistas, além de sublinhar o flerte com o Futurismo.

Logo em seguida, o poema de abertura confirma essa declaração de princípios:

> Críticos
> Passadistas
> Tende piedade amém
> Destes
> Oswaldandradeanos
> Futurismismos
> Poupai-os do manejável porrete
> Critical
> Lembrai-vos sempre ao lê-los
> Deste pedido introducional amém de novo
> E de que a liberdade de fazer versos
> Nestes Brasis
> Não foi regida pela lei Adolfo Gordo

A batalha contra críticos e passadistas, igualados pela justaposição dos versos, se dá pelo alinhamento com Oswald de Andrade e o Futurismo, ambos, por sua vez, nomeados por neologismos, o que deixa alguma margem de ambiguidade, se não para uma dose de crítica (sobretudo o segundo termo, que poderia sugerir "mesmos Futurismos", assinalando uma contradição entre aqueles que buscam sempre o novo), ao menos para uma adesão que preserva a autonomia do autor. O expediente é, de novo, sarcástico e irônico, afinal, pede-se piedade e clemência para anunciar uma ruptura. Além disso, a invocação da "liberdade de fazer versos" coloca o livro com os dois pés no projeto do Modernismo do centro do país (e que estará presente no poema "Poética", de Manuel Bandeira, em *Libertinagem*, de 1930), reforçada pela menção à lei Adolfo Gordo (de 1907, autorizava a expulsão de estrangeiros que colocassem em risco a segurança nacional e a paz pública, como forma de reprimir o anarquismo e a movimentação sindical no seio do operariado brasileiro).

Feita a introdução, o livro é organizado em duas partes: "Vontades de versos futuristas", com quinze poemas, e "Churrascos

de viagens", com oito poemas. Já pelos títulos tem-se tanto a confirmação da intenção de um vanguardismo cosmopolita, com tudo (desejo de ruptura, expressão da velocidade e do movimento, atitude iconoclástica) que dela decorre, quanto a valorização dos costumes populares locais, pela presença do churrasco.

O poema que inaugura a primeira parte é "São Chico", referindo-se a São Francisco de Assis, cidade natal do poeta:

> 5.000 brasileiros e outros tantos gringos e
> Meia dúzia de ruas cordas largas
> Enforcando a praça sombra
> Tocaia do dia do povo bestificado
> Novidades
> Cinema domingos sem chuva
> E os bailes por cabeça pagantes
> Depois das fitas cow-boys da Universal
> E os três feriados municipais
> Na semana
> Quando chegam as malas das notícias assinadas
> Nos jornais do correio ansiado
> Sino da torre atrasadeira do relógio só
> Quando vem fr. Marcial
> Sermoneiro no degote das gurias
> Missar batismos 3$000sando economias baratas
> Água benta Almas do Purgatório
> Carolas ita est etc.
> E a vista pernuda banhísticas madamas
> Nas enchentes do Inhacundá
> Parindo lavadeiras pelas margens
> Marificado
> E as ruas buracos esfomeados boquiabertamente

É digno de nota o fato de que o registro feito é da realidade urbana (e não rural, como se poderia esperar), uma realidade que contrapõe provincianismo e universalismo: a cidade pequena e seus costumes, a informação do mundo grande, que chega pelo

cinema e pelos jornais, e convive com presença conservadora da religião, o rio que é entretenimento para os favorecidos e fonte de sustento para outros. Tudo isso a partir de uma linguagem rápida, absolutamente moderna, favorecida pela ausência de pontuação, mas não só: há as enumerações, os cortes bruscos nos versos, os termos em línguas estrangeiras (inglês em "cow-boys", latim em "ita est", além do nome indígena do rio Inhacundá), as expressões coloquiais e populares ("gringo", "missar"), os neologismos ("atrasadeira", "banhísticas", "marificado", "boquiabertamente"), além de construções que tensionam a própria leitura, como a forma abreviada "fr." (lê-se "frei" ou não?) e "3$000sando" (um gerúndio de três mil réis, a ler-se "tresmilreisando"?).

Já o caso de "No galpão" é o do diálogo com a tradição da literatura gaúcha, mas, ainda assim, com postura destoante:

> Lá fora o patrão D. Inverno
> Mais D. Frio e seu capataz Minuano
> Mais a peonada deles feita de pingos de garoa
> Iam repontando
> A manada retacona dos peães
> Do pasto alto das noturnas cavaleiragens pelos ranchos
> Da vizinhança grávida de gurias cúbicos palpáveis
> Para a mangueira das 4 paredes do galpão
> E à roda do fogo D. Chimarrão os pastorejava
> Formados
> Seu Tibúrcio era o contador de histórias de plantão
> Sia dona Conversa foi vindo vagarosa e lerda
> Como a baia aguateira lunanca
> E pela boca desdentada do Aurélio chegou-se
> Na história recente dos fantasmas assombradores
> Do posto do rodeio das bragadas
> Houve risadas mui reticenciais dos circunstantes
> Largas longas e cortantes como facão marca touro
> E D. Silêncio chegou montado no pschit
> Do capataz bandaoriental D. Fulano

Seu Tibúrcio mandou D. Silêncio à fava
E foi se defendendo na maciota
Retrucão a fechar um crioulo filado
Mas não foi eu que o sobreintendente
Ia prender na cadeia
Como desencaminhador da fia mais moça
Da sia dona Anaia
E o pai do aleijadinho
E logo em seguida
Deu vontade de fazer pipi no capataz
Bandaoriental D. Fulano
Peleador de amores impúberes abafados

Com uma incorporação modernizante (escassez de nexos sintáticos, mudanças abruptas de ponto de vista e de voz) do linguajar gauchesco, só comparável à realização de Simões Lopes Neto na década anterior, o poeta narra, de maneira elíptica, uma pequena cena cotidiana: uma roda de chimarrão em um galpão, onde se reúnem os peões, para contar e ouvir histórias, já noite alta. Fala Seu Tibúrcio, a conversa engata, depois fala Aurélio, dando a sugerir as aventuras sexuais dos peões, e as risadas que seguem são cortadas pelo silêncio imposto pelo capataz, um castelhano, tão logo chega. Há tensão no ar. Mas o que poderia ser resolvido com algum tipo de violência acaba se tornando uma desforra puramente verbal, com a acusação velada de que o capataz já era conhecido por tirar moças jovens do bom caminho. Vitória retórica do peão sobre seu superior, em chave cômica, e não épica.

A violência que permeia o universo gauchesco, não se restringindo às ações bélicas, mas como prática de resolução de conflitos cotidianos, aparece em "Para a história":

O espadagal subintendente barbicachudo
Do distrito abigeatorial
Embrabeceu repentino
Nas carreiras californiais
Atravancando a cancha com o lazão

Cusquilhando chilenas na virilha do pingo
Gritou cola atada
Rebencaços falatórios
O sujeito ou indivídua que
Atravessá os trio
Vorta pelo mesmo conseguinte
E a murta é cincão
Fechou o tempo e o Dr. Fraga
Costurou-lhe os intestinos
Com uma agulha de compor sacos

Mais uma vez, o poema de tema gauchesco faz uma síntese de léxico regional e alta inventividade linguística (sobretudo na adjetivação), registro da fala popular, liberdade sintática e cortes abruptos. No plano do conteúdo, temos a tentativa de uma autoridade local, durante a realização de corridas de cavalo, de fazer valer sua autoridade também naquela competição, (re)definindo as regras vigentes e impondo até uma multa. O resultado, nos três versos finais, é de uma violência crua, embora elíptica: com o ventre rasgado a facão e grosseiramente costurado, o sujeito (sabe-se lá se vivo ou morto) recebeu a lição merecida.

Na segunda parte, "Churrascos de viagens", todos os poemas têm nomes de cidades nos títulos. O ciclo abre com "Pelotas", que é retratada, de modo quase puramente enumerativo, em sua pujança econômica, tecnológica e cultural, não sem alguma possibilidade de passagens irônicas:

A princesa coroada
Da família real das cidades do sul
Farelo de arroz
Fardos de charque e sebo nas barricas das
Charqueadas do São Gonçalo piscoso
Hotel Aliança
Aliança Libertadora
Herança jacente do conselheiro telegramando
Conselhos deputadais libertadores

Mudas da Quinta Bom Retiro
Hibitantes podres de chic
Brigadores da briga espartoateniana
Com a vizinha das areias Rio Grande
A Faculdade Livre de Direito
Facílima facilidade formadora de bacharéis
Em turmas manadas gafanhotais
Telefones automáticos da Light and Power
Milagrosos bondes sem condutor
Teatrais Guaranis imensuráveis vastos como o mundo
Bares pingando
Água Gaúcha
Perfumes
Efebos

Em seguida, é a vez de "Rio Grande", contraponto de sua vizinha, e então seguem-se três outras cidades brasileiras à beira-mar: Florianópolis, Santos e Rio de Janeiro. Seria a insinuação de um trajeto marítimo, com duas escalas, até a capital do país? Por fim, fecha-se o itinerário com três cidades sul-rio-grandenses, num movimento que vai da fronteira em direção ao centro do estado: Livramento, Alegrete e Santiago. Eis o poema de encerramento:

A desordem massarocalíssima
Das ruas tortas
Feitas para entortar as outras já tortas
Que o fundador povoadal
Não conseguiu pôr como um tabuleiro
De damas
Deixando ruas e casas
Brincando de esconder com os arvoredos
Em farra descomunal
A fama da riqueza Januário Chagas
Afamando o lugarejo
O rádio do Mathias
O hotel impercevejável do tio Pinto
Tão vasto como a barriga dele

Zebus
Cinema teatro
E a igrejinha velhinha
Singelinha
Quadradinha
Em reforma compulsória
A terceira classe emigratória
Fez o baile de gaita
A primeira coronelando pagante
Licença comandantal
Cervejada
O gaiteiro me contou que a italianinha
Cobiço
Emigratória futura matarrazza gente
Tinha sido roubada
Beijos e beijos na boca
O botequineiro testemunha da palestra
Enganou-se safado no troco
Virando-me a cerveja na roupa nova
Dordecorneal

Novamente, vemos o retrato de uma paisagem urbanizada em que os versos, cheios de enumerações, vão se justapondo e deixando ver, na cidade presente, tanto as marcas de sua história quanto as relações políticas, sociais e econômicas. Tudo desemboca numa cena interiorana típica: um baile, com direito a música, bebida, paqueras, fofocas, no qual o sujeito do poema aparece como um espectador da cena e ouvinte das histórias e causos contados (talvez sugerindo que tal posição havia sido ocupada ao longo de todo o livro), passado para trás pelo dono do boteco e um tanto ridiculamente molhado de cerveja, provando que tivemos, à nossa maneira e com nossas limitações, um processo de construção de uma poesia modernista, do qual Tyrteu Rocha Vianna, apesar de não ter deixado herdeiros, parece ter sido o ponto de chegada.

Um último autor a ser analisado, e em alguma medida um caso à parte neste panorama da poesia modernista do Rio Grande do Sul, é Raul Bopp (1898-1984). O fato de ter saído do Rio Grande do Sul ainda antes da década de 1920, retornando por um breve tempo para cumprir um ano de Direito em Porto Alegre e depois vindo a residir no estado natal apenas na década de 1970, fez com que circulasse por outros meios e se integrasse ao debate modernista de uma outra perspectiva, a do centro do país: chegando a São Paulo em 1926, depois de cursar Direito em quatro cidades sucessivas (Porto Alegre, Recife, Belém e Rio de Janeiro), integrou o movimento Pau-Brasil e foi um dos articuladores do Movimento Antropofágico, ao lado de Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral e Antônio de Alcântara Machado; dirigiu a primeira fase da *Revista de Antropofagia*. No raio da ação, portanto, Bopp transcendeu o campo literário sul-rio-grandense, estando de certa maneira fora dele, sem, contudo, cortar os laços. Afinal, foi interlocutor dos autores do estado, que lhe fizeram reverência dedicando livros (Ruy Cirne Lima, em *Colônia Z e outros poemas*) ou poemas (Tyrteu Rocha Vianna, com o poema "No galpão", em *Saco de viagem*), além de divulgador de suas obras: no período em que esteve à frente da *Revista de Antropofagia* (maio de 1928 a fevereiro de 1929), foram publicados poemas e colaborações de Augusto Meyer (em quatro números) e Ruy Cirne Lima (em dois números), além de comentários, assinados por Antônio de Alcântara Machado, sobre os livros de Ruy Cirne Lima e Vargas Netto.

Do ponto de vista estético, seu *Cobra Norato* (1931) está perfeitamente alinhado às propostas antropofágicas: fusão de primitivismo e vanguardismo, articulação de mitos indígenas, lendas populares, experimentalismo linguístico, fragmentação sintática e nacionalismo crítico. Nesse sentido, a obra que é considerada um dos pontos altos do Modernismo brasileiro surge como nota destoante no cenário local, tanto pela seleção

e tratamento dos temas quanto pelas opções formais, colocando seu autor numa situação muito particular: ao mesmo tempo que goza de reputação, como um dos autores destacados do Modernismo feito no eixo Rio-São Paulo, figurando logo abaixo de Oswald e Mário de Andrade nas histórias literárias brasileiras, ocupa uma posição marginal na configuração gaúcha do Modernismo. Central no centro, periférico na periferia, Bopp ilustra, assim, a própria condição do sistema literário sul-rio-grandense diante do nacional.

Referências

BOPP, Raul. *Cobra Norato e outros poemas*. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

FERREIRA, Athos Damasceno. *Poesias reunidas*. Porto Alegre: Globo, 1979.

FORNARI, Ernani. *Missal da ternura e da humildade*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1933.

FORNARI, Ernani. *Trem da Serra*. Porto Alegre: Globo, 1928.

LIMA, Ruy Cirne. *Colônia Z e outros poemas*. Porto Alegre: Globo, 1928.

MEYER, Augusto. *Poesias*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1957.

TOSTES, Theodemiro. *Obra poética*. Porto Alegre: Fundação Paulo do Couto e Silva, 1988.

VARGAS NETTO, Manoel. *Tropilha crioula*. 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1929.

VIANNA, Tyrteu Rocha. *Saco de viagem*. Porto Alegre: IEL; EDIPUCRS,1993.

REVISTA DE ANTROPOFAGIA, São Paulo, ano 1, n. 1-10, maio 1928/fev. 1929. Disponível em: http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/060013-01. Acesso em: 13 set. 2017.

Cida Golin

2.8

A cidade e o Modernismo na revista *Madrugada* (1926)

As revistas culturais constituíram uma forte tradição no Brasil nas primeiras décadas do século XX. Diversos pesquisadores[1] assinalaram o quanto estes periódicos ganharam força na captação das transformações culturais da época. Ao marcarem sua diferença em relação ao jornal e ao livro, ensaiaram uma espécie de escrita provisória, ao mesmo tempo dinâmica e reflexiva, apoiada na montagem e no fragmento, exercitando os vetores da estética modernista a partir da prática jornalística. A colagem e a divisão como experiências do descontínuo, analisa Raúl Antelo[2], foram estratégias discursivas comuns às revistas culturais e literárias. Afirmando suas singularidades no heterogêneo perfil mundano-artístico, tais periódicos construíram representações das cidades em movimento, registrando percepções de aceleração e novidade, interpelando o leitor para os modos de viver a experiência urbana.

Para Mônica Velloso, as revistas constituem um lugar de memória. Afinal, é possível perceber ali tanto os itinerários individuais como a proposição de um projeto coletivo. São

1. Em linhas gerais, baseamo-nos em *O moderno em revistas*: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930, de Cláudia de Oliveira, Mônica Pimenta Velloso e Vera Lins; *Revistas em revista*: imprensa e práticas culturais em tempos de República Velha (1890–1922), de Ana Luiza Martins; *Modernismo em revista*: estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920, de Ivan Marques; *Modernismo no Rio de Janeiro*: turunas e quixotes, de Mônica Pimenta Velloso.

2. Raúl Antelo, "As revistas literárias brasileiras", 1997.

indícios para entrever a configuração do campo intelectual de cada época, das suas adesões e exclusões. Nos anos 1920, os periódicos literários foram decisivos na divulgação crítica do ideário modernista, constituindo-se em suporte estratégico para o debate de ideias, das polêmicas e conflitos, para veiculação das obras e dos autores. Segundo Afrânio Coutinho, os diversos grupos modernistas brasileiros divulgaram sua produção artística em revistas de vanguarda. Cada coletivo procurou se articular em torno de uma redação, espécie de microcosmo das sociabilidades, das influências e das relações intelectuais de então. Essa prática, que teve a paulistana *Klaxon* (1922–1923) como um dos periódicos emblemáticos, espalhou-se pelo país. Foram muitos os títulos, a maioria de curta duração, identificando as circunstâncias, especificidades e o ideário de cada um dos grupos. Entre os vários exemplos citados na historiografia, estão *Mauriceia* (Recife, 1923), *Estética* (Rio de Janeiro, 1924–1925), *A Revista* (Belo Horizonte, 1925–1926), *Terra Roxa e Outras Terras* (São Paulo, 1926), *Revista de Antropofagia* (1928; segunda fase em 1929), *Maracajá* (Fortaleza, 1929), *Arco e Flexa* (Salvador, 1928–1929).[3]

A revista *Madrugada*, cujos cinco números foram editados entre outubro e dezembro de 1926, transformou-se em referência do grupo modernista porto-alegrense. Em âmbito nacional, naquele mesmo ano, haviam circulado em Belo Horizonte três edições de *A Revista*, revelando um grupo de poetas e

3. Estamos seguindo a cronologia apresentada na introdução do livro *Modernismo em revista*: estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920, de Ivan Marques. Diversos historiadores apresentam a mesma cronologia, provavelmente partindo de Afrânio Coutinho em *Introdução à literatura no Brasil*. A revista *Madrugada* é sempre referida equivocadamente ao ano de 1928. Provavelmente, e seguindo informações de Theodemiro Tostes em uma nota de rodapé de *Nosso bairro* (p. 82), a confusão esteja no fato de o poema "Madrugada", de Ruy Cirne Lima, ter sido publicado em 1928 na *Revista de Antropofagia*, provocando a famosa frase de Alcântara Machado, "'Madrugada' (que esta revisteca dos meus pecados publicou no seu segundo número) é excelente etc.". A "revisteca" era a própria *Revista de Antropofagia*.

intelectuais mineiros que enfrentavam o isolamento provinciano e defendiam a renovação da literatura brasileira. Em São Paulo, entre janeiro e setembro, veio à tona o quinzenário *Terra Roxa e Outras Terras*, um jornal à procura de leitores e da definição do que seria o espírito moderno. Mais do que um programa, espelhava as aparentes contradições e divisões do grupo paulistano e sua disposição em conhecer os outros modernismos espalhados pelo Brasil.[4]

Em 1925, na turnê de divulgação do ideário modernista no Brasil, o poeta Guilherme de Almeida já encontrara na capital gaúcha um grupo atualizado de escritores, conscientes e críticos em relação às tendências internacionais de renovação estética. Eles estavam inseridos em um circuito editorial protagonizado pela Livraria do Globo, e usufruíam das páginas do recém-fundado *Diário de Notícias* (1925) para a defesa de um jornalismo inovador[5] e o exercício da crítica, da crônica e da poesia. Havia uma sociabilidade intensa e uma clara consciência coletiva de pertencimento a um "grupo", identificando aqueles jovens de formação universalista, atentos ao seu tempo histórico, à construção de uma relação particular com a cidade, detectando seus ritmos e mudanças.

As reminiscências em torno do periódico indicam que ele nasceu em uma mesa cativa que o grupo mantinha no Café Colombo, tradicional ponto de encontro no centro da cidade, na esquina da Rua dos Andradas com a General Câmara, a pouco

4. Marques, *op. cit.*, e as edições fac-símile de *Revistas do Modernismo 1922-1929*.

5. Dados sobre este contexto estão nas teses de Ligia Chiappini Leite, *Modernismo no Rio Grande do Sul*: materiais para o seu estudo e de Valdíria Thorstenberg, *A tessitura da modernidade literária*: *Diário de Notícias*, de Porto Alegre, no ano de 1925. Um excerto destacado nesta última tese (p. 110) aponta para a promoção do estilo de reportagem do carioca João do Rio (1881–1921), pseudônimo de Paulo Barreto, e a defesa de valores como velocidade, intensidade e dinamismo, elementos que também podem ser reconhecidos em passagens da revista *Madrugada*. Por exemplo, a seção A *alma encantadora das ruas*, publicada nas edições de número 3 e 4, numa clara alusão ao cronista carioca, reunia fotos das moças da sociedade saindo das missas e nas praças.

metros da futura redação da revista.[6] Uma revista simples, sem luxo, em que cada um desovasse a sua crônica, o seu poeminha, a sua nota meio gratuita, e fizesse o seu mínimo de força para atrair os leitores e os anunciantes, escreveu um dos principais mentores do grupo, Theodemiro Tostes, em *Nosso bairro*.[7]

Pela proposta editorial, *Madrugada* não destoou muito das revistas ilustradas que então circulavam em Porto Alegre, como *Máscara* e *Kosmos*. A equipe fixa era formada pelo jornalista e cronista social J. M. de Azevedo Cavalcanti, Theodemiro Tostes, Augusto Meyer, João Sant'Anna e Sotero Cosme. Revezaram-se no expediente Miranda Neto, Vargas Netto e João Fahrion. Nos três primeiros números, foi semanal; depois, passou a ser publicada quinzenalmente.

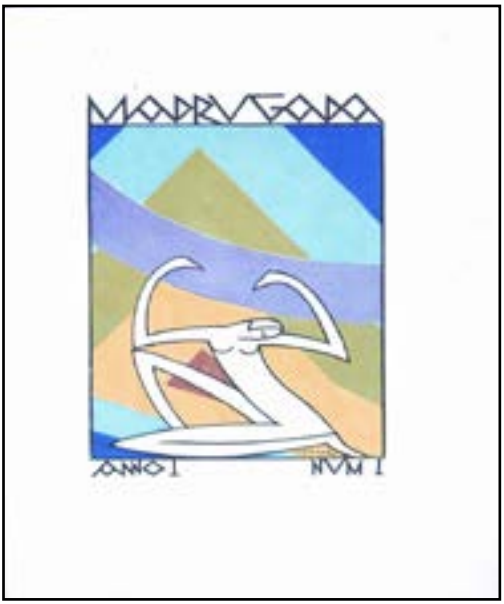
Olhando em perspectiva, o conjunto das edições aponta para as características particulares do Modernismo no Rio Grande do Sul, relativamente ao mais notório modelo de Modernismo brasileiro, aquele produzido em São Paulo: entre os gaúchos, houve uma composição entre o interesse pelo regionalismo, a influência da escola simbolista, a divulgação dos novos autores e a inserção do periódico em um processo cultural mais amplo, como articulador de eventos e do intercâmbio com intelectuais e grupos de fora do estado. A concessão à crônica social, expressa no slogan *Revista semanal de literatura, artes e mundanismo*, reduziu seu impacto literário. Para além da produção poética, no entanto, descortinou outros cenários e protagonistas emergentes: a exaltação da cidade com ritmos de metrópole e a interlocução com novos perfis de leitores, em especial a elite feminina.

Na edição fac-símile comemorativa aos oitenta anos de publicação da revista, Paula Ramos e Joaquim Fonseca realçam a sofisticação do tratamento gráfico elaborado ao estilo *art-déco*.

6. Conforme o expediente, a redação ficava na Rua da Ladeira (atual General Câmara), número 23, sala 2.

7. Theodemiro Tostes, *Nosso bairro*.

Ao adotar formas abstrato-geométricas, o chamado "estilo 1925" sintetizava elementos do Cubismo, do Construtivismo russo e do Futurismo italiano, veiculando ideais cosmopolitas de velocidade e aerodinâmica.[8] Colorida e impressa em papel *couché*, variando entre 28 e 36 páginas, *Madrugada* reunia desde poemas e imagens de caráter modernista, até farto material visual, como ilustrações e caricaturas, fotos de jovens da sociedade, reclames de profissionais liberais e de segmentos elitizados do comércio local, que iam de joalherias a confeitarias, passando por automóveis, relógios, máquinas de escrever, alfaiatarias e casas noturnas masculinas.



Capa da primeira edição da revista Madrugada, setembro de 1926.

8. Paula Ramos, A *Madrugada da Modernidade (1926)*. Nesta mesma edição, os capítulos "*Madrugada*, a modernidade em revista", de Paula Ramos, e "O diretor artístico", de Joaquim Fonseca.

A abertura da primeira edição, assinada por Sotero Cosme, mostrou-se um padrão gráfico para os números seguintes. Para Paula Ramos, em *Madrugada* Sotero Cosme antecipou a ousadia visual que a *Revista do Globo*, nos seus dez primeiros anos (1929–1939), assumiria como uma de suas bandeiras. Se Cosme e João Fahrion foram os artistas que deram o tom visual renovador para as páginas da revista, a publicação abriu espaço para a divulgação das esculturas de Antônio Caringi e das pinturas de Libindo Ferraz e Francis Pelichek, todos com apelo regionalista e forte carga acadêmica. Nesse ponto, segundo Paulo Gomes[9], residia um paradoxo: de um lado, o magazine investia na modernização gráfica e, de outro, sustentava a tradição visual, ao reproduzir obras de viés oitocentista, contradição compreendida pela paulatina emergência do Modernismo naquele sistema artístico-cultural.

Personagens de uma cidade em mutação

O jornalista Paulo de Gouvêa, no livro de memórias *O grupo*, cita a frase de Theodemiro Tostes para sintetizar a relação particular daquele grupo de intelectuais entre si e com seu entorno: "éramos nós e a paisagem"[10]. Porto Alegre, na década de 1920, era o centro econômico e político do terceiro estado brasileiro mais industrializado, ligando zonas de produção e portos comerciais nacionais e estrangeiros. Assistia às intervenções no espaço urbano que mudariam a paisagem da acanhada capital, atendendo aos ideais de consumo de novos grupos sociais emergentes[11]. No excerto da palestra "Do jazz-band", transcrita no primeiro número de *Madrugada*, Tostes descreve a paisagem sonora cosmopolita moderna para uma província que trocava o calçamento de suas ruas, sentia o impacto de quase 2.500

9. Paulo Gomes, "As artes plásticas na revista *Madrugada*".
10. Paulo de Gouvêa, *O grupo*, p. 29.
11. Charles Monteiro, *Porto Alegre*: urbanização e modernidade.

automóveis, registrava nas crônicas o desconforto dos ruídos metálicos do trânsito, e teria a primeira estação oficial de rádio no ano seguinte (1927):

> A discutível poesia dos *novos europeus* já não é mais a voz do poeta mas o conjunto de todos ruídos que fazem mal ao tímpano: rufos de tambores, silvos agudos, muito finos, ranger de maquinarias, apitos de fábricas, berros de automóveis, vozes metálicas de clarins e de buzinas, todo o histerismo gritante do progresso. As valsinhas de Strauss choradas em tercetos, sucedeu o jazz-band, a reunião diabólica de todos os barulhos, querendo harmonizar-se. Ele é o ritmo da vida nova, e os próprios corações já não palpitam ao som do violão, mas pulam com seus sons heterogêneos, dançam ao compasso ruidoso da pancadaria, no movimento incrível de duzentos quilômetros por hora.
>
> [...] É assim como eu digo. Cada um de nós tem tantas almas quantos minutos tem um dia. Todo o homem moderno é um jazz-band infatigável de almas. Ninguém é assim: unicamente isto ou aquilo. Não há almas sentimentais, nem frívolas, nem graves, nem maliciosas ou brejeiras. Há tudo isto num todo. Alma complexa. Número 1, número 2, número 3...[12]

Na liberdade editorial de uma revista ilustrada, *Madrugada* espelha a experiência urbana da elite, busca sua identidade sob os holofotes da cidade em movimento, da entrada e saída de notórios, dos eventos cênicos e esportivos. Conforme o registro de Olyntho Sanmartin[13], a agenda cultural do período era intensa, com oferta de concertos, exposições, recitais, espetáculos de ilusionismo, conferências, teatro e, entre os destaques, a passagem de Procópio Ferreira junto à Companhia de Revistas

12. Theodomiro Tostes, "Do jazz-band (excerto da palestra literária feita no primeiro sarau da *Madrugada*)", p. 26.

13. Olyntho Sanmartin, *Um ciclo cultural social apud* Gomes, *op. cit*.

Tro-ló-ló. Uma coluna sem assinatura da equipe de redação[14] projeta a cidade futurista sobre Porto Alegre, substituindo a paisagem romântica do Partenon Literário pelas "verdadeiras festas de arte" da revista *Madrugada*. A revista era concebida como extensão de uma intervenção maior do coletivo no sistema de cultura local, envolvendo performances em saraus, artes cênicas e artes visuais.

Em cada uma das edições da revista, o grupo de poetas tratou de promover as manifestações culturais de sua geração por meio de notas e crônicas, em que o forte é o tom jocoso, o bom humor e a ironia sobre os hábitos cotidianos. "Todo o mundo parece uma caricatura de Sotero Cosme", escreve o colunista anônimo. Dando vida a esse mote autobiográfico, o grupo estilizou-se no traço e nos textos, narrou-se a si próprio em colunas específicas da revista. Com irreverência e leve sarcasmo, retratou a turma de poetas como personagens de uma cidade em mutação e o projeto coletivo de narrar a *flânerie*. Esta linguagem de qualidade cênica confluía com estratégias comuns às revistas ilustradas, interpelando diretamente o leitor, buscando cumplicidade e envolvimento, integrando a cultura das ruas como dimensão obrigatória na busca de si e da arte[15], mesmo que isso implicasse, no caso da *Madrugada*, reduzir a cidade a um ambiente elitizado de leitores.

Influências e escolas: da antologia simbolista à página da querência

No seu ecletismo, a revista espelhou o movimento sincrônico das correntes estéticas. Da vibração do jazz e dos ruídos estridentes, o leitor vira a página e recua para a sonoridade simbolista, para as imagens soturnas e melancólicas, tão caras aos literatos sulinos. Na seção fixa "Antologia", por exemplo, os editores compilaram expoentes do Simbolismo como parte do horizonte de experiência daquele grupo. O Simbolismo, na

14. "Mais, où sont les neiges d'antan?", p. 12.

15. Cláudia Oliveira *et al.*, *op. cit.*

exacerbação do mal-estar burguês, ajudou a libertar o verso das amarras acadêmicas, abrindo caminho para boa parte das estratégias dos modernistas. Eduardo Guimaraens, principal representante desta corrente no Sul, publicou na *Madrugada* traduções inéditas de *As flores do mal*, de Baudelaire. Nas edições seguintes, seguiram-se poemas escolhidos do mineiro Alphonsus de Guimaraens e do catarinense Cruz e Sousa, que lançam as bases do movimento no Brasil, do gaúcho Alceu Wamosy, cuja edição póstuma de *Poesias* (1925) circulara no ano anterior, e do português António Nobre, "poeta viciado na dor" segundo definição dos editores e uma das fontes europeias desta estética.

A prosa simbolista é representada também nos contos do escritor e crítico de arte Gonzaga Duque e do dândi francês Villiers de L'Isle Adam. Desse último, a escolha do conto *Soror Natalia* parece "cair como uma luva" para o suposto público feminino da revista. O crítico e poeta gaúcho Pedro Vergara, que veio do Simbolismo para juntar-se aos novos, também ganhou uma página. Cecília Meireles, autora cultuada pelo grupo de poetas porto-alegrenses, mereceu destaque com excertos de *Criança, meu amor*, livro resultante de sua experiência como professora primária.

Assim como homenageia e faz circular os versos de seus antecessores, o grupo da *Madrugada* valoriza o eixo de criação literária no Sul: o regionalismo. A seção "Página da querência" abre com o conto de Simões Lopes Neto, "Contrabandista", do livro *Contos gauchescos* (1912).[16] Na mesma seção dedicada aos velhos autores — inclusive críticos das novas estéticas, como Roque Callage, ou motivo de polêmica entre intelectuais, como Alcides Maya — despontam os novos, desde nomes desconhecidos, a exemplo de J. O. Nogueira Leiria, até outros regionalistas

16. O sistema literário havia redescoberto o escritor pelotense, que lançara suas obras uma década antes, autor até então insuperável na transposição literária da linguagem da Campanha gaúcha, no resgate de musicalidade, mitos e narrativas telúricas.

de trajetória já mais consistente. Entre eles, Darcy Azambuja, jovem que havia publicado pela Globo o livro de contos *No galpão* (1925), prêmio da Academia Brasileira de Letras, e Vargas Netto, uma das figuras mais assíduas no grupo, que defendia a renovação da poética gauchesca a partir da liberdade formal modernista.[17] A tradução do conto "Como alpargata", no último número de *Madrugada*, é uma homenagem póstuma dos editores ao uruguaio Javier de Viana, contista de escola naturalista que retratou a decadência do gaúcho no campo.

Sociabilidades e intercâmbio

Madrugada foi recebida com aplausos pela imprensa local e nacional. Álvaro Moreyra, que criou no Rio de Janeiro a prestigiada revista *Para todos*, escreveu: "*Madrugada* é tão bonita, tão inteligente, que excita o bairrismo dos seus patrícios afastados das cismas do Guaíba e dos crepúsculos daquele céu sem fim".[18] Uma nota local do *Diário de Notícias*, reproduzida pelos editores, elogiava a audácia do lançamento em uma cidade fadada a sepultar seus impressos: "A própria vida da imprensa está restringida entre nós a quatro jornais diários, dois da manhã e dois da tarde, quando em muitíssimas outras cidades do país, até mesmo algumas de população menor, têm muito mais órgãos de publicidade que Porto Alegre".[19]

Raul Bopp viu na revista um "forte sentido de renovação".[20] Espírito andarilho e polêmico, pesquisador das raízes primitivas da cultura brasileira, o gaúcho da região de Santa Maria funcionava como um articulador entre os grupos modernistas

17. Segundo Leite, *op. cit.*, a obra de Vargas Netto explorou a oralidade e teve significativo apelo popular. No lançamento, *Tropilha crioula* (1925) vendeu 1.500 exemplares em menos de uma semana.

18. *Madrugada*, n. 5, 4 dez.1926, s.p.

19. *Madrugada*, n. 2, 2 out.1926, p. 22.

20. Leite, *op. cit.*, p. 254.

brasileiros, do Sul ao Norte. Ao se engajar no movimento antropofágico de Oswald de Andrade, entre 1927 e 1928, receberia e publicaria as contribuições do grupo sulino na *Revista de Antropofagia*, especialmente de Augusto Meyer[21], mentor do grupo porto-alegrense que teve maior ressonância nacional, tanto sob o ponto de vista da produção poética como ensaística.

Naquele período, Meyer mantinha correspondência assídua com intelectuais do centro do país, como Mário de Andrade, Tristão de Athayde, Guilherme de Almeida, Raul Bopp, entre outros. Na época, o jovem Ruy Cirne Lima passava suas férias em São Paulo, onde também convivia com Mário de Andrade, figura referencial que mantinha laços de afeto e dialogava intensamente com a nova geração, sendo decisiva na articulação e na divulgação dos diversos grupos literários no país. Dono de forte espírito crítico, Ruy Cirne Lima perseguiu a estilização do regionalismo.

Essa inquietação em ampliar as fronteiras de intercâmbio e recepção de suas ideias e literatura constituiu um dos principais méritos dos poetas da *Madrugada*. Entre setembro e dezembro de 1926, ou seja, entre o primeiro e o quinto número da revista, havia um emissário do grupo, o cronista De Souza Jr., que viajava por Santa Catarina e Paraná empenhando-se em divulgar os novos literatos gaúchos e suas especificidades em relação aos diversos modernismos do país.

As manifestações artísticas do Prata — Montevidéu e Buenos Aires eram polos culturais de referência — e a relação com os intelectuais do centro do país foram constantemente enaltecidas pela revista, incluindo os saraus como uma espécie de prolongamento performático da publicação. *Madrugada* promoveu diversos serões de arte, reunindo atrizes locais e os próprios poetas em interpretações cênicas dos textos. Foram representados, por exemplo, poemas de Menotti del Picchia

21. Pedro Puntoni e Samuel Titan Jr. (Org.), *Revista de Antropofagia*, em *Revistas do Modernismo 1922-1929*, edição fac-similar.

(*As máscaras*), enquanto, nas páginas impressas, lia-se versos de Guilherme de Almeida, do poeta paraense Oswaldo Orico, que visitava Porto Alegre naquela oportunidade, e da poetisa Ophelia Ribeiro, descrita posteriormente por Cyro Martins como a enigmática e refinada "dama do Saladeiro" São Carlos[22], em Quaraí (RS), autora dos elogiados "El árbol joven" e "Saudade em plenilúnio". Encontra-se, também, um poema de Fernán Silva Valdés, autor uruguaio que conquistou popularidade ao renovar a poesia crioula.

Com o sentido de atualidade jornalística, a segunda edição de *Madrugada* circulou no início de outubro aludindo na capa à concorrida festa dedicada aos 700 anos da morte de São Francisco de Assis, evento que movimentou o estado com procissões, missas, recitais e encenações. Os editores reuniram contos e poesias de cunho religioso de Ruy Cirne Lima e Theodemiro Tostes e uma tradução feita por Mansueto Bernardi de "Cântico do sol". Tostes, herdeiro da sensibilidade musical simbolista, característica visível no seu poema, havia publicado "A canção preludiada" em 1925. Sua obra principal, "Novena à Senhora da Graça" (1928), circularia já em 1927 pela imprensa, na página literária do *Diário de Notícias*, veículo no qual atuou como um dos principais cronistas da imprensa gaúcha dos anos 1920.[23]

A leitora e a cidade

Seguindo parâmetros comuns às demais revistas ilustradas do período, *Madrugada* propõe ao leitor modos de pensar e de fazer, sugerindo sentidos às modificações e à aceleração crescente da cidade[24]. As festas públicas e a crônica social pautam com intensidade a revista, a ponto de os editores indagarem, na sua habitual ironia, o que haveria de comum entre a publicação de

22. A *dama do Saladeiro*: histórias vividas e andadas, de Cyro Martins, 2000 (2ª ed.). A primeira edição é de 1980.

23. Thorstenberg, *op. cit*.

24. Velloso, *op. cit*.

um ensaio sobre Wagner e as notas indicando os dias e horários em que senhoras e senhoritas da sociedade local recebem visitas. Na sua estratégia de financiamento, os editores acreditavam na possibilidade de ampliação dos leitores da revista e, consequentemente, da literatura divulgada ali. Para além dos seus pares e do pequeno grupo interessado em artes e literatura, apostaram na figura da leitora potencial. Naquele momento, a escolarização buscava ampliar o número de leitores e reduzir o de analfabetos.[25] Theodemiro Tostes rememora as estratégias de financiamento do colega J. M., que, na época, também fazia a crônica semanal da sociedade elegante no *Diário de Notícias*:

> Uma revista para vingar precisava ter o seu lado mundano, noticiar casamentos, aniversários, reuniões sociais, bailes de gala, e interessar não só os *leitores* como as *leitoras* indispensáveis. Entre um aniversário, um casamento, um baile da "Filosofia" ou do "Jocotó", sempre haveria espaço bastante para uma crônica literária, para um poeminha *modernista* ou mesmo para um artigo de mais peso que coubesse satisfatoriamente numa página.[26]

A leitora da revista é imaginada pelos editores, configurada sob a perspectiva masculina, tal qual a cidade moderna: urbana, consumidora de imagens e de novos produtos, identificada com a vitrine da crônica social — esse texto da aparência que, ao longo da história da imprensa no Brasil, partilhou tênues fronteiras com o jornalismo cultural. A figura feminina é teatralizada pelo olhar do cronista, do fotógrafo ou do ilustrador. Como escreve Cláudia de Oliveira, em "Iconografia do moderno: a representação da vida urbana", havia uma sugestiva troca de olhares entre os cronistas e as mulheres: ambos desfrutavam do prazer de

25. Segundo dados levantados por Thorstenberg, *op. cit.*, p. 107-108, em 1920, existem 1.334.771 de analfabetos no Rio Grande do Sul; as 3.244 escolas primárias estaduais reúnem 470.123 alunos, enquanto nas 86 escolas particulares estão 10.608 estudantes.

26. Tostes, *op. cit.*, p. 80, grifos do autor.

estarem nas ruas e de participarem de uma cultura *voyeuse*.[27] A individualização da face feminina em meio à multidão afirma seu protagonismo na cidade.



Capa da terceira edição de Madrugada, 9 de outubro de 1926.

Reproduzida à exaustão nas fotografias, recriada nos pequenos textos, nas notas, nas ilustrações de capa de João Fahrion ou no traço sutil de Sotero Cosme, essa figura é a mulher da elite, de sobrenome tradicional, aquela que faz *footing* na Rua da Praia e toma chá na Confeitaria Colombo. Trata-se da mesma jovem

27. Cláudia de Oliveira, "Iconografia do moderno: a representação da vida urbana", p. 215-220.

alfabetizada que recebe uma educação vigiada, prepara-se para uma estratégica aliança matrimonial e tem uma biblioteca formada somente pelo que deve ler. A conquista da nova consumidora de bens e literatura, por meio de um discurso direto e sedutor, vai se prolongar nas páginas e colunas do *Diário de Notícias*, jornal que foi o porto seguro do grupo da *Madrugada* a partir de 1927, quando a revista modernista encerrou seu breve percurso.


PAGINA LITERARIA

Página literária do Diário de Notícias.

Ligia Chiappini considera que a "Página Literária" do *Diário de Notícias* foi uma espécie de minirrevista do Modernismo no Rio Grande do Sul, seu principal e sistemático veículo de divulgação.

Sem crônica social e lembrando graficamente a produção editorial do quinzenário *Terra Roxa*, comentado anteriormente, sua primeira fase editorial ocorreu entre 1927 e o final de 1928. A "Página Literária" manteve uma linha editorial semelhante à *Madrugada*, com ilustrações de Sotero Cosme e João Fahrion, reiterando o legado simbolista e regionalista e promovendo a difusão da produção literária do Rio Grande do Sul, bem como de outros estados.[28]

Considerações finais

De formação universalista, o grupo da *Madrugada* buscou sincronizar a cultura do estado com os centros cosmopolitas. Esses intelectuais estavam ansiosos pela modernidade social e artística, pela possibilidade de experimentar novos formatos para velhos temas. De todas as gerações literárias, foi aquela que mais recriou, pelo menos na crônica, nas memórias e nas narrativas jornalísticas, a paisagem urbana local em busca da modernidade característica do início do século XX. Muitos desses intelectuais seguiram para a capital, Rio de Janeiro, a partir de 1930, quando Getúlio Vargas tomou o poder, assumindo postos culturais estratégicos em nível nacional. Sua incidência no sistema cultural porto-alegrense, entretanto, será longa. Da *Madrugada* à "Página Literária" do *Diário de Notícias*, passando pela *Província de São Pedro*, da Editora Globo, sua projeção em grupo, ou individualmente, alcança o suplemento cultural "Caderno de Sábado" do *Correio do Povo*, que circulou entre 1967 e 1981.

Como foi apontado, *Madrugada* fez parte de um coletivo articulado em torno do Modernismo, empenhado em discussões estéticas, em polêmicas, na divulgação de seus livros, na conquista de novos leitores ou mesmo de espaços jornalísticos mais sólidos quando a revista cumpriu seu ciclo editorial limitado

28. Ligia Chiappini Leite, *Regionalismo e Modernismo*: o "caso" gaúcho.

e efêmero. Representou ainda um esforço de atualização para o limitado sistema de cultura local, evidenciando o quanto o exercício diletante do jornalismo era uma estratégia segura para a visibilidade dos novos grupos de escritores e artistas. Em tom mais conciliatório do que revolucionário, refletindo os limites da elite letrada local em romper com a tradição, configura uma representação eclética de meados dos anos 1920 no Sul: Simbolismo, regionalismo, construção da cidade burguesa, ensaio dos novos. Em forma de montagem, a publicação deixou rastros temporais de um espírito desejoso de mudanças, de renovação, de intercâmbio, tal qual o nome escolhido para a revista e poetizado pelo redator-chefe Augusto Meyer: "Madrugada... a vida é assim: nós vivemos todos de uma promessa".

Referências

ANTELO, Raúl. As revistas literárias brasileiras. *Boletim de Pesquisa NELIC* – Periodismo contemporâneo em perspectiva II, Florianópolis, v. 1, n. 2, 1997. Disponível em https://periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/article/view/1041. Acesso em: 25 ago. 2015.

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de; MOREIRA, Maria Eunice; ZILBERMAN, Regina (Org.). *Pequeno dicionário da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Novo Século, 1999.

AVERBUCK, Ligia Morrone. *Raul Bopp*: ensaio crítico. Porto Alegre: IEL, 1986.

BOHNS, Neiva Maria Fonseca. *Continente improvável*: Artes Visuais no Rio Grande do Sul do final do século XIX a meados do século XX. 2005. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

CARVALHAL, Tania Franco. *A evidência mascarada*: uma leitura da poesia de Augusto Meyer. Porto Alegre: L&PM; Brasília: INL, 1984.

CESAR, Guilhermino. *Notícia do Rio Grande*: literatura. Porto Alegre: IEL; Ed. da Universidade/UFRGS, 1996.

CHAVES, Flávio Loureiro. *O ensaio literário no Rio Grande do Sul (1868-1960)*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos Científicos; Brasília: INL, 1979.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 1986.

CRUZ, Cláudio. *Literatura e cidade moderna*: Porto Alegre 1935. Porto Alegre: EDIPUCRS; IEL, 1994.

FISCHER, Luís Augusto. *Um passado pela frente*: poesia gaúcha ontem e hoje. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1992.

FONSECA, Joaquim. O diretor artístico. *In*: RAMOS, Paula (Org.) A *Madrugada da modernidade (1926)*. Porto Alegre: Ed. UniRitter, 2006.

GOLIN, Cida. Em Porto Alegre, a *Madrugada* literária dos modernistas. *In*: RAMOS, Paula (Org.). A *Madrugada da modernidade (1926)*. Porto Alegre: Ed. UniRitter, 2006.

GOLIN, Cida; RAMOS, Paula. Jornalismo cultural no Rio Grande do Sul: a modernidade nas páginas da revista *Madrugada*. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v. 33, p. 106-114, 2007.

GOMES, Paulo. As artes plásticas na revista *Madrugada*. *In*: RAMOS, Paula (Org.). A *Madrugada da modernidade (1926)*. Porto Alegre: Ed. UniRitter, 2006.

GOUVÊA, Paulo de. *O grupo*: outras figuras, outras paisagens. Porto Alegre: IEL; Movimento, 1976.

LEITE, Ligia Chiappini. *Modernismo no Rio Grande do Sul*: materiais para o seu estudo. São Paulo: IEB, 1972.

LEITE, Ligia Chiappini. *Regionalismo e Modernismo*: o "caso" gaúcho. São Paulo: Ática, 1978.

MARQUES, Ivan. *Modernismo em revista*: estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista*: imprensa e práticas culturais em tempos de República Velha (1890-1922). São Paulo: EDUSP, 2001.

MEYER, Augusto. *Segredos da infância / No tempo da flor.* Porto Alegre: IEL; Ed. da Universidade/UFRGS, 1996.

MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre*: urbanização e modernidade — A construção social do espaço urbano. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

MONTEIRO, Charles. Porto Alegre nos anos 1920: urbanização, modernidade e novas formas de sociabilidade urbana. *In*: RAMOS, Paula (Org.). *A Madrugada da modernidade (1926)*. Porto Alegre: Ed. UniRitter, 2006.

OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Mônica Pimenta; LINS, Vera. *O moderno em revistas*: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

OLIVEIRA, Cláudia de. Iconografia do moderno: a representação da vida urbana. *In*: OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Mônica Pimenta; LINS, Vera. *O moderno em revistas*: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

PUNTONI, Pedro; TITAN JR., Samuel (Org.). *Revistas do Modernismo 1922-1929*. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin, 2014.

RAMOS, Paula. *A experiência da modernidade na secção de desenho da Editora Globo* — Revista do Globo (1929-1939). 2002. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

RAMOS, Paula (Org.). *A Madrugada da modernidade (1926)*. Porto Alegre: Ed. UniRitter, 2006.

SCHÜLER, Donaldo. *Poesia modernista no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Movimento, 1982.

THORSTENBERG, Valdíria. *A tessitura da modernidade literária: Diário de Notícias* de Porto Alegre no ano de 1925. 2003. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

TOSTES, Theodemiro. *Nosso bairro*: memórias de Theodemiro Tostes. Porto Alegre: Fundação Paulo do Couto e Silva, 1989.

TRUSZ, Alice Dubina. Publicidade e imprensa: a modernização na aliança entre produção cultural, técnica e mercado. *In*: RAMOS, Paula (Org.). *A madrugada da modernidade (1926)*. Porto Alegre: Ed. UniRitter, 2006.

VELLINHO, Camila Lima. *Modernismo e regionalismo na crítica literária sul-rio-grandense*. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

VELLINHO, Moysés. *Ensaios literários*. Porto Alegre: IEL: 2001.
VELLOSO, Mônica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro*: turunas e quixotes. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
VIANNA, Carla Cristiane Martins. *Augusto Meyer no sistema literário dos anos vinte*: poesia, memória e polêmica. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
ZILBERMAN, Regina. *Literatura gaúcha*: temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: L&PM, 1985.

2.9

Os centros com cultura letrada

Eduardo Arriada
Luís Rubira

2.9.1

Pelotas

No terceiro volume de *Fundamentos da cultura rio-grandense*, série publicada entre o ano do suicídio de Getúlio Vargas e a véspera do golpe militar de 1964, Mozart Victor Russomano observa:

> Quem se recordava, ainda, a não ser alguns poucos pelotenses, de Victor Valpírio, de Colimério Leite de Faria Pinto, de Carlos Eugenio Fontana, entre os românticos ao lado de Paulo Marques, Francisco de Paula Pires e alguns outros naturalistas?
>
> Não fosse o *momento regionalista* de Simões Lopes Neto e ele também, provavelmente, hoje, estaria na vala comum da literatura.[1]

De fato, já em 1958 um manto de esquecimento cobre toda uma geração de escritores pelotenses que publicaram seus livros entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX, dentre os quais certamente estaria até mesmo o teatro de João Simões Lopes Neto.

A história da literatura pelotense ainda não foi escrita. Não apenas devido ao contexto histórico-social em que as obras foram recepcionadas e pelas correntes teóricas que em cada época filtraram determinados autores, mas também pela precariedade das próprias edições, cujos exemplares, em sua maioria, não estão mais disponíveis em bibliotecas, restando nas mãos de

1. Mozart Victor Russomano, "Alguns aspectos de Simões Lopes Neto", p. 221.

uns poucos bibliófilos. Há que se reconhecer, no entanto, alguns esforços recentes na tentativa de estabelecimento de sínteses[2], bem como projetos de pesquisa e dissertações de Mestrado que primam por certo recorte[3], e ainda textos pontuais publicados em edições de pouca tiragem, dispersos em jornais e revistas ou incluídos em edições comemorativas.[4] O presente ensaio, assim, encontra-se diante de um desafio: colocar na ordem do tempo a criação literária em Pelotas, por meio de algumas informações até agora inéditas, bem como daquelas oriundas da historiografia e das obras resgatadas até o presente momento, reconstruindo os momentos-chave do contexto histórico-social compreendido entre as primeiras décadas do século XIX e as décadas iniciais do século XX para, em seguida, mostrar, sinteticamente, os caminhos tomados pelo processo literário na cidade até os dias atuais.

Em 1827, surgia no Rio Grande do Sul o primeiro jornal: o *Diário de Porto Alegre*. A inauguração da imprensa na província abria o caminho para o surgimento de outros periódicos, entre os quais *O Noticiador*, editado na Vila de Rio Grande a partir de

2. Nesse sentido, ver o livro *Breviário da prosa romanesca em Pelotas* (2007), de Luís Borges, e a tese de doutorado A *formação do sistema literário de Pelotas* (2009), de Jaqueline Rosa da Cunha.

3. Destacaríamos, neste caso, o projeto de pesquisa "Literatura, jornal e cultura: autores pelotenses (1851–1889), de autoria de Rildo Cosson, à época professor do Departamento de Letras da UFPel (FAPERGS, 1999–2001), bem como as seguintes dissertações de mestrado: *Romance-folhetim de um escritor provinciano*: Bernardo Taveira Júnior no *Progresso Literário*, de Mitizi de Miranda Gomes (PUCRS, 2002); *Arauto das Letras (1882-1883)*: uma amostra da expressão literária da região sul rio-grandense, de Jaqueline Rosa da Cunha (FURG, 2004); *O alvorecer do Naturalismo na prosa do Rio Grande do Sul*: Paulo Marques e *Vênus ou O dinheiro*, de Reinaldo Araújo de Moura (FURG, 2009); *Livros e leitura na cidade de Pelotas/RS no final do século XIX*: um estudo através dos jornais pelotenses (1875–1900), de Renata Braz Gonçalves (UFPel, 2010); O homem maldito, *de Carlos Eugenio Fontana*: o início do romance sul-rio-grandense, de Sheila Fernandez Garcia (FURG, 2012); *A formação da Princesa do Sul*: primórdios culturais e literários, de Simone Xavier Moreira (FURG, 2013); "*Se é muito o que aspiro, aos leitores, desde já, peço mil perdões por tal aspiração*": Pelotas (re)vista a partir dos folhetins e crônicas de Bernardo Taveira Junior, de Maria Lúcia Bastos Kern (PUCRS, 2014).

4. É o caso, por exemplo, de Simone Xavier Moreira, "Os primórdios culturais e literários da 'Princesa do Sul'", p. 57-78. Acerca dos demais autores, ver as Referências.

janeiro de 1832. É nele que alguns pelotenses encontram lugar para publicar seus poemas, como Mateus Gomes Vianna (Pelotas, 1809–1839), e de outros homens letrados que nela exercem atividades profissionais, entre os quais o professor público de gramática latina Antônio José Domingues (Lisboa, 1791–Pelotas, 1860) e o funcionário público Antônio José Caetano da Silva Filho (Jaguarão, 1817–Rio de Janeiro, 1865)[5].

A Freguesia de São Francisco de Paula é elevada à categoria de Vila em 7 de abril de 1832. Antes de tornar-se cidade em 1835, quando então passa a chamar-se Pelotas, a matéria-prima das manifestações literárias locais, pelo menos daquelas que até aqui foram resgatadas, é de ordem social. Dividida entre os que apoiavam o Império e aqueles que buscavam a República Rio-Grandense, Pelotas terá de esperar alguns anos até que as atividades literárias sejam retomadas, pois, como registra o escrivão da Irmandade de São Francisco de Paula, "de agosto de 1835 a dezembro de 1843 nada ocorreu por causa da guerra civil".[6]

Após o término da Revolução Farroupilha, é o nome de Antônio José Domingues que vamos encontrar no epicentro literário da cidade. É de sua autoria um "elogio" recitado em homenagem ao Imperador Dom Pedro II, quando de sua estadia em Pelotas em fevereiro de 1846. O Theatro Sete de Abril, nas palavras de uma testemunha, "é igual, senão superior, ao da Praia de D. Manoel; é o quarto Theatro do Brasil". Pelotas, devido a sua posição estratégica, alvo de disputa acirrada e contínua entre liberais e imperiais, no início da Revolução Farroupilha tinha 12.425 habitantes, e em 1846 tem sua população reduzida para 11.244 habitantes.[7] Neste contingente populacional, que inclui homens livres e escravizados, a parcela de estrangeiros

5. Sacramento Blake, *Dicionário bibliográfico brasileiro*. v. 1, p. 212-214. As demais indicações bibliográficas foram tomadas nessa obra.

6. Beatriz Ana Loner *et al.*, *Dicionário de história de Pelotas*, p. 219.

7. Eduardo Arriada, *Pelotas*: gênese e desenvolvimento urbano, p. 155.

que passam a habitar a cidade é bastante expressiva, algo que terá um impacto sobre o próprio campo literário. O censo de 1846 "informa que a população livre do município contava com 3.501 homens e 2.927 mulheres, totalizando 6.428 habitantes"[8]; neste contingente populacional, "segundo o registro de entradas de estrangeiros na cidade, entre 1843 e 1844 os uruguaios eram o quinto maior grupo, ficando atrás dos franceses, espanhóis, portugueses e italianos".[9] No ano de 1846 a administração da cidade inaugura a iluminação pública, com lampiões de azeite; a tão aguardada Santa Casa de Misericórdia passa a funcionar em 1847. Nascem nesta época em Pelotas os futuros escritores Francisco de Paula Pires (1846) e Juvêncio Menezes de Paredes (1848), vindo também à luz o primeiro livro impresso na Tipografia de Luís José de Campos. Trata-se de *Exposição dos elementos d'Aritmética para uso dos estudantes do Colégio de S. Barbara na cidade de Pelotas*, editado no ano de 1848. Antônio Jose Domingues publica também a *Coleção das poesias que ao muito alto e muito poderoso senhor D. Pedro II, imperador e defensor perpétuo do Brasil, O.D.C. Antônio José Domingues*, com edição em Pelotas pela Tip. Imparcial de Cândido Augusto de Melo, em 1852.

A criação do jornal *O Pelotense*, em 1851, primeiro periódico local, dá impulso para a literatura. Em suas páginas surgirá, em outubro de 1852, na forma de folhetim, o romance *O corsário*, de Caldre Fião, que havia sido editado no ano anterior no Rio de Janeiro, bem como poemas de diversos letrados, entre os quais Antônio José Domingues. Na esfera da arte, enquanto em 1851 surgem as primeiras aquarelas da cidade pintadas pelo alemão Hermann Rudolf Wendroth, o arquiteto Robert Offer tira retratos com sua câmera de daguerreótipo. Trata-se da década em que a cidade entra na rota de grupos estrangeiros e nacionais

8. Loner *et al.*, *op. cit.*, p. 214.
9. *Ibid.*, p. 275.

de teatro, dança e música, como a Sociedade Dramática Hispano-Brasileira, a Companhia de Ginástica francesa Hénault, a Companhia Dramática de João Tomás Sirolo, entre outras. Neste contexto em que proliferam novos jornais e tipografias, surge em Pelotas em 1857 a revista *Araribá*, considerada a segunda revista literária do estado (tendo sido precedida um ano antes por *O Guaíba*, em Porto Alegre), bem como ganha notoriedade o escritor pelotense Carlos Eugênio Fontana, que em 1858 publica o "romance brasileiro" *O homem maldito*, pela Tipografia do *Eco do Sul*, de Rio Grande.

Nessa década, nascem outros três importantes nomes: Lobo da Costa (1853), Alberto Coelho da Cunha (1853) e Paulo Marques (1857). A cidade, já com um número expressivo de imigrantes latinos, acompanha também a movimentação da instalação, em sua zona rural, da primeira colônia alemã, em 1857. Antecipando-se aos seus conterrâneos, Carlos von Koseritz chegaria a Pelotas poucos anos antes, lugar onde se casaria em 1855 e fundaria em 1858, junto com Domingos José de Almeida, o jornal *O Brado do Sul*. Koseritz desempenharia nela um importante papel nas discussões intelectuais nas décadas seguintes, editando já em 1859 pela Tipografia Comercial as obras *Inês* e *Clara* (dramas), e A *donzela de Veneza*.

A "Princesa do Sul", tal como é caracterizada num poema publicado em janeiro de 1860 n'*O Brado do Sul*, é então uma cidade em pleno desenvolvimento, tal como testemunham o *Álbum Pelotense* (1861–1862)[10] e o *Almanaque Pelotense* (1862), ambos de Joaquim Ferreira Nunes. No ano em que comemora o cinquentenário de sua elevação à categoria de cidade, Pelotas é uma localidade cada vez mais promissora. Nela desembarcariam o arquiteto italiano Jose Isella, responsável pela construção de

10. Os exemplares do *Álbum Pelotense* circulavam pelo país, tal como atesta o seguinte trecho de um jornal que difundia as ideias do partido liberal no Ceará: "De Pelotas (cidade do Rio Grande do Sul) recebemos os jornais *Comércio* (diário) e o *Álbum Pelotense*. Agradecemos e retribuiremos" (*Cearense*, n. 1554, 9 dez. 1862, capa).

vários prédios importantes, bem como o alemão Frederico Carlos Lang, que aproveitaria os resíduos das charqueadas para fundar a fábrica de sabão e velas Lang em 1864. Em outubro de 1865, João Simões Lopes Neto tinha alguns meses de vida.

Apesar da guerra que mobilizava as atenções em todo o país, a próspera cidade, que já contava com diversos jornais na primeira metade da década[11], vê surgir o *Diário de Pelotas* (1866), bem como passa a receber de Rio Grande a revista literária *Arcádia* (1867), de propriedade de Antônio Joaquim Dias. A *Arcádia*, que "teve quatro séries, três delas publicadas em Rio Grande e a última na cidade de Pelotas"[12], com tiragem às segundas-feiras, contava entre seus colaboradores com "Bernardo Taveira Júnior, Juvêncio de Menezes Paredes, Fernando Osório, Aquiles Porto Alegre, Artur Lara Ulrich", entre outros.[13] Dentre tantos temas que se delineiam em suas páginas está o ensaio "Divagações", de autoria de Bulhões Ribeiro, divulgado em 1867 na primeira série da revista, texto que teria inaugurado a crítica literária no Rio Grande do Sul, bem como a novela *Cenas da vida*, de Carlos Eugênio Fontana, publicada em 1868. Ano no qual um correspondente da *Arcádia* julga que Pelotas tinha potencial para ser a capital da província[14], fazem-se nela também presentes os acontecimentos políticos da Guerra do Paraguai, tal como no discurso proferido pelo pelotense Artur Lara Ulrich (que aos

11. Entre os quais: "*Jornal de Pelotas* (1861, por Koseritz), *Mercantil* (1862), *O Comércio* (1862–1865, por Joaquim Ferreira Nunes), *O Mosaico* (1862–1863, por Francisco Policarpo dos Guimarães) e A *Estrela* (1863, Serafim José R. Araújo e João Manoel Marinho da Silva)". Simone Moreira, A *formação da Princesa do Sul*: primórdios culturais e literários, p. 26.

12. *Ibid*., p. 147.

13. Morivalde Calvet Fagundes, *Lobo da Costa*: ascensão e declínio de um poeta, p. 17.

14. Antônio Maria Pinto escreve em 1868: "Às 11 da noite chegamos a Pelotas, onde desembarcamos no dia seguinte às 7 da manhã. Após três meses de ausência, voltei à bela Pelotas. E quão grato devo ser a essa cidade, onde recebi grande parte de minha educação, onde conto alguns amigos, onde vivi três anos tão feliz [...]. Pelotas tem bons edifícios, e dentro em pouco, não há dúvida, será a primeira cidade da província do Rio Grande, e quiçá a capital" (Antônio Maria Pinto, "Descrição da minha viagem", p. 102).

dezoito anos publicava em folhetim o romance *A mendiga*)[15] acerca da derrota de Solano Lopes na batalha de Humaitá.

Neste contexto efusivo, é importante destacar que o diretor do *Arcádia*, Antônio Joaquim Dias, nomeado como bibliotecário do Gabinete de Leitura de Rio Grande, muda-se para Pelotas no final do ano de 1869, onde publicaria até o ano seguinte a última série de seu periódico literário.[16] Intelectual autodidata, ele passaria a desempenhar um papel importante na cidade de Pelotas. De Rio Grande também vem se estabelecer em Pelotas o professor e poeta Bernardo Taveira Júnior, que recentemente publicara suas *Poesias americanas* (Rio Grande: Tip. Arcádia, 1869) e que editaria na "Princesa do Sul" o opúsculo *Anjo da solidão*: cena dramática oferecida à exímia e primeira atriz do palco brasileiro, Adelaide C. S. Amaral (Pelotas: Tip. do *Diário de Pelotas*, 1869). Travando contato com Antônio Joaquim Dias, e outros intelectuais ligados à sua revista, estava o jovem Francisco Lobo da Costa, que ingressa definitivamente no mundo das letras criando um pequeno semanário intitulado *A Castália*, de curta duração, bem como publicando seu romance *Heloísa* em 1869, nas páginas da *Arcádia*.[17] A década de 1860, assim, prepara as condições para o surgimento de uma tradição literária em Pelotas.

A criação da Livraria Americana em 1871, que funcionou inicialmente como "uma pequena casa de livros e papéis", para "em seguida estabelecer-se também como editora"[18], estabelecimento comercial que "prosperou e cresceu, tornando-se logo o primeiro em seu gênero em todo o Rio Grande do Sul

15. Artur Lara Ulrich, *A mendiga* — Romance em folhetim. *O Especulador*, n. 10, Rio Grande, 6 jul. 1868. Artur Lara Ulrich nasceu em Pelotas em 4 de março de 1850. Pedro Leite Villas-Bôas, *Dicionário bibliográfico gaúcho*, p. 253.

16. Loner *et al.*, *op. cit.*, p. 147.

17. Ângela Treptow Sapper; Jandir João Zanotelli, *Lobo da Costa*: obra completa, p. 50.

18. Elomar Tambara; Eduardo Arriada, "Uma história editorial: tipografias, editoras e livrarias em Pelotas", p. 243.

e um dos mais importantes do Brasil"[19], bem simboliza a novidade. Cidade escravista que gira cada vez mais em torno do desenvolvimento de suas charqueadas, sua nova fase literária exige dos escritores uma "independência literária" em relação à tradição europeia, um olhar voltado para o que havia de singular na cultura brasileira. Este é, pelo menos, o intento do ensaio "Contos rio-grandenses", publicado em 1872 na *Revista Mensal do Partenon Literário*, escrito pelo pelotense Alberto Coelho da Cunha, sob o pseudônimo de Vítor Valpírio. Em paralelo, Lobo da Costa primava pela cor urbana local, dando a público o romance *Espinhos d'alma* (Rio Grande: Tip. do *Eco do Sul*, 1872), no qual um dos protagonistas apaixona-se por uma uruguaia na cidade de Montevidéu.

Alguns escritores pelotenses davam a público seus textos: o romance *Albertina*, de Colimério Leite de Faria Pinto (Pelotas: s/ed., 1873); a novela A *Mãe do Ouro*, de Vítor Valpírio, aparece na *Revista do Partenon Literário* (Porto Alegre: Tip. do *Constitucional*, 1873); é lançado o livro de poemas *Parietárias*, de Juvêncio Augusto de Menezes Paredes (Porto Alegre: Tip. da *Reforma*, 1873).

Menezes Paredes, ao que tudo indica, parece ser o primeiro poeta a publicar um poema sobre a cidade. Pelotas, no entanto, que se expandia na esfera das letras com novos livros de Lobo da Costa (*Lucubrações*. Poesias, São Paulo: Tip. J. Seckler, 1874), de Bernardo Taveira Júnior (*Poesias patrióticas* e o drama *Paulo*, ambos pela Tip. do *Jornal do Comércio*, 1874), do próprio Juvêncio de Menezes Paredes (o drama *Coroa de Martírios*, encenado pela Cia. Araújo no Theatro São Pedro, Porto Alegre, em 1874), e ainda de Alberto Coelho da Cunha (os textos *Pai Felipe*: episódio de charqueada, *Um farrapo não se rende* e A *filha do capataz*, todos publicados na *Revista do Partenon Literário* entre os anos de 1874 e 1875), estava ainda aquém de ser uma cidade onde

19. Alfredo Ferreira Rodrigues, "José Pereira de Souza Pinto", p. 6.

houvesse uma harmonia entre o desenvolvimento econômico e o crescimento intelectual de sua população.

Apesar do lançamento de livros de autores locais e da circulação de periódicos dedicados às letras, como o *Álbum Literário* (1874–1875), de propriedade de Virgílio Rodrigues de Souza[20], havia a necessidade de dar um passo mais ousado na construção de um lugar ao qual não somente convergisse toda a produção intelectual, mas que também atendesse todas as classes sociais. Por esta razão, em importante artigo veiculado em julho de 1875, Antônio Joaquim Dias propugnava pela criação da Bibliotheca Pública Pelotense, cuja pedra fundamental seria lançada, finalmente, em novembro do mesmo ano, tendo repercussão imediata nos jornais da época. Consolidava-se, assim, a instituição que pouco a pouco faria estreitar os laços do círculo intelectual responsável por boa parte da produção literária em Pelotas durante várias décadas.

Além da criação da biblioteca e do jornal *Correio Mercantil*, bem como da inauguração da Livraria Americana como editora, o ponto culminante no domínio das letras em 1875 é, certamente, o lançamento do livro *Poesias alemãs* (Porto Alegre: Tip. do *Deutsche Zeitung*, 1875), as quais foram "vertidas do original" por Bernardo Taveira Júnior a partir de Schiller, Goethe, Heine, dentre outros poetas alemães. Na esfera da dramaturgia destacam-se neste mesmo ano *O inválido da pátria*, a "cena dramática em versos", de autoria de Lobo da Costa, representada pelo "Teatrinho da Sociedade Dramática Luso Brasileira" de Porto Alegre, e o drama *O voluntário*, "em um prólogo e três atos", de Colimério Leite de Faria Pinto.

No ritmo das embarcações que chegam a Pelotas trazendo produtos do país e do exterior e que saem levando matéria-prima

20. Fernando Osório, *A cidade de Pelotas*, v. 2, p. 183. Um exemplar do *Álbum Literário* do ano de 1875 encontra-se digitalizado e pode ser consultado em: http://www2.ufpel.edu.br/iad/memoriagraficadepelotas/albumliterario/. Acesso em: 23 jul. 2024.

local, a segunda metade da década de 1870 seguirá, literalmente, "a todo vapor". Exemplo disso é o semanário *Progresso Literário*, de Theodoro Garcia, editado entre fevereiro de 1877 e fevereiro de 1879, o qual contribui neste período "para a propagação da literatura na província"[21]. Neste periódico, Bernardo Taveira Júnior publica os romances *Célio* e as *Cenas trágicas* (1877), *Joaninha* e *O enjeitado* (1878); Lobo da Costa arrisca-se no conto com *Fantasias de um morto* e *A cabana das violetas*, escrevendo também a crônica *Sabatina* (1878); e surgem escritos da poeta Cândida Isolina de Abreu, natural de Pelotas. Diversos textos continuavam a ser produzidos por Colimério Leite de Faria Pinto, em particular para o teatro, e foi criado o Clube Caixeiral, primeira associação do gênero no Rio Grande do Sul, o qual desempenharia muitas atividades culturais, desde cursos, palestras, aulas etc., sendo detentor de uma opulenta biblioteca, que em menos de duas décadas reuniria um acervo de aproximadamente 8 mil livros.

A grande colheita da segunda geração de escritores em Pelotas ocorre na década de 1880. Paulo Marques de Oliveira Filho dá a público o romance *Vênus ou O dinheiro*. Exemplo disto é que após seu prematuro falecimento (1884), seu romance, que havia gerado ampla polêmica entre os críticos, ganha imediata edição em livro por parte de Francisco de Paula Pires (*Vênus ou O dinheiro.* Romance brasileiro por Paulo Marques. Pelotas: Tip. da Livraria Americana, 1885).

Perseguindo a mesma senda antirromântica, Francisco de Paula Pires publica a novela *Quadros horripilantes* (Rio Grande: Tip. da Livraria Americana, 1883). Trabalhando na Bibliotheca Pública Pelotense desde 1876, lugar no qual cultivaria seu espírito e exerceria um cargo durante quinze anos, Paula Pires subvertia há bastante tempo os valores morais de sua época,

21. Loner *et al*., *op. cit*., p. 147.

atentando contra a ordem vigente a partir da esfera das letras.[22] É de sua autoria, entre outros, o ensaio "A literatura nacional", publicado em 1882 na *Tribuna Literária* de Pelotas, o qual chega a ser considerado como um dos textos que inauguram a crítica literária no Rio Grande do Sul.[23] Nos *Quadros horripilantes*, cuja trama desenrola-se entre Pelotas, Bagé e Porto Alegre, ao colocar o foco sobre as desventuras de duas irmãs (Amélia e Adelina), o autor tematiza o adultério, mas dá um passo a mais: aborda, talvez pela primeira vez na literatura rio-grandense, o tema da homossexualidade feminina.

Nesta primeira metade da década de oitenta, que viu nascer o jornal *A Voz do Escravo* (1881), surgia nas prateleiras das livrarias o drama em versos *O filho das ondas*, de Lobo da Costa (Rio Grande: Livraria Americana, [1883]). Já em 1884, Cândida Isolina de Abreu participava com seus versos na obra poética *Serpentinas* (Pelotas e Porto Alegre: Editores Carlos Pinto & Comp., 1884) e José Antônio Coelho Leal arriscava-se no ensaio filosófico em *As novas ideias ou A luz espantando as trevas do passado* (Pelotas: Livraria Americana, 1884), e o teatrólogo

22. Guilhermino Cesar foi o único que traçou, até hoje, o perfil mais aproximado de Francisco de Paula Pires, do qual citamos um trecho: "Francisco de Paula Pires [...] tem em torno a si, na cidade de Pelotas, um grupo que se decidiu revolucionariamente pelo Naturalismo. Paulo Marques, Pedro Osório e Laranja Filho, entre outros, escandalizaram o meio com a sua ficção atrevida, soco na ponta do nariz romântico, despertando a cidade de sua modorra digestiva. A *Tribuna Literária* e o *Arauto das Letras*, da mesma cidade, transmitiam o desafio dos 'positivistas', como se chamavam então os discípulos de Zola naquelas paragens. E estampavam artigos de doutrina, poesias celebrando a evolução da humanidade, crônicas de alcova e cenas de bordel" (Guilhermino Cesar, *História da literatura do Rio Grande do Sul*, p. 322).

23. Dessa "primeira fase da crítica literária sul-rio-grandense é o texto *A literatura nacional*, de autoria de Francisco de Paula Pires, publicado na *Tribuna Literária*, da cidade de Pelotas. A *Tribuna Literária*, de propriedade de José Gomes Corrêa, surgiu no ano de 1882, em Pelotas, e circulava aos domingos. Além de contar com um corpo de redatores fixos, entre os quais se incluíam Paula Pires e Gomes Corrêa, o periódico recebia a colaboração de Alcides Lima, Damasceno Vieira, Cândida Abreu e Julieta Monteiro" (Carlos Alexandre Baumgarten, *A crítica literária no Rio Grande do Sul*: do Romantismo ao Modernismo, p. 73).

Boaventura Soares apresentava o drama *Um fruto da escravidão* (Pelotas: Livraria Americana, 1884).

Marcada pelo engajamento de muitos intelectuais abolicionistas e republicanos, na cidade também se fazia livre a voz feminina. Luísa Cavalcanti Filha não somente publica seu livro de poemas *Alvoradas* (Pelotas: Tip. Liv. Alemã-Brasileira, 1886), mas veicula no jornal *Correio Mercantil* de abril de 1886 uma ampla crítica a uma escritora portuguesa, "sectária fervorosa do adiantamento da mulher", propugnando pela igualdade intelectual entre os gêneros[24]. É neste mesmo ano, aliás, que Bernardo Taveira Júnior finalmente encontra um editor disposto a editar as *Provincianas* (Rio Grande: Liv. Evangélica, 1886). No ano seguinte, após o falecimento de Lobo da Costa, editam-se suas *Auras do Sul* (Pelotas: Tip. e Papelaria Excelsior, 1888).[25]

João Simões Lopes Neto é, por certo, o irmão mais novo desta segunda geração de escritores em Pelotas. Contemporâneo do próprio Lobo da Costa, a quem irá considerar como uns dos "filhos ilustres" da cidade[26], Simões desponta inicialmente como dramaturgo, no final do século XIX, com as peças *O boato* (1893-94), *Os bacharéis* (1894), *Mixórdia!* (1894-1895), *O bicho* (1896), *Coió Júnior* (1896), *A viúva Pitorra* (1898) e *Fifina* (1899). Intelectual urbano que mantém uma produção constante de artigos na imprensa, que investiga a história da cidade e, sobretudo, devota-se à escrita dramatúrgica também na primeira década do século XX, é somente a partir de 1910

24. Renata Braz Gonçalves, *Livros e leitura na cidade de Pelotas/RS no final do século XIX*: um estudo através dos jornais pelotenses (1875–1900), p. 126-127. O texto de Cavalcanti Filha foi publicado originalmente no *Correio Mercantil* de 29 de abril de 1886.

25. Essa edição conta com "Traços biográficos de Francisco Lobo da Costa", escrito por Paula Pires, além de um relato sobre Lobo da Costa, feito por Bernardo Taveira Júnior. No fim do texto (p. 217-219), existe um adendo retirado de *O Progresso Literário*, escrito por Bernardo Taveira Júnior: "Lobo da Costa (Apêndice a sua biografia)".

26. Na *Revista do 1º Centenário de Pelotas*, João Simões Lopes Neto destaca que Lobo da Costa foi "um dos poetas mais populares de todo o Rio Grande" (João Simões Lopes Neto, "Filhos ilustres", p. 13).

que ele surgirá como o escritor "regionalista" que irá consagrar-se com os *Contos gauchescos* (1912) e as *Lendas do Sul* (1913).

Os hábitos e costumes do gaúcho, que durante décadas trouxe o gado para as charqueadas, também foram objeto de interesse por parte do escritor pelotense João Fontoura (nascido em 1887), que publica também em 1912 o livro *Nas coxilhas: contos regionais* (Rio de Janeiro: Liv. e Pap. Gomes Pereira, 1912) e, mais tarde, *Umbu: contos gaúchos* (Rio de Janeiro: Tip. do *Jornal do Comércio*, 1929) e ainda *Rancho grande: contos sul-rio-grandenses* (Rio de Janeiro: Tip. do *Jornal do Comércio*, 1939). Da mesma geração de Simões Lopes Neto, destaca-se também o poeta e tradutor Alberto Ramos, que nasceu em Pelotas em 1871.

Na senda da tradução, inaugurada por Bernardo Taveira Júnior e retomada por Alberto Ramos, apreciada também por Alfredo Ferreira Rodrigues (que, sob o pseudônimo de Manoel de Souza, traduziu o poema "O corvo", de Edgar Allan Poe, em 1913), destaca-se também o nome de José Mereb, poeta e escritor sírio-libanês estabelecido em Pelotas em 1898. Após verter diversos livros do árabe para a língua portuguesa, deu a público no final da década de 1920 a primeira tradução de *O profeta*, de Kalil Gibran. E cabe ainda lembrar Sílvio Mignone, tradutor de *Chitra: Poema Lírico de Rabindranath Tagore, adaptado ao ritmo português* (Leipzig: Zeifler, 1926), autor de obras em verso publicadas nas décadas seguintes e de manuscritos até hoje não editados.

Nascidos nas duas últimas décadas do século XIX e contemporâneos de João Simões Lopes Neto, aparecem os poetas Lídio Régis Costa (*Sonetos da dor*. Pelotas: Livraria Americana, 1910), Rubim José de Sant'Ana (*Os rubins*. Pelotas, 1913), Josué da Costa Siqueira (*Musa morta*. Pelotas, 1918), Alcides de Oliveira Carracho (*Musa adolescente*. Pelotas: Tip. Guarani, 1922), Júlio Ferreira (*Supliciados*. Pelotas: Livraria do Globo, 1923), Omar Furtado de Azambuja (*Ávatar*. Pelotas: Livraria Universal, 1924)

e ainda Joaquim Rodrigues Pereira, o "Quinca Coronel", que compôs em versos uma biografia de Honório Lemes intitulada *A história do Leão do Caverá* (Pelotas: Livraria Comercial, 1928).

Como compreender que dois expressivos escritores, Januário Coelho da Costa (1886–1949) e Jorge Salis Goulart (1899-1934), o primeiro natural de Dom Pedrito e o segundo de Bagé, tenham adotado a "Princesa do Sul" como sede de sua atividade intelectual? O primeiro publicou *Aspérulas*, poesias, 1909 pela oficina gráfica do jornal *Diário Popular*. Pela mesma gráfica Jorge Salis Goulart edita em 1919 seu livro de estreia *Auroras e poentes*, destacando-se, entre sua produção literária, o romance *A vertigem* (Pelotas: Livraria do Globo, 1925), cuja narrativa é toda ambientada na própria cidade de Pelotas.[27] Alexandre Abadie de Faria Rosa (1889–1945), que em 1914 levou aos palcos da cidade sua tradução de *O segredo*, uma "comédia dramática de Bernstein", deixou Pelotas para consolidar uma carreira como dramaturgo no Rio de Janeiro durante as três décadas seguintes, sem, todavia, jamais perder contato com sua cidade natal e com temas rio-grandenses. A registrar ainda, no período, Tristão Veloso Nunes Vieira (*Brumas da minha saudade*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1921); o ensaio *Mentiras religiosas*, de Pedro Luís Osório Filho (Rio de Janeiro: s/ed., 1920); os contos de Álvaro Delfino (*Asteísmos*. São Paulo: Ed. Nacional, 1925); e Walkyria Neves de Salis Goulart com os versos de *Ânsia de perfeição* (Pelotas: Livraria do Globo, 1925).

A partir da década de trinta, três nomes se destacam. Heloísa Assumpção Nascimento (1915–2005), que estreia com o romance *Harmonia excelsa* (Pelotas: Livraria do Globo, 1932); Noemi Assumpção Osório (1914-1993), poeta das *Páginas soltas* (Pelotas, 1939); e Fernando Melo (1921–1949), que por seu

27. Para um amplo panorama sobre Jorge Salis Goulart indicamos: a dissertação de Mestrado de Jefferson Teles Martins, *O pensamento histórico e social de Jorge Salis Goulart*: uma incursão pelo "campo" intelectual rio-grandense na década de 1920.

engajamento no Partido Comunista Brasileiro foi assassinado na cidade de Caxias do Sul, deixando inéditos seus escritos, alguns dos quais seriam publicados postumamente, como é o caso do conjunto de poemas de vertente socialista *Deixemos as rosas para amanhã* (Porto Alegre: Cadernos *Horizonte*, 1953), e da novela *Os fios telefônicos* (Pelotas: Ed. Universitária UFPel, 1996), a qual tem como cenário a cidade de Pelotas, vista do ângulo do proletariado.

Também lançam seus livros Quíncio Barcellos Ferreira, Luiz Emílio Léo Balduíno de Oliveira, Mozart Victor Russomano, Pedro Alves de Azevedo Teixeira, Francisco de Paula Vernetti e Sílvio Echenique da Cunha.

Em 1958, Mozart Victor Russomano reconheceu que sua visão, e a de seus contemporâneos, havia mudado após a leitura da *História da literatura do Rio Grande do Sul*, de Guilhermino Cesar. O certo é que, poucos anos depois, com o golpe militar de 1964, que reprimiu lideranças intelectuais em Pelotas, constrangendo a liberdade de expressão, um novo fosso seria cavado entre a geração que estava consciente da necessidade de resgatar o seu passado literário e aquela que surgirá após o processo de redemocratização em 1985.

Logo no início da ditadura civil-militar de 1964, ocorre a prisão de Aldyr Garcia Schlee. Nascido na cidade de Jaguarão em 1934, Schlee havia se estabelecido em Pelotas em 1950, destacando-se por suas atividades ligadas ao jornalismo, pela criação da revista *Ponto de Vista* e por alguns textos literários já publicados no jornal *A Opinião Pública*. Considerado "subversivo" e expulso da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), Schlee desempenhou um importante papel na formação intelectual de diversos alunos seus na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Dentre estes, três irão destacar-se no campo literário: Valter Sobreiro Júnior (1941), Mario Osório Magalhães (1949–2012) e Lourenço Cazarré (1953). Ligado à vida cultural

de Pelotas ainda jovem e estreando como diretor de teatro em 1961, Sobreiro cedo tornar-se-ia dramaturgo, tendo de submeter suas peças ao Departamento de Polícia Federal do Ministério da Justiça para obter a liberação da "Censura Federal de Teatro", tal como no caso de *Sirena*, peça do ano de 1975. Mario Osorio Magalhães, por sua vez, bem antes de consolidar sua carreira acadêmica, publicou *Pampeiro: versos regionais* (Pelotas: [Globo], 1968). Já Lourenço Cazarré, que viria a destacar-se sobretudo no campo da literatura infantojuvenil, estreia em 1982 com o romance *O caleidoscópio e a ampulheta* (São Paulo: LR Editora, 1982). Com esse livro, aliás, Cazarré dividiria o Prêmio Nestlé de Literatura de 1982 com o próprio Aldyr Garcia Schlee — que atingiu uma linguagem literária própria em sua obra *Contos de sempre* (São Paulo: LR Editora, 1983).

Entre as décadas de 1960 e 1980 há novos autores e círculos literários. Por exemplo, Sady Maurente, Luiz Carlos Escobar, Clóvis Almeida Alt, Joaquim Luís Duval, Maria do Carmo Haertel Sobral, Mario Mattos. Distantes de Pelotas, estiveram por certo tempo vinculadas à cidade figuras como escritora Lygia Bojunga, que nasceu em 1932 e deixou Pelotas aos oitos anos de idade, com carreira artística no Rio de Janeiro, lugar onde publicou seu primeiro livro (*Os colegas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972), a tradutora e professora Ligia Morrone Averbuck, nascida em Pelotas no ano de 1940, que irá desempenhar sua atividade profissional e intelectual em Porto Alegre (traduz *El libro de arena*, de Jorge Luis Borges, para a Globo), e a professora e escritora pelotense Maria Helena Vargas da Silveira (1940-2009), cuja literatura passaria a envolver a discriminação racial (*É fogo*. Porto Alegre: Grupo Editorial Rainha Ginga, 1987).[28] Pessoas com aptidão para a literatura deixam a

28. É Maria Helena quem reconhece seu vínculo com Pelotas: "Sou uma negra, pelotense. Admiro muito a minha terra natal, pois representa o espaço onde teve início tudo que sou, o lugar em que viveram meus pais, meus avós, meus amigos, gente que me legou uma estrutura interior muito boa" *In*: *Literatura afro-brasileira*, Faculdade de

cidade para exercer suas profissões em outros lugares, como Alcy Cheuiche, e outros, como o psiquiatra e escritor boliviano José Wolfango Montes Vanucci, fixam nela sua residência. No que diz respeito aos círculos literários, é importante mencionar o papel da Academia Sul-Brasileira de Letras (criada em 1970); do grupo de escritores que presta uma homenagem ao sesquicentenário da cidade com o livro *Letras pelotenses* (Porto Alegre: Sulina, 1972); da Casa do Poeta de Pelotas (1979), à qual estava ligado Nelson Nobre; e do Centro Literário Pelotense (1987), que organizaria duas coletâneas de poetas locais (*Centro Literário Pelotense — Coletânea*. n. 1 e 2. Pelotas: CLIP, 1993), na qual estão textos de ativistas literários como o já citado Clóvis Almeida Alt, de Juliné da Costa Siqueira e de Pedro Baggio.

Da década de 1990 aos dias atuais, três são os nomes que se destacam na esfera da literatura em Pelotas, em particular pela continuidade e alcance de suas publicações: o músico e compositor Vitor Ramil, que estreia com a novela *Pequod* (Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995), a socióloga Hilda Simões Lopes, Prêmio Açorianos de Literatura com o romance *A superfície das águas* (Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1997) e a poeta Angélica Freitas, que se lançou com *Rilke Shake* (São Paulo: Cosac Naify, 2007). Na cena literária local, também se fazem presentes o professor, historiador e crítico literário Luís Borges, o jornalista e pintor Manoel Magalhães e o poeta Carlos Eugênio Costa da Silva.

Nos últimos anos também desempenham papel importante em Pelotas os cursos de Letras da UCPel e da UFPel, a publicação de livros de autores locais pela Gráfica da Livraria Mundial, os círculos literários da Bibliotheca Pública Pelotense, as diversas oficinas de criação literária produzidas na cidade (entre as quais a de Aldyr Garcia Schlee, ministrada entre 1984 e 1985), a crítica

Letras da UFMG, 2009, documento eletrônico. Disponível em: http://150.164.100.248/literafro/data1/autores/103/dados1.pdf. Acesso em: 23 jul. 2024.

literária nas páginas do jornal *Diário da Manhã* (sobretudo aquela feita no já extinto "DM Cultura", no início da década de 1990), as atividades da Academia Pelotense de Letras (fundada em 1999) e do Instituto João Simões Lopes Neto (criado em 1999 e sediado, desde 2004, numa residência que pertenceu ao escritor), as colunas dominicais do *Diário Popular*, bem como as coletâneas que reúnem novos autores, entre as quais a *Contando Pelotas: 200 anos* (Pelotas, 2012).

Por razões que ainda restam ser explicadas, ligadas tanto ao movimento histórico-social do país quanto ao do estado do Rio Grande do Sul e ao da cidade de Pelotas, houve no sistema literário local sucessivas rupturas a partir da década de 1930; muitos escritores que surgiram depois disso, ou bem pouco dialogavam com as gerações anteriores, ou as ignoravam, com exceção de dois nomes que foram sendo consolidados e lidos por diferentes razões: Lobo da Costa e João Simões Lopes Neto. É possível dizer, a esta altura, que a criação e a produção literária em Pelotas constituíram-se, ao longo de quase duzentos anos, como um fenômeno permanente na cidade, alimentado muitas vezes por aspirantes que com alguns "versos" mantiveram seu espírito acesso, e por aqueles que contribuíram significativamente com as letras pelotenses, sejam aqueles naturais da cidade, sejam os que nela se estabeleceram e a tiveram como epicentro de sua atividade intelectual.

Referências

ARRIADA, Eduardo. *O processo de urbanização pelotense (1780-1835)*. 1991. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1991.

ARRIADA, Eduardo. *Pelotas*: gênese e desenvolvimento urbano (1780-1835). Pelotas: Armazém Literário, 1994.

ARRIADA, Eduardo; TAMBARA, Elomar. Uma história editorial: tipografias, editoras e livrarias em Pelotas. *In*: RUBIRA, Luís

(Org.). *Almanaque do Bicentenário de Pelotas*. Santa Maria: Pró-Cultura RS; Pallotti, 2014. v. 2.

ARRIADA, Eduardo; VALLE, Hardalla Santos do. A falta de homens de letras: a educação no Continente de São Pedro do Rio Grande do Sul (1770-1834). *Revista HISTDBR On-Line*, Campinas, n. 45, mar. 2012.

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de *et al*. *Pequeno dicionário de literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Novo Século, 1999.

BARRETO, Álvaro. A representação da cidade de Pelotas na novela *Os fios telefônicos*. *In*: GILL, Lorena Almeida; LONER, Beatriz Ana; MAGALHÃES, Mario Osório (Org.). *Horizontes urbanos*. Pelotas: ICH-Curso de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPel; Armazém Literário, 2004, p. 7-41. v. 1.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *A crítica literária no Rio Grande do Sul*: do Romantismo ao Modernismo. Porto Alegre: IEL; EDIPUCRS, 1997.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul*: 1868-1880. Porto Alegre: EST, 1982.

BLAKE, Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tip. Nacional, 1883. v. 1.

BLAKE, Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tip. Nacional, 1893. v. 2.

BORGES, Luís. *Breviário da prosa romanesca em Pelotas*: subsídios para uma história literária — Século XX: síntese crítica e histórica para uso escolar. Pelotas: Instituto João Simões Lopes Neto; JC Alfarrábios, 2007.

CESAR, Guilhermino. A vida literária. *In*: KREMER, Alda Cardoso *et al*. *Rio Grande do Sul*: terra e povo. Porto Alegre: Globo, 1966.

CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1956.

COLLOR, Lindolfo. A literatura no Rio Grande do Sul. *In*: BIBLIOTECA internacional de obras célebres. Lisboa, Rio de Janeiro, São Paulo, Londres, Paris: Sociedade Internacional, s.d. v. XVIII.

CUNHA, Jaqueline Rosa da. A *formação do sistema literário de Pelotas*: uma contribuição para a literatura do Rio Grande do Sul. 2009. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

CUNHA, Jaqueline Rosa da. *Arauto das Letras (1882-1883)*: uma amostra da expressão literária da região sul rio-grandense. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2004.

FAGUNDES, Morivalde Calvet. *Lobo da Costa*: ascensão e declínio de um poeta. Porto Alegre: Sulina, 1954.

FISCHER, Luís Augusto. *Literatura gaúcha:* história, formação e atualidade. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

GARCIA, Sheila Fernandez. *O homem maldito, de Carlos Eugenio Fontana*: o início do romance sul-rio-grandense. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2012.

GOMES, Mitizi de Miranda. *Romance-folhetim de um escritor provinciano*: Bernardo Taveira Júnior no *Progresso Literário*. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

GONÇALVES, Renata Braz. *Livros e leitura na cidade de Pelotas/RS no final do século XIX*: um estudo através dos jornais pelotenses (1875–1900). 2010. Tese. (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

KERN, Maria Lúcia Bastos. "*Se é muito o que aspiro, aos leitores, desde já, peço mil perdões por tal aspiração*": Pelotas (re)vista a partir dos folhetins e crônicas de Bernardo Taveira Junior. 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

LEAL, Daniel Barbier. *A cidade e o museu*: a origem, em 1904, do museu histórico da Bibliotheca Pública Pelotense. 2015. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

LONER, Beatriz Ana; GIL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mario Osório (Org.). *Dicionário de história de Pelotas*. Pelotas: Ed. da UFPel, 2010.

LOPES NETO, João Simões. Filhos ilustres. *Revista do 1º Centenário de Pelotas*, Pelotas, n. 2, 1911.

MAGALHÃES, Mario Osório. *Opulência e cultura na província de São Pedro do Rio Grande do Sul*: um estudo sobre a história de Pelotas (1860–1890). Pelotas: Edufpel; Livraria Mundial, 1993.

MAROBIN, Luiz. *A literatura no Rio Grande do Sul*: aspectos temáticos e estéticos. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; IEL, 1978.

MARTINS, Jefferson Teles. *O pensamento histórico e social de Jorge Salis Goulart*: uma incursão pelo "campo" intelectual rio-grandense na década de 1920. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MELO, Luiz Correa de. *Subsídios para um dicionário dos intelectuais rio-grandenses*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1944.

MEYER, Augusto. Ciclo gaúcho. *In*: COUTINHO, Afrânio (Dir.). *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: EDUFF, 1986. v. 4.

MORAES, Carlos Dante. *Figuras e ciclos da história rio-grandense*. Porto Alegre: Globo, 1959.

MOREIRA, Simone Xavier. Os primórdios culturais e literários da "Princesa do Sul". *In*: RUBIRA, Luís (Org.). *Almanaque do Bicentenário de Pelotas*. Santa Maria: Pró-Cultura RS; Pallotti, 2014. v. 2.

MOREIRA, Simone Xavier. *A formação da Princesa do Sul*: primórdios culturais e literários. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2013.

MOURA, Reinaldo Araújo de. *O alvorecer do Naturalismo na prosa do Rio Grande do Sul*: Paulo Marques e *Vênus ou O dinheiro* (1881). 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2009.

OSÓRIO, Fernando. *A cidade de Pelotas*. Pelotas: Armazém Literário, 1997-1998. 2 v.

PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

PINTO, Antônio Maria. Descrição da minha viagem. *Arcádia*, Rio Grande, 2ª série, p. 102, fev. 1868.

PORTO, Aurélio Afonso (redator e coordenador literário). *Terra farroupilha*: volume comemorativo ao segundo centenário da fundação do Rio Grande do Sul (1737–1937). Porto Alegre: [*s.n.*], 1937. v. 1.

PRATES, Helena. Pelotas no palco: uma cidade encena 100 anos de história. *In*: RUBIRA, Luís (Org.). *Almanaque do Bicentenário de Pelotas*. Santa Maria: Pró-Cultura RS; Pallotti, 2014. v. 2.

REVERBEL, Carlos. *A arca de Blau*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1993.

RODRIGUES, Alfredo Ferreira. José Pereira de Souza Pinto. *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1905*, Pelotas, p. 6, 1904.

RUSSOMANO, Mozart Victor. Alguns aspectos de Simões Lopes Neto. *In*: AZAMBUJA, Darcy *et al*. *Fundamentos da cultura rio-grandense*. Terceira série. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1958.

SALGADO, Plínio. *A literatura gaúcha*. São Paulo: Paschoal Napolitano & Irmãos, 1928.

SAPPER, Ângela Treptow; ZANOTELLI, Jandir João (Org.). *Lobo da Costa*: obra completa. Pelotas: Educat, 2003

SILVA, João Pinto da. *História literária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1924.

SPALDING, Walter. Itinerário da literatura sul-rio-grandense. *In*: BECKER, Klaus (Org.). *Enciclopédia rio-grandense*. Canoas: Regional, 1956. v. 2. O Rio Grande antigo.

TORRES, Luiz Henrique. "A guerra do Paraguai na *Arcádia*". *Historiae*, Rio Grande, v. 5, n. 1, p. 296-304, 2014.

VAZ, Artur Emilio Alarcon. *A lírica de imigrantes portugueses no Brasil meridional (1832-1922)*. 2006. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

VIEIRA, Damasceno. *Esboços literários*: poesia e crítica. Porto Alegre: Tip. da *Deutsche Zeitung*, 1883.

VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Dicionário bibliográfico gaúcho*. Porto Alegre: EST; EDIGAL, 1991.

Orlando Fonseca

2.9.2

Santa Maria

Tendo-se emancipado em 1858, até se transformar em uma cidade de porte médio, Santa Maria, com população atual de 275 mil habitantes, passou por dois importantes ciclos de desenvolvimento. Na primeira metade do século XX, beneficiou-se da implantação da ferrovia, que trouxe oficinas e centenas de operários; trouxe também engenheiros europeus, para construir um entroncamento estratégico no centro do estado. Formou-se uma das maiores cooperativas da América Latina, a qual deu impulso à educação de jovens e à formação técnica, com duas grandes escolas e bibliotecas com acervos consideráveis. A movimentação de artistas entre a capital e a fronteira permitiu que a cidade recebesse reconhecidas companhias teatrais, operetas e cantores, pelo fato de ser um ponto de parada obrigatória. Com isso cresceu a demanda por bens culturais, o que influenciou a criação de sociedades e associações artísticas para a promoção de saraus, tertúlias e eventos públicos.

Com o declínio do transporte ferroviário, começou o segundo ciclo, trazido pela implantação da primeira universidade federal no interior do país, em 1960. A partir de então, percebe-se a qualificação da produção cultural e a preocupação em prover a cidade de espaços para apresentações artísticas, livrarias, cafés, grupos de teatro e de literatura. Outras instituições privadas e confessionais de ensino superior foram implantadas, e formou-se

uma expressiva rede de ensino básico e cursos preparatórios. Surgiram grupos ligados às artes em várias áreas, e a cidade passou a contar com publicações e, além dos eventos típicos da vida acadêmica, com ciclos e festivais de teatro, de música e de artes plásticas. Um dado secundário a esta constatação histórica é que Santa Maria foi-se constituindo como uma cidade de "passagem". Deve-se considerar também que, por sua localização geográfica, tornou-se um centro militar, como 22 unidades, entre quartéis e Base Aérea. Se, por um lado, constituiu-se em um reduto de atração, pelas oportunidades que oferecia com o centro ferroviário, e oferece com o ensino universitário, por outro muitos moradores vieram para cumprir missões ou receber formação por um período, mudando-se para outras localidades. Há os que adotaram a cidade como sua residência definitiva. Para fazer um levantamento da produção cultural, em especial literária, é preciso ter esse processo em mente. Serão arrolados como autores os naturais da cidade e os adotivos.

Os pioneiros

A história da produção literária, em Santa Maria, começa no ano de 1883[1], não exatamente com um poeta ou ficcionista. O primeiro livro publicado por um santa-mariense é o *Ensaio sobre os costumes do Rio Grande do Sul*[2], de João Cezimbra Jacques, nascido em 1849. Trata-se de uma obra pioneira na abordagem do tema, antes mesmo de uma compreensão do folclore como disciplina e método. Cezimbra Jacques publicou ainda mais treze livros sobre temas sociológicos, militares e antropológicos diversos. Sua verve literária manifestou-se em apenas um conto, cuja personagem principal, Imembuí, veio a se tornar o símbolo de origem da cidade[3]. Sem muitas habilidades com o estilo, o

1. Getulio Schilling, *Cezimbra Jacques, o precursor*.
2. Guilhermino Cesar, *História da literatura do Rio Grande do Sul*.
3. Júlio Quevedo; Orlando Fonseca, *Cezimbra Jacques*: passado e presente.

autor foi contemporâneo de outro, também natural de Santa Maria, preocupado com os temas regionais e telúricos: Roque Callage, nascido em 1886. Este sim, teve uma projeção nacional, em meio à produção regionalista das primeiras décadas do século vinte. Ambos recolheram da tradição oral narrativas de cunho lendário ou mítico, mas coube a Jacques a primazia de estar entre os primeiros a registrar aquela que é tida, a rigor, como a única lenda inteiramente gaúcha, "Negrinho do pastoreio". No livro *Assuntos do Rio Grande*, de 1912, ele alega relatar a lenda assim como a ouviu. Por sua vez, Roque Callage, tendo exercido as funções de jornalista, desenvolve habilidades com o texto, e a sua obra *Terra gaúcha*, de 1914, é saudada como uma das grandes publicações deste período da literatura no país.

A personalidade de maior expressão literária oriunda de Santa Maria, o poeta Felippe D'Oliveira, nascido em 1890, figura entre os simbolistas de renome na história literária do país. Ainda em Porto Alegre, onde se formou farmacêutico, atuando nas empresas da família, junta-se a Alvaro Moreyra e Eduardo Guimaraens. Com o primeiro, muda-se para o Rio de Janeiro, em 1910, onde publica seus contos e crônicas na imprensa carioca, e em especial na *Revista Fon-Fon*, responsável pelo renascimento do Simbolismo na antiga capital federal. Com influências de Baudelaire, Cesário Verde e Cruz e Sousa, publica seu primeiro livro, *Vida extinta*, em 1911. Integrado depois às novidades do Modernismo, inaugurado pela Semana de 22, publica a sua obra de maior expressão, *Lanterna verde*, em 1924. Ao lado de seu tio, João Daudt de Oliveira, engajou-se nos fatos políticos que levaram Getúlio Vargas ao poder, em 1930. Desgostoso com os rumos do regime de exceção implantado, assumiu uma posição ao lado dos revolucionários paulistas, em 1932. Por essa razão, viu-se forçado ao exílio em Paris, onde faleceu em um acidente

automobilístico, em 1933. Além da poesia que o consagrou, escreveu peças de teatro e muitos artigos para jornais.[4]

Nesse mesmo período, alguns autores nascidos em Santa Maria atingiram renome no estado ou no país, sem terem desenvolvido suas atividades literárias na cidade. Como é o caso do modernista Raul Bopp que, com seu poema *Cobra Norato* é citado entre os trabalhos inovadores de sua geração, vinculado ao espírito nacionalista do Modernismo. Ele nasceu em 1898, na localidade de Val de Serra, ao tempo em que essa era distrito de Santa Maria. Outro escritor, o poeta e ficcionista Reynaldo Moura, deixou a cidade ainda criança. Sua carreira literária terá impulso em meio à produção dos anos 1930, em Porto Alegre. Deixou inúmeras obras, destacando-se *Romance no Rio Grande*, de 1958, um dos grandes textos de sua geração, o qual, por injunções políticas e históricas, não tem merecido maior destaque.

Merece registro, também, o advogado e promotor Moysés Vellinho (Santa Maria, 1902; Porto Alegre, 1980), um crítico literário e historiador de grande importância na imprensa da capital, figurando entre os grandes nomes dos estudos literários no estado na geração modernista; fundou e dirigiu a revista *Província de São Pedro*, entre 1945 e 1957. Da mesma forma, a romancista, contista, cineasta e ativista cultural Ieda Inda. Nascida em Santa Maria em 1942, mudou-se ainda criança para Uruguaiana e depois para Porto Alegre, onde se formou em arquitetura, na UFRGS. Produziu literatura em Porto Alegre e depois em Florianópolis, em gêneros narrativos diversos, atuando também em outros projetos ligados à cultura.

Um nome que se destaca desde as primeiras décadas do século XX é o de João Belém. Poeta, jornalista, conferencista e teatrólogo, participou ativamente da atividade amadora do teatro em Santa Maria. Nascido em Porto Alegre, em 1874, por volta de 1901 mudou-se para a cidade a fim de exercer atividades junto

4. Felippe D'Oliveira. *Obra completa*.

aos escritórios da Viação Férrea. Por suas atividades literárias, foi eleito para a Academia Rio-Grandense de Letras. Além de suas atividades artísticas, escreveu artigos para jornais, foi professor e pesquisador, o que lhe valeu figurar entre os fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Nessa área é que se encontra a sua obra de maior relevância, a *História do município de Santa Maria: 1797–1933*.[5] Dentre os anos de 1935 e 1940, residiu em Santa Maria o jornalista e poeta Ernani Vanacor. Nascido em Uruguaiana, transferiu-se para esta cidade a fim de trabalhar na Cooperativa da Viação Férrea. Dedicou-se ao jornalismo, colaborando com o jornal *A Razão* e Diários Associados. Dos seus três livros de poesia publicados, *Fruto maduro*, em 1923, *Vitrine*, em 1926, o *Cálice Amargo* se sobressai como uma obra refinada, tendo recebido uma distinção, em 1940, por uma instituição de Santa Maria.

Os anos sessenta

Com a implantação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), a cidade ganhou um novo impulso, com demandas culturais em todas as áreas. Em 1962, realizava-se uma Feira do Livro, a primeira a ocupar a praça Saldanha Marinho, que nos anos 1970 abrigaria evento similar que dura até o presente. Promovida pela Prefeitura Municipal, contava com bancas de dez editoras renomadas, como José Olympio, Globo e Sulina, além de três representantes de livrarias locais.[6] Essa Feira ainda teve duas outras edições em 1963, e em 1968, quando pela primeira vez foi escolhido um patrono, Felippe D'Oliveira. Além desse fato cultural histórico, percebe-se também neste período a emergência de coletivos culturais e políticos, como o Grupo Vanguarda Cultural, fundado em outubro de 1964, tendo como

5. João Belém. *História do município de Santa Maria*: 1797–1933.

6. Eugênia M. M. da Rocha Barichello. *História da Feira do Livro de Santa Maria*: memórias e registros.

primeiro presidente o jovem poeta Tarso Genro. Este, juntamente com Luís Alberto Rodrigues, organizou e publicou, neste mesmo ano, a antologia *Apresentação da poesia santa-mariense*. Essa obra pretendia dar uma "visão panorâmica da rima ou ritmo do poema santa-mariense". Abrange, em ordem cronológica, as referências mais significativas da arte poética na cidade, com autores naturais ou residentes, começando com Andrade Neves Netto, jornalista que dirigiu dois jornais na cidade e como poeta publicara, em 1906, a obra *Violas gaúchas*. Passa também pelas referências obrigatórias de figuras já consagradas, como João Belém, Felippe D'Oliveira, Raul Bopp (nascido em localidade próxima a Santa Maria), Reynaldo Moura, Chico Ribeiro, Prado Veppo e Armindo Trevisan.

Dentre os autores reunidos pelo livro, merece destaque a produção de alguns poetas que se tornaram referência em Santa Maria. Chico Ribeiro, oriundo de vertente regionalista e rural, firmou seu nome no cenário poético com sua publicação *Filosofia campeira*, de 1964. Devido à importância para a vida literária da cidade, teve a sua produção resgatada pela Associação Santa-Mariense de Letras, em 1988, na *Antologia poética*. Prado Veppo, nascido em Porto Alegre, em 1932, veio para Santa Maria a fim de cursar Medicina, tendo-se formado em 1960. Desde a publicação de *Alba tempo e rosa*, em 1962, teve uma intensa produção, tanto em jornais da cidade, quanto nas edições de seus nove livros e ainda como letrista de música nativista. Destaque em sua produção para as obras *O andarilho*, 1964; *Espada de flor*, 1975; *Passos do vislumbre*, 1994. Exerceu atividades docentes em Medicina na UFSM e como professor de Literatura em cursos preparatórios ao vestibular. Faleceu em 1999.[7]

Armindo Trevisan, nascido em Santa Maria em 1933, seguramente, depois de Felippe D'Oliveira, é o nome de maior projeção nacional. Começou a lecionar na UFSM em 1967 e,

7. Prado Veppo. *Obra completa*.

neste mesmo ano, teve o seu livro *A surpresa de ser* premiado pela União Brasileira de Escritores. A sequência de sua carreira como poeta e professor se deu com suas passagens por Lisboa e Porto Alegre, onde se radicou, lecionando as disciplinas de História da Arte e Estética na UFRGS, consolidando seu nome dentre os maiores da literatura rio-grandense e brasileira.

A obra do Grupo Vanguarda elenca ainda vários nomes de autores que passaram a exercer outras atividades pelas quais se tornaram mais conhecidos. O próprio Tarso Genro, além das atividades políticas que o levaram a cargos importantes, como o de governador do Rio Grande do Sul e ministro de Estado, publicou obras em sua área de atuação, o Direito, e as poéticas, *Vento norte*, de 1964, *Luas em pés de barro*, 1977, e ainda participou da antologia *Em mãos*, com outros autores rio-grandenses. São referidos ainda Leonildo Poltronieri, João Nascimento, Sergio Finkelstein e outros, num total de vinte e dois autores.

Na década de 1960, ainda, o ensino superior na área de Letras assumiu maior relevância em Santa Maria. Tendo-se iniciado em 1955, através da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FIC), foi conduzido pela Congregação Franciscana, graças ao pioneirismo da professora de Literatura Carmen Silveira Neto, Irmã Consuelo. Na UFSM, o Curso de Letras foi criado dez anos depois, com as bases existentes na estrutura acadêmica da FIC, tendo a Irmã Consuelo como primeira diretora. Atualmente a graduação do curso conta com licenciaturas e bacharelado, além de um programa de pós-graduação nas áreas de estudos linguísticos e literatura.[8] Através dos cursos superiores na área, destacam-se na crítica literária as publicações de Lígia Militz da Costa, Maria Luiza Ritzel Remédios, Robson Pereira Gonçalves, Pedro Brum Santos, Rosani Umbach, Lawrence Flores e André Vieira.

8. *Santa Maria, cidade cultura*.

Novas tendências — anos 1970

Na década de 1970, duas vertentes de distinta natureza impulsionaram as atividades literárias na cidade — como de resto no estado. Das manifestações estudantis contra o regime militar, iniciadas ainda na década anterior, através da circulação de edições precárias em mimeógrafo e xilogravura, e ações de grupos da juventude católicos e evangélicos, destacam-se nomes de autores que se firmaram como poetas e narradores. Neste mesmo período, começa a ganhar corpo o movimento nativista, que, em suas primeiras manifestações, trouxe inovação à música regionalista, ou melhor, à música de cunho telúrico no Rio Grande do Sul, com o festival Califórnia da Canção Nativa, de Uruguaiana. Nomes como os de Humberto Gabbi Zanatta, Luís Sérgio "Jacaré" Metz, Tau Golin, Dilan Camargo, Vinícius Pitágoras Gomes, Prado Veppo e José Alves Camargo, entre outros, fizeram o trânsito de um para o outro movimento, com textos e letras de música, marcados pela visão de mundo forjada em meio àqueles duros tempos de repressão política. Metz, ainda quando residia em Santa Maria, publicou o seu primeiro livro de contos, *O primeiro e o segundo homem*. Tau Golin iniciou a sua carreira de pesquisador abordando temas polêmicos sobre o culto aos heróis farroupilhas, como Bento Gonçalves, e levantando questionamentos sobre a identidade oriunda da gauchesca. Outros nomes ligados ao nativismo que tiveram obras publicadas no período: Antônio Carlos Machado, Antônio Augusto Ferreira, Nenito Sarturi e Mauro Ferreira. O poeta Humberto G. Zanatta, que teve êxito em sua atividade como letrista, ao vencer festivais e deixar legados como "Tropa de osso", "Lições da terra", "América" e "Não podemo s'entregá pros home", tendo já participado das antologias *Em mãos* e *Veredas*, publicou o seu primeiro livro de poesias em 1979, *Quarto crescente*, e *Tropa de osso* em 1981. Na década de 1980, a Tertúlia Musical Nativista, festival musical de Santa Maria,

movimenta a cena telúrica e de marca regional. Alguns nomes já consagrados no movimento estadual brilham neste cenário e fora dele, com publicações próprias, como Antônio Augusto Ferreira, Antônio Carlos Machado e surgem novos poetas, como Ramires Monteiro e Carlos Omar Vilela Gomes.

Neste mesmo período, ainda, podemos destacar a emergência de suplementos do jornal *A Razão*, voltado para temas culturais e literários, e em especial *O Artefato* e o *Lanterna Verde*. Merece referência, também, a criação da Feira do Livro de Santa Maria, cuja primeira edição é de 1973. Com o *slogan* "Quem não lê, mal ouve, mal sente, mal vê", teve a sua abertura em maio daquele ano, sendo planejada e conduzida pelos alunos do curso de Comunicação Social da UFSM, dentre os quais Luiz Recena Grassi, coordenador, e Adelmo Genro Filho, cujo trabalho de reflexão teórica sobre comunicação é ainda hoje reconhecido. Realizada na praça central da cidade, contava com dez bancas e dependia exclusivamente do trabalho dos acadêmicos de Comunicação, em edições ininterruptas até 1991. Existindo desde o começo, as sessões de autógrafos se tornaram uma tradição, com a vinda de vários escritores de renome nacional e muitos locais, como os já citados e ainda Antônio Carlos Arbo, Tânia Lopes, Tailor Diniz, Ernesto Wayne e Associação Santa-Mariense de Letras. Em 1995, após uma interrupção de três anos, a Feira voltou a ser realizada, contando com o apoio da Prefeitura e outras instituições. No ano seguinte, um importante passo na profissionalização da Feira foi dado com a criação da Câmara do Livro de Santa Maria, por iniciativa do livreiro Télcio Bresolin, da CESMA. Foram padronizadas as bancas e a programação passou a contar com apresentações artísticas e debates culturais.[9] A partir de 2001, a Feira mais do que dobrou a quantidade de bancas, número crescente nos anos seguintes, tendo uma cobertura de lona para os corredores para livrarias e para os espaços culturais.

9. Barichello, *op. cit.*

Atualmente é uma das mais antigas do país em atividade, entre as realizadas em local público e aberto.

Desde as suas primeiras realizações, a Feira tem-se constituído em um espaço de divulgação da produção santa-mariense. São muitos os autores que programam os seus lançamentos no maior evento cultural de Santa Maria. Já houve ocasião em que se contou com mais de uma centena de autores autografando seus livros, chegando a 200 em 2015, quando a Feira contou com 37 bancas. Em uma cidade que carece de grandes editoras — a rigor, só existe a Editora da UFSM, cuja linha editorial apenas comporta obras científicas, acadêmicas e históricas, contando ainda com uma pequena editora, Rio das Letras, conduzida por Jorge Ubiratã Lopes —, este é um espaço privilegiado de divulgação de novos autores.

Outro fato importante a se destacar nesse período é a criação do Concurso Literário Felippe D'Oliveira, realizado anualmente pela Secretaria de Município da Cultura. Criado pela Câmara de Vereadores, em 1977, tem recebido trabalhos de todo o território nacional, nos gêneros conto, crônica e poesia. Vários autores de renome tiveram seu destaque no concurso, tais como Sergio Faraco, Prado Veppo, Tarso Genro, Walmor Santos, Marcos Rolim, Haroldo Ferreira. Autores ainda em atividade na cidade tiveram impulso inicial com premiações do Felippe D'Oliveira, tais como H. G. Zanatta, Odemir Tex Jr. e Orlando Fonseca.[10] Como há o prêmio incentivo para autor nascido ou residente em Santa Maria, o concurso tem movimentado a produção entre os autores locais.

10. Com vistas a manter a unidade do texto, optei por fazer referência ao meu nome e à minha obra em terceira pessoa, ainda que tenha realizado esta pesquisa e seja o redator desta monografia.

Os cronistas

A cidade sempre contou com vários jornais, em cujas páginas circularam colaboradores, entre articulistas e cronistas, os quais empreenderam vários embates políticos; dentre os segundos, foram revelados vários nomes que tiveram uma vida literária reconhecida, através da publicação de livros. Ainda nas primeiras décadas do século passado, são representativos os nomes de jornalistas que fundaram veículos e mantiveram uma atividade cultural intensa na imprensa local.[11] Alfredo Rodrigues da Costa foi acionista da empresa que publicou um jornal vinculado ao Partido Republicano, *A Tribuna*, o qual teve como secretário o escritor João Belém. Em 1911, com o fechamento do jornal, fundou o *Diário do Interior*, que em 1913 passou a funcionar no edifício do Teatro Treze de Maio. O jornal, considerado um dos maiores do estado no período de 1910 a 1920, chegava antes mesmo do *Correio do Povo* a localidades como Uruguaiana, Bagé e Passo Fundo. Encerrou as suas atividades em 1939.

Arnaldo Mello, fundador do *Correio da Serra* em 1917, escreveu dois livros: *Dias de guerra e de amor*, 1924, com fatos da revolução de 1923, e *Diário do desterro*, 1926, impressos na gráfica de seu jornal. Napoleão Sacchis atuou no *Diário do Interior*, desde 1916, ao lado de uma equipe que contava com Roque Callage. Além dos artigos políticos como colaborador do jornal *A Federação*, deixou vários poemas românticos. Júlio Magalhães foi o fundador e editor do jornal *Gaspar Martins*, federalista, que teve início em 1903 e durou vinte e quatro anos. Em 1934, o jornalista Clarimundo Flores fundou o jornal *A Razão*, com uma proposta mais moderna e com ampla disponibilidade para publicações de poetas e cronistas da cidade. Quando o jornal foi vendido para a rede Diários Associados, de Assis Chateaubriand, em 1943, Clarimundo criou o *Diário do Estado*, que teve curta duração. Devido

11. Edmundo Cardoso, *Vivências e memórias de Edmundo Cardoso*.

às dificuldades financeiras, vendeu-o, criando então o jornal *A Cidade*. "Clarimundo escrevia muito bem. Sua linguagem tinha um sabor especial. Tratava o seu tema de forma agradável. Tinha o dom da palavra escrita e conhecia a profissão".[12]

Muitos dos autores em atividade literária, no atual cenário cultural da cidade, com obras em diferentes gêneros, mantêm a tradição de colunistas nos dois principais jornais, *A Razão* e *Diário de Santa Maria*. Alguns mantiveram em suas publicações a característica do texto da crônica, como Máximo Trevisan, que publicou *Olho mágico*, em 2002, e *Às brincas ou às devas*, 2011; Vera Pinheiro, com seu livro *Parto de mim*; Diomar Konrad, *Cotidiano crônico*, em 2009; Athos Miralha da Cunha, com *Os agachados*, em 2012; Valdo Barcelos, *Invisível cotidiano*, 2006; e ainda José Bicca Larré, Celina Fleig Meyer, Marcio Grings, Gilson Piber, Cândido Otto da Luz e Vítor Biasoli.

Uma prática que se tornou recorrente, ao longo dos últimos, tem sido a de publicações coletivas. Estas tiveram início com a obra *Recortes do cotidiano*, de 1989, a qual reuniu Adelmo S. Genro, Antônio C. A. Ribeiro, Gustavo Quesada, Máximo Trevisan, Humberto G. Zanatta e Orlando Fonseca. Em 2001, esses mesmos autores, com exceção de Gustavo Quesada e o acréscimo de Vítor Biasoli, tiveram sua antologia *Da boca do monte*, publicada pela Associação Santa-Mariense de Letras. Voltam a se reunir em 2002 no livro *O apito do trem*, permanecem juntos no livro *Trem dos onze*, editado em 2004, dedicado a Adelmo Genro, falecido em 2003. Juntam-se aos já citados os cronistas Diomar Konrad, Ludwig Larré, José Bicca Larré, Marcelo Canellas, Pedro B. Santos e Tânia Lopes. Um grupo de cinco cronistas, a saber Athos Miralha da Cunha, Humberto G. Zanatta, Orlando Fonseca, Pedro B. Santos e Tânia Lopes, lançaram duas obras: *Tudo haver*, em 2005, *Nada haver*, no ano seguinte, e ainda, *Pra começo de conversa*, em 2009.

12. *Ibid.*

Dentre os cronistas mencionados, alguns se destacam com publicações individuais em narrativa longa, como Adelmo Simas Genro, que publicou várias obras marcadas pela característica de contador de histórias, desenvolvidas em suas crônicas. Exemplo disso são *Um tal Mathias Capador*, de 1983; *Histórias do Tio Nica e outras*, 1986; *Maria Ignácia das Dores*, 1999; *Compadre Doralino e outras histórias*, 2001; e *Fogo no céu: contos*, em 2002. Antônio Cândido Ribeiro, embora em suas crônicas manifeste mais amiúde o seu lado lírico, a sua novela *A face oculta da lua (inércia)*, premiada pela Câmara Municipal de Santa Maria, em 2010, revela um autor de narrativa ficcional já antevisto nos inúmeros trabalhos coletivos como contista. Outro comentarista da vida urbana, José Bicca Larré, também publicou obras individuais, de narrativa curta e longa: *Sereias e lobisomens*, contos e crônicas, 1995; *Tintim por tintim*, memórias, 2002; *A estrela Dalva*, romance, 2003; e *O cego e a prostituta*, novelas, 2008. Demonstrando sua versatilidade no trato com a literatura, Humberto G. Zanatta produziu obras de poesia (já citadas) e várias publicações de literatura infantil, como *A caneca da marreca*, *Petiço pipeiro*, *A tartaruga*, *O burrinho inteligente* e *Nem que a vaca tussa*, com ilustrações do cartunista Byrata.

Dentre os atuais cronistas santa-marienses, Marcelo Canellas, jornalista da Rede Globo, que mantém um contato constante com a cidade, publicou uma obra com narrativas dessa sua experiência como repórter, visitando várias regiões do país, no livro *Províncias: crônicas* da alma interiorana, em 2013. Também apresenta uma produção em narrativa longa o cronista Orlando Fonseca, o qual teve a sua primeira novela, *Poço de luz*, premiada pelo Instituto Estadual do Livro, em 1989. Com a publicação dessa novela, abre espaço para várias obras de outros gêneros narrativos, com peças de teatro, dois musicais — um dos quais tendo como tema *Imembuí*, personagem símbolo de Santa Maria —, além de novelas juvenis. Após o romance *O quadrado da*

hipotenusa, em 1997, iniciou uma carreira voltada para o público adolescente, junto ao projeto Autor na Sala de Aula da WS Editor, pela qual publicou *Da noite para o dia*, 2001 (Prêmio Adolfo Aizen da União Brasileira de Escritores, em 2002, também finalista do Prêmio Açorianos, do mesmo ano); *Sangue no último*, 2005; *Na marca do pênalti*, 2010; e *O estojo vazio*, 2013. De sua atuação como docente da UFSM nas áreas de Produção Textual e Literatura resultaram obras ensaísticas.

Ainda dentre os cronistas, destaca-se Tânia Lopes, que também tem desenvolvido atividades literárias para o público infantil, o que inclusive a distinguiu como patronesse da Feira do Livro de Santa Maria, em 2005. Ela publicou neste gênero: *Sacolino*, 1992, com reedições; *O palhaço laranjinha*, 1994; e *Thixa, a lagartixa bailarina*, 2012, ilustrada pelo cartunista Elias. Ainda se destaca por obras em outros gêneros tais como o poético *Espontânea*, selecionado e publicado por IEL/IGEL em 1993; ainda *Os olhos da menina*, prosa, 1995; e *Limites*, novela, 2002. Outro autor desse grupo, o poeta e professor de História (área em que tem diversas publicações) na UFSM, Vítor Biasoli, destacou-se no cenário rio-grandense pelas suas poesias, publicadas em *Calibre 22*, de 1999, e depois enveredou pela narrativa com a novela juvenil *Jorge encontra Lilian*, 1998, e contos em *Fúrias*, 2003, e *Uísque sem gelo*, Movimento, 2007.

Abordagens novas

A produção coletiva e cooperativada merece destaque na produção literária local. Esta característica decorre da índole associativa de Santa Maria, que já contou com a maior cooperativa da América Latina, conduzida pelos ferroviários, a COOPFER e, atualmente, conta com uma entidade única em seu gênero, dedicada à difusão do livro, a Cooperativa de Estudantes de Santa Maria, a CESMA. Fundada em 1978, época em que o associativismo era ainda alvo de suspeição pela repressão política

e a circulação de livros estava prejudicada pela censura, essa Cooperativa se tornou um símbolo de resistência e da luta pelo desenvolvimento cultural da cidade, com a promoção do audiovisual pelo Cineclube Lanterninha Aurélio, debates importantes sobre conjuntura e temas acadêmicos, além de abrigar em seu auditório diversas promoções artísticas, culturais e educacionais.

Muitos coletivos de produção literária têm-se formado e promovido meios de divulgação de seus membros. Em 1986, criou-se a Associação Santa-Mariense de Letras (ASL), cujas primeiras diretorias foram formadas pelos poetas e cronistas Aristilda Rechia, Lígia Militz da Costa, Ruth Larré, Ceres H. Z. Bevilaqua, Máximo Trevisan, Pérsio Espíndola e Antônio Cândido de Azambuja Ribeiro. A contribuição da ASL para a produção literária da cidade, além da edição de obras de resgate e premiações, é significativa pela publicação de várias edições coletivas, *Gente das letras*, em 1989, *Letras 90*, no ano seguinte, a revista *Letras da Gente*, nos anos de 1992 e 1993 e doze edições da *Antologia em prosa e verso*, a partir de 1995. Em 2006, a associação se tornou Academia Santa-Mariense de Letras com quarenta membros efetivos. Além das atividades formais acadêmicas, a ASL já publicou várias antologias *Em prosa e verso* e obras de seus membros, tais como: *Caixa de pensamentos* e *Santa Maria: panorama histórico-cultural*, Aristilda Rechia, 2006; *Crônicas do Diário*, José Bicca Larré, 2007; em 2008 foram quatro obras: *Poemas e crônicas em sombra e luz*, Ruth Farias Larré; *Sempre no meu coração* (poesia), Lígia Militz da Costa; *O cego e a prostituta* (novela), José Bicca Larré; *Os trens não partem mais* (crônicas) de Celina Fleig Mayer; e duas obras em 2011: *Prefácios na vitrine*, Lígia Militz da Costa; *Às brincas e às devas (crônicas)*, Máximo José Trevisan; e ainda *Extemporânea* (poesia), Letícia Raimundi Ferreira, 2012. A Academia também promove o Concurso de Literatura Infantil Ignez Sofia Vargas (homenagem à autora santa-mariense de literatura para a infância), o qual já premiou quatro autores, com as respectivas obras: Sonia Klein dos

Santos, *Piteco vai à lua*, no primeiro concurso, em 2011; Ruben Boelter, *As vassouras da bruxa*, em 2012; Lucas Visentini, *Neto e a boca do monte*, 2013; e Sérgio Mergen, *O rabo do rabicó*, 2014.

Outra importante entidade que congrega literatos é a Casa do Poeta de Santa Maria (CAPOSM). Fundada em 2002, tem contado em suas diretorias com poetas que vêm se firmando no cenário cultural de Santa Maria, como Auri Sudati, Marilene Bueno Silveira, Denise Reis, Maria Barbiero Venite, Angelise Fagundes, Selma Feltrin, Maria Rita Py Dutra, Neiza Leite Veleda, Onilse Noal Pozzobon, Ubirajara Anchieta Rodrigues, Neiva Peres e mais oitenta integrantes. Além das atividades culturais que promove, tais como palestras de incentivo à leitura, em escolas públicas e particulares, exposição de poemas em locais públicos e "Cafezinhos Poéticos", tem publicado anualmente a antologia *Confraria in verso.* Também promove o lançamento de obras de seus confrades, mantendo todos os anos, desde sua fundação, uma banca na Feira do Livro da cidade. Haidée Hostin Lima tem-se destacado em concursos literários no estado e no país. Já publicou *Coração guepardo*, 2004; *Telhado de vidro*, 2007; *Equilíbrio de açucenas*, 2013. Por seu trabalho reconhecido, foi escolhida patronesse da Feira do Livro em 2015, quando publicou *Tatuagem*, além de participar na antologia *A sete chaves*, Rio das Letras, com os poetas Humberto G. Zanatta, Odemir Tex Jr., Orlando Fonseca e Tânia Lopes, publicada neste mesmo ano.

Dos vários grupos que se têm formado com a intenção de reunir literatos com vistas a publicações, o de maior longevidade e produtividade, atualmente, é a Turma do Café. Sem uma existência formal, como estatuto ou sede, reuniu-se espontaneamente a partir do encontro semanal de seus primeiros membros, no antigo Montserrat Café, em um dos shoppings de Santa Maria. No princípio, em 2002, era apenas uma reunião dos amigos Vitor Biasoli, Escobar Nogueira e Leonardo Brasiliense, e o tema central era a literatura. Com a adesão de

novos confrades, começaram a surgir projetos de publicações naqueles bate-papos. A primeira experiência veio em 2006 com a publicação de *Café dos confrades*, uma plaquete (pequeno livro de 40 páginas), com duas crônicas de cada autor: Aguinaldo Severino, Antônio Cândido de Azambuja Ribeiro, Athos Miralha da Cunha, Escobar Nogueira, Leonardo Brasiliense, Orlando Fonseca, Rafael Reinehr e Vitor Biasoli. Com a publicação de *A nona assassina*, contos, em 2007, iniciou-se uma forma de produção literária coletiva inovadora, ao menos em nossa cidade. O primeiro conto, que dá título ao livro, foi escrito por todos os autores reunidos na antologia: Antônio Augusto Ferreira, Athos, Cândido, Fonseca, Pedro Brum Santos e Tânia Lopes. Os demais trabalhos que integram o livro foram escritos individualmente, formando capítulos para cada autor. Dessa ideia, surgiu o projeto de um romance coletivo, que se consolidou na obra *Os dez mandamentos*, publicado pela editora Movimento em 2008. Divididos em capítulos epigrafados por um dos "dez mandamentos bíblicos", dez autores escreveram um trecho da narrativa, obedecendo ao princípio de manter as personagens já citadas e acrescentando ações coerentes com as indicações anteriores. Além dos já citados, fizeram parte desta aventura literária os escritores Diomar Konrad, Humberto G. Zanatta e Tailor Diniz. Esse mesmo processo de criação coletiva volta na obra *Arquimedes*, editora Movimento, 2010, com sete dos autores já mencionados e o acréscimo de Raul Giovani Maxwell.

Esta experiência também foi levada a cabo em outras publicações de contos coletivos, editadas pela Movimento: *A frase do Doutor Raimundo*, 2009, (obra finalista do Prêmio Açorianos, 2009); *O milongueiro*, 2011; *O colecionador de cuias*, 2012; *O bastardo*, 2013, e *4-3-3 e o porteiro do estádio*, 2014 — com algumas mudanças no grupo, todos escritos por Athos, Cândido, Fonseca, Pedro Santos, Raul, Tânia, Vitor, Odemir Tex Jr. e convidados Francisco Ritter, Iuri Müller, José Luiz dos Santos e

Maria da Graça Rodrigues. O mesmo grupo também lançou em 2007 a obra *O maquinista daltônico*, em dois volumes, reunindo poetas e cronistas. No de crônicas: Aguinaldo, Athos, Cândido, Marcelo Canellas, Diomar, Ludwig Larré e Sione Gomes; no de poesia: Andréa Cortiana, Heitor Pires, Márcio Bernardes, Fonseca, Reinehr, Tânia, Tex, Vítor e Zanatta.

Dentre os escritores que originaram a Turma do Café, vale referir que, atualmente, o escritor residente em Santa Maria com maior projeção nacional é o gabrielense Leonardo Brasiliense, cuja obra juvenil *Adeus contos de fadas*, de 2006, recebeu o Prêmio Jabuti na categoria. Depois disso vieram *Olhos de morcego*, 2007; *Whatever*, 2007; *Três dúvidas*, 2010; *Corpos sem pressa*, minicontos, 2014; *Decapitados*, novela, 2014; *Sofia e Mônica*, novela juvenil, 2014.

Cabe destacar ainda os poetas Escobar Nogueira e Carlos Rangel. O primeiro tem-se mantido fiel à poesia, desde a publicação de *O meu primeiro milagre*, 1994; seguiram-se *Arame farpado*, 1998; *Milongol*, 2003; *Curta-metragem*, 2006, até *Pejuçara*, 2009. Já o poeta Carlos Rangel foi premiado pela Câmara Municipal de Santa Maria, com sua obra poética, *Santa Maria Pólis-sêmica*, publicada em 2013. Como romancista, teve uma obra premiada em Portugal, recebendo o Prêmio Carlos de Oliveira, em 2012; esse romance, *Exilados*, foi editado pela Movimento em 2013.

Das tendências da atualidade, importante assinalar que se está desenvolvendo na cidade a produção ficcional do tipo realismo fantástico, *steampunk*, cujos representantes mais destacados são Enéias Tavares, com seu livro *A lição de anatomia do temível Dr. Louison*, 2014; Nikelen Witter, *Territórios invisíveis*, 2012; e André Cordenonsi, *Le Chevalier e a Exposição Universal*, 2015.

Em vista da peculiaridade — expressão de humor —, vale também referir a atuação do Grupo de Risco que, de 1992 a 1997, coordenou e publicou a revista de humor *Garganta do Diabo*. No cenário cultural rio-grandense, são raras as publicações

exclusivas de textos e desenhos de humor. Via de regra, esses ocupam espaços da charge e da crônica em alguns jornais. Formado por três cartunistas, Byrata, Elias e Máucio, mais o cronista Orlando Fonseca, as 19 edições da revista contaram também com cartuns e textos de vários convidados, como Santiago, Bier, Edgar Vasques, Moa, Ronaldo, Amorim, Reinaldo Pedroso. Desta interação com desenhistas de humor do estado, surgiu o evento Cartucho — Encontro de Cartunistas Gaúchos, que em 2014 completou onze edições anuais. Além deste evento, também já se realizou, por iniciativa do grupo, o Salão de Humor "Santa Maria Cheia de Graça" e o lançamento do livro *Riso Grande do Sul* — Temas gauchescos, em 2006, reunindo cartuns e textos de humor do grupo.

Por fim, é preciso fazer o registro ainda do surgimento, nos últimos anos, de sistemas alternativos de edição e distribuição. Por um lado, temos os grupos que buscam a divulgação de seus trabalhos nas redes sociais, via internet, inclusive viabilizando produções impressas através de coletas do tipo *crowdfunding*; por outro, o modelo de publicação artesanal denominado "cartonera", com tiragens limitadas e distribuição personalizada. Essa modalidade de produção e movimento cultural teve início em 2003, na Boca, em Buenos Aires, e vem-se constituindo em uma rede informal latino-americana. Com essas características, em Santa Maria, destaca-se a produção do poeta Odemir Tex Jr., como o livro *Para uma nova didática do olhar*, Estrela Cartonera, 2013, e o trabalho editorial do professor da UFSM Fernando Villarraga, que, com seus alunos, tem desenvolvido trabalhos editoriais com o grupo Maria Papelão e, mais recentemente, Vento Norte Cartonero, que publicou, em 2014, *Tempo embalado para apodrecer*, novela, de Luiza Casanova.

Referências

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de; MOREIRA, Maria Eunice; ZILBERMAN, Regina (Org.). *Pequeno dicionário da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Novo Século, 1999.

BARICHELLO, Eugênia M. M. da Rocha. *História da Feira do Livro de Santa Maria*: memórias e registros. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2013.

BELÉM, João. *História do município de Santa Maria*: 1797–1933. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2000.

BELTRÃO, Romeu. *Cronologia histórica de Santa Maria*: 1787–1930. Santa Maria: s. ed., 1979.

CALLAGE, Roque. *Uma época do Rio Grande*: antologia. Porto Alegre: Pallotti, 1998.

CARDOSO, Edmundo. *Vivências e memórias de Edmundo Cardoso*. Santa Maria: Anaterra, 2008.

CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1971.

QUEVEDO, Júlio; FONSECA, Orlando. *Cezimbra Jacques*: passado e presente. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2000.

MORALES, Neida. *Memórias*: 1848-2008. Santa Maria: Pallotti, 2008.

OLIVEIRA, Felippe D'. *Obra completa*. Org. Lígia M. da Costa, Maria Eunice Moreira e Pedro Brum Santos. Porto Alegre: IEL; Santa Maria: Ed. da UFSM, 1990.

REVISTA comemorativa do primeiro centenário de fundação da cidade de Santa Maria, 1914.

RIBEIRO, Nely. *Jornais gráficos RS*: 1827–1900. O jornal em Santa Maria: 1883–1992. Santa Maria: [*s.n.*], 1992.

SANTA MARIA, cidade cultura. Santa Maria: Pallotti, 2003.

SCHILLING, Getulio. A *arte fotográfica e o teatro em Santa Maria*. Santa Maria: Pallotti, 2005.

SCHILLING, Getulio. *Cezimbra Jacques, o precursor.* Porto Alegre: IGTF; UFSM, 1986.

VEPPO, Prado. *Obra completa*. Org. Pedro Brum Santos e Vitor Biasoli. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2002.

Artur Emilio Alarcon Vaz
Mauro Nicola Póvoas

2.9.3

Rio Grande

Rio Grande, o município gaúcho mais antigo (fundado em 1737), foi também o primeiro a ter, no estado, uma Câmara de Vereadores (1751), um templo católico, a Catedral de São Pedro (1755), e uma sede da Capitania dos Portos (1760). Igualmente, a primeira Alfândega do extremo sul do Brasil foi criada na cidade, em 1804, e a Loja Maçônica União Constante é a mais antiga no Rio Grande do Sul (1840). Só esses dados mostram a importância econômica e cultural da cidade nos séculos XVIII e XIX, fato que irá contribuir para sua participação na literatura sulina de então.

A publicação, em 1832, do jornal *O Noticiador*, pioneiro no interior gaúcho, firma a cidade como um dos centros culturais da região. Rio Grande é também sede da primeira biblioteca gaúcha, fundada em 1846, inicialmente sob o nome de Gabinete de Leitura, depois Biblioteca Rio-Grandense, ainda hoje uma das mais importantes do estado e do Brasil. Sobre esse período, Ubiratan Machado comenta a ida de companhias teatrais da Corte à província, "onde havia pelo menos três teatros de excelente nível", para depois citar as cidades de Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande, esta última como "ponto de parada obrigatória".[1] Embora o Teatro Sete de Setembro — o primeiro construído em alvenaria no Rio Grande do Sul — tenha sido inaugurado em

1. Ubiratan Machado, *A vida literária no Brasil durante o Romantismo*, p. 304.

1832, Lothar Hessel comenta que esse já "era o terceiro teatro edificado na Noiva do Mar".[2]

Inventários

Os primeiros dados sobre a história letrada do Rio Grande encontram-se em vinte inventários pertencentes a moradores da cidade, que foram localizados por Jorge de Souza Araújo. Essas relações de bens servem de importante fonte primária para a descoberta de como era a leitura desse período na região, antes mesmo da implantação da imprensa em terras gaúchas (com o jornal *O Diário de Porto Alegre*, em 1827, na capital) ou mesmo da Revolução Farroupilha (1835–1845). Se é difícil descobrir que edições eram e como os moradores do Rio Grande obtiveram os livros, pode-se pelo menos esboçar quais eram essas leituras. Inicialmente, merecem destaque as rubricas de "livros manuscritos", indicando que a leitura não dependia somente de tipografias brasileiras ou da importação de livros, mas também circulava sem obedecer às regras impostas pela metrópole portuguesa.

Nos documentos, havia títulos da literatura clássica, tais como *Tristia*, de Ovídio; *Elegias*, de Tibulo; e a *Odisseia* e a *Ilíada*, de Homero, todos citados no inventário de Francisco Xavier Ferreira e Ana Joaquina Ferreira. Não são raros os casos de autores brasileiros, como Antônio José da Silva, com *Esopaida* (1734); Santa Rita Durão, com *Caramuru* (1781); Domingues Borges de Barros, com *Poesias oferecidas às senhoras brasileiras por um baiano* (1825); e Monsenhor Pizarro e Araújo, com *Memórias das histórias do Rio de Janeiro e das províncias anexas à jurisdição do vice-rei do estado do Brasil*.

Percebe-se uma presença pequena de textos ficcionais e de poesia, artigos praticamente exclusivos do acervo do tipógrafo

2. Lothar Hessel, *O teatro no Rio Grande do Sul*, p. 61.

e livreiro Francisco Xavier Ferreira, como o quase onipresente *História de Gil Blas de Santillane* e a novela francesa *A voz da natureza*. Na poesia, acrescenta-se o nome de Gabriel Pereira de Castro, além dos já citados autores clássicos e dos brasileiros. Surgem ainda as *Poesias*, de Voltaire; o livro *Gemidos da tristeza*, do poeta José Daniel Rodrigues da Costa; um texto de crítica teatral e outros três relatos de viagens.

Mais do que uma lista de livros atualmente desconhecidos, exemplares amarelados e citações vagas, o estudo desses inventários dá uma noção mais precisa do que representava a leitura nesse período, marcado por uma população majoritariamente constituída de analfabetos e uma sociedade ainda sob censura portuguesa. Por esses dados, percebe-se que havia uma classe, numericamente restrita, mas relevante, a ponto de promover a instalação da imprensa na região ou manter bibliotecas privadas.

Como conclui Jorge Araújo, "Rio Grande parece ter sido de fato uma cidade onde se lia muito, sobretudo no século passado [século XIX]. Pela documentação disponível, é seguramente a que mais se distingue no número e na variedade dos livros, com exceção das cidades históricas mineiras".[3] Disso resulta-se a importância da cidade nesse período e a intensa participação posterior de alguns de seus habitantes nos rumos das letras gaúchas.

Francisco Xavier Ferreira

Francisco Xavier Ferreira, um dos inventariados, foi dono da primeira tipografia a publicar folhetos, livros e jornais em Rio Grande. Além de editar o jornal *O Noticiador* (1832–1836) e de atuar como livreiro, Xavier Ferreira é autor dos textos "O hino que se cantou na noite do dia 24 do corrente, pela feliz notícia da Gloriosa Elevação do Sr. Dom Pedro II ao Trono do Brasil", em 1831, antes portanto do jornal, e "A relação dos festejos que

3. Jorge de Souza Araújo, *Perfil do leitor colonial*, p. 288.

fizeram os portugueses residentes na vila do Rio Grande do Sul, em demonstração de seu júbilo pelo restabelecimento da paz, na sua pátria", em 1834.

Se Xavier Ferreira já tem o mérito de incluir em *O Noticiador* cinco poemas de Delfina Benigna da Cunha, antes mesmo de essas composições saírem em livro, seu jornal publica outros diversos autores locais (e de Pelotas também), como Antônio José Caetano da Silva Filho, L. S. Flores, Antônio José Domingues e Mateus Gomes Viana, este considerado como o primeiro pelotense a publicar poesia; não à toa, Ana Cristina Pinto Matias sublinha a importância do jornal, já que "a presença de um grupo de escritores na região sul do estado confirma a existência de um círculo cultural na época".[4]

Logo após o fim da Revolução Farroupilha, é criado o Gabinete de Leitura, em 15 agosto de 1846; após mudanças estruturais, em 1878, troca seu nome para Biblioteca Rio-Grandense, cujo acervo ainda detém obras somente ali existentes: de autores vinculados ao Rio Grande do Sul, como *Exposição dos elementos d'aritmética para o uso dos estudantes do Colégio de Santa Bárbara na cidade de Pelotas* (1848), de Antônio Luís Soares (1805–1875); de escritores de outras regiões do país, como *Mausoléu levantado à memória da excelsa rainha de Portugal, D. Estefânia*, com poemas da mineira Beatriz Francisca de Assis; ou de portugueses, como o romance *Ouro e crime*, de Eduardo Tavares; além de jornais locais e de outras cidades brasileiras e também estrangeiras.

Ainda na primeira metade do século XIX, outras tipografias se estabeleceram em Rio Grande e publicaram obras teatrais de autores locais, como os dramas *Os jesuítas ou O bastardo d'el Rey* (1848), de José Manuel Rego Viana, e *O castelo de Oppenheim ou O tribunal secreto* (1849), de Manuel José da Silva Bastos.

4. Ana Cristina Pinto Matias, *Francisco Xavier Ferreira*: primórdios da imprensa rio-grandina, p. 73.

Ambas as obras — representadas em palcos do Rio Grande — demonstram a importância do teatro para a formação de um circuito letrado. Fato relevante no período foi a visita do famoso ator João Caetano a Rio Grande e Pelotas entre 23 de agosto e 2 de novembro de 1854, quando apresentou *Otelo*, de Shakespeare, e peças contemporâneas, como *Dama de Saint-Tropez*, de Anicet Bourgeois; *A gargalhada*, de Jacques Arago; e *Antônio José*, de Gonçalves de Magalhães.

Cândido Augusto de Melo e a segunda metade do século XIX

Outros perfis que desenham a história letrada e cultural do Rio Grande são os livreiros que ali surgiram. Entre tantos outros nomes, sobrepõe-se o do livreiro, tipógrafo e editor português Cândido Augusto de Melo, que fundou diversos jornais: *O Rio-Grandense* (1845), *O Artilheiro* (1849), *A Rosa Brasileira* (1851), *A Imprensa* (1851) e *O Pelotense* (1851), todos em Rio Grande, com exceção do último, o primeiro jornal da cidade de Pelotas.

A contribuição de Melo à vida cultural rio-grandina da época é medida pelos anúncios de sua "loja de livros", com a venda de volumes franceses: *Ida*, *Ismália*, *Ipsiboé*, *Os esfoladores*, *Os anéis de uma cadeia*, todos de Visconde d'Arlincourt; *Saint Clair das ilhas*, de Elizabeth Helme (traduzido por Isabelle de Montolieu); *O diabo coxo*, de Le Sage; *O ateu*, de Sophia Pannier; *Fábulas*, de La Fontaine; e diversos romances de Paul de Kock. Fica evidente, assim, a preferência local pela literatura francesa, como ocorria em geral em outros centros literários brasileiros. Apesar da forte influência francesa, há espaço para autores nacionais e lusitanos: *Os dois amores*, *O moço louro*, *A Moreninha*, *A rosa*, *Vicentina*, *A carteira do meu tio*, todos de Joaquim Manuel de Macedo, e *A noite do castelo* e *Ciúmes do bardo*, ambos do português António Feliciano de Castilho.

Apesar de atualmente o autor ser mais conhecido por *A Moreninha*, o rol detalha a ampla produção de Macedo no período,

comprovando a grande popularidade de seus romances entre os leitores rio-grandinos, diferenciando-se dos autores franceses citados, em geral esquecidos do cânone francês atual. Tanto os autores de língua portuguesa, como os franceses citados, denotam a preferência pela escola romântica, contemporânea dos leitores. Da mesma forma, observa-se que o gênero predominante já era o romance, sobrepujando o teatro ou a poesia, tão em voga nas décadas anteriores.

Esses dados demonstram que a cidade do Rio Grande apresentava grande comunicação comercial, tanto com Portugal, quanto com o Rio de Janeiro — o que era lido na então capital, também era lido em Rio Grande, num curto intervalo de tempo. A relação com a Corte brasileira fica ainda mais reforçada com o começo das publicações em folhetim em jornais rio-grandinos, em novembro de 1845 e, em pouco tempo, autores locais disputavam espaço com escritores nacionais e estrangeiros.[5]

A lista aponta ainda para o fato de que a literatura brasileira — ao contrário da seara política, devido à independência, em 1822 — estava bem aliada à cultura lusa, pois mesmo a divulgação da literatura francesa ocorria através de edições de Portugal, como se vê na lista de volumes vendidos por Cândido Augusto de Melo. A conexão com Portugal era intensa, pois, além dos livros de autores lusos serem vendidos em Rio Grande, a prática de importação era frequente aos que queriam livros específicos, desfazendo a ideia de que as pessoas não liam literatura portuguesa. O comércio literário em Rio Grande — assim como em todo o Brasil — sofreu a influência dos românticos portugueses e franceses (através das traduções lusas), confirmando a importância e a ligação da literatura estrangeira com a brasileira.

5. A lista de folhetins publicados em periódicos rio-grandinos, com autores e datas de publicação, encontra-se disponível em página que congrega diferentes projetos de pesquisa em torno da formação e da consolidação do sistema literário no extremo sul brasileiro: www.fontes.furg.br. Acesso em: 23 jul. 2024.

Percebe-se, no entanto, a diferença entre o que é vendido — predominantemente autores românticos — e o que era produzido na região no mesmo período, em poetas como Delfina Benigna da Cunha (nascida na vizinha São José do Norte) e Clarinda da Costa Siqueira, em que há um predomínio do estilo árcade. Anterior a esses autores, surge os *Versos heroicos*, de Maria Clemência da Silveira Sampaio, recitado em Rio Grande em 1822, publicado em 1823 (pela Imprensa Nacional) e republicado em 2003 (Editora Mulheres). É de 1851 a publicação do jornal *A Rosa Brasileira*, que é o primeiro periódico literário gaúcho, embora tal fato seja pouco conhecido e divulgado, seja por causa de sua duração efêmera, seja pelas acusações de plágio enfrentadas por seu proprietário, exatamente Cândido de Melo.[6]

No entanto, Rio Grande acaba por adaptar-se ao Romantismo, pois nos anos seguintes começa a produção local de romances, como *O homem maldito* (1858), de Carlos Eugênio Fontana; e *A donzela de Veneza* (1858) e *Um drama no mar* (1862), de Carlos von Koseritz.[7] Além da grande lista de livros oferecida em anúncios, o público tinha contato com obras conhecidas através dos jornais que circulavam na cidade. Nessa perspectiva, observa-se uma sociedade bem mais habituada à leitura e ao contato com a literatura — principalmente romântica — do que a atual.

Como visto, à época, os livros literários à venda são, na maioria, de estrangeiros, como os franceses Visconde d'Arlincourt e Paul de Kock, autores de *best-sellers* que dominavam

6. Mauro Nicola Póvoas, "Precedência malograda: A *Rosa Brasileira*, o primeiro jornal literário do Rio Grande do Sul?".

7. Sobre Carlos Eugênio Fontana, ver a dissertação de mestrado *O homem maldito (1858), de Carlos Eugênio Fontana*: o início do romance sul-rio-grandense, de Sheila Fernandez Garcia (2012). A Editora da FURG publicou esse romance de Fontana em 2023. Sobre Koseritz, ver a dissertação de mestrado *Carlos de Koseritz*: reiluminando sua biografia e suas obras românticas esquecidas (2013), de Juliane Cardozo de Mello. O Instituto Estadual do Livro reeditou, em 2013, três novelas de Koseritz, por muito tempo consideradas desaparecidas.

o gosto do leitor. Cândido, representante do comércio livreiro da época, adapta-se, dessa forma, à preferência romântica do público, acreditando no triunfo do Romantismo e na queda do Arcadismo do gosto popular. O tipógrafo luso tinha um comércio próspero em Rio Grande, apostando nos autores famosos do período, influenciados provavelmente pelos folhetins publicados nos jornais locais.

A elite rio-grandina cultiva, no século XIX, o hábito de ler, comprar livros, organizar uma biblioteca pessoal, que era considerada parte de uma "fortuna" familiar, e ler em línguas estrangeiras — em francês, por exemplo —, o que revela uma sociedade atualizada e comparável aos grandes centros culturais da época. Um indício disso foi a publicação, em 1872, do folhetim *Mistérios do Rio Grande*, alinhando-se à fama mundial da obra *Mistérios de Paris* e que resultou em versões locais em diversas partes do mundo. Também seguindo o método folhetinesco, o romance *A mendiga*, do pelotense Artur de Lara Ulrich, foi publicado no jornal rio-grandino *O Especulador*, em julho de 1868.

Ao comparar os títulos incluídos no *Catálogo dos livros do Gabinete de Leitura da cidade do Rio Grande de S. Pedro do Sul*, publicado em 1877, em que há um predomínio quase total de romancistas contemporâneos, com pouco espaço para autores clássicos ou de séculos anteriores, consegue-se perceber como a leitura — ao lado obviamente do que era escrito e produzido — mudou drasticamente da primeira para a segunda metade do século XIX, tanto pelo aumento da influência francesa (embora a portuguesa não tenha diminuído), como pelo surgimento e proliferação de romances e folhetins ao estilo romântico, bem diferente das obras citadas nos inventários das primeiras décadas do século XIX.

Estava formada, assim, a base da cultura local, preparando-a para, nas décadas seguintes, criar um terreno fértil de onde surgem nomes reconhecidos na história literária sul-rio-grandense, tais

como Rita Barém de Melo, autora de *Sorrisos e prantos* (1868, com reedição em 1998); Bernardo Taveira Júnior, que iniciou sua vida literária com a publicação de *Poesias americanas* (1869); e as irmãs Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro, escritoras e editoras dos periódicos *Violeta* (1878–1879) e *Corimbo* (1883–1944), que em sua longa duração deu vazão à produção literária feminina sul-rio-grandense e brasileira — um exemplo é Tercília Nunes Lobo, poeta rio-grandina recentemente redescoberta por meio do projeto "Retratos de camafeu".

Um periódico literário fundamental na cidade foi a *Arcádia* (1867–1870), dirigida pelo português Antônio Joaquim Dias, que fomentou a cena cultural da cidade ao dar à luz uma série de poemas, narrativas, crônicas, críticas e textos históricos e biográficos. Já o jornal *Eco do Sul*, que começou a circular em 1856 na cidade de Jaguarão e logo depois veio para Rio Grande, sendo publicado até meados da década de 1930, embora predominantemente noticioso, costumava estampar em suas páginas folhetins e poemas.[8] Ao longo da segunda metade do século XIX, além de Cândido Augusto de Melo e Antônio Joaquim Dias, foi grande o número de portugueses imigrados que, em Rio Grande, estabeleceram uma carreira literária e jornalística: Antônio José Domingues, José Antônio da Rocha Galo, Silvino Vidal (membro do Partenon Literário), Eduardo Lobo (casado com Tercília Nunes) e Francisco Guilherme Pinto Monteiro (casado com Julieta de Melo).[9]

8. Sobre o jornal, ver a página do projeto "Resgate da produção literária no jornal *Eco do Sul*", disponível em: www.ecodosul.furg.br. Acesso em: 26 jul. 2024.

9. Como em todo o Brasil, o território do Rio Grande era habitado por povos indígenas, que foram dizimados e/ou expulsos com a chegada, no século XVIII, dos portugueses, que em um primeiro momento predominaram em termos de colonização na região. Ao longo do século XIX, afluíram africanos escravizados, junto com levas, em menor número, de imigrantes alemães, italianos, ingleses, poloneses, sírio-libaneses e japoneses, que formaram o caldo cultural da cidade, que, por ser portuária, ao natural sempre apresentou grande diversificação étnico-racial.

O rio-grandino Apolinário Porto Alegre — autor do romance *O vaqueano* (1872) e do livro de contos *Paisagens* (1874) — é outro autor romântico canonizado na literatura sul-rio-grandense, sendo um dos responsáveis pela criação da Sociedade Partenon Literário, que editou a *Revista Mensal* (Porto Alegre, 1869–1879), fundamental para a formação e a consolidação do sistema literário sulino. Da sociedade partenonista igualmente faziam parte os seus irmãos Apeles e Aquiles Porto Alegre, de larga atuação no romance, no conto, na crônica e na poesia, além de outros rio-grandinos, como Argemiro Galvão e o dramaturgo Artur Rodrigues da Rocha, de nome semelhante a outro escritor contemporâneo da cidade, Artur Pinto da Rocha, patrono da cadeira número 16 da Academia Rio-Grandense de Letras (ARL).[10]

No final do século, podem ser citados o livro de sonetos *Borboletas* (1893), de Luís de França Pinto, e a novela *Professos* (1898), de Juvenal Otaviano Miller, de forte teor positivista — hoje, ambos os autores denominam escolas públicas do Rio Grande. Interessante registrar que algumas famílias vão se dedicar intensamente à literatura, como os Miller — eram escritores os irmãos Juvenal, Abílio e Carlos Alberto, sendo este último pai dos poetas Alcides e Luís Carlos Miller. Os laços sanguíneos também unem os irmãos Alberto da Costa Corrêa Leite, poeta precocemente morto aos 27 anos, em 1898, e Antônio da Costa Corrêa Leite Filho, que assumiu o pseudônimo de Mário de Artagão, literato e jornalista que, por suas posições antirrepublicanas, exilou-se em Lisboa, onde veio a falecer em 1937.

10. Dos quarenta patronos da ARL, oito são rio-grandinos: além de Pinto da Rocha, Bernardo Taveira Júnior (cadeira 5), Apolinário Porto Alegre (6), Aquiles Porto Alegre (10), Carlos Alberto Miller (13), Alfredo Ferreira Rodrigues (21), Juvenal Otaviano Miller (22) e Alberto da Costa Corrêa Leite (25). É a segunda cidade com mais patronos, atrás apenas de Porto Alegre, o que mostra a força da cidade marítima no cenário cultural do estado na virada do século XIX para o XX — a Academia foi fundada em 1º de dezembro de 1901.

O século XX e a contemporaneidade

Na primeira metade do século XX, outros autores sedimentaram a cultura local, através de publicações literárias e do desenvolvimento de outras formas artísticas. Em 1923, Ernani Fornari estampa os poemas de *Missal da ternura e da humildade*, seu livro de estreia, ainda sem os traços modernistas que marcariam suas obras seguintes; como teatrólogo, vale uma menção à reconhecida peça *Sinhá Moça chorou*, estreada no Rio de Janeiro, em 1940, pela Companhia Dulcina de Moraes, e editada em 1941. Em setembro de 1935, Antônio Gomes de Freitas publica, no jornal rio-grandino *O Tempo*, o texto teatral *A cavalgada dos farrapos*, escrito em versos decassílabos e que faz homenagem ao centenário da Revolução Farroupilha. Freitas publicou nesse mesmo ano o livro de poemas *Fogueira*, além de deixar diversos poemas esparsos em jornais locais, como o *Rio Grande*. Entre a literatura feminina, nesta época, sublinhem-se as poetas Coleta da Silva Miller (esposa de Luís Carlos Miller) e Walkíria Neves Goulart Machado.

No período pós-guerra e até o seu falecimento, em 1985, uma outra mulher, Carmen da Silva, é o nome rio-grandino com maior destaque nacional, com os romances *Setiembre* (1957, primeira edição em espanhol) e *Sangue sem dono* (1964), além de participar ativamente na defesa dos direitos femininos e publicar durante anos uma coluna na revista de circulação nacional *Claudia*.[11] Contemporânea a Carmen, uma outra escritora nascida em Rio Grande foi Eliana, pseudônimo de Elizabeth Lopes Laudares, sucesso de público, como atestam as sucessivas edições dos seus livros *Sangue de tigre* (1936), *Lady Patrícia* (1946), *O contrabandista* (1946) e *Uma canção russa* (1957).

No campo da pesquisa bibliográfica, deve-se mencionar Alfredo Ferreira Rodrigues, editor do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* (publicado em Rio Grande

11. Sobre a autora, ver a página organizada pela professora Nubia Hanciau, disponível em: www.carmendasilva.com.br. Acesso em: 23 jul. 2024.

por vinte e nove anos, de 1889 a 1917), manancial inesgotável de textos literários e históricos, e Abeillard Barreto, autor da *Bibliografia sul-rio-grandense*, em dois volumes publicados pelo Conselho Federal de Cultura, no Rio de Janeiro, o primeiro em 1973, o segundo em 1976. Alfredo Rodrigues, não custa lembrar, foi um dos primeiros tradutores brasileiros do poema "O corvo", de Edgar Allan Poe, em versões que publicou nas edições de 1914 e 1915 do almanaque por ele dirigido.

Um caso curioso é Apparício Torelly, o Apporelly, ou, como acabou sendo mais conhecido, o Barão de Itararé. Seu local de nascimento até hoje é cercado de dúvidas: consta que nasceu em 1895, a caminho do Uruguai, mas sua família morava em Rio Grande, onde foi batizado, em 1896, permanecendo na cidade até pelo menos os seus onze anos, quando se muda para São Leopoldo. Nome fundamental do humor e do jornalismo brasileiro, fez história com máximas e poemas satíricos, e com a publicação do jornal *A Manha*, que começa a circular no Rio de Janeiro em 1926, alcançando grandes vendagens, embora ao longo dos anos tenha sofrido interrupções na sua circulação, por causa de inúmeras prisões e cassações de caráter político, muito pelo envolvimento do Barão com o Partido Comunista Brasileiro.

Em meados do século, podem ser citados Arnold Coimbra, que alcançou notoriedade nos palcos nacionais com a comédia *Pé-rapado* (escrita em 1941, encenada pela primeira vez em 1942 e publicada em 1945); o jornalista, cronista, ator e dramaturgo Coriolano Benício; e Renato Albo, que conquistou o 1º Prêmio de Ficção em concurso literário promovido pela Divisão de Cultura do Estado, em 1959, com o livro de contos *Os peixes mal dormidos*, publicado em 1961. Nas décadas finais do século XX, estendendo-se ao longo do século XXI, despontam Renato Modernell — o romancista, ganhador do Prêmio Jabuti em 1989 com a narrativa *Sonata da última cidade*, dedica-se em vários livros a tematizar a cidade, sendo o mais famoso deles *Meninos*

de Netuno, de 1988 —, e os poetas Sergio Quintian, Jovil, Angelo Vigo e Victor Hugo Guimarães Rodrigues. Cabe a lembrança, aqui, de autores nascidos na cidade que desenvolveram as suas carreiras em outras localidades: Hélio Póvoas Júnior, Dorothy Camargo Gallo, Valter Sobreiro Junior e Ronald Augusto.

Neste ínterim, ainda se sobressaem *Giribanda: antologia poética rio-grandina*, organizada por Rudy Meireles (dois volumes, 1982–1983); *Rio Grande nos versos dos poetas* (1989), volume coordenado por Sued de Oliveira Rodrigues e publicado em homenagem aos 250 anos de fundação da cidade; e as diversas coletâneas organizadas pela Academia Rio-Grandina de Letras (ARL)[12], entidade fundada em 1981 e ainda ativa na cidade, e pela Casa do Poeta Brasileiro, seção Rio Grande. Na condução desta última, destaque para Marcos Costa Filho, poeta que também coordenou, por quinze anos, uma página literária publicada no caderno cultural "O Peixeiro", do jornal rio-grandino *Agora*. Pertencentes a essas duas associações, há uma forte presença feminina: Carmen Virgínia Pires de la Torre, Dalva Leal Martins, Elza Victória Simões, Helena Vaghetti, Iracema dos Santos Martins, Leinecy Pereira Dornelles e Teodolinda Batezat de Souza, entre outras. Vários nomes de escritores e de personalidades sociais e históricas da cidade, de todas as épocas, podem ser consultados nos três tomos de *Vultos do Rio Grande*, organizados na década de 1980 pelo também poeta Décio Vignoli das Neves.

Outro destaque é a poesia de Írio Rodrigues, autodenominado o Poeta Pobre, que imprimia sua obra com ajuda de amigos de forma artesanal e a vendia de porta em porta, alternando poemas de cunho social e de temática intimista. Além desses volumes artesanais, é autor de dois livros: *Irio Rodrigues: o Poeta Pobre* e *Coletânea 2003*.[13]

12. A ARL foi precedida pela Casa do Poeta Rio-Grandino, fundada em 1972.

13. Parte da obra está disponível na página dedicada à vida do poeta: www.iriorodrigues.furg.br. Acesso em: 23 jul. 2024.

Considerando-se a canção e a letra de música como uma das possibilidades de expressão literária, a cidade foi o berço de nomes como Hermes Aquino, que fez sucesso nacional na década de 1970, com o *hit* "Nuvem passageira", além de Beto Federal e Miguel Isoldi, cantores, compositores e instrumentistas que se destacaram na cena local.

Aliás, em um âmbito artístico-cultural, a Universidade Federal do Rio Grande (FURG) torna-se um polo, ao promover eventos como o festival MusiURG e a longeva Feira do Livro do Cassino, que começou no inverno de 1979, no Largo Dr. Pio, no centro da cidade, e no verão de 1980, na avenida central do Balneário Cassino; posteriormente, houve mudanças na frequência, tornando-se anual, e no local, ocorrendo, até hoje, na Praça Didio Duhá, também no Cassino. Também foram criados um grupo de teatro, depois descontinuado; o Coral da FURG, que atua desde 1979, divulgando a expressão musical; e a Editora da FURG, que publica volumes de várias áreas do conhecimento, entre os quais livros de escritores iniciantes e edições de crítica e história da literatura de pesquisadores da própria universidade e de outras instituições.

A FURG, por meio do Instituto de Letras e Artes (ILA), mantém várias licenciaturas em Letras, assim como abriga uma pós-graduação em Letras (Mestrado e Doutorado), com uma área de concentração em História da Literatura, e o Núcleo de Pesquisas Literárias (NPL), os quais fomentam a discussão, a crítica e a produção literária na região. Vários professores da universidade mantiveram, em paralelo à atividade acadêmica, uma produção literária, como Oscar Luiz Brisolara (romance histórico), Raquel Rolando de Souza (poesia), Tânia Farah Prehn (poesia), Geraldo Roberto da Silva (conto, romance e crônica), Luiz Augusto Andreoli de Moraes (crônica), Rodrigo Santos de Oliveira (narrativas fantásticas), Artur Henrique Barcelos e Adriana Fraga da Silva (literatura infantil).

Tendo em conta que a graduação em Letras existe na cidade há sessenta anos, vários professores nascidos em Rio Grande colaboraram (e colaboram) na constituição da crítica literária sul-rio-grandense vinculada às universidades, o que se observa com força a partir dos anos 1970. Alguns desses nomes podem ser lembrados: Carlos Alexandre Baumgarten, Eliane Campello, Eloina Prati dos Santos, Nubia Hanciau (nascida em Santa Maria, radicou-se em Rio Grande) e Tania Franco Carvalhal.

Mais recentemente, sobressaem-se a realização da 1ª Festa Literária do Rio Grande (FLIRG), promovida em 2015 pela FURG e pela Prefeitura Municipal, com a presença de pesquisadores e escritores locais e estaduais; o estabelecimento, em 2016, na cidade, da Concha Editora, dirigida pela escritora e jornalista Andréia Pires; e o surgimento das editoras Casaletras (Porto Alegre/RS), E-Liber (Tarumã/SP) e Yaguarú (Jaguarão/RS), que embora não sejam sediadas em Rio Grande, com a cidade mantêm vínculos estreitos, por meio de suas publicações e de seus editores, respectivamente, Marcelo França de Oliveira, Renato de Souza (ou Renato S. M.) e Sandro Martins Costa Mendes, todos egressos da FURG.

Outra importante ação realizada no município foi a implementação da Lei do Livro do Rio Grande[14], em 2019, que resultou em publicações como *A luz de Marina*, de Márcia Coelho; *A memória é uma folha seca*, de Joselma Noal; e *Da maré dos meus olhos abertos & outros contos*, de Giulia Guadagnini Barbosa.

Nos últimos anos, desponta uma nova geração de escritores, nascidos ou radicados em Rio Grande, ou moradores de cidades próximas, em geral agrupados em coletivos de escrita criativa ou que se reúnem para publicarem conjuntamente. Exemplos são os livros *Vitrais: contos do Invitro* (2015), com produções de

14. Em obediência à Resolução Legislativa n. 2 (15 set. 2014) e Resolução Legislativa n. 3 (22 jul. 2021) da Câmara Municipal do Rio Grande, a lei viabiliza que os autores publiquem textos literários inéditos, que posteriormente são distribuídos para as escolas da cidade.

André Barros, Andréia Pires, Cristiano Vaniel, Daniel Baz, Diogo Madeira, Joselma Noal, Lilian Ney, Luciano Cáceres, Suellen Rubira e Tammie Faria Sandri; *Condomínio Saint-Hilaire* (2018), romance redigido colaborativamente por Andréia Pires, Cristiano Vaniel, Daniel Baz, Daniella Domingos, Diogo Madeira, Gabriely C. Pinto, Giliard Ávila Barbosa, Joselma Noal, Lilian Ney, Luciano Cáceres, Suellen Rubira, Tammie Faria Sandri e Volmar Camargo Junior; e *De labirintos e espirais: sete poetas de Rio Grande* (2021), trazendo a produção poética de Aimée G. Bolaños, Daniel Baz, Daniela Delias, Danilo Giroldo, Juliana Blasina, Lena Fuão e Sérgio Carvalho Pereira.

Há ainda outros coletivos de escrita e leitura de literatura que existiram ou ainda existem na cidade: Confraria Barão de Itararé, Leia Mulheres Rio Grande, Sociedade dos Poetas Papareias, Poetas de Pijama e Escritores de Quinta, entre outros. Um adendo para falar da página eletrônica *Marítimas*, no ar desde março de 2021, que se apresenta como "uma zine feminista fundada em Rio Grande por Juliana Blasina, Lidiane Dutra e Suellen Rubira, a fim de reunir textos e ilustrações produzidas por mulheres em suas pluralidades, referente às diversas pautas da luta feminista".[15]

Muitos desses nomes acima arrolados já lançaram obras individuais nos mais diversos gêneros (poemas, contos, romances, crônicas, histórias em quadrinhos, literatura para crianças e jovens). A eles se juntam outros escritores recentes: os poetas Léo Ottesen, Rody Cáceres, Lucilene Canilha Ribeiro e Lisiane Andriolli Danieli; o contista Lucas Zafalon Garcia; a cordelista Josineide Ribeiro da Silva; as autoras teatrais Patrícia Silveira e Elisa Lucas (do Coletivo As DramaturgAs, que publicou *Liberdade*, premiado como o Livro do Ano do Rio Grande do Sul no Prêmio Açorianos de 2024); a romancista e cartunista Bruna Maia; os autores de literatura infantil Ivonei Peraça e Wagner Passos; e os quadrinistas e artistas gráficos Odyr Bernardi, Law Tissot,

15. Disponível em: https://zinemaritimas.blogspot.com/. Acesso em: 21 mar. 2024.

Lorde Lobo, Alisson Affonso e Gelson Mallorca — alguns, como Lisiane, Josineide, Patrícia e Odyr, embora não sejam naturais da cidade, nela moraram, trabalharam, estudaram, interagindo em seu meio artístico. A existência das livrarias Vanguarda, no centro, e Hippocampus, no Cassino, ambas promovendo lançamentos, exposições, saraus e eventos, ajuda na manutenção da vitalidade do panorama literário rio-grandino atual.

Rio Grande, que já foi cenário de vários romances importantes das literaturas sul-rio-grandense e brasileira — *O corsário*, de Caldre e Fião; *Linha do Parque*, de Dalcídio Jurandir; *Avalovara*, de Osman Lins; *Um quarto de légua em quadro*, de Luiz Antonio de Assis Brasil; *Os varões assinalados*, de Tabajara Ruas; *O habitante irreal*, de Paulo Scott; *O farol da solidão*, de Alcy Cheuiche — afinal, resiste. A cidade, que sofre com oscilações econômicas desde a metade do século XX, pelo menos no plano literário parece mostrar que a estagnação social e financeira nem sempre resulta em um mundo cultural sem vida.

Referências

ABREU, Marcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: ALB, FAPESP, 2003.

ALBO, Renato. *Os peixes mal dormidos*. Porto Alegre: Divisão de Cultura da SEC; IEL, 1961.

ALVES, Francisco das Neves. A produção literária de um poeta sul-rio-grandense: uma breve incursão ao pensamento e à obra de Mario de Artagão. *Cadernos Literários*, Rio Grande, v. 19, p. 49-58, 2011.

ALVES, Francisco das Neves; PÓVOAS, Mauro Nicola. *Periodismo e literatura no Rio Grande do Sul do século XIX*. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense; Lisboa: Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização, 2018.

ARAÚJO, Jorge de Souza. *Perfil do leitor colonial*. Ilhéus: Editus, 1999.

BENÍCIO, Coriolano (Org.). *Cinzeiro*: poesias e humorismos de Apporelly. Rio Grande: [*s.n.*], 1978.

CATÁLOGO dos livros do Gabinete de Leitura da cidade do Rio Grande de S. Pedro do Sul. Rio Grande: Tipografia do Artista de Antônio da Cunha Silveira, 1877.

COIMBRA, Arnold. *Pé-rapado*: comédia satírica. Rio Grande: Livraria Americana, 1945.

FONTANA, Carlos Eugênio. *O homem maldito*: romance brasileiro. Org. Artur Emílio Alarcon Vaz; Sheila Fernandez Garcia. Rio Grande: Ed. da FURG, 2023.

FREITAS, Antônio Gomes de. *Fogueira*. Rio Grande: Gráfica Rio Grande, 1935.

FUÃO, Lena *et al*. *De labirintos e espirais*: sete poetas de Rio Grande. São Paulo: Patuá, 2021.

GARCIA, Sheila Fernandez. O homem maldito *(1858)*, *de Carlos Eugênio Fontana*: o início do romance sul-rio-grandense. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2012.

HESSEL, Lothar. *O teatro no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1999.

MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o Romantismo*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

MATIAS, Ana Cristina Pinto. *Francisco Xavier Ferreira*: primórdios da imprensa rio-grandina. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2014.

MATIAS, Ana Cristina Pinto. Francisco Xavier Ferreira e o início da imprensa no extremo Sul. *Mafuá*, Florianópolis, ano 7, n. 12, set. 2009. Disponível em: www.mafua.ufsc.br/numero12/ensaios/cristina.htm. Acesso em: 14 fev. 2021.

MEIRELES, Rudy (Org.). *Giribanda*: antologia poética rio-grandina. Rio Grande: Polo Cultural do Rio Grande, 1982. Tomo I.

MEIRELES, Rudy. *Giribanda*: antologia poética rio-grandina. Rio Grande: Polo Cultural do Rio Grande, 1983. Tomo II.

MELLO, Juliane Cardozo de. *Os folhetins e os primeiros passos da literatura em Rio Grande*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2021.

MELLO, Juliane Cardozo de. *Carlos de Koseritz*: reiluminando sua biografia e suas obras românticas esquecidas. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2013.

MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Retratos de camafeu*: antologia de escritoras sul-rio-grandenses. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense; Lisboa: Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO, 2023.

MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Retratos de camafeu*: biografias de escritoras sul-rio-grandenses. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense; Lisboa: Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização, 2020.

MOREIRA, Maria Eunice (Org). *Uma voz ao Sul*: os versos de Maria Clemência da Silveira Sampaio. Florianópolis: Mulheres, 2003.

NEVES, Décio Vignoli das. *Vultos do Rio Grande*. Rio Grande: [*s.n.*], 1981. 1º tomo.

NEVES, Décio Vignoli das. *Vultos do Rio Grande*. Rio Grande: [*s.n.*], 1987. 2º tomo.

NEVES, Décio Vignoli das. *Vultos do Rio Grande*. Rio Grande: [*s.n.*], 1989. 3º tomo.

PIRES, Andréia *et al*. *Condomínio Saint-Hilaire*. Florianópolis: Quinhentos e Cinquenta, 2018.

PIRES, Andréia (Org.). *Vitrais*: contos do Invitro. Rio Grande: Mundo Moinho, 2015.

PÓVOAS, Mauro Nicola. *Uma história da literatura*: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX. Porto Alegre: Buqui, 2017.

PÓVOAS, Mauro Nicola. Precedência malograda: A *Rosa Brasileira*, o primeiro jornal literário do Rio Grande do Sul? *Navegações*, v. 8, n. 1, p. 75-81, jan./jun. 2015.

RODRIGUES, Sued de Oliveira (Org.). *Rio Grande nos versos dos poetas*. Rio Grande: Academia Rio-Grandina de Letras, 1989.

SILVEIRA, Patrícia (Org.). *Liberdade*: Coletivo As DramaturgAs. Rio Grande: Concha, 2022.

VAZ, Artur Emilio Alarcon. Os primórdios da cultura impressa no extremo sul brasileiro. *In*: BARBOSA, Socorro de Fátima P. (Org.). *Livros e periódicos nos séculos XVIII e XIX*. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2014, p. 19-41.

VAZ, Artur Emilio Alarcon; MELLO, Juliane Cardozo de (Org.). *Carlos von Koseritz*: novelas. Porto Alegre: IEL; CORAG, 2013.

Cristina Maria Rosa

2.9.4

Bagé

Narrativas orais e escritas revelam a peculiaridade de Bagé, essa gaúcha fronteiriça cuja história começa em 1811. O culto à memória é evidenciado em instituições como museus, arquivos, bibliotecas, casas de cultura. E em jornais, revistas, separatas, livros. Revela-se também, na existência de seus acervos.[1] Luiz Coronel[2] refere-se ao vigor que a cidade expressa apesar das perdas tantas, apesar das mortes certas, apesar dos pesares. Qual a tradição — histórica, memorialística, antropológica, sociológica — mais adequada para circunscrever este centro urbano ao Sul que desde sempre registra, em prosa e verso, sua cultura letrada, relevante para todo o Rio Grande do Sul?

A primeira vez que estive em Bagé, buscava o ficcionista Pedro Wayne. Encontrei.[3] Depois dele, uma infinidade de

1. Por iniciativa do historiador Tarcísio Antônio Costa Taborda, em maio de 1955 foi inaugurada a *Exposição Histórica e Cultural de Bagé*. O material reunido por doação originou, vinte anos depois, o Museu Dom Diogo de Souza, da Fundação Átila Taborda, pertencente à URCAMP. Possui um acervo com mais de 2.000 obras que retratam a história de Bagé e região, duas hemerotecas e duas fototecas.

2. Luiz Coronel nasceu em Bagé em 1938. Poeta, letrista, publicitário, formado em Direito e Ciências Sociais, publicou mais de cinquenta livros, entre eles *Mundaréu* (1977), *Baile de máscaras* (1984), *Retirantes do Sul* (1988), *Clássicos do regionalismo gaúcho* (1988), *Portfólio poético e documental do Rio Grande do Sul* (1997) e *Vinte poemas de amor e uma balada indagativa* (2006).

3. Em *Um alfabeto à parte*: biobibliografia de Pedro Rubens de Freitas Weyne, o "Pedro Wayne" (2009), apresento uma produção inédita — um manuscrito infantil — do autor de *Xarqueada* (1937).

nomes, biografias, fatos, memórias, encantos se apresentaram a mim, cúmplice já das largas avenidas arborizadas. Para compreender a dinâmica e a complexidade do modo de vida urbano de hoje, foi necessário retroceder duzentos anos. Um tempo de invasões, contendas, cercos, líderes, disputas territoriais, resistências. E frio. Muito frio:

> Bagé! Há quanto tempo eu queria conhecer-te! O que eu não sabia é que também és célebre pelos coriscos que te caem em cima e pelos minuanos que te esfriam por todos os lados... Que terra perigosa, Santo Deus! Minuano, Coriscos, Mulheres Bonitas, que será de mim?[4]

A declaração de Berilo Neves é uma das tantas que integram *A cidade sonho: antologia e impressões de Bagé*, de Tarcísio Taborda. Publicado em 1958, mas projetado muito antes, em tempos de "saudades da terra natal", o "livrinho", quase artesanal, agrupa trinta e nove ilustres que se declaram poeticamente à cidade. O texto mais antigo — datado — é de 1865. É assinado por V. S., Procurador Régio da Coroa do Brasil que veio à Bagé presidir um inquérito contra o diretor do jornal *Aurora de Bagé*, o primeiro, que circulava desde 10 de setembro de 1860.

Notas biográficas sobre os autores, nem todas precisas quanto a nascimento e morte, além de raras quanto a local e data da publicação original, estendem-se por 116 páginas. Aparentemente, o livro buscou ir do mais antigo registro ao mais moderno, pois não obedece à ordem alfabética de títulos ou de autores. Nas páginas iniciais, destaca-se o brasão da cidade e o "Antelóquio", assinado pelo historiador, que declara a reunião de textos como projeto. Ao final, Taborda apresenta a "Exposição de motivos" que o impeliram a defender a criação de um símbolo, um brasão que, entre outras cores, teria o vermelho,

4. Berilo Neves, "Bagé, flor da Campanha", p. 2.

representando "a coragem e a generosidade tantas vezes demonstradas pela gente de Bagé, no oferecimento de seu sangue para a defesa da Pátria".[5]

A cidade sonho, então, passa a ser conhecida pela reunião de textos, organizada em dois grupos: "Antologia" e "Impressões de viagem", além de um hino — "Linda Bagé" — composto pelo escritor e musicista Pe. Aquino Rocha. Entre os poemas marcantes encontram-se "A Bagé", do poeta Serafim dos Santos Souza; "Bagé", de Attila Taborda; "Bagé", de Pedro Wayne; e o escrachado "São Sebastião de Bagé", de Ernesto Wayne:

> Gajetas, cachaça pura,
> Sebastião contrabandeava.
> De tudo, até rapadura,
> Por perto de Caçapava.
>
> Mas consumia na tava,
> Com uma china perjura.
> O muito que então ganhava,
> Que acabou sem armadura.
>
> É por isso que em Bagé,
> Onde esse caso se deu,
> Como seu santo de tanga,
> A sua brava gente é,
> Já não tem nada de seu,
> Vive de faxina e changa.

A maior parte, no entanto, enaltece a *Cidade sonho*. Em "Impressões de viagem", Júlia Lopes de Almeida[6] revela a Bagé sob seus olhos:

5. Tarcísio Antônio Costa Taborda, *A cidade sonho*: antologia e impressões de Bagé, s.p.
6. Nascida em 1862 e falecida em 1934, Júlia esteve no Rio Grande do Sul entre maio e agosto de 1918. A publicação de suas memórias — *Jornadas no meu país* — ocorreu no Rio de Janeiro em 1920.

> A tarde, luminosa e seca, envolve a alegre cidade da campanha num véu tecido com poeira loira e fulgurações de um poente magnífico. Como em muitos dos outros lugares já visitados, o horizonte é amplo e sugestivo. Já no trem, ao olhar para os campos de infinita planura onde a claridade se dilui numa só onda larga e mole, estranhei comigo mesma que não tivesse sido um rio-grandense o inventor do aeroplano. Não conheço região alguma em que se veja tanto céu, nem onde, por isso mesmo, o homem se possa queixar com maior justiça de não ter asas...[7]

Um dos textos mais recentes na data — "Bagé de hoje" —, assinado por Eduardo Contreiras Rodrigues, fundador da Faculdade Católica de Filosofia de Bagé e "uma das grandes expressões de cultura e inteligência de sua geração"[8], refere-se a "uma típica cidade residencial da campanha rio-grandense":

> É o núcleo urbano que as distâncias enormes impuseram à sociedade rural como expediente para atenuar o isolamento em que viveram os povoadores deste trecho do território pátrio, especialmente na estação invernosa, quando buscavam [...] o aconchego [...] e o contato com os semelhantes. É o ponto de encontro dos que labutam na faina agrária, ao buscar o calor físico do conforto citadino e o calor moral das fraternas convivências[9].

Centro urbano com cultura letrada relevante, Bagé é fruto de relações de fronteira que inclui a língua, o modo de vida, de governo e de posse do território. Em suas primazias, também o

7. Júlia Lopes de Almeida, *Jornadas no meu país*, p. 232.
8. Taborda, *op. cit*., p. 19.
9. Eduardo Contreiras Rodrigues, "Bagé de hoje", p. 19.

nascimento do gaúcho — real[10] e mítico[11] — descrito por Jorge Luis Borges como fruto do "assombro":

> As guerras da Independência, a guerra do Brasil, as guerras anárquicas fizeram com que homens de cultura civil se identificassem com a gaucharia; da fortuita conjunção desses dois estilos de vitais, do assombro que um causou no outro, nasceu a literatura gauchesca. [...] cabe observar, talvez, que para quase todos nós, o *gaucho* é um objeto ideal, prototípico. Daí o dilema: se a figura que o autor nos propõe se ajusta com rigor a esse protótipo, nós a julgamos batida e convencional; se difere, sentimo-nos logrados e defraudados.[12]

De acampamentos militares e conquistas históricas, Bagé surgiu narrando seus fundadores, experimentados na Guerra dos Farrapos, no Cerco a Bagé — uma epopeia alimentada com figos, bolachas e água só para os feridos — e na Batalha do Seival. Revela-se por suas relações com o campo, expressa na produção de carne desde antes de inventarmos o frio das geladeiras e, mais recentemente, certificada pela cultura equina crioula. Gauchadas[13] e produção de indumentária para lida do e no campo também constituem essas relações. Mas não é só de passado e de

10. "Expulsos os espanhóis, foram as famílias descendo de Rio Pardo para Rio Grande. Na altura de Camaquã plantaram trigo e escravos. Na altura do rio Pelotas, salgaram carne em charqueadas. O charque fez burguesia e a burguesia mandou seus filhos para Paris. Zona Sul cosmopolita. Quem fornecia carne para enricar as charqueadas era a infinita Campanha, onde xirus e minuanos formaram em torno de um fogo a geração dos 'gaúchos'". Tarcísio Antônio Costa Taborda; Barbosa Lessa, *Polos culturais do Rio Grande do Sul*, 1983.

11. É em uma "sociedade marcadamente masculina, tendo como unidade básica o fogo-de-chão dos galpões e dos acampamentos", que se origina o "habitat por excelência do tipo humano chamado gaúcho. Significa o homem (não a mulher, não a família) habitante dos campos, mestiço dos primitivos güenoas, hábil cavaleiro, semi-nômade, historicamente marginalizado da sociedade estável mas por isso mesmo admirado ou temido em suas manifestações de liberdade". *In*: Taborda; Lessa, *op. cit*., 1983.

12. Jorge Luis Borges, *Discussão*, p. 12-13.

13. Considerada uma "primazia", o espetáculo "Gauchadas" é descrito como um "dia destinado a reviver nossa tradição e premiar os autênticos gaúchos que deverão concorrer ao mais sensacional torneio de habilidades e demonstração de arrojo, competência

bravos de hábito carniceiro que se nutre a índole da fronteiriça rainha. E nem apenas literatura de tema rural o que se lê em muitas páginas desde então.

Ao observar estudos historiográficos recentes percebe-se que o "significado e o conceito de fronteira" — um embate entre o "simbiótico" e o "mais robusto" — constitui "relações próprias e peculiares"[14]. Iniciadas em tempos de "povoamento do território sul-rio-grandense" e sentidas até hoje, "a interação entre homens [...] e a natureza, pródiga em rios e pastos", fez nascer "relações sociais, econômicas e culturais únicas que fizeram do estado do Rio Grande do Sul um lócus diferenciado nos séculos seguintes", de acordo com Alessandro Carvalho Bica:

> No caso específico do espaço geográfico da região da Campanha, no qual se localiza o município de Bagé, a ocupação tem sua gênese através das estâncias estabelecidas pelos jesuítas espanhóis e imigrantes lusitanos no transcorrer do século XVII e XVIII. Estas regiões formam a chamada "fronteira seca" do estado do Rio Grande do Sul, devido à existência de linhas demarcatórias imaginárias.[15]

"Escaramuças, sitiamentos, confiscos de mercadorias, contrabandos, formação de milícias" — uma constante na região que disputava as "terras da zona de fronteira" pela "riqueza ganadeira" era parte da "situação vivenciada pelos homens e mulheres que habitavam" a divisa com o Uruguai e a Argentina, que experenciavam a fronteira em "dois sentidos: o de linha que separa e o de zona que aproxima", espelhando "relações diplomáticas" e "disputas territoriais" entre as "coroas de Portugal e Espanha"[16].

---

e valorização da arte gaúcha". Cláudio de Leão Lemiezek; Elida Hernandes Garcia, *Primazias de Bagé*: um guia incompleto, p. 146.

14. Sérgio Buarque de Holanda, *Caminhos e fronteiras*, p. 12-13.

15. Alessandro Carvalho Bica, *A organização da educação pública municipal no governo de Carlos Cavalcanti Mangabeira (1925-1929) no município de Bagé/RS*, p. 39.

16. *Ibid*., p. 41 *apud* Reichel, p. 49-51.

Um dos sinais "mais profundos e violentos" que registra a invasão dos espanhóis e que demandou a intervenção de Rafael Pinto Bandeira foi a construção do Forte de Santa Tecla, em 1773. Foi essa "ameaça" que evidenciou, ao reino português, a necessidade de proteção do território, materializado através da doação de sesmarias seguida da elevação à categoria de Capitania Geral de São Pedro. Afora as "batalhas travadas", o intuito de povoar a região não cessou nem arrefeceu as disputas "com os espanhóis", de acordo com Cláudio Lemiezek[17] e Elida Garcia.[18]

Criada em paradas de renovação das possibilidades de atividades militares em terras uruguaias pelos integrantes do Exército Pacificador da Banda Oriental[19], administrados pelo capitão-general da Capitania da São Pedro do Rio Grande do Sul — Dom Diogo Martim Afonso de Souza Telles —, a *Rainha da Fronteira* completou duzentos anos em 17 de julho de 2011 e tinha, à época, 116.794 habitantes, 97 mil deles vivendo na zona urbana. É ponto de passagem para quem viaja do Brasil para o Uruguai por via terrestre (BR-153), distante cerca de 60 quilômetros da fronteira e 560 de Montevidéu.

Bagé: início do século XX

Se o sul-rio-grandense era, há pouco mais de um século, "simplesmente um homem a cavalo, de lança em riste, defendendo fronteiras, dormindo em acampamentos", um "beduíno", "aventureiro afeito a correrias", acompanhado apenas pela guitarra[20], como se transformou em um homem culto, dado à poesia, ao romance, ao teatro, ao jornalismo? De acordo

17. Lemiezek, porto-alegrense, vive e produz em Bagé há mais de 40 anos. Ver seu *Primazias de Bagé*: um guia incompleto.

18. Elida Hernandes Garcia é pesquisadora, com atuação no Museu Dom Diogo de Souza. Fundadora do Núcleo de Pesquisas Históricas Tarcísio Taborda, seu trabalho de maior fôlego é *Escritores bageenses*, registro de 232 escritores.

19. Elizabeth Macedo Fagundes, *Inventário cultural de Bagé*.

20. Manoelito de Ornellas, "Uma viagem pela literatura do Rio Grande do Sul", p. 1.

com Ornellas, foi "quando as lutas externas chegaram a seu término" que "nasceu na alma romântica do gaúcho o sonho da República".[21] Coincide com um tempo em que proliferou em Bagé "a fundação de jornais, escolas, associações, clubes, casas comerciais, pequenas indústrias"[22] e atesta que a cultura — o teatro, a música, a pintura — teve um papel importante na constituição da cidade[23], especialmente por influência das "principais companhias europeias de teatro, música, circo que, vindas de Buenos Aires, ingressavam no Brasil via Bagé, Rio Grande e Pelotas".[24]

Antecipada pela presença de um conterrâneo na Academia Brasileira de Letras[25], inauguração da Charqueada de Santa Tereza[26] e primeira sessão de cinema[27], ambas em 1897, a proclamação da República e seus desdobramentos pôde ser lida nos jornais, entre eles, *O Dever*[28] e o federalista *Correio do Sul*[29].

21. *Ibid*., p. 2.

22. Elida Hernandes Garcia, *Escritores bageenses*, p. 7.

23. Figura importante da produção cultural nas primeiras décadas do século XX é Túlio Lopes: fotógrafo amador, inventor de jornais (*Fon-Fon* e *O...Belisco*) e revistas (*Phenix*, 1935), incentivador teatral, Túlio foi responsável por "salvar" do descarte a coleção do jornal *O Dever* (1901–1937) e adquirir negativos de fotos do fotógrafo italiano José Ipólito Graco (1863–1942), coleções que integram o acervo do Museu Dom Diogo de Souza.

24. Garcia, *op. cit*., p. 7.

25. É nascido em Bagé o patrono da cadeira número 30 da ABL, João Carlos de Medeiros Pardal Mallet (1864–1894). Escritor e jornalista, adepto de ideias republicanas, tornou-se redator-chefe do jornal *A Cidade do Rio*, em 1888. Obras: *Meu álbum* (1887), *O esqueleto* (1890), *A pandilha* (1889) e o panfleto *Pelo divórcio* (1890). Integralizam seu legado, de acordo com a ABL, os romances *Hóspede* (1887) e *Lar* (1888).

26. A Charqueada de Santa Tereza impressionou pelo que representava economicamente para Bagé e seus 200 funcionários em fevereiro de 1897, ao iniciar as atividades. A morte de 14 mil reses na primeira safra é um dos indicadores de seu poderio. Ver Gladimir Aguzzi, "A próspera Rainha da Fronteira no final do século XIX".

27. A primeira sessão de cinema na cidade ocorreu em 19 de setembro de 1897 no Teatro 28 de Setembro — apenas dois anos após a estreia em Paris. Waltair Araújo Pinto; Fátima Jacinto (Coord.), *Alô, Bagé*, s. p.

28. Com periodicidade de terça-feira a domingo, foi fundado em 15 de novembro de 1901 por partidários do Partido Republicano Bajeense e extinto em 1937.

29. Fundado em 20 de setembro de 1914 pelos signatários do Partido Federalista, em sua primeira edição declara, no editorial, os princípios ideológicos, políticos e sociais dos

Preservados na integralidade[30], parte considerável das ações de *O Dever* foi a construção do "mito de origem"[31], uma organizada busca por criar um imaginário popular republicano, necessário para a hegemonia deste no estado. No *Correio do Sul*, se publicam contos e poemas esparsos. Sobre o tema, a pesquisadora Elida Garcia afirma que há farta publicação literária em jornais como *O Comércio* e em revistas como a *Phenix*, além de "obras, separatas, discursos[32]", apenas parte deles inventariada. Com o fim da escravidão, há registro de "imprensa negra" em Bagé: o jornal *A Revolta* (1925), de acordo com Petrônio Domingues.[33]

Bagé em versos: os narradores dos primeiros anos do século XX

Nascido em Dom Pedrito em 1837 e falecido em Bagé em 1912, Serafim dos Santos Souza[34] é considerado o primeiro poeta bajeense. Os originais manuscritos de *Relâmpago* (1879), seu primeiro livro de poesia impresso em prelo adquirido pelo autor nos Estados Unidos, ainda existem.[35] Nele, poesias condoreiras e românticas, típicas das escolas do século XIX. A João Fanfa Ribas (1869–1955) é atribuída a fundação do *Correio do Sul*, em 1914. São de sua pena versos (*Faísca*, 1893; *O bracelete*, 1902; *Ara do bem*, 1904; *Sinhá Dona*, 1914), novelas, conferências, narrativas e discursos.[36]

O historiador, biógrafo e membro do Clube Abolicionista de Bagé Jorge Reis (1865–1924) atuou como coeditor e diretor

proprietários e redatores, "imprescindíveis na compreensão das percepções dos relatos de sua época". Bica, *op. cit*. p. 93-94.

30. Toda a coleção de *O Dever* está disponível para consulta no Museu Dom Diogo de Souza. A coleção completa (1914–2008) do *Correio do Sul* está abrigada no Arquivo Público Municipal de Bagé.

31. Bica, *op. cit*. p. 96 *apud* Carvalho, p. 52.

32. Garcia, *op. cit*., p. 13.

33. Petrônio Domingues, "Consciência de cor".

34. Pai de Serafim dos Santos Souza Filho, é avô de Poty Reis.

35. Garcia, *op. cit*., 211.

36. *Ibid*., p. 176-177.

do jornal *Cruzeiro do Sul* entre 1885 e 1900. Suas nove obras — apontamentos históricos, estatísticos e biográficos — foram publicadas entre os anos 1908-1911, sendo consideradas as primeiras narrativas históricas e estatísticas sobre Bagé.[37] Nascido em Bagé em 1847, um dos autores que publicaram entre o fim do Império e o início da República foi Alberto Ribeiro Sales D'Arvile. Teatrólogo amador, proprietário de uma tipografia e jornalista, além de diplomado em Agronomia, escreveu basicamente drama e comédia. Entre os nove títulos listados por Garcia, *O usuário* (drama, 1889), *A arte da fome* (comédia, 1909) e *Dores do erro* (1912).[38] Agregando-se às publicações deste período estão *Canções escolares: verso* (1910) e *Gaúcho: sonetos e poemas regionais* (1918), uma "belíssima edição em papel ilustrado de primeira"[39], ambas assinadas pelo poeta e autor de obras cívicas Milton Cezimbra Cruz (1880–1929).

Fundador e diretor do jornal *Tribuna Liberal*, professor de economia política, poeta, romancista, teatrólogo, ensaísta, sociólogo e historiador, Felix Contreiras Rodrigues (1884–1960) publicou muito entre 1920 e 1940[40], no Brasil e no exterior. Felix Rodrigues publicou *Farrapo*, uma narrativa interessantíssima, sobre a vida de um cavalo. É narrada, precisamente, pelo cavalo. É uma obra belamente escrita. Entre as passagens mais marcantes, está a de uma descrição, feita pelo cavalo, sobre o momento de sua própria doma. Foi parte da prestigiosa Coleção Província, da Editora Globo. Outro escritor de muitas obras e variados gêneros nesta mesma época em Bagé foi Jorge Salis Goulart (1899–1934). O inventário de suas publicações indica, como primeira, *Auroras e poentes: versos* (1919), seguida por

37. *Ibid*., p. 175-176.
38. *Ibid*., p. 77.
39. *Ibid*., p. 75.
40. *Ibid*., p. 185-187.

Chuva de rosas (1920), publicado em São Paulo pela Editora Monteiro Lobato.[41]

As publicações do médico Paulo Mangabeira Albernaz são seguramente as mais bem catalogadas: entre 1925 e 1977, há em torno de quatrocentos títulos de conferências, aulas, críticas e estudos sobre medicina, história, literatura geral, em língua portuguesa, francesa, inglesa e espanhola.[42] Breno Silveira de Arruda (1885–1955) é outro dos autores da época. Poeta, novelista, ensaísta e crítico, Arruda presidiu a Academia Paranaense de Letras e atuou em diversos jornais; em Bagé, em *O Rebate*. Entre as doze obras listadas por Garcia[43], está a novela *Flor de manacá*, com primeira edição datada em 1922 e a última em 1950. Já Ferdinando de Martino (1885–1909) foi mais um jornalista (*O Bageense*, 1897) que se inventou poeta e conferencista: *Um beijo* (1897), *Ao meu cavanhaque* (1899), *O caloteiro* (1909) e *Os brincos fatais* (1913) é sua obra inventariada por Garcia.[44] Além dos já citados, cabe mencionar o poeta, teatrólogo e dono de tipografia, Salustiano Maciel (1865–1915) pela autoria da cena dramática *O episódio da Revolução do Rio Negro*, na qual este diretor da *Gazeta do Sul* (1904) narra a famosa degola praticada por Adão Latorre.[45] O episódio tem várias versões.[46]

Intelectual contemporâneo de Pedro Wayne, cronista diário e inventor de versos que assinava com pseudônimo, o redator dos jornais A *Opinião Pública*, *Correio do Sul* e *Correio do Povo*

41. O autor, neste artigo, será mais bem considerado entre os "Novos de Bagé".

42. *Ibid*., p. 25-28.

43. *Ibid*., p. 35.

44. *Ibid*., p. 133.

45. *Ibid*., p. 131.

46. Tupinambá Miguel Castro do Nascimento, narra o episódio: "Em Hulha Negra, distante vinte quilômetros de Bagé, vários republicanos foram aprisionados pelos legalistas e, de mãos amarradas, foram friamente degolados numa mangueira de pedra". Tupinambá Miguel Castro do Nascimento, "Gaspar Martins e a Revolução de 1893". Calculou-se, inicialmente, que teriam sido trezentas execuções. Após pesquisas, Tarcísio Taborda concluiu terem sido trinta. Os historiadores escolheram como degolador Adão Latorre, na época com cinquenta e oito anos de idade, pobre e negro.

Fernando da Silva Borba (1893–1946) é o autor de *Musa pobre* (1920). Sua obra contém ainda *Carvões: prosa à la minuta* (1936) e *O livro de Égia*: crônica (1947). Há, ainda, o compositor de operetas e burlescas, revistas, comédias e dramas Hermínio de Moraes (1897–1935). Suas criações foram encenadas em todo o Rio Grande do Sul, deixando a marca de mais uma manifestação cultural importante para a cidade.[47]

Publicações feitas por mulheres tiveram início com a professora normalista Universinda de Araújo Bastos (1899–1954), autora de *Gramática portuguesa* (1919). Valkíria Neves de Salis Goulart (1897–1980) biografou sua vida com Salis Goulart (*Jorge, era uma vez nossa vida*), escreveu e publicou versos, além de um livro dedicado às mulheres que pretendiam se casar: *O livro da noiva: coletânea diária* (1928). Sob o pseudônimo de *Piá do Sul*, Olympia Correa (1887–1968), publicou, durante muitos anos, crônicas e poemas no *Correio do Sul*. Sua obra foi reunida em *Sol poente* (1964).

O Modernismo em Bagé

Em *Uma viagem pela literatura do Rio Grande do Sul*, Manoelito de Ornellas afirma que o Modernismo foi o movimento "mais expressivo" e de "ressonâncias mais fundas em nossa vida de espírito". Em suas palavras, "era uma ânsia comum de renovação, nos espaços e nos limites da arte e nos vastos horizontes da sociedade e da política brasileiras". Ao escrever sobre a literatura do Rio Grande do Sul, anuncia uma "geração preparada para a grande renovação". Para ele, os "novos" haviam "renunciado aos paradoxos subtis, aos preciosismos frágeis e aos cepticismos satisfeitos". Inicialmente com poetas, depois de 1930 "começa o ciclo da ficção"[48]: conto e romance, mas, também, ensaio e crítica

47. Garcia, *op. cit.*, p. 145-146.
48. Ornellas, *op. cit.*, p. 14.

literária, estudos de folclore, biografias e oratória política. Em Bagé, o Modernismo é assinado, especialmente, pelo poeta Clóvis Assumpção (1920–2013), pelo ensaísta e crítico Jorge Salis Goulart (1899–1934) e pelo poeta e romancista Pedro Wayne (1904–1951).

Clóvis Assumpção foi poeta[49] e crítico de arte, cinema e poesia. Um dos fundadores da Academia Rio-Grandense de Letras, atuou, também, como advogado e jurista, professor de Filosofia da Arte (UFRGS) e crítico de arte no Jornal *Correio do Povo* (de 1948 a 1955) e na revista *Quixote*. Seu livro *As águas não têm memória* (1942) — ilustrado por Carlos Scliar — é uma raridade.

Entre suas obras destacam-se aquelas sobre história da arte e teoria poética, como *Arte do Grupo de Bagé*, *Panorama poético de Eduardo Guimarães* e *Panorama poético de Pedro R. Wayne*, todas publicadas em 1975. Sua última publicação data de 1991: *Sépia: crítica de exposições coletivas*. Ao inventariar sua produção, Garcia[50] indica trinta e oito títulos, como a conferência *A arte de uma cidade província*, que versou sobre os pintores de Bagé.

O poeta[51] Jorge Salis Goulart pode ser considerado o primeiro intelectual a buscar compreender os principais aspectos da formação histórica da sociedade sul-rio-grandense a partir de pressupostos sociológicos. Através de conceitos-chave como sociedade, raça e meio geográfico, em sua obra *A formação do Rio Grande do Sul* (1978) intencionou registrar a formação gaúcha, resultado, no seu entendimento, de um entrechoque das forças

49. Sua obra poética e crítica é ampla. Iniciou com a publicação de *As águas não têm memória* (1942) e prosseguiu com *Precisamos de um mar de ternura* (1942), *Trens, neblina e rosa fria* (1973), *Anatomia e metafísica do jazz* (1976), *Retrato sem tempo de bruma* (1976), *Chuva de outono para lobos* (1976), *Um robô retorna ao nada* (1976), *A noite não admite comparações* (1977), *Proporção baudelaireana em verde maior* (1977), *As sombras plagiam a noite* (1977), *Socratizo nas portas da noite* (1977), *Grandes flamboyants cobertos de noite* (1977), *Só tua mão de luva* (1978), *Vária louvação das coisas pequenas* (1986), *Meus outonos singulares e plurais* (1986) e *Com meu pedaço de pão* (1989).

50. Garcia, *op. cit.*, p. 36-37.

51. Suas obras poéticas são: *Auroras e poentes* (1919), *Chuva de rosas* (1920), *Colheita de ouro* (1924), *Poemas para nós mesmos* (1925) e *Alma viva do Rio Grande* (1927), de acordo com Garcia, *op. cit.*, p. 100-101.

sociais e das possibilidades do meio. Ao inserir-se no "projeto de construção da identidade gaúcha vinculada à nacional", Salis Goulart evidencia "as origens de vários mitos da historiografia rio-grandense" e, desse modo, de acordo com Jefferson Teles Martins, "faz escola na historiografia gaúcha"[52]. Em sua obra, lista atributos da sociedade rio-grandense: proprietária de um caráter "particular e peculiar"[53], seria mais secularizada que o restante do Brasil, pouco belicosa no que diz respeito aos conflitos sociais — o "dogma da democracia sulina"[54] — e teria uma matriz lusitana para a organização da vida, que seria "calma e operosa preparadora de um grande futuro econômico"[55], além do precoce e inato sentimento nacional ou o "patriotismo brasileiro dos naturais da província".[56] Além disso, Goulart adjetiva como importante a distância do rio-grandense em relação à matriz platina, "pelo fator social e étnico".[57] Ao pretender "perquirir o processo de construção do sentido de identidade regional do Rio Grande do Sul e o papel da *intelligentsia* nesse processo"[58], Martins analisa as bases para o desenvolvimento da noção de "gauchidade" presente em seu trabalho, indicando-o como um dos autores mais importantes na produção sociológica do/no Sul.

Pedro Wayne (1904–1951) tem posição "inquestionável na literatura do Rio Grande do Sul e na trajetória do romance brasileiro"[59], de acordo com Zilberman. Sua produção poética impressa em livro é composta por *Versos meninosos e a lua*[60] (1931), *Dina* (1935) e *Tropel de aflições* (1947), os três editados pela Globo.

52. Jefferson Teles Martins, "A identidade do Rio Grande do Sul em Jorge Salis Goulart".
53. Jorge Salis Goulart, *A formação do Rio Grande do Sul*, p. 61.
54. *Ibid*., p. 153.
55. *Ibid*., p. 15.
56. *Ibid*., p. 153.
57. *Ibid*., p. 102.
58. Martins, *op. cit*.
59. Regina Zilberman, "Pedro Wayne: pessoa de letras", p. 14.
60. Segundo Ernesto Wayne (1989), os versos que estão reunidos nesse primeiro livro foram escritos entre 1920 e 1930.

A poesia inicial de Wayne, de acordo com Assumpção, está vinculada à "época de ouro do modernismo", passando "para as águas da angústia" quando "começa a ingressar no neo-modernismo".[61] Esse segundo período inicia com *Tropel de aflições* (1947) e se estende até sua morte.[62] Ao abordar a indústria da carne salgada, Wayne fez "um vasto e corajoso baixo-relevo, uma estela do Rio Grande pastoril realizada à maneira arcaica dos primitivos escultores mediterrâneos". "Monumento talhado em pedra bruta", o romance *Xarqueada* (1937) é pleno de "eloquência" e "veracidade golpeante", e Pedro, o "primeiro romancista rio-grandense a tratar do assunto".[63] Ao fazê-lo, inscreveu a si mesmo e a um grupo de jovens — os "Novos de Bagé" — na arte e na política.[64] Seu entendimento era de que o artista puro nunca vem como um realizador, ele lança apenas a origem do que virá depois.

Os "Novos de Bagé"

Precedidos por poetas, ensaístas, críticos e romancistas, os "Novos de Bagé"[65] nasceram todos nas primeiras décadas do século XX, e foi a "ótima biblioteca de autores brasileiros e muito especialmente os modernos", além do "fluxo de correspondência e de amizade de escritores feitos, fatores habituais da vida diária

61. Clóvis Assumpção, *Arte do Grupo de Bagé*, p. 7-8.

62. Wayne pretendia publicar outros dois livros de poesia. Vinte e quatro anos após a morte do autor, Assumpção incluiu quarenta e dois inéditos (escritos entre 1947 e 1950) em *Panorama poético de Pedro R. Wayne*. Clóvis Assumpção, *Panorama poético de Pedro R. Wayne*.

63. Manoelito de Ornellas, *Máscaras e murais de minha terra*, p. 22-23.

64. Os "novos" Danúbio Gonçalves (1925–2019), Glênio Bianchetti (1928–2014) e Glauco Rodrigues (1929–2004), ao lado de Carlos Scliar (1920–2001) e de Vasco Prado (1914–1998), formaram o *Clube da Gravura de Porto Alegre*. É atribuída a esse grupo de jovens talentos, parte considerável do início das artes plásticas no Rio Grande do Sul.

65. Clóvis Assumpção menciona, como integrantes dos primeiros tempos, para além dos quatro mais conhecidos, Ernesto Dutra da Costa (teatrólogo e contista), Jacy Maraschin (músico), Clóvis Chagas, Deny Bonorino e Júlio Meireles (pintores). Assumpção, *Arte do Grupo de Bagé*, p. 23-34.

de Pedro Wayne", que sustentou, de acordo com Assumpção, a formação do "Grupo de Bagé".[66] Para o autor, "o movimento de artes plásticas do grupo de Bagé teve origem nas obras literárias, ou melhor, "inspiração", e nele "houve poesia, conto, bem como teatro e música", mas a "atividade predominante foi a das artes plásticas".[67] Unidos por "ideais semelhantes", o Grupo de Bagé organizou-se por volta de 1946. Eram jovens que "deixaram de lado as solicitações vulgares da vida, os habituais convites que a pequena cidade faz aos moços, para cultivar um ideal já soberano, definitivo e avassalador": a arte.[68] Danúbio Gonçalves, Ernesto Wayne, Glauco Rodrigues, Glênio Bianchetti e Poty Reis, no auge de suas juventudes, herdaram e legaram. E reinventaram Bagé.

O desenhista, gravurista, pintor, muralista e escritor Danúbio Gonçalves tem trabalhos espalhadas pelo mundo. Na capital do Rio Grande do Sul, sua maior obra em exposição permanente: *Epopeia Farroupilha*.[69] Estudou no Rio de Janeiro na adolescência; quando retornou a Bagé (1945), conheceu Glauco Rodrigues e Glênio Bianchetti, fundando com eles o "Clube da Gravura de Bagé".[70] A série de xilogravuras *Xarqueadas* é o único registro

66. *Ibid*., p. 23.

67. *Ibid*., p. 11.

68. *Ibid*., p. 20.

69. Para Danúbio, trineto de Bento Gonçalves, a obra tem um significado especial: "Todo o painel tem um sentido totalmente didático. Fiz questão de colocar muito texto, frases e imagens que retratassem toda a história do nosso estado. Nenhuma outra obra que fale sobre a revolução inclui os Lanceiros Negros, que tiveram grande importância na guerra. Coloquei para mostrar, a todas as pessoas que utilizam o trem e passam pela praça, a verdadeira história do Rio Grande". Entrevista concedida para a autora, em 3 de agosto de 2008.

70. Inicialmente denominado de "Novos de Bagé" por Clóvis Assumpção, o "Clube de Bagé" ou "Clube de Gravuras" foi o nome dado a um grupo de desenhistas, gravuristas, pintores e poetas que fundaram uma "Escolinha Infantil de Artes" com cerca de 160 crianças pequenas, a maioria filhos de proletários. Foi o nascimento organizado da arte de vanguarda, do "realismo social, com cunho regional". José Antonio Mazza Leite, Xarqueadas *de Danúbio Gonçalves*: um resgate para a história, p. 73.

de um ofício que se perdeu.[71] Painel feito *in loco*, de beleza plástica impressionante, Danúbio tornou-se, com o trabalho, um historiador.

O poeta, professor, teatrólogo, ensaísta e crítico literário Ernesto Wayne (1929–1997) escrevia[72] por comoção e necessidade. Para Clóvis Assumpção, Ernesto era o "mais bem equipado de conhecimentos"[73], pois contava com o exemplo do pai, uma ótima biblioteca e talento. Desde os tempos de ginásio mostrou suas tendências, e já em 1948 tinha pronto seu primeiro caderno — *Vinte poemas em Pavana* —, com capa ilustrada por Glauco Rodrigues. Primogênito de Pedro Wayne, Ernesto foi um homem politizado e profundamente envolvido com as questões da democracia no país. Especialista em Língua Portuguesa pela UFSM e Mestre em Letras na área de Teoria da Literatura pela PUCRS, foi professor de Literatura em várias instituições desde o final dos anos 1970. Um de seus desejos foi expresso em um soneto: "Quero currículo um dia / Que tenha cadeia e hospício / Em vez de mestre e doutor". Ernesto Wayne foi em algum momento considerado o grande poeta da cidade. Publicou *Ossos do vento*, coletânea de poemas, em grande parte sonetos, muito bem construídos. Era um homem de grande erudição. Ainda rapaz, contribuiu com um livro do pai, *Lagoa da música*. Para esse livro, escreveu uma espécie de conto alegórico em que São Sebastião e uma figura indígena duelam pela alma da cidade; a simpatia do jovem poeta visivelmente recaiu sobre o indígena.

Economista, professor, poeta aclamado por Pedro Wayne nas páginas do *Correio do Sul* (1948), como muitos dos jovens

71. Wayne, em *Xarqueada* (1937), "reconstitui, no interior do Rio Grande do Sul, o funcionamento daquele que, até sua época, constituiu o principal motor da economia da metade sul do estado — os saladeiros — para mostrar e denunciar a exploração do assalariado rural, a violência do sistema e as alternativas de mudança". Zilberman, *op. cit.*, p. 13.

72. Suas publicações mais importantes são: *O anjo calavera* (1955), *Panela do candal* (1977), *Extrato de conta* (1988), *Pedro Wayne* (1989) e *Baile na ponte na noite de chuva* (1996).

73. Assumpção, *op. cit.*, p. 19.

bajeenses que circulavam em torno do mestre e amigo, Poty Reis viveu para contar. A diferença de idade entre os dois não foi empecilho para que o escritor recebesse esse jovem leitor em sua casa e com ele mantivesse uma relação de amizade e interesse literário. Nascido em 1929, Reis viveu em Bagé parte da infância: aprendeu a ler no Grupo Escolar junto com Ernesto Wayne. Poeta como grande parte dos jovens que podiam estudar, Reis costumava encontrar Pedro Wayne escrevendo em seu escritório até tarde da noite. Desse tempo, Poty lembrou: "Frequentávamos, quotidianamente, o Antro dos Imortais, taverna[74] onde nos encontrávamos para discutir o último livro, o último poema, a última tela".[75]

Assim como ocorreu com Danúbio, Pedro "apresentou" Poty Reis à sociedade. Em matéria denominada "Poesias em chamas", o *Correio do Sul* estampou as palavras de Wayne que, em vista da "sonoridade transbordante" de Poty, elogiou suas "estrofes ruidosas despencando-se em rimas fortes" e suas "clarinadas e rufos". Da poesia do jovem amigo, disse ainda: "dá-nos a impressão de balançar-se atiçada e alteada por vendaval desabalado" e "causa-nos a bela e estonteante visão de um incêndio se alastrando, iluminando e ao mesmo tempo deixando atônito quem o contempla". Assim era Pedro Wayne.[76]

Um parágrafo para um autor de obra tardia mas de grande impacto, Roberto Bittencourt Martins, que nasceu em Bagé, em 1937. Viveu em Porto Alegre, na infância e juventude, e no Rio de Janeiro a partir dos estudos de Medicina, mas passou férias na cidade fronteiriça, que marcou para sempre sua percepção.

74. Antro dos Imortais, Carrapicho, Coqueiro são alguns dos nomes conhecidos de cabarés, baiúcas ou "casa de diversões" que integram o folclore bajeense. Comuns na história interiorana do Rio Grande do Sul e democráticos com relação ao pelo dos frequentadores, nelas, a bebida mais consumida era a cachaça, e "não raramente o tempo ficava quente, ocorrendo em seu interior, grossos sururus, muitas vezes com mortes". Mário Nogueira Lopes, *Bagé*: fatos e personalidades, p. 132.

75. Cristina Maria Rosa, *Um alfabeto à parte*: biobibliografia de Pedro Rubens de Freitas Weyne, o "Pedro Wayne", p. 234.

76. Pedro Wayne, "Poesias em chamas".

Filho de pais que desbravaram o mundo da psicanálise no estado, Roberto Martins, foi também ele psiquiatra e psicanalista. O lançamento de *Ibiamoré, o trem fantasma* (1981), empregando recursos de imaginação e de documentação, foi logo reconhecido como um dos grandes relatos ficcionais da literatura brasileira.

Século XXI: Bagé e os círculos letrados herdados

Herdar, legar. Duas palavras, dois modos de ver e viver em Bagé. Terra que herdou muito e muito mais legou. Instituições — jornais e revistas, figuras e círculos letrados permanecem. Não os mesmos, mas ainda animados por eles, os precursores. Escritores ali nascidos ou aquerenciados, poetas, prosadores, trovadores, narradores da Bagé do século XXI não negam suas heranças. Reinventam a cidade e as formas de cantá-la. E o que conforma a literatura e as demais produções culturais de Bagé, esta peculiar cidade localizada no Pampa gaúcho? São gauchescas as suas manifestações? É da terra, da lida, do abandono, das guerras, da solidão do inverso que são feitas as letras de seus poemas, seus hinos, suas canções, sua prosa? Há hoje, poetas cantando a Rainha da Fronteira? Há músicos, fotógrafos, enamorados que se inserem nesta tradição e grafam suas andanças por Bagé? Há *blogs*, *sites*, revistas, livros que marcam o tempo da arte literária entre os minuanos invernais?

Na produção primeira, a que Tarcísio Taborda buscou cravar como lança na história da cidade, há poetas, sim. Mas há químicos, farmacêuticos, advogados, oficiais do exército, odontólogos, juristas, prosadores, filhas de famílias tradicionais, jornalistas, professores, agrônomos, autodidatas. E homens e mulheres cultos, viajados, que conheceram a Europa e que lá estudaram. Liam e escreviam em diferentes línguas, e registraram em português seu amor e admiração por Bagé. E essa parece ser a gênese do que observa hoje, início do século XXI, na memória das instituições, dos jornais e revistas, das figuras e círculos letrados que existiram

e existem na cidade fronteiriça. Memorialista cultuado, Taborda se presentifica por toda a cidade, em cada peça do Museu Dom Diogo de Souza.

Quem hoje produz e representa Bagé? Uma é a escritora Edy Lima[77]; outro, o longevo jornalista Mário Lopes[78], que, entre tantas outras habilidades, preservou a única obra de ficção de ambientação urbana escrita por Pedro Wayne — a peça de teatro *Boêmio triste* — levada à cena pelo Grupo Teatro em Família ainda nos anos 30 no século em que Bagé foi moderna.

Na nomeação de quem faz culturalmente a Bagé do século XXI, como não mencionar o grupo *Cultura Sul* e seus quarenta e seis *Manifestos poéticos*[79]? Os mais de oitenta anos da Biblioteca Pública Municipal de Bagé? A imponente Casa de Cultura Pedro Wayne? A Cidade Cenográfica de Santa Fé[80], a URCAMP[81], a UNIPAMPA[82]? E como deixar de fora a recentemente inaugurada Associação Bageense de Escritores e Literatos[83]? Como não agradecer à direção do Museu Dom Diogo de Souza, ao

77. Autora de *A vaca voadora*, o primeiro de uma série de livros para crianças, Edy tem cerca de cinquenta livros publicados, vários inspirados no folclore brasileiro. Nasceu em Bagé, em 1924, onde passou a infância e a adolescência, vindo a falecer em 2021.

78. Nascido em Bagé em 1922 e falecido em 2016, Mário Lopes é um dos grandes memorialistas de Bagé. Guri ainda, já editava jornais na oficina gráfica de seu pai, Túlio Lopes. Sua maior habilidade foi a crônica esportiva. Publicou três livros (2007, 2012, 2014), todos referentes a personalidades que influenciaram cultural, econômica, política e educacionalmente a cidade de Bagé.

79. Disponível em: https://www.facebook.com/culturasulbage. Acesso em: 23 jul. 2024.

80. Edificada no Parque do Gaúcho para as filmagens de *O tempo e o vento* em 2012, a cidade cenográfica atualmente está aberta ao turismo.

81. No ano de 1969 foi criada a Fundação Universidade de Bagé, depois transformada em Fundação Attila Taborda, integrando, gradativamente os cursos superiores existentes e lançando, então, os fundamentos da futura universidade, reconhecida através da Portaria n. 52 de 16 de fevereiro de 1989. Nascia a Universidade da Região da Campanha (URCAMP).

82. A Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) foi criada em 2008, concretizando um antigo sonho da população: que a juventude permaneça em sua região de origem e adquira as informações necessárias para impulsionar o progresso de sua região.

83. Eventos que visam pensar a literatura é seu objeto de interesse. Um de seus intuitos: promover oficinas literárias para a comunidade. Filiada à Associação Gaúcha de Escritores, reuniu e reúne nomes como Mário Lopes, Luis Carlos Deibler, Luiz Kalil, Rafaela Ribas, entre outros.

pessoal do Arquivo Público Municipal[84], afetuosamente aberto aos pesquisadores?

Destacam-se alguns autores de impacto no século XXI bajeense. José Francisco Botelho é autor de dois livros de contos, *A árvore que falava aramaico* (2011) e *Cavalos de cronos* (2018), ambos pela Editora Zouk; um volume de poemas, *E tu serás um ermo novamente* (2021), pela Editora Patuá; e diversas outras obras publicadas em editoras nacionais. *Cavalos de cronos* foi o grande vencedor do Prêmio Açorianos em 2019. Botelho traduziu obras de Chaucer e Shakespeare, publicando esses trabalhos pela Companhia das Letras e recebendo dois troféus Jabuti.

O advogado João Bosco Abero, falecido em 2020, é autor do fascinante romance *Mil e um jazigos* (LEB, 2017), em que a história fragmentária de toda uma cidade é contada a partir das lápides estilhaçadas de um cemitério. Seu estilo, sintático e denso, põe as ideias e as falas da região *sub specie aeternitatis*. Valdomiro Martins é autor de obras que exploram a história dos negros na região da Campanha; entre elas, *O duque da senzala* (Class/Bestiário, 2019), em que encontramos uma espécie de Martín Fierro negro, envolvido em um relato de aventuras, desenrolado durante a revolução de 1893. Rodrigo Ungaretti Tavares, por sua vez, é autor de obras que mergulham no folclore, na história e também na atualidade da região. *Andarilhos* (Martins Livreiro, 2017) é um romance de aventuras passado no início do século XX que explora a legendária figura do "andejo", o homem sem pouso nem lei que vaga pelos ermos. *Ainda que a terra se abra* (Taverna, 2020) é um relato familiar sobre os conflitos inerentes ao mundo rural dos dias de hoje, abordando também o problema da identidade local.

84. O objetivo do Arquivo Público Municipal de Bagé é resgatar a memória da cidade. Para tal, entre outros inúmeros documentos, mantém acervo completo dos jornais *O Correio do Sul*, *Minuano*, *Folha do Sul*, *Classe Sul* e *Página Sete*.

Por fim, como flanar pelas praças sem lembrar-se do gaúcho que ri de si mesmo? O Analista de Bagé, de Luis Fernando Verissimo representa, para Graziele Schweig, a oposição entre a "rusticidade dos hábitos tradicionais" e a pertença ao "mundo erudito e sofisticado" e sua existência, mesmo que apenas na ficção, o oportuno momento de colocar "oposições em perspectiva" e romper com a "construção de uma figura idealizada do gaúcho", comum ainda neste início de século.[85] Se somos uma "irredutível diversidade" na qual "elementos de tradicional e moderno, popular e erudito, particular e universal, estão constantemente em jogo"[86], como não considerar as ruas, as avenidas, as praças e nelas as gentes e os murais? Como não cultuar a memória, que é tão importante quanto a imaginação?

Referências

AGUZZI, Gladimir. A próspera Rainha da Fronteira no final do século XIX. *In*: PINTO, Waltair Araújo; JACINTO, Fátima (Coord.). *Alô, Bagé*. Bagé: Sindilojas, 2015.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Jornadas no meu país*. Rio de Janeiro: [*s.n.*], 1920.

ASSUMPÇÃO, Clóvis. *Arte do Grupo de Bagé*. Canoas: Ed. La Salle, 1975a.

ASSUMPÇÃO, Clóvis. *Panorama poético de Pedro R. Wayne*. Porto Alegre: Sociedade Universitária Sul-Rio-Grandense, 1975b.

ASSUMPÇÃO, Clóvis. *As águas não têm memória*. Porto Alegre: Globo, 1942.

85. A pesquisadora indica o Partenon Literário — encabeçado por Apolinário Porto Alegre, em finais do século XIX — como responsável pelo nascimento da literatura regional e/ou gaúcha. Considera a tradição calcada na experiência do homem do campo, em seu caráter "autêntico" e "espontâneo", em grande medida "inventada pelos intelectuais formadores do tradicionalismo". E afirma: "mesmo frente a um contexto urbano-industrial crescente", a figura idealizada do gaúcho "é constantemente recriada, como, por exemplo, a partir do MTG, que faz renascer e disseminar o regionalismo". *In*: Graziele Ramos Schweig, "Identidade cultural, contraste e deslocamento: o Analista de Bagé em questão", p. 58-61.

86. *Ibid*., p. 60.

BARBIERI, Renato. *Bianchetti*. Documentário. Disponível em: http://mais.uol.com.br/view/xiddtuwnvlqs/doctv--bianchetti--04021A3768D0815326. Acesso em: 30 abr. 2022.

BARROS, Carmem; PÊGAS, Maria Luiza. Apresentação. *In*: BECKER, Viviane. *Primazias de Bagé*: um guia incompleto. Bagé: Ed. da URCAMP, 2013.

BICA, Alessandro Carvalho. A *organização da educação pública municipal no governo de Carlos Cavalcanti Mangabeira (1925-1929) no município de Bagé/RS*. 2013. Tese (Doutorado) – Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo, 2013.

BICA, Alessandro Carvalho. Alessandro Carvalho Bica: entrevista concedida a Cristina Maria Rosa. Pelotas, 20 set. 2015.

BORBA, Fernando da Silva. *Carvões*: prosa à la minuta. Porto Alegre: Globo, 1936.

BORGES, Jorge Luis. *Discussão*. Trad. Davi Arrigucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BOUCINHA, Claudio Antunes. Não ao asfalto? Disponível em: http://claudioantunesboucinha.blogspot.com.br/2010/07/nao-ao-asfalto.html. Acesso em: 23 abr. 2022.

CORONEL, Luiz. A morte é uma curva na estrada. Os outros não veem, mas o caminho continua. *Ecoarte*. Edição especial. 16. ed. Bagé: URCAMP; Centro de Arte Maria de Lourdes Alcaide, 1994.

DEBLE, Gládis (Coord.). *Manifesto poético n. 46*. Bagé: Cultura Sul, 2015.

DOMINGUES, Petrônio. Consciência de cor. *Revista de História*, Rio de Janeiro, v. 11, p. 64-68, 2006.

FAGUNDES, Elizabeth Macedo. *Inventário cultural de Bagé*. Bagé: Praça da Matriz, 2005.

FISCHER, Luís Augusto. *Literatura brasileira*: modos de usar. Porto Alegre, L&PM, 2013.

GARCIA, Elida Hernandes. *Escritores bageenses*. Bagé: Praça da Matriz, 2006.

GARCIA, Elida Hernandes. Entrevista concedida a Cristina Maria Rosa. Pelotas, 28 jul. 2015.

GIORGIS, José Carlos Teixeira. Encontro com Pedro Wayne. *Correio do Sul*, Bagé, 16 jan. 1955.

GONÇALVES, Danúbio. Danúbio Gonçalves: entrevista concedida a Cristina Maria Rosa. Porto Alegre, 3 ago. 2008.

GOULART, Jorge Salis. *A formação do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1978.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1984.

LEITE, José Antonio Mazza. Xarqueadas *de Danúbio Gonçalves*: um resgate para a história. Pelotas: Ed. da UFPel, 2006.

LEMIEZEK, Cláudio de Leão; GARCIA, Elida Hernandes. *Primazias de Bagé*: um guia incompleto. Bagé: Ed. da URCAMP, 2013.

LOPES, Aristeu Elisandro Machado. *Bagé sitiada*: fotografia e memória da Revolução Federalista de 1893 no sul do Rio Grande do Sul. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, 7, 2013, Pelotas. *Anais* [...]. Pelotas: UFPel; PPGMSPC, 2013. Disponível em: http://www.ufpel.edu.br/ich/ppgmp. Acesso em: 30 abr. 2022.

LOPES, Mário Nogueira. *Bagé*: fatos e personalidades. Porto Alegre: Evangraf, 2007.

LOPES, Mário Nogueira. *Personalidades de um século em Bagé*: 100 anos. Bagé: Núcleo de Pesquisas Históricas Tarcísio Taborda, 2012.

LOPES, Mário Nogueira. *Personalidades de um século em Bagé*. Bagé: Da Maya Espaço Cultural, 2014. v. II.

MACIEL, Nahima. Pintura em movimento: documentário dirigido por Renato Barbieri aborda o processo de criação de Glênio Bianchetti. *Correio Braziliense*, Brasília, 8 mar. 2010. Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2010/03/08/. Acesso em: 30 abr. 2022.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Da periferia ao centro*: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

MARTINS, Jefferson Teles. A identidade do Rio Grande do Sul em Jorge Salis Goulart. *In*: MOSTRA DE PESQUISA DA PÓS-GRADUAÇÃO, 4., 2009, Porto Alegre. *Anais* [...]. Porto Alegre: PUCRS, 2009. Disponível em: Link que funciona: https://editora.pucrs.br/anais/IVmostra/IV_MOSTRA_PDF/

Historia/72101-JEFFERSON_TELES_MARTINS.pdf. Acesso em: 23 abr. 2022.

MITTMANN, Leonel. Danúbio Gonçalves, o último de Bagé. Artes Visuais. *Jornal do Comércio*, Porto Alegre, 30 jan. 2015. Disponível em: http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=185960. Acesso em: 23 abr. 2022.

NASCIMENTO, Tupinambá Miguel Castro do. Gaspar Martins e a Revolução de 1893. *Ajuris*, set. 2013. Disponível em: https://ajuris.org.br/tmp/impr/Caderno_de_Literatura_14_2.pdf. Acesso em: 30 abr. 2022.

NEVES, Berilo. Bagé, flor da Campanha. *In*: TABORDA, Tarcísio Antônio Costa. *A cidade sonho*: impressões de viagem. Bagé: Oficinas Gráficas da Tipografia Cetuba, 1958.

ORNELLAS, Manoelito de. *Máscaras e murais de minha terra*. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1966.

ORNELLAS, Manoelito de. Uma viagem pela literatura do Rio Grande do Sul. Separata do n. IV da *Revista Atlântico* (nova série). Lisboa, 1947.

PINTO, Waltair Araújo; JACINTO, Fátima (Coord.). *Alô, Bagé*. Bagé: Sindilojas, 2015.

REIS, Poty. Poty Reis: entrevista concedida a Cristina Maria Rosa. Pelotas, 14 jun. 2008.

RODRIGUES, Eduardo Contreiras. Bagé de hoje. *In*: TABORDA, Tarcísio Antônio Costa. *A cidade sonho*: impressões de viagem. Bagé: Oficinas Gráficas da Tipografia Cetuba, 1958.

ROSA, Cristina Maria. *Um alfabeto à parte*: biobibliografia de Pedro Rubens de Freitas Weyne, o "Pedro Wayne". Pelotas: Ed. da UFPel, 2009.

ROTERMUND, Harry. *A história de Bagé do século passado*. Bagé: Academia Bageense de Letras, 1981.

SALIS, Eurico Jacinto. *História de Bagé*. Porto Alegre: Globo, 1955.

SCHWEIG, Graziele Ramos. Identidade cultural, contraste e deslocamento: o Analista de Bagé em questão. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 15, n. 2, 2010.

TABORDA, Tarcísio Antônio Costa. *A cidade sonho*: antologia e impressões de Bagé. Bagé: Oficinas Gráficas da Tipografia Cetuba, 1958.

TABORDA, Tarcísio Antônio Costa; BARBOSA LESSA, Luís Carlos. *Polos culturais do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, 1983. Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo do Rio Grande do Sul. Administração Amaral de Souza. Folheto (12 p).

VALDUGA, Felipe. Seival: terra da proclamação da República Rio-Grandense. *Folha do Sul Gaúcho*, Bagé, ano 6, n. 1.640, 20 set. 2015.

WAYNE, Ernesto. Entrevista a Sergio Faraco. *Correio do Povo*, Caderno de Sábado, Porto Alegre, 27 out. 1973.

WAYNE, Ernesto. *Passeio poético por Bagé*. Bagé: Prefeitura Municipal de Bagé; SMCDT, 1996.

WAYNE, Ernesto. *Pedro Wayne*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1989.

WAYNE, Pedro Rubens de Freitas. *Monteiro Lobato*. Pedro Wayne: artigos e crônicas. Bagé: Casa de Cultura Pedro Wayne, 1926–1951.

WAYNE, Pedro Rubens de Freitas. *Pedro Wayne*: artigos e crônicas. Bagé: Casa de Cultura Pedro Wayne, 1926–1951.

WAYNE, Pedro Rubens de Freitas. Poesias em chamas. *Correio do Sul*, Bagé, 1948.

WAYNE, Pedro Rubens de Freitas. *Versos meninosos e a lua*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1931.

ZILBERMAN, Regina. Pedro Wayne: pessoa de letras. *In*: ROSA, Cristina Maria. *Um alfabeto à parte*: biobibliografia de Pedro Rubens de Freitas Weyne, o "Pedro Wayne". Pelotas: Ed. da UFPel, 2009.

Isabel Cristina Arendt

2.9.5

São Leopoldo

Apresentamos aqui diferentes instituições e formas de manifestação da cultura letrada em São Leopoldo: instituições religiosas, educacionais e de sociabilidade, mediante a publicação de jornais, folhetins e livros. Trata-se de uma história mais do que centenária.

Talvez a primeira pergunta a se fazer, para pensar a São Leopoldo na virada do século XIX para o XX, deva ser: qual São Leopoldo? A configuração administrativa apresenta-se da seguinte forma: entre 1788 e 1824 — Feitoria do Linho Cânhamo; 1824 e 1846 — Colônia de São Leopoldo; 1846 e 1864 — Vila de São Leopoldo; desde 1864 — Cidade de São Leopoldo. As fronteiras desta cidade de São Leopoldo na virada do século eram diferentes das atuais. Novo Hamburgo, por exemplo, pertencia a São Leopoldo até 1927, quando formou novo município, levando cinco dos seus distritos.[1]

Também a composição étnica de São Leopoldo é variada, e tratar da cultura letrada em São Leopoldo nos leva a uma abordagem que não pode ignorar a presença de imigrantes alemães e seus descendentes nesta cidade. Estes influenciaram a cultura local e por ela foram influenciados, levando a um processo que pode ser visto como de hibridização.

1. Germano Oscar Moehlecke, *O Vale do Sinos era assim*, p. 277.

Instituições religiosas e educacionais

A São Leopoldo da virada do século XIX para o XX foi espaço frutífero para a formação de cultura letrada. Nesse sentido, ainda no século XIX são criadas instituições de formação na sede da então cidade de São Leopoldo: o Colégio Nossa Senhora da Conceição de São Leopoldo, conhecido como Conceição, cuja iniciativa foi do jesuíta Pe. Feldhaus, em 1869, sob a autorização da Província Romana da Companhia de Jesus. Este colégio iniciou suas atividades em 12 de outubro de 1869 com doze alunos. Contando também com regime de internato, chegou a sessenta e cinco alunos em 1880 e, dez anos depois, a 223 estudantes. Neste 1890, a formação oferecida no Ginásio Conceição foi equiparada à do D. Pedro II, com sede no Rio de Janeiro, mediante o Decreto n. 3580. Diz-nos Arthur Blasio Rambo que naquele tempo já havia consolidado sua estrutura acadêmica e física. Esta oferecia alojamento para alunos que provinham de regiões distantes, salas de aula, salão de atos e teatro, museu, laboratórios, capela, moradia dos padres e oficinas. No que se refere à proposta curricular, baseada em uma formação clássica e um regime disciplinar rígido, oferecia estudo de línguas (português, latim, grego, francês, inglês e alemão), além de disciplinas de cunho prático e profissional. Rambo salienta que, conforme relato de Pe. Rick, após seis anos de estudo seus egressos podiam frequentar universidades. Em 1912, porém, houve encerramento do regime de internato para leigos e concentração na formação filosófica e teológica de futuros sacerdotes, o que configurou o Seminário Maior, até 1956. Naquele ano de 1912, o Conceição havia perdido a equiparação, em função da Reforma Rivadávia. Naqueles anos, o Ginásio Anchieta, também dos jesuítas, em Porto Alegre, com equiparação obtida em 1903, passou a concentrar-se na formação de lideranças. Rambo salienta que Porto Alegre afirma-se como centro econômico, financeiro e cultural, e São Leopoldo não pôde se equiparar à capital. Ainda em 1956

é organizada, neste espaço, a Faculdade de Ciências, Filosofia e Letras, a qual originou, em 1969, a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).[2]

A inserção de imigrantes alemães na Colônia de São Leopoldo, bem antes, em 1824, culminou na necessidade de atendimento educacional e religioso a esta população, cuja metade era composta por protestantes luteranos. Voltam-se, portanto, a esta população instituições cujo foco era o trabalho com alemães no exterior. Este trabalho dependia do momento histórico específico e consequente interesse do próprio Império Alemão ou regimes governamentais posteriores. Nesse contexto, vem a São Leopoldo o pastor luterano Wilhelm Rotermund. Com a intenção de fazer frente à organização de instituições católicas, no caso, aquelas criadas pela Ordem dos Jesuítas, Rotermund implementa o Colégio Independência em São Leopoldo, com formação complementar, em 1880, além de editar um jornal em língua alemã, a ser abordado a seguir. Diante de dificuldades financeiras, a escola é entregue ao Sínodo Rio-Grandense, em 1893, que a assumiu mediante apoio financeiro da Sociedade Evangélica de Barmen — Alemanha, com o nome de Colégio Independência. Pouco depois, seria incorporada ao *Evangelisches Stift*, que atualmente é a Fundação Evangélica de Novo Hamburgo.[3]

Outras instituições de formação de cultura letrada podem ser citadas: o Seminário de Formação de Professores Evangélicos Alemães, fundado em 1910, foi transferido de Santa Cruz do Sul para São Leopoldo em 1926, com o objetivo de formar professores para atuarem nas escolas comunitárias. Ali funcionou até 1939, tendo sido fechado em função de uma política de nacionalização das escolas. Como instituição de formação de professores, reabriu na década de 1950, sendo transferida para Ivoti, onde se encontra

2. Arthur Blasio Rambo, *Um sonho e uma realidade*: o projeto educacional dos Jesuítas no sul do Brasil.

3. Para mais detalhes, consultar Isabel C. Arendt, *Educação, religião e identidade étnica*: o *Allgemeine Lehrerzeitung* e a escola evangélica alemã no Rio Grande do Sul.

atualmente integrada ao Instituto Ivoti. Também a atual Escola Superior de Teologia (EST) tem sua origem na década de 1920, quando foi fundado o *Proseminar* (Instituto Pré-Teológico), cujo objetivo era preparar futuros pastores, que seguiam sua formação de Teologia na Alemanha. Complementando este complexo educacional que, atualmente forma a Rede Sinodal de Ensino, em 1936, foi fundado o Ginásio Sinodal.

Percebe-se, portanto, como São Leopoldo se torna um espaço de efervescência educacional e de cultura letrada, desde meados do século XIX, e atualmente é sede destas duas instituições superiores — EST e UNISINOS. Também podem ser consideradas, desde sua criação, importantes fomentadoras de cultura letrada, pois organizam bibliotecas para sustentar sua formação. Ambas as instituições possuem acervos de referência internacional.

Os espaços de sociabilidade também são fomentadores da cultura letrada. Em São Leopoldo, havia a Sociedade Orpheu, em que havia apresentações de peças teatrais, como se vê em estudo de Eloisa Ramos, que registrou, para o período de maio de 1876 a maio de 1877, por exemplo, dez peças apresentadas naquela sociedade, todas em língua alemã. A autora salienta que significaram

> mais do que a simples apresentação do espetáculo. Ele faria parte não só da educação do gosto, mas permitia também refiná-lo. Mais do que falar alemão ou cantar em alemão, que eram atividades ligadas à emergência da nacionalidade e da identidade historicamente falando, o teatro requeria um conhecimento da literatura e dos autores.[4]

Fazer parte dos grupos de teatro era, segundo Ramos, uma prática corrente entre os jovens de famílias tradicionais de São Leopoldo no período de 1870 a 1930.

4. Eloisa C. da Luz Ramos; Miriam Z. Fialkow; José C. Eggers. *Sociedade Orpheu*, p. 160.

Jornais: espaço de divulgação e fomento à cultura letrada

Jornais, além de outros periódicos, são espaços importantes para a produção e, especialmente, a difusão da cultura letrada, na qual se insere a literatura. Uma relação já apontada por Walter Benjamin, que atribuiu a difusão do romance à invenção da imprensa. Também no Brasil o jornal seria por muitas décadas, desde o final do século XIX, o principal meio de comunicação, além de espaço para a divulgação da literatura.

Muito próxima de Porto Alegre, São Leopoldo está bem servida de jornais para publicação e divulgação da cultura letrada. Editados em língua portuguesa ou alemã, foram espaço de possibilidade de publicação de textos literários, especialmente na forma de folhetim, bem como de divulgação de produção literária de autores locais. Devemos, nesse sentido, considerar as características da imprensa no estado do Rio Grande do Sul, de 1870 a 1930, conforme são abordadas por Hohlfeldt em artigo específico sobre o tema:

> multiplicação de tendências e públicos a serem atendidos, seja do ponto de vista ideológico, seja do ponto de vista da segmentação populacional, devendo-se isso especialmente ao crescimento da alfabetização e à urbanização da província; assim, à imprensa industrial, em sentido estrito, soma-se a imprensa partidária, a literária, a cultural em geral, a feminina, as publicações dirigidas às crianças e aos jovens, as revistas ilustradas para toda a família, as publicações de caricaturas e charges e, enfim, jornais e revistas de operários e trabalhadores, além daqueles dirigidos aos novos colonizadores e, por isso mesmo, escritos em seus idiomas de origem.[5]

Neste rol de características, destacamos a última, atribuída às publicações em língua alemã editadas em São Leopoldo,

5. Antonio Hohlfeldt, "A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1930", p. 7-8.

decorrente da presença de imigrantes alemães.[6] Devemos lembrar que há, além dos jornais citados, edições de um boletim mensal para professores (luteranos), almanaques, bem como uma série dedicada à edição de textos literários: a *Südamerikanische Literatur*.[7] A Editora Rotermund era a protagonista dessas edições.

No século XIX, três jornais em língua alemã tiveram São Leopoldo como sede de edição: *Der Bote*, de 1867 a 1875 ou 1877[8]; *Deutsche Post*, de 1880 a 1928; e *Deutsches Volksblatt*, fundado em 1871 e editado até meados do século XX. Apresentamos dois destes que têm coleções ainda disponíveis para pesquisa, destacando especialmente os textos literários publicados na forma de folhetim.

O jornal *Deutsche Post*[9] foi fundado pelo pastor luterano Wilhelm Rotermund, que também criou a Editora Rotermund, empresa ainda ativa e responsável pela edição do jornal até 1928, então em mãos de familiares do fundador. Sua circulação foi de fato interrompida por episódio ocorrido em 29 de setembro de 1928, caracterizado como empastelamento, em que as instalações da editora foram destruídas por manifestantes descontentes com a posição do jornal sobre uma manifestação de estudantes em São Paulo, o que é descrito em detalhes por René E. Gertz[10].

6. O conceito de "novos colonizadores", utilizado por Hohlfeldt, não se aplica exatamente aos imigrantes alemães, cuja vinda está mais relacionada a um longo processo migratório.

7. Ver o artigo de Imgart Grützmann, "Produção de livros em língua alemã no Rio Grande do Sul: a *Südamerikanische Literatur*".

8. Há informações diferentes em fontes consultadas: Petry (1964) informa 1875, enquanto Arndt; Olson (1973), 1877.

9. A coleção existente no Rio Grande do Sul é de propriedade da família Rotermund e está cedida em comodato ao Museu Histórico Visconde de São Leopoldo; foi microfilmada em projeto coordenado pelo pesquisador Prof. Dr. Martin Norberto Dreher, junto ao Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS, e os microfilmes originais e de consulta estão sob responsabilidade do Memorial Jesuíta na Biblioteca da UNISINOS. Desta coleção, efetivamente poucos exemplares não foram localizados. Ver também os trabalhos de Gertz e de Dreher.

10. René E. Gertz, *O aviador e o carroceiro*: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920, p. 236-248.

Salientamos aqui o folhetim como divulgador de diferentes gêneros literários, especialmente romances e contos.

Em pesquisa de caráter monográfico, realizada por Lisiane Schumann, a autora fez um importante levantamento e análise do folhetim publicado no jornal *Deutsche Post*. Seu estudo inclui levantamento detalhado de 310 folhetins, publicados entre 1880 e 1928, geralmente no rodapé da página do jornal, uma seção denominada "Feuilleton", como "espaço destinado às obras literárias de diversos gêneros, como romances, novelas, contos ou até histórias humorísticas".[11] A autora realizou minuciosa identificação dos autores, especialmente dos romances, dos quais a maioria são alemães. Para sua análise, subdividiu-os em quatro tipologias diferentes: narrativa lacrimejante ou sentimental; narrativa policial; narrativa de modos, usos e costumes; e narrativa histórica. Alguns contos e novelas, no entanto, são de autores desconhecidos no meio literário, o que revela, segundo a pesquisa, a possibilidade de serem pseudônimos, especialmente se tiverem sido escritos por mulheres.

O jornal *Deutsches Volksblatt* circulava entre a população católica, em meio às comunidades de imigrantes alemães e descendentes, e foi editado a partir de 1871, primeiramente em São Leopoldo, por padres da Companhia de Jesus. Em 1893, quando Hugo Metzler assumiu a redação do periódico, passou a ser impresso pela Tipografia do Centro, em Porto Alegre. Não temos acesso aos primeiros números da coleção, o que dificulta a confirmação de algumas informações, apenas verificáveis em edições comemorativas. Verificamos, porém, em exemplar de 1891, que publica, além de notícias nacionais e internacionais, uma seção específica intitulada "Feuilleton", na qual é editado um conto em partes. Esta seção é geralmente apresentada no rodapé da primeira página do jornal, prática comum na época

11. Lisiane Schumann, *O leitor ao pé da página*: o folhetim no *Deutsche Post*, p. 35.

para folhetins.[12] Nela são publicados contos, novelas, romances históricos, dentre outros, em partes que se sucedem em diferentes edições. Em 5 de junho de 1893, é publicado o capítulo 22 da novela histórica sobre o império romano, de A. Von Adolphi.[13] Salientamos que o folhetim editado neste jornal não foi ainda objeto de estudo específico, porém, no âmbito do projeto Transfopress Brasil[14], realizamos um levantamento sistemático da gama de textos, na sua maioria literários, editados nesta seção do jornal. Sem uma pretensão analítica, podemos inferir que existe um bom número de autoras e há também literatura de expressão alemã elaborada por autores locais. Isto, porém, é assunto para novos estudos.

Os dois jornais, *Deutsche Post* e *Deutsches Volksblatt*, portanto, destinam espaço específico à edição de textos literários, também de autores estrangeiros. No final do século XIX, este ainda é um dos principais espaços de circulação e divulgação de produções literárias, como bem aponta Erich Fausel. Segundo este autor, o jornal "muitas vezes representou o único meio de expressão literária".[15] Outro espaço de divulgação de textos literários teriam sido os anuários, ou almanaques, que seriam "o berço e o receptáculo da quase totalidade das produções literárias".[16] Estes vêm sendo estudados por Imgart Grützmann[17] em vários

12. Outros estudos sobre o folhetim ou romance-folhetim têm analisado a edição de folhetins em jornais em língua alemã editados no Rio Grande do Sul, como o de Weschenfelder (2010), que analisa especificamente o romance-folhetim publicado no jornal *Kolonie*, de Santa Cruz do Sul.

13. Isabel C. Arendt; Marluza M. Harres, "*Deutsches Volksblatt*: entre os jornais de língua alemã publicados no Rio Grande do Sul (1870 e 1940)".

14. Sugerimos consultar a página específica do projeto Transfopress Brasil, disponível em: http://transfopressbrasil.franca.unesp.br. Acesso em: 23 jul. 2024.

15. Erich Fausel, "Literatura rio-grandense em língua alemã", p. 226.

16. *Ibid.*, p. 227.

17. Pesquisadora que se dedica à literatura de expressão alemã no Brasil, Grützmann escreveu, além da tese de doutoramento, artigos que poderão auxiliar a quem se interessar pelo tema com maior profundidade. Além desta autora, indicamos os estudos de Gerson R. Neumann e, no presente livro, capítulo de René E. Gertz a respeito dos almanaques.

artigos publicados, nos quais analisa almanaques editados no Brasil em língua alemã. Os *Kalender* (almanaque e/ou anuário) também apresentam seção de leituras de diferentes gêneros, dentre os quais o literário, destinados aos leitores conhecedores da língua alemã. Em São Leopoldo foi editado o *Kalender für die Deutschen in Brasilien* (Almanaque para os Alemães no Brasil) pela Editora Rotermund, entre 1881 e 1918, e 1920 e 1941.

Outros periódicos em língua alemã a serem mencionados são os jornais (ou boletins) mensais, editados por e para professores. Destacamos o *Allgemeine Lehrerzeitung* — por alguns anos também editado em São Leopoldo. Este periódico, cuja redação estava a cargo da Associação de Professores Evangélicos (luteranos), também mantinha seções com indicação de leituras e divulgação de textos literários, inclusive em forma semelhante à de um folhetim.[18]

Jornais locais em língua portuguesa

Conforme listagem elaborada e publicada por Leopoldo Petry[19], havia, além dos títulos de jornais editados em língua alemã, com editores sediados em São Leopoldo, dezessete títulos entre 1900 e 1957 em língua portuguesa, cinco deles, porém, com duração efêmera. Moehlecke[20] refere-se especificamente a outro título, não citado por Petry: *O Arauto*, de 1930, cuja duração teria sido curta também, e apenas os quatro primeiros números foram preservados no acervo do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo.

Nossa pesquisa em jornais editados em São Leopoldo, para o presente texto, limita-se a exemplares disponíveis no acervo do museu já referido. No *Correio de São Leopoldo* (18 abr. 1932, n. 3, p. 2), por exemplo, encontra-se, numa seção denominada "Coluna

18. Sugerimos, nesse sentido, Arendt, *op. cit.*
19. Leopoldo Petry, *São Leopoldo*: 1864-1964 — Centenário da cidade, p. 208.
20. Moehlecke, *op. cit.*, p. 313-315.

cultural", artigo que aborda a obra de Goethe. Em outra seção, "Coluna literária", na página 4 do mesmo exemplar, há propaganda de lançamentos de romances da editora Rotermund & Cia.

No mesmo jornal, *Correio de São Leopoldo* (8 jun. 1940, v. VIII, n. 402), encontramos uma seção intitulada "Inquérito literário". Trata-se de uma pesquisa realizada pelo jornal, junto a livrarias da cidade, como a Casa do Livro e a Livraria Rotermund, cujas respostas apresentamos a seguir de forma resumida:

a) Preferência de livros: autores nacionais.

b) Quais autores nacionais e estrangeiros: José de Alencar, Humberto de Campos, Monteiro Lobato, Graça Aranha, Paulo Setúbal (nacionais); e os estrangeiros A. J. Cronin, Alexandre Dumas.

c) Número de livros entre final de 1939 e início de 1940: o entrevistado informa a média mensal do ano de 1939, que seria de 783 exemplares/mês, vendidos em São Leopoldo e no interior do estado.

d) Interesse dos escolares: "livros infantis que tratam de assuntos brasileiros" e livros de aventura, destacando os autores nacionais Monteiro Lobato e Viriato Corrêa, e os estrangeiros Karl May e C. F. Cooper.

e) Livro mais procurado: *O Guarani*, de José de Alencar.

f) Classe que mais lê: "os intelectuais de todas as classes".

g) Pessoa ou associação que adquiriu mais livros em 1939: "o Grêmio Literário Tobias Barreto de Menezes, do Ginásio Sinodal desta cidade".

A Livraria Rotermund, posteriormente Editora, é uma instituição importante para o contexto da cultura letrada, que certamente ultrapassava os limites do que era a cidade de São Leopoldo, pois suas publicações tiveram alcance para além do estado do Rio Grande do Sul. Desde 1877, a cidade de São Leopoldo é sede desta livraria e editora, que iniciou suas atividades como gráfica pelas mãos do já citado pastor Wilhelm

Rotermund. Hoje, sua atuação está mais centrada em serviços gráficos e editoriais.

Escritores e letrados de São Leopoldo

Desde meados do século XIX, nos é revelada faceta interessante neste tema, com a presença de muitos pastores luteranos e padres jesuítas, inclusive estrangeiros. Dentre eles, podemos citar Pe. A. Schupp, autor de textos dramáticos, para atender às necessidades do teatro escolar e das práticas do Seminário Maior, conforme indica Fausel[21]. Segundo este autor, tais textos teriam colaborado com a criação de uma literatura rio-grandense em língua alemã, objeto de estudo de pesquisadores da área de Letras e Literatura, sob o conceito "literatura de expressão alemã".

No levantamento de escritores sul-rio-grandenses publicado por Walter Spalding na *Enciclopédia rio-grandense* (1956), buscamos nomes de escritores que tenham nascido ou vivido em São Leopoldo ou Novo Hamburgo. O primeiro a ser citado estaria teoricamente fora do escopo do presente artigo, se considerarmos uma delimitação muito marcada, já que o objetivo é o de apresentar a cultura letrada nos centros urbanos na virada para o século XX. Trata-se de José Antônio do Vale Caldre e Fião, que nasceu em 1813, em Porto Alegre, e faleceu em 1876, em São Leopoldo. A ele é atribuído o início do regionalismo literário no estado, ou ainda, como defende Spalding[22], ele seria o "criador do romance regional gaúcho", e cita sua obra *A Divina Pastora*, publicada em 1837, como novela regional. Fundou, juntamente com Apolinário Porto Alegre, a Sociedade Partenon Literário.

No início do século XX, nasce o único escritor leopoldense que viria a ocupar a Academia Brasileira de Letras, em 1945: Clodomir Vianna Moog (1906–1988). Autor de diversos ensaios, seu

21. Fausel, *op. cit.*, p. 234.
22. Walter Spalding, "Escritores sul-rio-grandenses", p. 193-194.

romance *Um rio imita o Reno* recebeu o Prêmio Graça Aranha, o que certamente contribuiu para sua indicação e imediato acolhimento na academia. Parte de seus escritos foi exaustivamente pesquisada e analisada, como por exemplo o romance citado. Cabe ressaltar que a Biblioteca Pública de São Leopoldo leva seu nome. Vale também lembrar que o acervo pessoal de Moog se encontra no Memorial Jesuíta da Biblioteca da UNISINOS.

Avançando para além da segunda metade do século XX, fechamos este capítulo com uma breve menção a autores contemporâneos, cuja produção literária seja mais expressiva, correndo o risco, obviamente, de não sermos justos nesta avaliação. Optamos, pois, por citar apenas quatro nomes: Sérgio Farina, Henrique Schneider, Lucas Reis Gonçalves e Simone Saueressig. O primeiro nasceu em 1929 e faleceu na cidade de São Leopoldo em 2006. Foi professor de Literatura por mais de trinta anos na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, tendo publicado muitos textos. Recebeu homenagem da Prefeitura Municipal de São Leopoldo, que deu seu nome ao Prêmio Literário por ela promovido. Conforme escreve Wagner C. de Abreu em texto biográfico sobre Farina, "o apreço pelo leitor e a boa citação são balizas constantes na prosa do professor cronista".[23]

O segundo autor, Henrique Schneider, nasceu em 1963, em Novo Hamburgo, onde ainda vive. Este é, possivelmente, o escritor hamburguense de maior expressão na atualidade, pois recebeu diversos prêmios, tendo vários livros editados e reeditados, com publicações na Espanha, México e Argentina. Dentre os prêmios recebidos estão o Prêmio Maurício Rosenblatt de Romance (1989), com *O grito dos mudos*, e o Prêmio Livro do Ano na categoria Narrativa Longa, promovido pela Associação Gaúcha de Escritores (AGES), de 2007, por *Contramão*, publicado pela Bertrand Brasil.

23. Wagner C. de Abreu, "Sérgio Farina: 1929–2006", p. 131.

O poeta e articulador cultural, Lucas Reis Gonçalves, também nascido em Novo Hamburgo, em 1990, foi finalista do Prêmio AGES de Literatura com a obra *Se soubesse o que dizer, diria em prosa*, lançado pela Paco Editorial em 2011.

Por fim, Simone Saueressig nasceu em Campo Bom, em 1964, e se destaca como autora de livros para crianças e jovens, e de obras de fantasia e ficção científica. Atua também, desde muito cedo, como professora de dança. Entre seus vários títulos podem ser destacados seu livro de estreia, *O mistério do formigueiro*, de 1987, e *Padrão 20*: a ameaça do espaço-tempo, de 2016, entre muitos outros.

Outros nomes poderiam ser lembrados ainda, como o do historiador Leandro Karnal, nos últimos anos um escritor *best-seller* de livros de ensaios e reflexões sobre a vida cotidiana, nascido e criado em São Leopoldo, ou Ana Mello, também leopoldense, que durante a pandemia da Covid-19 se notabilizou, em Porto Alegre, por projetar, em escala imensa, poemas curtos de sua autoria em empenas cegas (de que resultou o livro *Poesia projetada*, de 2021).

Apresentamos aqui algumas das facetas da cultura letrada de São Leopoldo e arredores. De todo modo, em sentido amplo, podemos dizer que, marcada pela presença de imigrantes alemães e descendentes, assim como inserida na ampla gama de etnias brasileiras, essa cultura ajuda a compor o mosaico das letras nos principais centros urbanos do estado.

Referências

ABREU, Wagner C. de. Sérgio Farina: 1929–2006. *In*: LITERARIEDADES: 4º Prêmio Sérgio Farina. São Leopoldo: Carta Editora, 2012, p. 129-131.

ARENDT, Isabel C. *Educação, religião e identidade étnica*: o *Allgemeine Lehrerzeitung* e a escola evangélica alemã no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Ed. da UNISINOS; Oikos, 2008.

ARENDT, Isabel C.; HARRES, Marluza M. *Deutsches Volksblatt*: entre os jornais de língua alemã publicados no Rio Grande do Sul (1870 e 1940). *In*: LUCA, Tania Regina de; GUIMARÃES, Valéria (Org.). *Imprensa estrangeira publicada no Brasil*: primeiras incursões. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2017, p. 424-450.

ARENDT, Isabel C.; WITT, Marcos A. (Org.) *Pelos caminhos da Rua Grande*: história(s) da São Leopoldo republicana. São Leopoldo: Oikos, 2011.

ARNDT, Karl J. R.; OLSON, May E. *The german language Press of the Americas*: 1732–1968. History and bibliography. Die deutschsprachige presse der Amerikas: 1732–1968. Geschichte und Bibliographie. Pullach; München: Verlag Dokumentation, 1973.

DREHER, Martin N. *Wilhelm Rotermund*: seu tempo — suas obras. São Leopoldo: Oikos, 2014.

DREHER, Martin N.; TRAMONTINI, Marcos J. (Org.). *Imigração e imprensa*. Porto Alegre: EST, 2004.

FAUSEL, Erich. Literatura rio-grandense em língua alemã. *In*: BECKER, Klaus (Org.) *Enciclopédia rio-grandense*. Canoas: Regional, 1956. v. 2. O Rio Grande antigo.

GEHSE, Hans. *Die deutsche Presse in Brasilien von 1852 bis zur Gegenwart*. Ein Beitrag zur Geschichte und zum Aufgabekreis auslanddeutschen Zeitungswesen. Münster: Aschendorffsche Verlag, 1931.

GERTZ, René E. *O aviador e o carroceiro*: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

GERTZ, René E. Imigração alemã e imprensa. *In*: DREHER, Martin N.; TRAMONTINI, Marcos J. (Org.). *Imigração e Imprensa*. Porto Alegre: EST, 2004. p. 100-122.

GRÜTZMANN, Imgart. Leituras sob o céu do Cruzeiro do Sul: almanaques em língua alemã no Rio Grande do Sul (1855-1941). *In*: SIDEKUM, Antônio (Org.). Às sombras do carvalho. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004, p. 177-254.

GRÜTZMANN, Imgart. O carvalho entre palmeiras: representações e estratégias identitárias no germanismo. *Revista História*, São Leopoldo, v. 7, n. 8, p. 115-169, 2003.

GRÜTZMANN, Imgart. Produção de livros em língua alemã no Rio Grande do Sul: a *Südamerikanische Literatur*. *In*: ARENDT, Isabel C.; WITT, Marcos (Org.). *História, cultura e memória*: 180 anos de imigração alemã. São Leopoldo: Oikos, 2005, p. 318-333.

HOHLFELDT, Antonio. A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1930. *E-Compós* – Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Brasília, v. 7, p. 1-12, dez. 2006.

HOHLFELDT, Antonio. *Deus escreve direito por linhas tortas*: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

MEYER, Marlyse. *Folhetim*: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MOEHLECKE, Germano Oscar. *O Vale do Sinos era assim*. São Leopoldo: Rotermund, 1978.

PETRY, Leopoldo. *São Leopoldo*: 1864–1964 — Centenário da cidade. São Leopoldo: Rotermund, 1964.

RAMBO, Arthur Blasio. *Um sonho e uma realidade*: o projeto educacional dos jesuítas no sul do Brasil. São Leopoldo: Ed. da UNISINOS, 2009.

RAMOS, Eloisa C. da Luz; FIALKOW, Miriam Z.; EGGERS, José C. *Sociedade Orpheu*: da história de um nome à identidade de um clube. São Leopoldo: [*s.n.*], 1998.

SCHUMANN, Lisiane. *O leitor ao pé da página*: o folhetim no *Deutsche Post*. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2003.

SILVA, Haike Roselane Kleber da; HARRES, Marluza Marques (Org.). *A história da câmara e a câmara na história*. São Leopoldo: Oikos, 2006.

SPALDING, Walter. Escritores sul-rio-grandenses. *In*: BECKER, Klaus. (Org.) *Enciclopédia rio-grandense*. Canoas: Regional, 1956. v. 5. Imigração.

SOUZA, Edson Rodrigues de. *Jornalismo e cultura letrada no Brasil*: o papel do jornal na ampliação do acesso à literatura na década

de 1940. 2014. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

TRAMONTINI, Marcos Justo. *A organização social dos imigrantes*: a colônia de São Leopoldo na fase pioneira, 1824–1850. São Leopoldo: Ed. da UNISINOS, 2003.

WESCHENFELDER, Greicy. *A imprensa alemã no Rio Grande do Sul e o romance folhetim*. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

Romar Beling

2.9.6

Santa Cruz do Sul

O Vale do Rio Pardo, num primeiro momento, talvez desperte pouca atenção literária em leitores de outras áreas do Rio Grande do Sul. Mas bastaria mencionar a escritora Lya Luft, nascida em Santa Cruz do Sul, para mudar essa possível impressão. No entanto, muitos nomes já aparecem na literatura ao lado de Lya. São autores de diferentes gerações, e em variados gêneros.

Além da atuação de editoras e de boas livrarias (a exemplo da Iluminura), o fortalecimento de eventos tem sido uma marca relevante. A Feira do Livro de Santa Cruz do Sul, funcionando desde 1988, aposta na vinda de escritores de renome. Promovida por Serviço Social do Comércio (SESC), Prefeitura e Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), aglutina a produção literária regional. A guinada aconteceu a partir de 2010, quando o baiano João Ubaldo Ribeiro foi o patrono. No ano seguinte, foi a vez do poeta amazonense Thiago de Mello, e a este seguiram-se o chileno Antonio Skármeta, o mineiro Affonso Romano de Sant'Anna, o gaúcho Aldyr Garcia Schlee e, em 2015, o cearense Lira Neto. Ao definir patronos conhecidos do grande público, a Feira de Santa Cruz do Sul estimulou a curiosidade em torno da obra desses autores, e agregou, em paralelo, programação de lançamentos e debates.

A proposta inspirou localidades vizinhas, em feiras que têm igualmente a liderança do SESC na organização. Em Rio Pardo

consolidou-se ainda o Seminário Estadual de Língua Portuguesa e Literatura Rio-Grandense, que em 2015 teve sua 23ª edição. Aliás, a paisagem histórica de Rio Pardo talvez tenha sido a primeira da região incorporada à literatura: não apenas porque autores nascidos na cidade dedicaram-se às artes, caso do escritor romântico Manuel de Araújo Porto Alegre (1806–1879), mas porque grandes romances a mencionam, a começar pela trilogia *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo. Vera Cruz e Venâncio Aires também promovem feiras do livro com escritores de destaque na condição de patronos. E o mesmo ocorre em Sobradinho, na região Centro-Serra, que desde 2010 sedia a Academia Centro-Serra de Letras, responsável por uma antologia, *Vertentes*, já com mais de uma edição.

Mas é mesmo em Santa Cruz que se aglutinam as principais ações. Ao lado de Lya Luft, radicada em Porto Alegre (e que, se não chega a fazer muitas referências à terra natal em sua ficção, revisita essa paisagem, como em *A asa esquerda do anjo* e nos ensaios na linha de *Perdas e ganhos*), quem tematiza a região é Valesca de Assis, também nascida em Santa Cruz. Em sua estreia, com *A valsa da medusa*, em 1989, ela conformou um romance de fundação ambientado nos primórdios da colonização alemã nessa área. Na sequência, com as novelas *A colheita dos dias* e *Harmonia das esferas*, seguiu dando espaços para os elementos da cultura germânica.

Outro romancista que tem a região como base em sua obra é Sérgio Schaefer, nascido em Santo Cristo e radicado em Venâncio Aires. Schaefer é autor do romance *Rosas do Brasil*, de 1989, no qual faz releitura, em paráfrase, de Guimarães Rosa. Após, deu continuidade à proposta de paráfrases ou recriações com outro romance, *O gaudério Macunaíma e a pititinga macia de Brunilde*, inspirado em Mário de Andrade, e nos contos de *Sombras*, relendo Simões Lopes Neto.

Da mesma geração de Valesca e de Schaefer é o poeta Mauro Klafke, nascido em Santa Cruz do Sul e residente na cidade serrana de Gramado Xavier. Tem cerca de 15 livros publicados, em sua maioria de poesia; um deles, *Invenção de Santa Cruz*, inspirado no romance *A valsa da medusa*, de Valesca, é dedicado à terra natal. Obras como *Nordeste para salmos de viola*, *Fábula americana*, *O sino & o galo*, *Canções de um certo cotidiano* e *Jacarandás de novembro* o firmam como um dos principais poetas da atualidade no estado. Ainda ingressou no conto, com *Uma história não oficial* e *Um copo de vinho para cantar*, de perspectiva memorial.

Deve-se mencionar ainda o santa-cruzense Flávio Kothe, doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada, radicado em Brasília, onde foi professor na Universidade de Brasília (UnB) até aposentar-se. Ensaísta, escritor, poeta e tradutor (dentre outros, de Paul Celan e Walter Benjamin), Kothe é autor de crítica e teoria literária, a exemplo de *O cânone colonial*, *O cânone imperial* e *O cânone republicano*, mais *Ensaios de semiótica da cultura*, *Fundamentos da teoria literária* e *A narrativa trivial*. Kothe também publicou poesia e narrativas.

Ao lado destes, que começaram a publicar na década de 1980, uma geração jovem amplia o olhar sobre a região. Um recorte consta na antologia *Nem te conto*, que teve três edições, entre 2012 e 2014. Organizada por Rudinei Kopp e pelo autor deste ensaio, a antologia buscou desafiar escritores a ambientarem contos em Santa Cruz do Sul. Nas três edições, mais de 100 narrativas curtas foram produzidas por homens e mulheres de diversas idades.

A antologia teve a participação, por exemplo, da santa-cruzense Moina Fairon Rech, de 83 anos, autora de *Uma janela para o passado*, em que fixa lembranças de seu tempo de menina, nas décadas de 1930 e 1940; de *Uma aventura na Amazônia* e de *A casa sobre rodas*. Consta ainda a poeta Marli Silveira, mestre em Filosofia, bem como nomes oriundos ou atuantes no jornalismo,

como o poeta Mauro Ulrich, o contista Ricardo Düren e o pesquisador Benno Bernardo Kist. Da nova geração, entre nascidos ou radicados na cidade, e que já publicaram, podem ser mencionados Rudinei Kopp, autor dos romances *Rio dos dias* e *Oto e Isac*, que se passam em Santa Cruz do Sul; Cássio Fernando Filter, José Alberto Wenzel, Cassionei Niches Petry, Andrea Kaufmann, Eliane Hagemann Cauduro, Glauco Schneider, Angelita Borges, Gil Kipper, Leonardo José Andriolo e Luciana Setúbal, todos na prosa. Na poesia, tem-se Max Montiel Severo, Dogival Duarte (maranhense radicado em Santa Cruz), Ricardo Richter e Demétrio de Azeredo Soster. Recentemente, o jornalista Rodrigo Breunig lançou uma narrativa longa em que a cidade é tematizada, num romance de formação, *A noite das bicicletas*.

Aspecto a salientar, no terreno da literatura, é o início do trabalho de novas casas editoriais. A editora da UNISC, EDUNISC, ao lado do Instituto Padre Reus (IPR), bem como da Zum Editora, eram as que publicavam. Nos últimos anos, ingressou no mercado a Editora Gazeta Santa Cruz, da *Gazeta Grupo de Comunicações* (à qual pertence o jornal *Gazeta do Sul*, cujos suplementos culturais divulgam resenhas), já com cerca de cem títulos no catálogo. Essa editora ainda lança obras de autores como Luiz Coronel, Élvio Vargas, Jaime Vaz Brasil, Antônio Augusto Fagundes, Celia Maria Maciel e Carlos Nejar. Outra editora que surgiu em 2015 é a Catarse.

Tem-se, assim, eclético grupo de escritores em atividade, que incrementa a cada ano sua produção — e um mercado editorial e livreiro atuante. Com suas obras, convidam leitores da região e de outras localidades a apreciar textos que salientam a realidade histórica, social e cultural, e promovem diálogo com a literatura de outros centros. Graças a essa versatilidade, a região central do Rio Grande do Sul projeta-se no estado e estabelece pontes com o mundo.

Alessandra Rech

2.9.7
Caxias do Sul

Localizada na Serra gaúcha, reconhecida como polo metalmecânico do estado, Caxias do Sul tem uma cultura basicamente industrial. A atividade que fomenta, historicamente, certa estabilidade econômica, também contribui para a ênfase à lógica do capital. Recentes administrações municipais cunharam o slogan "Caxias do Sul, da fé e do trabalho", como tradução do espírito local. Tal estereótipo não condiz necessariamente com o pensamento da maioria de seus habitantes, mas indica, pelo menos, um fechamento por parte da elite dominante, apegada, em pleno século XXI, a traços que caracterizam a cultura dos primórdios.

De forma breve, é possível explicar essas características a partir da formação do município. Originária da leva de imigrantes europeus (especialmente do Norte da Itália) requisitada para povoar as regiões ainda por desenvolver no sul do Brasil, a Serra gaúcha tem uma história oficial relativamente recente: foi no ano de 1875 que começaram a chegar esses colonos italianos dispostos a "Fazer a América", ou seja, transformar, no solo fértil destinado a eles, as suas dificuldades de povo que fugia da miséria, em prosperidade. Surge, assim, o trabalho como mito fundador da região, conforme Loraine Slomp Giron e Roberto Radünz, em *Imigração e cultura*.[1] Do mesmo modo, a religião

1. Loraine Slomp Giron; Roberto Radünz, *Imigração e cultura*, p. 48.

aparece como fundamental para esses habitantes, que têm no clero, inclusive, as primeiras referências letradas.

Miscigenada, mas ainda tendo na classe dominante as famílias de emigrados italianos, a cidade se notabilizou literariamente, na primeira fase, justamente por textos de italodescendentes, entre os mais conhecidos Ítalo Balen e José Clemente Pozenato. Considerando a produção de capítulo específico para a literatura de italodescendentes nesta publicação, trataremos com maior ênfase aqui da literatura do final do século XX e início do século XXI, momento em que o desenvolvimento industrial passa a atrair migrações provindas de outras regiões do estado, em especial a Fronteira Oeste e os Campos de Cima da Serra. Assim, a literatura carrega as vozes desses novos habitantes.

Natural de Bom Jesus, Paulo Ricardo Ribeiro (1960) é o escritor com mais intensa produção no período. Formado em Jornalismo pela PUCRS, é doutor em Teoria da Literatura pela mesma instituição. Teve dezenove livros publicados até 2018. Seu romance de estreia é *Glaucha*, de 1989. Em 1993, conquista o Prêmio Henrique Bertaso de narrativa longa por *Vitrola dos ausentes*, indicado ao Açorianos nesse mesmo ano. Lançou, em 2007, *As luas que fisgam o peixe*, prosa-poética ilustrada. Em abril de 2010, apresenta *O tal Eros só: osso relato*. Trata-se de um livro palíndromo, ou seja, pode ser lido da direita para a esquerda, de cima para baixo. No mesmo ano, participa da coletânea de ensaios sobre o artista Iberê Camargo, intitulada *Tríptico para Iberê*, da editora Cosac Naify, com *Que forças derrubaram o ciclista? Iberê, escritor*. Vence, em 2018, o Prêmio Vivita Cartier de literatura, concedido em Caxias do Sul pela publicação de *O transgressor*. Nesse mesmo ano publica o romance *Um cara coçava as costas da minha mãe no baile*:

> Tua face, na primeira gaveta, é uma fotografia que desbota, que não concedo mais ao espelho. Morta, teus

> traços ficam a denunciar: teu dorso era largo, a cintura estreita, o pé contornado por saltos e alguns goles do gim.
>
> Na gaveta teu cheiro e aroma. Os olhos castanhos tristes e os punhos arregaçados de vida. Dois sofás. O que fazer com eles? Os teus dois sofás.[2]

Segundo Bocchese, "em todo o conjunto da obra de Ribeiro percebe-se, claramente, uma opção por determinada estética e temática. A sua *literatura de invenção*, expressão proposta pelo próprio autor, instiga o leitor a participar".[3] Para o crítico, a temática costumeira de sua literatura é seu povo e sua região.

Representativa da produção literária da segunda metade do século XX é a coletânea *Matrícula dois*.[4] Além da geração já participante de *Matrícula*, a edição, de 1998, reúne exemplares da produção em Caxias do Sul nesse período: Ana Araldi, Valdir dos Santos, Dhynarte de Borba e Albuquerque (que anos depois volta a assinar como Dinarte Albuquerque Filho), Marco Antonio de Menezes e Eduardo Dall'Alba (que é também o organizador da edição). Nos deteremos nos nomes que seguem a carreira literária depois dessa publicação. Entre esses autores, destaca-se Dall'Alba, que nesta edição publica "O fogo":

> [...] perceber a alma do fogo quando queimando-se lenha
> perceber sua essência cinza, final de tudo o que vive
> perceber do fogo a vontade queimando ávida
> subindo em labaredas quando provocado de todo
> toureando os corpos à fome em cinza e lama
> porque tudo volta ao pó depois da chama.[5]

2. Paulo Ricardo Ribeiro, *Um cara coçava as costas da minha mãe no baile*, p. 78.

3. Marcell Bocchese, *A crônica como gênero híbrido entre jornalismo e literatura*: uma demonstração através de *Quando cai a neve no Brasil*, de Paulo Ribeiro, p. 27.

4. Sobre o primeiro volume, discorremos no capítulo destinado à literatura de italodescendentes.

5. Eduardo Dall'Alba (Org.), *Matrícula dois*, p. 140.

Natural de Caxias, Eduardo Dall'Alba (1963–2013) é autor de seis livros. Professor universitário e pesquisador, foi colunista semanal do jornal *Pioneiro*. Em 1998, recebeu o Prêmio Açorianos de Literatura na categoria Poesia, por *Vinhedo das vontades*. Em 2008, conquistou o prêmio novamente e na mesma categoria, com *Lunário perpétuo*.

Segundo Vera Lúcia de Oliveira:

> Se a poesia é, como vimos, o inventário de uma vida em seus vários momentos, a lírica de Dall'Alba é paradoxalmente leve e delicada. [...] Ele quer uma poética livre, precisa e medida, mas também luminosa e leve, como a arte da dança. Quer uma poesia que transfigure o vivido em música e beleza. E quer, nesse mesmo rigor, libertar o movimento reprimido sem ferir em demasia o leitor. O resultado é esta espécie de partitura onde se conjugam a sensibilidade exacerbada, a intensidade do olhar, a paciência do labor minucioso, a coragem de ir até o fundo e o amor por toda a criatura vivente.[6]

Dhynarte de Borba e Albuquerque, que mais tarde assina como Dinarte Albuquerque Filho, natural de Santa Cruz do Sul, participa de *Matrícula dois* com poesias características de sua temática — o universo urbano: "a cidade materializa / sua universalidade / na autopista / corretamente / sinalizada".[7] Ele é autor das poesias de *Romã* (1991), com Fátima Martinatto, *Um olhar sobre a cidade e outros olhares* (1995), *Leminski, o samurai-malandro* (2009) e *Leituras na madrugada* (2014).

Marco de Menezes, nascido em Uruguaiana, é autor de *As horas dragas* (1999), *Pés de aragem* (2007), *Fim das coisas velhas* (2009), esse vencedor do Prêmio Açorianos nas categorias Poesia e Livro do Ano, *Ode paranoide* (2010), *Pequena madrugada antes da meia-noite* (2016) e *Os ternos de Charlie Parker e outros*

6. Vera Lúcia de Oliveira, "Habitar íntimo: a poesia de Eduardo Dall'Alba", p. 52.
7. Dall'Alba (Org.), *op. cit.*, p. 112.

poemas (2023). É criador da editora Modelo de Nuvem, que tornou-se selo da editora Belas Letras, sediada em Caxias do Sul.

Em *Pés de aragem*, "As mãos de um vampiro":

> estão aqui
> pousadas
> sobre a tábua
> riscada por mil anos
>
> estão aqui
> unhas e dedos trançados
>
> estão aqui gentis e macias
> como chuvas de escaninho
>
> estão aqui nesse pescoço
> anel postiço em merengue
> fosso de nenúfares
>
> vejam só o senhor e a senhora
>
> no fim das contas não passamos de carne viva.[8]

Segundo o crítico Ronald Augusto:

> O poeta se renova despretensiosamente sendo fiel à tradição graças aos desvios que opera tendo em vista as perspectivas do presente. Ele impõe o seu senso de ritmo seja à redondilha maior, seja ao alexandrino, metonímias das ferramentas do exercício. Esse aprendizado vivo (um *como* fazer) a partir do artesanato versificatório serve tão só de base sobre a qual a poesia de *Fim das coisas velhas* pode ou pôde plasmar-se; um meio e não um fim.[9]

A poesia local ainda está representada por João Claudio Arendt, natural de Santa Catarina, professor, com reconhecida produção

8. Marco de Menezes, *Pés de aragem*, p. 76.
9. Ronald Augusto, "*Fim das coisas velhas*, eu bebo, sim".

em ensaios e crítica literária, e autor de *Plural da ausência* (2009), *Quadros berlinenses* (2013), edição bilíngue, *Poemas para escaninho* (2016), *A cinza descerrada* (2020), entre outros. Do primeiro: "Aprender com o pássaro / que o canto é espera / que o pouso é fadiga / que o voo é chegada // Aprender com o pássaro / o que ele tem de humano".

Conforme Vitor Cei:

> João Claudio insere-se no seleto grupo de poetas brasileiros do século XXI que apresentam apuro da linguagem e assinatura forte. Ao escrever e publicar seus versos, dentre os quais encontramos haicais, dísticos, tercetos e poemas sem metro e sem rimas, o escritor elabora a vivência (*Erlebnis*) e a experiência (*Erfahrung*) de seu percurso por locais de memória, seja o varal de roupas no quintal de uma casa ou o campo de concentração nazista Sachsenhausen. Assim, na medida em que elabora individualidades, sua escrita reelabora as marcas de contextos sociais que dizem respeito à história de uma coletividade.[10]

Concurso Anual Literário

O Concurso Anual Literário, que em 2024 chegou a sua 58ª edição, é a mais tradicional forma de fomento à literatura em Caxias do Sul e a mais antiga do gênero em continuidade no Rio Grande do Sul, contemplando os melhores autores em contos, crônicas e poesias com premiação em dinheiro e publicação de coletânea.

Muitos dos escritores com trajetória no município tiveram sua primeira oportunidade por meio desse certame, uma vez que cumpre, justamente, a função de incentivar novos talentos. A partir de 2013, por meio da Lei Municipal 7.543, de 14 de dezembro de 2012, passou a incluir a categoria "Obra literária",

10. Vitor Cei, "O verbo lúdico de João Claudio Arendt: entrevista", p. 284.

contemplando publicações do ano anterior. Em média, vinte obras concorrem por ano nessa categoria, o que dá conta da expressiva quantidade de títulos lançados na cidade.

O nome da distinção é uma homenagem a Vivita Cartier, natural de Porto Alegre (1893–1919), que viveu em Criúva, distrito de Caxias do Sul, dos dezenove anos até a sua morte precoce, decorrente de tuberculose. Poeta de rara sensibilidade, também compunha marchinhas carnavalescas para o grupo Os Venezianos.

Ano a ano, os vencedores do Prêmio Vivita Cartier foram: 2013 — Luis Narval, *Era em pleno dia a ascensão da noite*; 2014 — Marcos Mantovani, *Borboleta nua*; 2015 — Alessandra Rech, *Mirabilia*; 2016 — Marcos Fernando Kirst, *A sombra de Clara*; 2017 — Bernadethe Zardo, *Poema-casa*; 2018 — Paulo Ribeiro, *O transgressor*; 2019 — Pippo Pezzini, *Mais solitário que canceriano longe de casa*; 2020 — Natalia Borges Polesso, *Controle*; 2021 — Maya Falks, *Eu também nasci sem asas*; 2022 — Matusalem Ferreira, *Morena*: uma história de amor e guerra; e 2023 — Adriana Antunes, *o-Vári(a)s*.

Duas décadas de fomento

A aprovação, em 2002, de lei municipal inicialmente denominada de Fundo Pró-Cultura e, mais tarde, Financiarte, destinando um mínimo de 1% e o máximo de 2% da arrecadação do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) e Imposto sobre Serviços de Qualquer Natureza (ISSQN) a projetos inscritos em edital em benefício às áreas de Literatura, Teatro, Dança, Música, Cinema e Vídeo, Artes Visuais, Artesanato e Folclore impactou significativamente o cenário cultural da cidade. Tal recurso multiplicou em poucos anos as expressões literárias. Não seria precipitado afirmar, no entanto, que a complexidade do edital ainda intimida uma parcela da comunidade.

O modelo proposto inicialmente já sofreu alterações com vistas a uma maior abrangência comunitária, passando a ser

denominado Financiarte em 2009. Em 2017, porém, com os impactos da crise econômica, o discurso da "terra arrasada", ecoando posturas do governo do estado e da esfera federal, terminou por reacender a prática dominante da ênfase ao trabalho braçal em oposição à cultura, dividindo a comunidade em torno da importância desse destino de verbas para o fomento à arte.

Passando a investir o mínimo, a prefeitura estabeleceu um corte de 60% no fomento, cerca de um terço abaixo dos 1% previstos na legislação no edital de 2017. Em 2018, a lei sofreu alterações, com vistas a desvincular o percentual destinado da arrecadação municipal, o que significou ainda menos garantia de recursos, e atraso no lançamento do novo edital. Em 2021, no entanto, segundo a análise da secretária municipal da Cultura, Aline Zilli, foi quadriplicada a oferta de anos anteriores, dando sinais de retomada: foram disponibilizados R$ 400 mil, para um mínimo de vinte e seis projetos contemplados, nas mais variadas áreas culturais.

A seleção das obras literárias a serem publicadas via Financiarte é feita por uma comissão composta por pessoas da comunidade que demonstrem conhecimento na área. Os integrantes definem, entre os inscritos, os autores com melhor desempenho. A diversidade de pensamento, representada na formação da comissão, impacta em uma seleção abrangente e nem sempre sintonizada com critérios de literariedade.

Assim, há um cenário de muitas obras recentes, mas não exatamente de efervescência cultural, se aplicada análise mais criteriosa. Para este breve levantamento, tentaremos manter em vista a literariedade, somada à recorrência de publicações para apontar alguns nomes que marcam esse período na cidade de forma panorâmica.

Prêmio Jabuti e outros destaques

Em 2016, Natalia Borges Polesso conquistou o Prêmio Jabuti na categoria contos por *Amora* (Não Editora). Em 2013, seu primeiro livro de contos, *Recortes para álbum de fotografia sem gente* (Modelo de Nuvem), havia recebido o Açorianos. Natural de Bento Gonçalves (1981) e radicada em Caxias, a jovem escritora se notabiliza por uma delicada escrita, em que se destaca a temática do empoderamento no universo feminino, como aponta Camila Doval: "A escrita da Natalia representa o que existe da forma como existe: a diversidade dentro da diversidade infinda (e sempre bem-vinda)".[11] É de *Amora* o trecho que segue:

> Na ocasião, lembro que estávamos indo bem, nunca tínhamos trocado um pneu, estávamos indo muito bem. Até que muitos caras começaram a nos rodear, rindo e dando palpite. Engraçado, nenhum se ofereceu realmente para ajudar, mas ficaram ali como varejeiras, fazendo um tipo de zumbido coletivo, praguejando nosso fracasso. Conseguimos, por fim, sem a ajuda não oferecida de nenhum deles. Na época, teria me ofendido até com a ajuda. Não estou dizendo que a zombaria não me ofendesse hoje, é claro que sim, mas eu aceitaria ajuda para trocar um pneu, visto que nunca na vida troquei um sozinha, fora essa vez em que ajudei a Michele.[12]

A partir da notoriedade conquistada com o Jabuti, Natália passa a publicar pela Companhia das Letras. São dela *Controle* (2019) e *A extinção das abelhas* (2021).

Destacam-se, ainda, Adriana Antunes, autora de *As meninas* e *As mulheres — ou sobre muito pouca coisa*, entre outros; Ana Julia Poletto, com *Corpos para um vitral*; e Camila Gobbi, com *Escombros e outros pedaços de coisas no chão*.

11. Camila Doval, "*Amora*: uma leitura feminista".
12. Natalia Borges Polesso, *Amora*, p. 24.

Na literatura infantil, poesia e novela juvenil, Heloísa Coin Bacichette com *Todo amor que tive*, *Filhos de Ceição*, *Mirabolês e a rainha das histórias*, *Cara caracol*, entre outros. Elaine Pasquali Cavion, também no segmento infantil, é autora de *O mestre dos guarda-chuvas*, *Formigas*, *Amarelo* e *O colecionador de águas*, entre outros.

Rafael Iotti, que estreou em 2017 com os poemas de *Mas é possível que haja outros*, está entre os nomes promissores da nova geração.

Caxias do Sul ainda se notabiliza, no plano literário, pela amplitude da Feira do Livro, que em 2024 chega à 40ª edição. O tradicional evento na Praça Dante Alighieri é celebrado pela representatividade dos livreiros e editoras presentes, bem como pela ênfase à promoção do livro e da leitura por meio de ações culturais, de entretenimento e de debate a aprimoramento dos setores envolvidos.

Referências

ALBUQUERQUE, Dhynarte de Borba. *Um olhar sobre a cidade e outros olhares*. Caxias do Sul: Ed. do Autor, 1995.

ARENDT, João Claudio. *Plural da ausência*. Caxias do Sul: Biblioteca Pública Municipal, 2009.

ARENDT, João Claudio. *Quadros berlinenses*. Edição bilíngue. Tradução para o alemão: Sarita Brandt. Caxias do Sul: Maneco, 2013.

ARENDT, João Claudio. *A cinza descerrada*. Vitória: Pedregulho, 2020.

AUGUSTO, Ronald. *Fim das coisas velhas*, eu bebo, sim. *Blog Poesia-pau*, 2011.

ANTUNES, Adriana. *As mulheres — ou sobre muito pouca coisa*. São Paulo: Chiado, 2016.

BACICHETTE, Heloisa Coin. *Filhos de Ceição*. São Paulo: Melhoramentos, 2015.

BOCCHESE, Marcell. *A crônica como gênero híbrido entre jornalismo e literatura: uma demonstração através de* Quando cai a neve no Brasil, *de Paulo Ribeiro*. 2011. Dissertação (Mestrado Letras,

Cultura e Regionalidade) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2011.

CAVION, Elaine Pasquali. *O colecionador de águas*. São Paulo: Cortez, 2012.

CEI, Vitor. O verbo lúdico de João Claudio Arendt: entrevista. *Revista Leitura* – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Letras da Universidade Federal de Alagoas, v. 2, n, 57, p. 282-296, jul./dez. 2016. Disponível em: http://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/4371/3149. Acesso em: 11 ago. 2018.

DALL'ALBA, Eduardo (Org.). *Matrícula dois*. Caxias do Sul: Maneco, 1998.

DOVAL, Camila. *Amora*: uma literatura feminista. *Nonada Jornalismo*, 2015. Disponível em: http://www.nonada.com.br/2015/10/amora-uma-leitura-feminista/. Acesso em: 24 jul. 2018.

FALKS, Maya. *Eu também nasci sem asas*. São Paulo: Telukazu, 2020.

GIRON, Loraine Slomp; RADÜNZ, Roberto. *Imigração e cultura*. Caxias do Sul: EDUCS, 2007.

GOBBI, Camila. *Escombros e outros pedaços de coisas no chão*. Porto Alegre: Dublinense, 2015.

IOTTI, Rafael. *Mas é possível que haja outros*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017.

KIRST, Marcos Fernando. *A sombra e clara*. Porto Alegre: Editora da Cidade, 2015.

LOPES, Rodrigo. Memória: os 125 anos de nascimento da poetisa Vivita Cartier. *Pioneiro*, Caxias do Sul, 12 abr. 2018.

MANTOVANI, Marcos. *Borboleta nua*. Caxias do Sul: Quatrilho, 2013.

MENEZES, Marco de. *Pés de aragem*: poemas. Porto Alegre: Bipolar, 2007.

NARVAL, Luís. *Era em pleno dia a ascensão da noite*. Porto Alegre: AGE, 2012.

OLIVEIRA, Vera Lúcia de. Habitar íntimo: a poesia de Eduardo Dall'Alba. *Revista de Italianística*, São Paulo, n. 27, 2014. Disponível em https://www.revistas.usp.br/italianistica/article/viewFile/116090/113744. Acesso em: 23 jul. 2018.

PEZZINI, Pipo. *Mais solitário que canceriano longe de casa*. Curitiba: Sendas, 2018.

POLESSO, Natalia Borges. *Controle*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
POLESSO, Natalia Borges. *Amora*. Porto Alegre: Não Editora, 2015.
POLESSO, Natalia Borges. *Recortes para álbum de fotografia sem gente*. Caxias do Sul: Modelo de Nuvem, 2013.
POLETTO, Ana Julia. *Corpos para um vitral*. São Paulo: Novos Talentos, 2013.
RECH, Alessandra. *Mirabilia*: crônicas. Caxias do Sul: Belas Letras, 2014.
RIBEIRO, Paulo. *Um cara coçava as costas da minha mãe no baile*. Curitiba: Kotter, 2018.
RIBEIRO, Paulo. *O transgressor*. Curitiba: Kotter, 2017.
ZARDO, Bernardethe. *Poema-casa*. Caxias do Sul: Quatrilho, 2016.

Ivânia Campigotto Aquino

2.9.8

Passo Fundo

Ao resgatar a memória de aspectos da formação de Passo Fundo, a história guia-se para o povo indígena, que abriu os primeiros caminhos do que hoje é um dos municípios mais importantes do Rio Grande do Sul. Foram as nações tupi e guarani que iniciaram a construção da identidade do território ao povoá-lo e dar-lhe o nome de Curiti, que significa "Pinhais". A denominação foi encontrada em 1632 pelos Jesuítas, na fundação da redução de Santa Teresa, quando passou a ser esse o novo nome do local. Em 1637, com a conquista bandeirante da área, uma nova mudança originou o nome Igaí.

As terras recém-desbravadas traçaram uma passagem que depois foi usada pelos tropeiros que levavam animais das regiões das Missões e do Planalto para São Paulo. Hoje, o traçado é a Avenida Brasil, a principal da cidade. Para o rio que cortava o território, os indígenas deram o nome de Goio-En, com o significado aproximado de "Rio Fundo". Esse rio de travessia é que deu origem ao nome do município: Passo Fundo.

Os estudos da historiadora Delma Gehm fazem alusão a pormenores da constituição da cidade. No primeiro volume de seus escritos[1], ela conta que o fundador e primeiro povoador do atual núcleo urbano do município foi o cabo Manuel José das Neves, quando, em 1827, fundou a Fazenda de Nossa Senhora

1. Delma Rosendo Gehm, *Passo Fundo através do tempo*: fatos, usos, costumes e valores.

Aparecida, cuja sede foi instalada no espaço onde, hoje, encontra-se a Praça Tamandaré e seus arredores. Naquele ano, 43 famílias viviam no local.

Ainda no século XIX, o território obtém a condição de freguesia a partir de janeiro de 1847, com a denominação de Nossa Senhora da Conceição Aparecida do Passo Fundo. A oficialização de vila veio a 28 de janeiro de 1857. A instalação oficial como município aconteceu com a criação da Câmara de Vereadores no dia 7 de agosto do mesmo ano, data escolhida como o aniversário de Passo Fundo — nome pelo qual o município é conhecido desde o final do século XIX.

As atividades ligadas à agricultura e à pecuária eram os principais meios de produção e, portanto, as referências econômicas à época da emancipação. política. Com o crescimento da parte urbana, surgem as primeiras áreas atendidas por profissionais autônomos, como educação, medicina, advocacia. Nesse contexto de desenvolvimento, as estradas e a expansão da cidade eram as preocupações estratégicas do município. Assim, após o traçado das estradas de ligação, foi pensada a construção da estrada de ferro, finalizada em 1898, cujos percursos de interligação de regiões foram fundamentais para a economia local. Mesmo desativada, até os dias atuais o prédio da chamada antiga viação férrea é símbolo do patrimônio histórico e cultural da cidade.

Os ciclos econômicos, que passaram entre a erva-mate, a pecuária e a indústria madeireira, foram se desenvolvendo paralelamente ao processo da abolição da escravatura, que começou a se difundir em Passo Fundo ainda em 1871, quando é fundada a Sociedade Emancipadora das Crianças Negras do Sexo Feminino. Antes mesmo da abolição nacional, ocorrida em 1888, a cidade já registrava a liberação de escravizados em meados de 1884.

A interface da história de formação do território de Passo Fundo com as letras é constituinte da identidade do município

na área da educação. De acordo com a cronologia do ensino que Gehm[2] elabora, ainda em 1848 o Governo Provincial criou uma escola, destinada ao gênero masculino, na sede da freguesia. Este é o marco inicial da instrução primária da cidade. Já em 1854 foi criada a segunda escola pública, para o gênero feminino, também na sede da freguesia.

Em 1859, quando Passo Fundo já era vila e estava criado o município, o professor José Vicente Abrantes e Silva lecionava para vinte e dois meninos, número que aumentou para setenta no ano seguinte. Em 1862, o professor tinha uma matrícula mista de noventa alunos. Dez anos após, em 1872, há notícias de uma turma do sexo feminino.

Em 1874, o secretário da Câmara Municipal, Antônio Ferreira Prestes Guimarães, enviou um relatório para a Assembleia Legislativa Provincial no qual lamentava o atraso da instrução pública. Em 1877, por meio de lei provincial, foram criadas duas escolas no interior do município, em Butiá e Pessegueiro.

No final do século XIX, surgiram sociedades e associações culturais que agregavam uma parcela referencial da intelectualidade passo-fundense. Dentre elas, destacam-se o *Clube Literário Amor à Instrução*, fundado em 1883 por um grupo de rapazes que discutia temas relacionados à literatura, e o *Clube do Toco da Vela*, criado na mesma época e tido como clandestino, que recebia aqueles que estavam à margem da autodenominada classe intelectual. Em 1885, durante sessão ordinária do *Toco da Vela*, são registradas em ata as presenças dos professores Antônio Stenzel e Tomé Gonçalves Ferreira Mendes, que "abordaram importantes assuntos sobre a instituição pública, relacionados com a vida da comuna".[3]

Em 1891, há um dos primeiros registros da cultura letrada, que pode ser caracterizado como literatura de viagem. Trata-se

2. Delma Rosendo Gehm, *A cronologia do ensino em Passo Fundo*.
3. *Ibid*., p. 13.

de um caderno de apontamentos do Coronel Gervásio Lucas Annes, no qual encontra-se o seguinte trecho:

> Saí de Passo Fundo para Porto Alegre, a fim de tomar assento no Congresso do Estado, no dia 23 de setembro de 1891. Nesse dia fui ficar no D. Pedro e no dia seguinte na vila de Soledade. No dia 27 vim ao Constantino Ortiz e daí, no dia 28, fiquei em casa de Pedro Balbina. No dia 29 desci a serra e fiquei em casa do capitão Medina; no dia 30 cheguei no Bexiga onde fiquei até o dia 1° de outubro, dia em que segui para Porto Alegre, onde cheguei à noite. Fui para o Siglo, quarto n° 9. No dia 2 apresentei-me no Congresso e dali fui ao Palácio. Chegando em casa, li o orçamento apresentado pelo Presidente do Estado e então vi, com pesar, que a nossa política ia mal. Raciocinei fria e calmamente em todo esse dia a respeito das consequências que esse orçamento traria à política Republicana no Estado e confesso — pela primeira vez tive medo da República.[4]

Esse registro de viagem, além de expressar sentimentos e, portanto, subjetividade ("Raciocinei fria e calmamente em todo esse dia a respeito das consequências que esse orçamento traria à política Republicana"), contém a informação do tempo necessário para fazer o trajeto de Passo Fundo a Porto Alegre no final do século XIX. O trecho também permite observar as preocupações políticas de uma importante liderança do município na época.

Fatos históricos também foram temas do início da cultura letrada de Passo Fundo, como a Revolução Federalista. Rosa[5] lembra que a Revolução, ocorrida de 1893 a 1895, demarcou a bipolarização entre os federalistas, os "maragatos", liderados por Gaspar Silveira Martins, e os republicanos, os "chimangos" ou "pica-paus", liderados por Júlio de Castilhos, e deixou consequências que se evidenciariam mais tarde, com a Revolução

4. Alceu Oliveira Annes, *Genealogia Lucas Annes*, p. 204-208.

5. Luísa Grogoletti Dalla Rosa, *A vila se constituindo em cidade*.

de 1923 e a permanência do Partido Republicano no poder por trinta e três anos. Em Passo Fundo, de acordo com Gehm[6], a resistência maragata tinha uma liderança forte na figura de Prestes Guimarães, que iniciou a reunião de forças em todo o município debaixo de severa vigilância dos republicanos. Foi a menos de quinze quilômetros da cidade que ocorreu, em 1894, a fatídica Batalha do Pulador, considerada pelos historiadores, senão a mais, uma das mais sangrentas da Revolução Federalista, e decisiva no embate dos grupos entre os que representavam o ataque à república positivista e aqueles que estavam pela nova ordem republicana.

O historiador local Welci Nascimento traz um trecho escrito por Prestes Guimarães quando foi assinada a paz entre federalistas e republicanos, mostrando a visão do momento:

> O passo-fundense e líder maragato, Prestes Guimarães, assim se expressava quando foi assinada a paz: "Os rio-grandenses querem e hão de conseguir o governo do povo e para o povo. Democracia e liberdade, estas duas rodas do carro da civilização humana, serão puxadas pelo parlamentarismo…". "Quando a nós não acreditamos em paz, senão cimentada no amor, na fraternidade, na liberdade e na justiça. Porém, campeia o ódio, impera a tirania e vinga em toda a parte o rancor e a iniquidade…" E Prestes Guimarães arremata: "Será uma brilhante realidade a paz pactuada em 23 de agosto? Talvez…".[7]

A disputa sangrenta trouxe, entre outros prejuízos, certa estagnação no ensino. Sem registros da história da educação no período de 1890 a 1897, conforme pesquisa de Gehm[8], apenas em 1898 foi criada uma escola isolada na cidade, com regência da professora Ana Luiza Ferrão Teixeira (D. Zoca). Em 1911, o

6. Gehm, *Passo Fundo através do tempo*: fatos, usos, costumes e valores.
7. Welci Nascimento, *Maragatos e pica-paus*: por que brigam tanto?, p. 30.
8. Gehm, *A cronologia do ensino em Passo Fundo*.

desenvolvimento deu origem ao Colégio Elementar, o primeiro da região, que em 1939 foi transformado no Grupo Escolar Protásio Alves. A escola, da rede pública estadual, atendendo a educação básica, ainda é atuante no município.

O embate federalista e suas disputas políticas e ideológicas fizeram-se notar em outros segmentos das letras, quais sejam, os meios de comunicação. De acordo com Rosa[9], o primeiro veículo surgido em Passo Fundo foi o *Eco da Verdade*, fundado em 1890, que circulou até 1891, órgão do Partido Republicano editado pelo advogado Gervásio Lucas Annes. Foi substituído pelo *17 de Junho* e depois pelo *Gaúcho*, fundado em 1899.

Ainda nessa linha de representação político-partidária há *O Progresso* e *O Nacional*, este fundado em 1925, seguindo as mesmas prerrogativas e orientações que anteriormente representavam os jornais do Partido Republicano. Em 1935, o *Diário da Manhã* foi fundado em divergência, demarcando posições políticas antagônicas às de *O Nacional*. Ambos subsistem até a atualidade. Paralelamente à circulação e existência desses jornais, houve o surgimento de periódicos literários, humorísticos, críticos e de propaganda comercial.

Rosa[10] mostra que é perceptível um desenvolvimento econômico significativo na cidade e na região no período compreendido entre 1860 e 1934. Primeiramente, houve um crescimento maior no setor comercial, atuando entre diferentes regiões do interior do Rio Grande do Sul e também com o mercado nacional. Posteriormente, um avanço no setor industrial, que produzia também para o mercado regional, ligado ao setor primário da produção.

Nas décadas de 1910 e 1920, o espaço urbano modernizou-se com a construção de sobrados e palacetes na região central, a instalação de sarjetas nas ruas, a troca de postes de iluminação e os melhoramentos das praças. Além disso, a edificação de prédios

9. Luísa Grogoletti Dalla Rosa, *A vila se constituindo em cidade*.
10. Luísa Grogoletti Dalla Rosa, *A vila se constituindo em cidade*.

para as casas de comércio, a construção dos hospitais e a instalação de linhas de telefone contribuíram para a transformação da cidade.

Após o marco da fundação do município, em 1857, outras três etapas aconteceram, segundo Miranda e Machado[11]: o uso estratégico e político do estado para legitimar a história oficial, por meio de nomes de ruas que incorporavam heróis e datas do período (a partir de 1909); a expansão urbana e os loteamentos que crescem em grande escala (1928); e a volta dos nomes locais como "heróis", o que desvia a atenção da referência nacional (1970). Com esse cenário, os fatos são registrados de maneira a construir Passo Fundo como uma terra de passagem que se tornou estada para, atualmente, mais de 200 mil habitantes.

O papel dos jornais na cultura letrada passo-fundense

O surgimento de periódicos é marca importante para pensar em cultura letrada, pois é por meio deles que a escrita e a leitura crescem e se popularizam no município. De acordo com Gehm[12], na história do município, os principais periódicos são:

• *Eco da Verdade*: o primeiro jornal de Passo Fundo foi lançado em 1890 como veículo republicano, com publicação impressa semanal. O gerente era Manoel Francisco de Oliveira, conhecido como Manequinho, e a redação era organizada pelo Cel. Gervásio Lucas Annes. Entre os colaboradores estavam: Antônio José Pereira Bastos, Gezerino Lucas Annes, Saturnino Victor de Almeida Pilar, Antônio Manoel de Araújo, Cândido Lopes de Oliveira e Gasparino Lucas Annes. O caixista e impressor, Teodolino Vilanova, fundou a primeira tipografia do município. A publicação, que tinha sede na Rua Paissandu, esquina com a 15 de Novembro, seguiu até novembro de 1891.

11. Fernando Borgmann Severo de Miranda e Ironita Policarpo Machado, *Lugar de passagem*: toponímia e patrimônio.

12. Gehm, *Passo Fundo através do tempo*: fatos, usos, costumes e valores.

• A *Violeta*: fundado em 1891, teve efêmera duração. Também organizado por Manoel Francisco de Oliveira, tinha o formato de 23 x 33 cm, com quatro páginas e pouca tiragem. Gezerino Lucas Annes foi ativo colaborador.

• *17 de Junho*: também de curta duração, surgiu em substituição ao *Eco da Verdade* e foi o jornal porta-voz do castilhismo. Circulava como folha semanal e trazia um choque de ideias com as vozes daqueles que estavam ao lado de Silveira Martins.

• *O Palco*: o periódico literário do Grêmio Dramático Passo-Fundense publicava a produção literária de jovens e adultos com temáticas voltadas às belas artes e à encenação de peças teatrais. Seguiu com publicações até o ano de 1900.

• *O Viajante*: surgido em outubro de 1897, funcionava como veículo de propaganda da Loja Serrana, de Gabriel Bastos.

• *O Gaúcho:* ainda seguindo a linha do castilhismo, surgiu em 1899, em pequeno formato de 35 x 53 cm e quatro páginas, tendo aspecto superior aos jornais anteriores. De longa duração comparado aos seus congêneres, abriu para a imprensa de Passo Fundo uma nova era. Mais uma vez, o Coronel Gervásio Lucas Annes estava à frente. Em 1912, Nicolau de Araújo Vergueiro e Jovino da Silva Freitas ocuparam lugar de destaque como responsáveis. Já em 1915, o jornal teve como diretor Brasílico Gabriel de Oliveira Lima.

• *O Avança*: fundado em 1909, era de propriedade de Queiroz Ribeiro, lembrado como "homem voltado para artes e de requintado humorismo"[13]. Já em 1911 não estava mais em circulação.

• *O Guiso*: criado por J. Vargas, tinha caráter crítico: por isso "era visto como grasnador e irônico impiedoso"[14].

13. *Ibid*., p. 226.
14. *Ibid*., p. 227.

• *O Progresso*: tido como "o verdadeiro seguidor de *17 de Junho*"[15], por servir à causa republicana. Contava com colaboração de Nicolau de Araújo Vergueiro e Jovino da Silva Freitas.

• *A Voz da Serra*: surgiu em 1916 com direção de João Batista Cúrio de Carvalho. Informativo, teve como articulista Antônio Bittencourt de Azambuja.

• *O Regime*: fundado em 1917 por Renato de Sá Brito, foi um jornal noticioso com pouca força.

• *A Época*: surgiu em 1921, com patrocínio de Ney de Lima Costa, Herculano Annes e Píndaro Annes.

• *A Vanguarda*: criado por Ney de Lima Costa em 1923, teve como gerente Marcelino Rodrigues Braga, que era um entusiasta dos meios de comunicação impressos.

• *O Nacional*: fundado por Herculano Annes em 1925, o jornal seguia as mesmas orientações dos jornais do Partido Republicano. Anos mais tarde, *O Nacional* passou a ser propriedade do jornalista passo-fundense Múcio de Castro, que ficou à frente da publicação até o dia 31 de agosto de 1981, quando faleceu. O jornal circula até os dias de hoje em Passo Fundo, sendo considerado o jornal de maior tiragem. Ainda hoje, o jornal é comandado pela família Castro.

• *Diário da Manhã*: fundado pelo jornalista Túlio Fontoura em 1935, em divergência com os republicanos, demarca posições políticas antagônicas às de *O Nacional*. O jornal *Diário da Manhã* também circula até os dias de hoje, pertencendo ao Grupo Diário da Manhã, que conta com uma rede de rádios. Túlio foi diretor até 1979, ano em que faleceu.

Em artigo que revisita a mídia impressa em Passo Fundo nos primeiros 50 anos da cidade, das jornalistas Sônia Bertol e Fabíola Frosi (2007), outros periódicos são citados. *A Gazeta*, por exemplo, surgiu em 1924, tendo como primeiro diretor o Major Carlos de Araújo e Silva. Mais tarde, em 1926, o jornalista

15. *Ibid*., p. 227.

Túlio Fontoura deixou de ser repórter do *Correio do Povo* para assumir *A Gazeta*. Logo mais, em 1929, surgiu a *Tribuna Gaúcha*, jornal dirigido por Jeferson Carvalho Dantas, pelo gerente José de Douza Barros e pelo editor Waldemiro Portugal. No ano seguinte, foi criado o *Jornal da Serra*, de propriedade de Asterio Canuto de Souza, tendo como gerente Gustavo Gonzaga.

Com o fechamento de *A Gazeta*, Túlio Fontoura funda, em 1931, *A Luta*. Com curta duração, o jornal foi fechado em 1932 por ordem do interventor federal Flores da Cunha, devido ao fato de o periódico ter se posicionado a favor dos paulistas e contra Vargas. Com o episódio, Túlio foi combater no movimento armado iniciado em Soledade, onde foi preso e expatriado para Portugal. Ficou cinco meses na prisão; depois da liberdade, começou o jornal *A Razão* e, mais tarde, fundou o *Diário da Manhã*.

Um passo à frente: os clubes de literatura e de cultura

Entre o final do século XIX e o início do século XX, Passo Fundo contou com a fundação de diversos clubes de natureza letrada, os quais promoviam a literatura, as artes e a leitura. Em Gehm[16], Paulo Monteiro[17], Welci Nascimento[18] e d'Avila[19] encontram-se os registros dessa parte da identidade cultural do município. Suas pesquisas apontam os seguintes clubes:

• *Clube Literário Amor à Instrução*: surgiu em 1883, sendo a primeira instituição cultural de Passo Fundo voltada às letras e à literatura. Funcionou, no início das atividades, na Avenida Brasil Oeste e, posteriormente, sua sede foi ao lado do prédio dos atuais museus Museu de Artes Visuais Ruth Schneider (MAVRS) e Museu Histórico Regional (MHR). Em 1891, o Clube União

16. Delma Rosendo Gehm, *Passo Fundo através do tempo*: histórico e administrativo.
17. Paulo Monteiro, *Passo Fundo: história e cultura*.
18. Welci Nascimento, *Academia Passo-Fundense de Letras*: alguns dados relevantes.
19. Ney Eduardo Possapp d'Avila, *Passo Fundo terra de passagem*.

Recreativo passou a integrar a entidade. A última ata do Amor à Instrução foi lavrada a 3 de setembro de 1892, época em que o estado vivia clima pré-revolucionário, que culminou na Revolução Federalista.

Com base em uma cópia datilografada de "Clube Literário Amor à Instrução", de autoria de Nicolau Araújo Vergueiro, o historiador Paulo Monteiro (2013) traça a evolução histórica deste que foi um dos clubes mais marcantes para a história letrada de Passo Fundo. Vergueiro era médico e farmacêutico por formação e, ainda hoje, é referência na política passo-fundense.

A reconstituição surgiu a partir da descoberta de duas caixas de livros e documentos antigos no prédio da atual Academia Passo-Fundense de Letras, com diversas informações acerca do Clube. Na época de fundação, o presidente foi Gasparino Lucas Annes, além dos sócios-fundadores diretos Diogo de Oliveira Penteado, Felício Bianchi e Pedro Lopes de Oliveira.

Sobre a rica biblioteca do Clube, o autor relaciona o que mais se destacava:

> O Clube mantinha uma rica biblioteca, onde se destacavam autores que se tornaram clássicos, como Fagundes Varela, Melo de Moraes, Alexandre Dumas, Aluízio Azevedo, Pinheiro Chagas, Camilo Castelo Branco, Voltaire, Tomás Antônio Gonzaga, Almeida Garrett, Chateaubriand, Lord Byron, Júlio Verne e Guerra Junqueiro. Além disso, podiam ser encontrados diversos dicionários, muitos volumes com discursos e até uma edição do Alcorão, em francês. Além dos livros oferecia diversos jornais aos associados.[20]

Gehm traz nomes de obras citadas por Vergueiro na publicação:

> Eis o que foi possível relacionar, em nomes: Coleção ilustrada de jornais da Corte, Arquivo poético, Os predestinados, Os lobos de Paris, A calúnia, O bígamo, A cidade

20. Paulo Monteiro, *Passo Fundo*: história e cultura.

> do vício, Os filhos da fé, Coleção de jornais da capital da província, Discursos do Barão de Cotegipe (1888), Processos instaurados contra o dr. Miguel Rodrigues Barcellos, Notícias políticas do Brasil, A atriz Apolônia. Comentários locais.[21]

Os integrantes faziam a leitura de trabalhos em prosa e verso, não apenas de associados, e discutiam teses e temas propostos nas reuniões semanais. Ainda de acordo com Monteiro[22], Nicolau de Araújo Vergueiro transcreve alguns escritos como: "Até onde vai o amor de mãe?", de Gasparino Lucas Annes; "São benéficos os resultados produzidos pela instrução popular?", de Antônio Stenzel Filho; "O que é o direito diante da força?", de Gervásio Lucas Annes; "Existe ou não revelação nos sonhos?", de Cândido Lopes de Oliveira.

O Clube também era ligado às peripécias políticas e organizou a guarda republicana durante a Revolução Federalista, constituída de aproximadamente cem voluntários, sob o comando geral do Coronel Gervásio Lucas Annes. Segundo Monteiro:

> As atividades culturais do clube cessaram durante a Revolução Federalista, quando a sede foi transformada em local de treinamento e aquartelamento das forças governistas, e até como hospital de emergência. "A sua biblioteca virou estilhas... livros desemparceirados, rasgados... enfim, verdadeiramente fragmentada e inutilizada", retrata Nicolau de Araújo Vergueiro.[23]

Com a Revolução de 1893, se não todo, grande parte do material do Clube foi perdido, principalmente os trabalhos autorais, que seriam de relevância para ilustrar a cultura letrada da época. Em 1899, passada a revolução, aconteceu uma reunião para reorganizar o Clube. Entretanto, a ideia não avançou, devido, provavelmente,

21. Gehm, *Passo Fundo através do tempo*: histórico e administrativo, p. 62.
22. Welci Nascimento, *Maragatos e pica-paus*: *por que brigam tanto?*
23. Monteiro, *op. cit*.

ao falecimento de Gasparino Lucas Annes, considerado a grande alma do Clube. A continuidade das atividades deu-se com o Grêmio Passo-Fundense de Letras, fundado em 1938.

• *Clube do Toco da Vela*: o historiador Ney Eduardo Possapp d'Avila (1996) apresenta uma parte não tão conhecida da história; paralelo ao Clube Amor à Instrução existiu um clube clandestino, o Clube do Toco da Vela. Na época era um ponto de encontro dos republicanos e foi apelidado por zombaria pelos integrantes da vila.

O nome se originou por duas razões: as reuniões aconteciam na oficina do marceneiro Augusto Reichmann e "os "sócios" eram tidos como pobretões incapazes de adquirir uma boa lamparina".[24] Logo, o espaço tornou-se ponto de encontro de jovens letrados. Em 1890, fundaram o *Eco da Verdade*, o primeiro jornal passo-fundense.

O autor ainda conta que existiam dois grupos políticos na vila, Partido Liberal e Partido Conservador. Foi com a movimentação do Clube que aconteceu o despertar cultural da comunidade e uma maior preocupação com a escolarização.

• *Clube Literário e Recreativo Passo-Fundense*: segundo Gehm[25], este Clube foi instalado em 1891, porém teve efêmera existência pela situação revolucionária de 1893. O presidente foi Pantaleão Ferreira Prestes.

• *Clube Literário e Recreativo*: foi fundado em 1897, tendo como presidente Francisco Antonino Xavier e Oliveira, poeta e historiador.[26] O Clube criou um corpo cênico de amadores para reconstruir parte do velho teatro da Praça Tamandaré. Entre os sucessos estavam encenações de dramas e comédias.

24. Ney Eduardo Possapp d'Avila, *Passo Fundo terra de passagem*, p. 107.
25. Gehm, *Passo Fundo através do tempo*: fatos, usos, costumes e valores.
26. *Ibid.*

• *Grêmio Dramático Passo-Fundense*: em continuidade ao Clube Literário e Recreativo[27], fundou-se esta instituição em 1899, tendo como primeiro presidente Antonino Xavier e Oliveira. O Grêmio construiu um palco no edifício do Clube Literário Amor à Instrução, no qual eram apresentadas peças teatrais. É da movimentação dos seus integrantes que se originou o periódico *O Palco*.

• *Clube Pinheiro Machado*: Gehm[28] registra que foi fundado em 1904 e homenageava José Gomes Pinheiro Machado, na época Senador da República pelo Rio Grande do Sul. Instalado no salão onde funcionava o Amor à Instrução, o Clube defendia os interesses do Partido Republicano. De 1929 a 1932 foi instalada, no local, a Escola Complementar, ocupando, assim, o edifício do *Clube*. Nesse período, passaram pela diretoria o Intendente Nicolau de Araújo Vergueiro e Arthur Langaro. Após a implantação do Estado Novo, o Clube Pinheiro Machado tornou-se domínio da Prefeitura. Em 1938, por cedência do então prefeito Arthur Ferreira Filho, foi instalado e fundado em suas dependências o Grêmio Passo-Fundense de Letras.

• *Grêmio Passo-Fundense de Letras*: o Grêmio é tido como a continuidade das atividades do Clube Literário Amor à Instrução, sendo fundado em 1938 pelos membros Herculano Araújo Annes, Gabriel Pereira da Costa Bastos, Jorge Edethe Cafruni e Antonino Xavier e Oliveira. De acordo com Monteiro:

> Quando analisamos as atividades do Clube Literário Amor à Instrução saltam à vista duas iniciativas importantes: a organização de uma biblioteca, de enormes proporções em relação à população alfabetizada, e a realização de debates sobre temas determinados com antecedência. E se confrontamos essas práticas com as atividades do Grêmio Passo-Fundense de Letras,

27. *Ibid.*
28. *Ibid.*

> fundado no dia 7 de abril de 1938, vemos que essas duas práticas têm continuidade na instituição que, a 7 de abril de 1961, se transformaria na atual Academia Passo-Fundense de Letras.[29]

Jorge Edethe Cafruni é conhecido, principalmente, pelo romance *Irapuã*, inspirado no indianismo de José de Alencar, tanto que é ambientado no Ceará e aborda a temática do indígena, no estilo romântico. A obra teve duas edições em vida do autor. Foi poeta, cronista e romancista influente na cidade, em meados do século XX.

Como consta na obra de Monteiro (2013), foi o Grêmio que propôs a criação da Biblioteca Pública Municipal, hoje Biblioteca Pública Municipal Arno Viuniski, oficializada pelo decreto n. 6, de 2 de abril de 1940, pelo prefeito Arthur Ferreira Filho. As atividades renderam os livros *A Atlântida* (1948) e *Aborígenes pan-americanos* (1950), de Gabriel Bastos. Em 1961, surgiu a Academia Passo-Fundense de Letras.

• *Academia Passo-Fundense de Letras (APL)*: Welci Nascimento[30] explica que a Academia Passo-Fundense de Letras surge após vinte e três anos de trabalho literário e desenvolvimento das letras pelo Grêmio Passo-Fundense de Letras. Em 1961, a nova instituição é criada e tem como primeiro presidente o poeta, prosador e professor Celso da Cunha Fiori. A partir de então, a Academia é referência para escritores de Passo Fundo, mantendo a finalidade de incentivar a produção literária, descobrir novos escritores e impulsionar a cultura de modo geral.

Atuante até os dias de hoje, a APL reúne obras literárias dos mais diversos gêneros: são poesias, ensaios, discursos, crônicas e críticas literárias. Entre outras publicações estão o *Anuário da Academia Passo-Fundense de Letras*, que tem a intenção de perpetuar a história literária com base em pesquisa bibliográfica

29. Monteiro, *op. cit*.
30. Welci Nascimento, *Academia Passo-Fundense de Letras*: alguns dados relevantes.

e histórica; as publicações em jornais literários, como *O Guarani*, e a *Água da Fonte*, uma revista com circulação semestral.

A entidade vem assumindo, cada vez mais, o papel de promover a literatura de Passo Fundo. Com esse propósito, realiza, dentre outras iniciativas, a Semana das Letras Passo-Fundenses, os concursos literários, as oficinas de criação literária e a Comenda do Mérito Cultural Sante Uberto Barbieri. Também, é entidade participante do Prêmio Literário Cidade de Passo Fundo, concedido a poetas, cronistas, contistas e romancistas locais, da Feira do Livro, do programa de televisão Literatura Local.

. *Grupo Literário Nova Geração*: grupo formado na década de 1970 por jovens estudantes, entre quinze e vinte e cinco anos. Reunia poetas, trovadores, escritores, letristas, compositores. Seu idealizador foi Ubiratan Porto, jovem poeta que já mantinha uma coluna no jornal *O Nacional*, "Da prosa ao verso", na qual garantia espaço de divulgação a escritores contemporâneos, e também publicava seus poemas no jornal *Dário da Manhã*. Paulo Monteiro, que foi integrante do Grupo e hoje é um importante pesquisador da história da cultura de Passo Fundo e um comprometido divulgador da literatura local, além de membro da APL, afirma que, a partir de 1971, os membros do Grupo reuniam-se sempre aos domingos. Uma das primeiras obras importantes que produziram foi a coletânea de poemas *Presença* (1971). A impressão deu-se em mimeógrafo, algo comum a poetas moços daquela época. Essa prática formou a chamada Geração do Mimeógrafo.

A fundação oficial do Grupo Literário Nova Geração deu-se a 29 de julho de 1971, com eleição da primeira diretoria, da qual Ubiratan Porto foi presidente. A partir de então, lançaram a revista *Presença* (14 de agosto de 1971; segue até 1974), voltada à publicação dos poetas, e ocuparam ainda mais espaço na mídia local, como a criação da coluna "Presença — É Nova Geração", no *O Nacional*, e o quadro "Nova Geração Presente", na Rádio Planalto. Em julho de 1973, o Grupo promoveu o I Concurso

Colegial de Conto e Poesia, ação que demonstra a boa atuação do quadro dos membros efetivos. Em 1975, o Grupo apresentava relativa redução, pois muitos integrantes tiveram de se desligar devido a estudos em outras cidades, às circunstâncias de trabalho ou à família. Mesmo assim, contava com um quadro de quarenta e três membros, sendo alguns de outras cidades, fato este que sugere o prestígio do Grupo na região, que, então, atuava tanto na poesia quanto na prosa. Realizaram, em 1976, o II Concurso Estadual de Conto e Poesia. Algumas iniciativas individuais de membros do Nova Geração também foram marcantes para a produção literária. Como exemplo, há o jornal literário *Quero-Quero*, criado por Paulo Monteiro, que era enviado para quinhentos escritores de todo o país.[31]

As exigências da vida prática dos integrantes foi dificultando a continuidade da instituição, sendo que, em 23 de janeiro de 1982, foi eleita a última diretoria do Grupo Literário Nova Geração. O pesquisador e membro do grupo destaca que tudo aconteceu no período de ditadura do Brasil. E conclui: "A produção do Grupo Literário Nova Geração insere-se dentro dessa época, e é por isso que nessa mesma época se encerra, quer dizer, é contida e concluída. É impossível estudá-la fora desse tempo. Por isso, também, muitos poetas abandonaram a literatura, que só teria sentido naquele período de trevas".[32]

• *Jornadas Literárias*: o cenário da cultura letrada do município modifica-se visivelmente a partir da década de 1980. Nessa época, a literatura passa a ser tema de um encontro de escritores e leitores que, hoje, é reconhecido como uma das maiores movimentações literárias da América Latina: a Jornada Nacional de Literatura, promovida numa parceria entre a Universidade de Passo Fundo e a Prefeitura de Passo Fundo.

31. *Ibid*.
32. *Ibid*.

A presença dos maiores nomes da literatura nacional e internacional contemporânea tem sido, em cada edição das Jornadas, um recurso importante no processo de motivação dos leitores e de incentivo aos escritores locais e regionais. O público experienciou, logo no primeiro encontro, em 1981, essa natureza da iniciativa, pois deparou-se com Josué Guimarães, Cyro Martins, Carlos Nejar, Moacyr Scliar e Mario Quintana. Josué passou a se envolver também como coordenador, desempenhando papel fundamental na evolução inicial do evento. O que passa a ocorrer é uma Jornada que, com um crescente número de escritores, assim como de público e de atividades agregadas, caracteriza-se como um evento de interfaces com as mais diferentes práticas culturais e artísticas.

Da parceria com Josué Guimarães em vida, nas Jornadas, nasce a confiança da família em disponibilizar o seu acervo à Universidade de Passo Fundo, a fim de que professores e alunos possam realizar pesquisas, conservando a memória e a história singular do escritor. Foi pelas Jornadas e com elas que Passo Fundo tornou-se a Capital Nacional e Estadual da Literatura, títulos configurados em lei.

No contexto da pandemia de Covid-19, as Jornadas sofreram modificações em sua estrutura. Autores e público, numa programação permanente, denominada Jornada em Movimento, passaram a se encontrar de forma virtual. De todo modo, pode-se retraçar uma história de impressionantes feitos a partir do evento: por um lado, pela presença de incontáveis escritores e intelectuais, do Brasil e de vários outros países, em conferências, mesas-redondas e outras atividades de grande impacto, e, por outro, pela disseminação, em toda a região de Passo Fundo, de uma série de atividades regulares de inegável mérito, que se desdobravam entre uma Jornada e outra, formando leitores e incentivando a criatividade.

No âmbito das Jornadas, considerando a experiência de promoção da literatura e da leitura que o evento consolidava, criou-se

a Jornadinha Nacional de Literatura. Assim, crianças e jovens estudantes participam de uma programação específica, com autores e obras adequados à fase escolar em que se encontram.

Essas instituições e eventos construíram a identidade cultural e literária de Passo Fundo e, assim, contribuíram para que o município fosse terra de escritores e intelectuais de expressão nacional e internacional. De fato, há nomes bem conhecidos que ilustram a presença das letras passo-fundenses em outros locais, como Tomé Gonçalves Ferreira Mendes, Tarso de Castro, Mário Corso, Pablo Morenno, Daniel Kondo e Mar Becker.

Tomé Gonçalves foi um membro do Clube Amor à Instrução que tem narrativas e poemas publicados em diversos almanaques do Brasil no fim do século XIX. Tarso de Castro, filho do consolidador do jornal *O Nacional*, Múcio de Castro, foi um grande jornalista do cenário nacional nas décadas de 1960 a 1980. Figura famosa por sua personalidade forte, foi um dos fundadores do jornal *O Pasquim*, no Rio de Janeiro, uma importante publicação de oposição ao regime militar, cuja primeira edição foi em junho de 1969. Nesse projeto, Tarso conviveu com grandes nomes da cultura escrita nacional, como Jaguar, Sérgio Cabral, Carlos Prosperi, Claudius, Carlos Magaldi e Murilo Reis. Coube ao passo-fundense dirigir o jornal desde o lançamento até outubro de 1970. Também criou o caderno "Folhetim" do jornal *Folha de S. Paulo*.

Mário Corso é um psicanalista que mescla sua profissão com a escrita. Em suas obras, algumas em coautoria com sua esposa, Diana Lichtenstein Corso, trata do folclore brasileiro, cria histórias infantis e crônicas. Foi finalista do Prêmio Jabuti e recebeu a menção honrosa em 2002, por *Monstruário*: inventário de entidades imaginárias e de mitos brasileiros. Pablo Morenno é autor e editor de livros infantis, juvenis e adultos. Foi finalista do Prêmio Açorianos e fez parte do catálogo da Fundação do Livro Infantil apresentado na Feira do Livro Infantil de Bolonha, no ano de 2017. Outro a destacar é Daniel Kondo, conhecido

ilustrador, designer e autor de livros infantis. Como ilustrador, foi três vezes finalista no Jabuti e venceu o João de Barro.

Mar Becker é uma das jovens autoras contemporâneas mais importantes da poesia brasileira. Sua estreia na literatura ocorreu em 2020, com o livro *A mulher submersa*, o qual recebeu o Prêmio Minuano de Literatura 2021 e foi finalista do Prêmio Jabuti 2021. O *Suplemento Pernambuco* e a "Quatro Cinco Um", revista literária da *Folha de S.Paulo*, indicaram-no como um dos melhores livros de 2020. Seu segundo livro, *Sal*, recebeu o Prêmio da Associação Gaúcha de Escritores 2023 e foi finalista do Prêmio Academia Rio-Grandense de Letras 2023. Hoje, já é uma poeta de reconhecimento internacional, com o livro *Canção derruída*, publicado em Portugal, em 2023, e com poemas traduzidos para o inglês, publicados no *Columbia Journal*, da Escola de Artes da Universidade de Columbia, e para o francês, publicados na revista literária *Europe*, fundada em 1923 por Romain Rolland.

Uma referência literária da região de Passo Fundo

Na região de Passo Fundo, destaca-se um escritor que, hoje, tem sua literatura consagrada para além dos espaços locais. Trata-se de Gladstone Osório Mármy, de Erechim, cuja relação com as letras inicia ainda nos primeiros anos de escola, criando jornais escolares e divulgando, neles, a literatura dos adolescentes. A sua primeira publicação literária é de 1958: *Minha morte e outras vidas*. Em 1962, lança a novela *Gatos à paisana*, com a qual ele passa a ser conhecido pela principal característica de sua literatura, a sátira, geralmente de cunho político-social. Com humor, tratava da falta de ética nessa área. Em 1972, com *Cogumelos de outono*, e em 1974, com *Cágada*, ele se inclui na literatura de imigração e colonização do estado, fazendo representações da etnia judaica. Com *Forúnculo*, de 1994, o seu estilo satírico aparece enriquecido.

Referências

ANNES, Alceu Oliveira. *Genealogia Lucas Annes*. Disponível em: https://projetopassofundo.wiki.br/images/9/93/GENEALOGIA_LUCAS_ANNES.pdf. Acesso em: 15 set. 2017.

D'AVILA, Ney Eduardo Possapp. *Passo Fundo terra de passagem*. Passo Fundo: Gráfica e Editora Pe. Berthier: Passo Fundo, 1996.

BERTOL, Sônia; FROSI, Fabíola. O surgimento da mídia impressa no município de Passo Fundo: os primeiros 50 anos. *In*: BATISTELLA, Alessandro (Org). *Passo Fundo, sua história*. Passo Fundo: Méritos, 2007. v. I. p. 135-154.

GEHM, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*: histórico e administrativo. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2016. v. 1.

GEHM, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*: fatos, usos, costumes e valores. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2016. v. 2.

GEHM, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*: enfoques gerais. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2016. v. 3.

GEHM, Delma Rosendo. A *cronologia do ensino em Passo Fundo*. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2012.

MIRANDA, Fernando Borgmann Severo de; MACHADO, Ironita Policarpo. Lugar de passagem: toponímia e patrimônio. *In*: ZANOTTO, Gizele; MACHADO, Ironita Policarpo (Org.). *Momento patrimônio*. Passo Fundo: Aldeia Sul, 2013. v. II. p. 45-62.

MONTEIRO, Paulo. *Passo Fundo*: história e cultura. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2013.

NASCIMENTO, Welci. *Academia Passo-Fundense de Letras*: alguns dados relevantes. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2012.

NASCIMENTO, Welci. *Maragatos e pica-paus*: por que brigam tanto? Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2012.

NASCIMENTO, Welci. *Ubiratan Porto, o poeta*. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2012.

ROSA, Luísa Grigoletti Dalla. A *vila se constituindo em cidade*. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2012.

Moisés Mendes

2.9.9

Alegrete

No início dos anos 1970, o poeta Hélio Ricciardi repetia quase sempre a mesma história aos visitantes, enquanto descia as escadas que levavam ao porão da *Gazeta de Alegrete*, que ele dirigia. Ricciardi contava: quase todos os que desciam por aquele buraco com cheiro de tinta e chumbo, na condição de tipógrafo, saíam como poetas. Havia sido assim em todas as outras sedes do jornal. Foi assim desde o começo, quando a *Gazeta* passou a circular, em 1882.

Alegrete teria produzido mais tipógrafos poetas do que jornalistas. O historiador Leandro Telles explicava o fenômeno sob o ponto de vista de quem via na *Gazeta* e em outros jornais da cidade a índole para a literatura, mais até do que para o jornalismo.

"Alegrete tem o maior número de poetas por quilômetro quadrado", escreveu Telles no "Caderno de Sábado", o suplemento literário do *Correio do Povo*, em 1º de agosto de 1976, sem esclarecer se a constatação valia para o estado ou o Brasil, ou quem sabe, por conta dos superlativos do Alegrete, para o mundo todo.

Alegrete teve poetas simbolistas que se levaram tão a sério a ponto de um deles, Dionísio Vilarinho, matar-se por amor no mesmo dia da namorada, e outro, Alceu Wamosy, sabendo-se com poucos dias de vida, casar-se com a musa dias antes de morrer. Um outro, Tyrteu Vianna, esforçou-se para ser lido por

pouca gente, selecionada por ele. Foi reconhecido, depois de morto, como um dos grandes modernistas gaúchos, o que até hoje poucos sabem.

Todos os três citados não eram alegretenses, mas se consagraram como poetas em Alegrete. Um dos primeiros escritores de Alegrete também não era alegretense. José Joaquim de Campos Leão morou ali de 1857, quando a vila virou cidade, até 1861. Criou uma escola, O Alegretense, foi subdelegado de polícia e vereador. Quando retornou a Porto Alegre e começou a enlouquecer, fundou o jornal d'A *Justiça*, mas que circulava em Alegrete, para afrontar a imprensa do estado da época, porque se sentia discriminado como pensador.

José Joaquim era o Qorpo-Santo, que em 1862 iria antecipar-se ao que um dia seria chamado de teatro do absurdo, com a *Ensiqlopédia ou Seis mezes de huma enfermidade*. Foi o primeiro jornalista-literato com passagem por Alegrete a ter reconhecimento estadual — depois de morto, é claro.

Qorpo-Santo morreu em 1883, um ano depois do surgimento da *Gazeta*, que está na origem da disseminação da literatura pela cidade e pela Fronteira Oeste. O jornal publicou, após sua morte, textos com suas obsessões: a reforma ortográfica, o desejo de total submissão da mulher ao homem e o fim do celibato para os padres.

No que Alegrete intuiu que o louco Qorpo-Santo poderia inspirá-la a produzir literatura com o mesmo ímpeto com que se produziam bois e ovelhas no latifúndio? É a *Gazeta* que publica, no ano da sua criação, em 1882, em sua gráfica e editora, a Coqueiros, a peça teatral abolicionista *O filho de uma escrava*, de Aparício Mariense da Silva, político de São Borja, como conta o historiador Walter Spalding no artigo "Alegrete e a nova geração de escritores", publicado em 1957 na mesma *Gazeta*.

Produzia-se literatura porque um jornal e uma editora acolhiam seus criadores. Mas é provável que a *Gazeta*, fundada pelo

fazendeiro Luís de Freitas Vale, o Barão de Ibirocaí, para defender o abolicionismo, tenha consagrado sua face literária por acaso.

O argentino José Celestino Prunes foi morar em Alegrete e assumiu a direção do jornal em 1891. Um dos filhos dele, o adolescente José Fredolino, criara em 1888, aos 15 anos, o jornal literário *Til*, cujo nome é uma homenagem à mãe, Malvina Tielet Prunes.

Em 1893, estoura a revolução que opõe os maragatos ao governo de Júlio de Castilhos. Os tipógrafos, convocados pelos maragatos, maioria no centro da região rebelada, foram à luta armada. A *Gazeta* deixou de circular.

O *Til* substituiu a *Gazeta* por quatro anos graças à colaboração dos literatos. Quando a *Gazeta* volta a ser impressa, em 1897, a literatura está entranhada nos Prunes e no jornal. É de 1897 o romance, ou crônica romanceada, *Recordações gaúchas*, do jornalista Luís Araújo Filho, o LAF. A editora: a gráfica Coqueiros. A origem de LAF: a tipografia.

LAF foi redescoberto pelo professor e crítico literário Guilhermino Cesar, nos anos 1970. É considerado o primeiro prosador do Realismo gaúcho. O também professor e crítico Flávio Loureiro Chaves escreveu que LAF "ofereceu o melhor exemplar da expressão naturalista em toda a literatura gaúcha" porque compõe "uma fotografia exata da paisagem, anota objetivamente os fatos históricos, registra o linguajar e os hábitos dos tropeiros, transcreve o folclore".[1] LAF inspirou com sua prosa a abordagem que Simões Lopes Neto faria mais adiante do mundo gauchesco. Araújo escrevia para o *Til* e também foi diretor da *Gazeta*.

José Celestino e os seis filhos encharcam a Fronteira Oeste de literatura. Um deles, Cirino, cria, aos 16 anos, em 1906, o jornal literário *Íris*. Cirino também escreve e encena peças. Bem mais adiante, Almerinda, filha do José Fredolino do jornalzinho

1. Flávio Loureiro Chaves, *Matéria e invenção*: ensaios de literatura, p. 14.

literário *Til*, letrada, fluente em francês, viria a ser uma das grandes amigas de Mario Quintana.

Os Prunes foram, por meio século, os animadores da literatura que deu fama a Alegrete, com Quintana, Tyrteu Vianna, Alceu Wamosy, Sergio Faraco. Quintana (1909–1994) é certamente o poeta mais famoso da cidade, que só foi conhecê-lo muito tempo depois. Com dezoito anos, Quintana havia se mudado para Porto Alegre. Era um eventual e pouco conhecido colaborador da *Gazeta*.

A Praça Getúlio Vargas, a principal da cidade, tem em placa de bronze a perenidade da marca de Quintana — a ironia, a mesma com que finge depreciar uma homenagem da Prefeitura, de 1968. O prefeito Adão Houayek, também poeta, pediu a ele que escolhesse um verso para gravar na placa. Quintana fez troça: "Um engano em bronze é um engano eterno". É o que ficou gravado.

Mario Quintana foi colaborador da revista *Ibirapuitã*, editada mensalmente entre 1938 e 1939 e que voltou a circular em 1967. O poeta Felisberto Soares Coelho, o Fidêncio Caigoaté, é seu fundador. A ressurreição da publicação é assegurada, no final dos anos 1960, pelo poeta Antônio Brasil Milano e pelo estudante Sergio Faraco.

Ibirapuitã e a revista *Cadernos do Extremo Sul*, esta publicada a partir de 1953, são considerados dois casos únicos no interior do estado pelo crítico Carlos Reverbel. Os *Cadernos*, com periodicidade incerta, são uma invenção do corretor de imóveis, jornalista e poeta Hélio Ricciardi — considerado o grande amigo de Quintana –, com a ajuda de novo de Fidêncio e do advogado Antônio Augusto Fagundes, o Nico, historiador e folclorista, autor da letra do "Canto alegretense", a mais executada canção tradicionalista do estado.

As duas revistas lançam ou reafirmam nomes como Lila Ripoll, Lacy Osório, Walmir Ayala, Alcy Cheuiche, Faraco,

Cyro Leães (o erudito do grupo, que mantinha um programa semanal, "Álbum de Literatura", na Rádio Alegrete, nos anos 1950), Roberto Osório Júnior, Luiz de Miranda.

A primeira edição dos *Cadernos* foi dedicada ao poeta Dionísio Vilarinho, que morrera seis anos antes. Vilarinho, sargento do Exército, 26 anos, matou-se ao saber que a amada, Cleide Ferreira Sanchotene, 21 anos, havia tomado cianureto, depois de revelar-lhe um segredo. Ele também decide tomar o mesmo veneno e morre na manhã de 15 de outubro de 1947. Ela morreria no mesmo dia à tarde. Só Ricciardi sabia o segredo. Ricciardi, o poeta que protegeu, incentivou e publicou toda a geração de escritores dos anos 1950–1960, morreu em 2015.

Outro poeta da desesperança e da morte, que citava os românticos franceses em dedicatórias na *Gazeta*, também viveu o que escrevia. Alceu Wamosy, nascido em Uruguaiana, mas dono do jornal de apoio ao castilhismo *O Republicano*, criado em 1917 em Alegrete (também pelos Prunes), está entre os simbolistas gaúchos com reconhecimento nacional. Em 1923, aos 28 anos, foi ferido em combate, em Dom Pedrito, ao lutar ao lado do governo contra os rebeldes maragatos.

A lenda conta que foi levado a um hospital de campanha em Livramento, onde conhece a enfermeira Maria Antonieta Bellaguarda. Apaixona-se, casa-se e morre cinco dias depois. Sabe-se hoje, pelos familiares de Maria Antonieta, que os dois namoravam havia quatro anos. Wamosy é autor de "Duas almas", um dos poemas românticos mais recitados em escolas gaúchas.

Na Alegrete dos fazendeiros, viveu um dos principais modernistas do estado, sem que — enquanto esteve vivo — ninguém soubesse. Tyrteu Rocha Vianna (São Francisco de Assis, 1898–Alegrete, 1963) publicou *Saco de viagem* (Livraria do Globo), em 1928. A edição deveria, por determinação do autor, ter apenas dez exemplares. Tyrteu esnobava leitores medianos. Queria ter o direito de escolher leitores selecionados.

Um exemplar foi parar nas mãos certas de Alceu Amoroso Lima, que ficou famoso como crítico literário com o pseudônimo de Tristão de Ataíde. Em 1930, Tristão escreve sobre o livro no terceiro volume de ensaios *Estudos* e elogia a poesia de Tyrteu, apesar de dizer que o gaúcho imita Oswald de Andrade. Exalta Tyrteu como "pitoresco, sarcástico, antropófago".

Poucos ficam sabendo do elogio ao modernista de Alegrete, entre os quais, décadas depois, o poeta Itálico Marcon. Mas o livro era uma raridade que ninguém achava. Tyrteu morreu em 1963. Nos anos 1960, Marcon encontrou, ao acaso, um dos dez exemplares na biblioteca do escritor e bibliófilo Antônio Carlos Machado, em Passo Fundo. Tomou a iniciativa de reeditá-lo, pelo Instituto Estadual do Livro, em 1993.

Assim, Tyrteu passou a ser lido por mais de dez leitores. Mesmo depois de morto, foi um personagem misterioso. Os *Cadernos do Extremo Sul* — que já haviam publicado um poema avulso, em 1959 — anunciaram, em sucessivas edições, nos anos 1960, que os leitores logo seriam brindados com a poesia de Tyrteu. Nunca os editores encontraram inéditos para que a promessa fosse cumprida.

Alegrete é também a terra de Sergio Faraco, que desde o final dos anos 1960 dedicou-se à tarefa de publicar os amigos poetas, nos *Cadernos*, na *Ibirapuitã* da segunda fase e na *Gazeta*, enquanto, na terra da poesia, tentava fazer prosa. Faraco fez sua estreia como contista com *Idolatria* (edição dos mesmos *Cadernos*), em 1972. Firmou-se como um dos principais contistas do Realismo brasileiro, nos anos 1980, e publicou em 2002 o livro de memórias *Lágrimas na chuva* (L&PM), sobre a experiência dramática como estudante comunista em Moscou no início dos anos 1960.

Ele, LAF, Tyrteu, Wamosy, Juca Ruivo, Lacy Osório, Sejane Dornelles, Nico Fagundes, Élvio Vargas, Laci Osório, J. O. Nogueira Leiria (outro de São Francisco de Assis, tradutor

do *Martín Fierro*), Cyro Leães são — mais até talvez do que Quintana, o poeta mais célebre de Alegrete —, a expressão da literatura da Fronteira, pela insistência, pela capacidade de compartilhar espaços coletivos em jornais e revistas e pelos compromissos com a temática regional.

Todos devem boa parte da literatura que produziram aos que fingiam fazer jornal e lambuzavam as mãos de tinta para, por atalhos, produzir poesia e prosa. Jornais e revistas filhotes da *Gazeta* nasciam e morriam em alguns anos, às vezes em alguns meses, e o processo se repetia pela inércia que acionava o surgimento de outro e mais outro logo adiante. A *Gazeta* existe até hoje.

Referências

CORRÊA, Anderson Romário Pereira. José Fredolino Prunes (1873–1957): a incorporação do proletariado na sociedade. *In*: BAKOS, Margaret Marchiori (Org.). *Escritas íntimas, tempo e lugares de memória*: a documentação pessoal como fonte para a história. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

CADERNOS do Extremo Sul. Alegrete, 1953. Acervo de João Batista Marçal.

CHAVES, Flávio Loureiro. *Matéria e invenção*: ensaios de Literatura. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1994.

HESSEL, Lothar. Anotações manuscritas sobre a família Prunes. Acervo de João Batista Marçal.

KETZER, Solange Medina; MOREIRA, Maria Eunice; MARTINS, Maria Helena (Org.). *Múltiplas leituras*: ensaios sobre Cyro Martins. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

PORTELA, Victorino Carvalho. *Alegrete, Capital Farroupilha*: traços de relance. Alegrete: *Gazeta de Alegrete*, 1957.

VARGAS, Élvio. *A palavra escrita em Alegrete*: 184–1995. Alegrete: Prefeitura de Alegrete, 1995.

Diego Eduardo Dill
Matheus Abreu

2.9.10

Cruz Alta

Em praticamente todo acesso a Cruz Alta há uma placa indicando que se trata da "terra de Erico Verissimo". As referências estão em toda parte: Ana Terra, Bibiana, Maria Valéria e Continente são nomes de prédios nas avenidas do centro; personagens relacionados à literatura emprestam seus nomes a ruas e bairros. Em poucos municípios a literatura possui uma presença tão marcante, e isso não se deve somente ao principal escritor da história do Rio Grande do Sul. Outros nomes importantes da literatura gaúcha e brasileira também nasceram em Cruz Alta.

A cidade foi emancipada em 1821. Um levantamento feito pelo historiador Rossano Cavalari no projeto *A gênese da Cruz Alta* (2004) indicou que mais de duzentos municípios gaúchos se originaram do território cruz-altense. Teve considerável importância econômica e política no cenário gaúcho e brasileiro entre o final do século XIX e início do século XX. Durante os acontecimentos da Revolução Federalista (1893–1895) recebeu o apelido de "Ninho dos Pica-paus", por ter sido berço dos republicanos Júlio de Castilhos, Pinheiro Machado e Firmino de Paula. No mesmo contexto, a inauguração da linha ferroviária (1894) facilitou o desenvolvimento da indústria e garantiu a chegada de imigrantes europeus.

Os principais acontecimentos do país nesse período também repercutiam em Cruz Alta. Em 1882, foi fundado o Clube

Literário Aurora da Serra. A associação tinha o objetivo principal de promover o desenvolvimento intelectual de seus membros e angariar fundos para o movimento abolicionista. Evaristo Affonso de Castro, fundador do grupo, publicou em 1887 a obra Notícia descritiva da região missioneira (possivelmente o primeiro livro publicado em Cruz Alta). A escrita de *O gigante missioneiro* (1906) segue a estrutura de poemas para abordar a geografia e a história local, o que não era raro na época. O livro foi premiado com medalha de prata na Exposição Literária do Rio de Janeiro, em 1908. Identificam-se ainda outras duas obras publicadas pelo autor nas duas últimas décadas do século XIX: História de um crime emocionante e Histórico do Club Literário Aurora da Serra.

Depois de uma lacuna de décadas desde o encerramento das atividades do Clube Aurora da Serra, o intelectual Josino Lima publicou pela Livraria do Globo A cidade de Cruz Alta: lenda histórica de sua fundação, em 1931. A obra faz um resgate da história e das lendas locais. Pela sua relativa antiguidade, trata-se de uma obra rara. Apenas um exemplar se encontra na Biblioteca Pública Municipal, fundada em 1942, que por sinal recebeu o nome de Josino Lima — o acervo inicial continha oito mil livros doados pelo intelectual.

As primeiras produções literárias mostram que a história da região, os seus primeiros habitantes e os conflitos atraíram o interesse dos autores locais muito antes de Erico Verissimo publicar O tempo e o vento. Essas obras evocam um passado mítico para a região missioneira, através de um sentido de regionalismo. De todo modo, os textos não alcançaram um grau de qualidade que lhes garantisse um lugar na paisagem da literatura de época.

Foi em um curto intervalo de tempo, no início do século XX, que Cruz Alta foi o local de nascimento de notáveis personagens da literatura gaúcha: o romancista Erico Verissimo, o poeta Heitor Saldanha e o jornalista Justino Martins.

O romancista, nascido em 1905, viveu em Cruz Alta até os quinze anos, quando mudou-se para Porto Alegre a fim de completar os estudos em um colégio interno. As recordações dos seus anos iniciais em Cruz Alta estão presentes no primeiro volume de *Solo de clarineta*. Erico descreveu da seguinte forma a Cruz Alta de sua época:

> Cruz Alta era uma comunidade típica do Planalto Médio do Rio Grande do Sul, em que predominava uma população de remota origem portuguesa e mais os caboclos de "pelo duro", sim, e ainda descendentes dos tropeiros paulistas que no século passado vinham a cavalo de Sorocaba comprar mulas para depois revendê-las na feira de sua cidade natal. Às vezes deixavam em Cruz Alta filhos espúrios mas, na maioria dos casos, provada a água da Panelinha, encantavam-se com o lugar e lá fixavam residência e constituíam família.[1]

Nesse trecho Erico faz referência à lenda sobre a criação da cidade, abordada na obra de Josino Lima. O escritor retornou a Cruz Alta em 1926 após enfrentar dificuldades financeiras na capital. Contratado pela Revista do Globo como secretário de redação, mudou-se em definitivo para Porto Alegre em 1930, após ganhar visibilidade com a publicação de alguns contos em periódicos, e iniciou sua vida literária. O resto da história é bastante conhecida. A casa onde morou, construída no século XIX, foi transformada em Museu Erico Verissimo, no ano de 1969. No local estão expostos objetos doados pelo escritor, como máquinas de escrever, manuscritos originais e fotografias. O prédio é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado e recebe visitantes de outros lugares do Brasil e do exterior.

Em 1910 nasceu o poeta Heitor Saldanha, que também saiu cedo de Cruz Alta. Junto com Raymundo Faoro, Sílvio Duncan,

1. Erico Verissimo, *Solo de clarineta*, p. 188.

entre outros, participou do Grupo Quixote, importante movimento da poesia de vanguarda no Rio Grande do Sul, com forte atuação na Porto Alegre dos anos 1950. De sua produção literária, destaca-se *As galerias escuras* (1969), considerado um marco da poesia social brasileira. Durante a criação da obra, Heitor Saldanha conviveu por mais de dois anos com trabalhadores das minas de carvão da região de Arroio dos Ratos. Nos anos 1960, morando no Rio de Janeiro, contribuiu no segundo volume da antologia poética *Violão de Rua* (1962), que teve entre seus colaboradores nomes como Affonso Romano de Sant'Anna, Ferreira Gullar e Moacyr Félix. O poeta viveu seus últimos anos em Porto Alegre, onde faleceu, em 1986. Deixou cinco livros publicados em vida, dentre os quais quatro de poesia e uma novela, e outros três inéditos: Galgonda e outros motivos (poesia), Canção para ninar gigante (poesia) e Tribino (novela). No universo literário, Saldanha ainda consta em diversas antologias poéticas: a citada *Violão de Rua* (1962), *Canto melhor* (1969), *Antologia da literatura rio-grandense contemporânea* (1978), *Antologia da poesia brasileira contemporânea* (1983), *Uma questão de liberdade* (1993) e *História da literatura brasileira* (2007).

O jornalista Justino Martins, nascido em Cruz Alta em 1917, é conhecido como "o maior revisteiro do Brasil". Começou a trabalhar como revisor da *Revista do Globo* aos vinte anos, em Porto Alegre, indicado pelo seu cunhado, o romancista Erico Verissimo. Entre 1939 e 1947 foi o diretor da revista. Além de temas como o cinema e a literatura, as reportagens nesse período abordavam os problemas sociais de Porto Alegre. Na revista Diretrizes publicou, em 1938, uma grande reportagem chamada Como era verde o meu Brasil, sobre a história do movimento integralista. A reportagem reapareceu em 1973 no livro *Reportagens que abalaram o Brasil*, publicado pela Editora Bloch. Posteriormente, foi correspondente de revistas e jornais nacionais em Paris. O próprio Erico referia-se à Justino como

um prodigioso "revisteiro". O ponto alto de sua trajetória de jornalista teve início quando assumiu a direção da revista Manchete, no ano de 1959. Permaneceu no posto até o ano de 1983. Nesse período, a revista adotou o estilo editorial que a consagrou como a principal revista ilustrada do país de seu tempo. A Casa de Cultura de Cruz Alta, inaugurada em 1987, recebeu o nome do jornalista.

A segunda metade do século XX

Na segunda metade do século XX, Cruz Alta viu declinar muito do seu prestígio político e econômico. A literatura na cidade seguiu um caminho parecido: os principais nomes desse período são praticamente desconhecidos, quando comparados aos da primeira metade do século.

Anita Ramos Gonzales é uma autora tardia. Nascida no ano de 1900, a poetisa e contista lançou o seu primeiro livro de poesias, Deslumbramento, somente em 1952, pela Sulina. Participou da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, ocupando a cadeira nº 2. Publicou diversos livros de poesia regional, lírica, épica, contos, livros infantis e didáticos, além do romance de cunho regionalista Marta Fritz, que traz o subtítulo "Romance teuto-rio-grandense".

Caso semelhante é o de Adão Voloch. Escritor e militante comunista nascido em 1914, publicou seu primeiro livro em 1984, O colono judeu-açu, seguido por *Um gaúcho a pé* e *Os horizontes do Sol*, ambos em 1987. Esses três romances compõem uma trilogia que relata a história de quatro gerações da família Litvinoff. A obra tem recebido atenção dos estudos literários, principalmente devido à peculiaridade de tratar do tema da identidade judaica dentro do contexto brasileiro e, mais precisamente, da imigração no Rio Grande do Sul. Publicou ainda *Ben Ami: homem louco* (1988) e *Os desgarrados de Nonoai* (1990).

Paulo Vinicius Lenuza publicou apenas o livro póstumo *Contos do coração de vidro* (1991), pela editora Achiamé, do Rio de Janeiro, onde vivia. O autor faleceu em 1985. Composta de narrativas curtas (contos), como era comum na literatura brasileira da época, encontra-se quase esquecida, e o seu valor literário ainda não foi apreciado. Apenas dois exemplares podem ser encontrados na Biblioteca Pública Municipal.

A partir do fortalecimento da Coxilha Nativista, um dos mais importantes festivais nativistas do estado (realizado de forma ininterrupta desde 1981), e da criação de uma cena cultural ligada aos movimentos de preservação da cultura gaúcha, muitos poetas/letristas e compositores também publicaram coletâneas de poesias nativistas. O poeta Juca Moraes organizou a coletânea *Nossos poetas* (1992) e *Terra de Erico Verissimo* (1997). As duas obras acolhem principalmente autores nativistas (mas há também poesias com outros temas), reunindo e concentrando grande parte da produção literária na década de 1990. Juca Moraes publicou ainda obras individuais como *Entreverando* (1988), *Quintal de sonhos* (1990), *Na hora do mate: poemas musicados* (1997) e *In versos* (2007). Também há uma vertente de poesia ligada à tradição das trovas e pajadas que evocam de forma saudosista a figura do gaúcho rural. Pelos menos dois autores têm livros de poemas publicados nesse espírito: Ivan Soares Schettert e Adauto Mastella Basso.

Desde 1974, Cruz Alta possui um curso de Graduação em Licenciatura Plena em Letras, primeiramente oferecido pela Associação de Professores de Cruz Alta (APROCRUZ) e, posteriormente, Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ). Os estudos em literatura tornam-se mais consistentes na virada do século XX para o século XXI. Nessa época, o curso de Letras da Universidade de Cruz Alta reúne importantes professores e pesquisadores, entre os quais podemos destacar Carla Rosane da Silva Tavares Alves, Vera Elizabeth Prola, Márcia Barbosa, Dalila

Batista Nonnenmacher e Ligia Militz da Costa. A editora da UNICRUZ publicou obras de estudos literários como Representação e teoria da literatura: dos gregos aos pós-modernos, Textos críticos e Shakespeare revisitado. Outro nome cruz-altense com destacado papel acadêmico, especialmente na discussão do feminismo e na pesquisa sobre a produção literária feminina, é o da professora Zahidé Lupinacci Muzart (1939–2015). De sua numerosa publicação acadêmica, a organização da antologia Escritoras brasileiras do século XIX, publicada em três volumes pela EDUNISC/Editora Mulheres, em 1999, repercutiu nacionalmente, com o segundo volume indicado ao Prêmio Jabuti.

A Feira do Livro já teve vinte e duas edições. A realização não é regular, pois nem sempre as entidades e o poder público encontram as condições adequadas. Ao contrário de outras feiras do estado, sua importância é restrita à própria cidade.

A organização de academias literárias na cidade é uma experiência recente. Atualmente a cidade conta com duas academias. A Academia Literária Internacional ALPAS 21, presidida por Rozelia Scheifler Rasia, atua há mais de vinte anos. Realiza atividades de incentivo à leitura e escrita, concursos literários de poesia, contos e crônicas, participa de feiras do livro, eventos de literatura e organiza coletâneas com autores do Brasil e de outros países. Em 2013, um grupo de escritores fundou a Academia Cruz-Altense de Letras. A academia mantém oficinas regulares e a maior parte dos autores tem obras individuais publicadas.

Século XXI

No ano de 2005, ocorreram em Cruz Alta as comemorações pelo centenário do nascimento de Erico Verissimo. Durante a programação cultural estiveram presentes o escritor e filho Luis Fernando Verissimo, Leonid Streliaev, considerado seu fotógrafo oficial, e o professor Antonio Hohlfeldt, vice-governador do estado à época e um dos estudiosos da obra do romancista.

Entre os autores contemporâneos, podemos citar alguns nomes, todos em plena atividade literária. Na poesia, o poeta José Eduardo Escobar Nogueira nasceu em Fortaleza dos Valos, em 1971. Atualmente mora em Santa Maria e trabalha como professor de literatura brasileira e palestrante. Já publicou, entre outros livros, *Milongol* (WS Editor, 2003), *Curta-metragem* (Ibis Libris, 2006), *Pejuçara* (7 Letras, 2009), *Borges vai ao cinema com Maria Kodama* (Chiado Editora, 2015) e *Rapaz com cicatriz* (Artes e Ecos, 2020). Maria do Carmo dos Santos, natural de Cruz Alta, atualmente reside em Florianópolis (SC). Publicou o livro de poesia *Coisa de negro* (1988) e o infantil *O sonho de Benedito* (2003). Volmar Camargo Junior, nascido em Cruz Alta em 1981, publicou o volume de poemas *O balcão das artes impuras* (2012) e foi um dos autores do romance coletivo *Condomínio Saint-Hilaire* (2017), lançado no início de 2018 na Feira do Livro da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Além de escritor e poeta, Volmar é pesquisador da obra de Heitor Saldanha. O contato com familiares e a consequente descoberta de originais do poeta conterrâneo culminaram na *Edição genético-crítica de* A hora evarista, *de Heitor Saldanha*, sua dissertação na FURG. Jorge Roberto Nunes vem se dedicando à poesia marginal. Já tem oito livros do gênero, publicados de forma independente.

Os livros do historiador Rossano Cavalari recuperam fatos históricos de Cruz Alta. O autor utiliza recursos do romance para a sua obra, que busca resgatar a história de personagens como o Coronel Firmino de Paula, retratada em *Os olhos do general* (2007). Já a obra *O ninho dos pica-paus* (2001) retrata os acontecimentos relacionados à Revolução Federalista. Com base em uma extensa pesquisa histórica e linguística, o romancista Henrique Madeira procura recriar com fidelidade a Cruz Alta do século XIX, ambientando nela as histórias dos seus romances. É autor das obras A *cinza lívida* (2010), publicado pela editora Biblioteca 24h de São Paulo (SP), e *Jah-Bul-On* (2015), pela

Nova Letra. São exemplos de duas obras com pés fincados na cidade que possuem grande repercussão entre o público local. Já o escritor Andrio Santos procura se aproximar de forma mais ostensiva da literatura fantástica e de terror, utilizando muitas vezes as referências locais. Publicou os romances fantásticos *Santuário* (2013) e *O réquiem do pássaro da morte* (2017). Este último inicia uma trilogia. Atualmente vem se dedicando aos estudos sobre a obra do poeta William Blake na UFSM.

Também podemos citar, em anos recentes, a presença de várias autoras, que se dedicam aos diversos gêneros. No ano de 2018, Su Estevan lançou seu primeiro livro de poemas, *Versos reversos*. Patricia Gouterres deu início a uma trilogia de ficção e aventura com a obra *O desfiladeiro dos ossos*, lançado em 2017. Na mesma linha de literatura de fantasia, Greice Pozzatto publicou *A estranha moradora do campo das tormentas*, em 2015. Já a jovem autora Lais Faccin lançou, em 2017, a comovente autobiografia *Por que continua me ensinando*.

No cenário artístico mais amplo, podemos destacar três iniciativas que encontram inspiração em Erico Verissimo: a adaptação de suas obras para o teatro pelo Grupo Máschara; o projeto de extensão da Universidade de Cruz Alta, "O legado literário de Erico Verissimo contado através de imagens"; e a minissérie em quadrinhos *Em busca do lar perdido*, parceria entre o romancista Henrique Madeira e o ilustrador Henrique Hübner. Desde 2013, o curso de Jornalismo realiza anualmente, no Museu Erico Verissimo, o Sarau da Comunicação, evento que já contou com a participação de importantes autores gaúchos. Já o Coletivo Cultural Ouvido Médio realiza há alguns anos intervenções culturais, como o Palavrão no Calçadão, além de oficinas de produção literária e saraus em diversos espaços do município (escolas, praças). Nos anos de 2016, 2017 e 2018, no mês de novembro, Cruz Alta teve uma festa literária, promovida pela Universidade de Cruz Alta, que realizou debates e oficinas

com importantes autores brasileiros contemporâneos, como o poeta pernambucano Marcelino Freire e a poeta paulista Luiza Romão; o poeta uruguaio Gabriel Richieri; e os autores gaúchos Ricardo Silvestrin, Paulo Scott e Jeferson Tenório.

Cruz Alta tem uma história de quase dois séculos, e grande parte dos autores desenvolveu o seu trabalho longe da cidade, o que torna praticamente impossível um mapeamento completo de todos os nomes que se dedicaram à literatura nesse tempo. Embora a literatura seja um símbolo importante da cidade, nota-se a ausência de textos sobre a história da literatura local (apesar da existência do curso de Letras). A literatura depende do interesse do poder público e das iniciativas individuais na organização de círculos de autores/leitores e eventos. Em abril de 2018, uma estátua em tamanho real de Erico Verissimo foi instalada na praça que também leva o nome do escritor e rapidamente se tornou uma atração. Pessoas param para fotografar ao lado do escritor. Cruz Alta tem orgulho do seu cidadão mais conhecido.

Referências

CAMARGO JUNIOR, Volmar. *Edição genético-crítica de* A hora evarista, *de Heitor Saldanha*. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Rio Grande, Rio Grande, 2016. Disponível em: https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/0000011837.pdf. Acesso em: 23 jul. 2024.

CAVALARI, Rossano Viero. *Dicionário de Cruz Alta*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2011.

CAVALARI, Rossano Viero. *A gênese da Cruz Alta*. Cruz Alta: Ed. da UNICRUZ, 2004.

HÁ cem anos nascia Justino Martins, o maior revisteiro do Brasil. *Zero Hora*, Porto Alegre, 28 abr. 2017. Disponível em: https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2017/04/ha-cem-anos-nascia-justino-martins-o-maior-revisteiro-do-brasil-9782414.html. Acesso em: 23 jul. 2024.

HELLMANN, Risolete Maria. *Crítica literária feminista*: o legado de Zahidé Muzart. *In:* SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11; MUNDOS DE MULHERES, 13., FLORIANÓPOLIS, 2017. *Anais* [...]. Florianópolis: UFSC, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499448124_ARQUIVO_RISOLETE-MARIAHELLMANN.pdf. Acesso em: 23 jul. 2024..

LIMA, Josino dos Santos. *A cidade de Cruz Alta*: lenda histórica de sua fundação. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1931.

ROCHA, Prudêncio. *A história de Cruz Alta*. Cruz Alta: Empresa Gráfica Mercúrio, 1980.

SCHETTERT, Ivan Soares. *Cruz Alta em poemas*: como surgiu e evoluiu. Santa Maria: Pallotti, 1993.

STREIT, Isléia Rossler. *Evaristo Affonso de Castro*: questionamentos sobre o estudo biográfico e a história da república gaúcha. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, XXVI, 2011, São Paulo. *Anais* [...]. São Paulo: ANPUH, 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312995735_ARQUIVO_artigo-ANPUH-2011-submetido.pdf. Acesso em: 23 jul. 2024..

VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta*: memórias. Porto Alegre: Globo, 1973. v. 1.

Airton Ortiz

2.9.11

Cachoeira do Sul

Cachoeira do Sul tem muito para contar. E os cachoeirenses, tanto os natos como os adotados, souberam fazê-lo com estilo. Começou com Ramiro Barcelos (1851–1916) e seu poemeto campestre, o seminal *Antônio Chimango* (1915), e o parnasiano Fontoura Xavier (1856–1922), patrono da cadeira 14 da Academia Rio-Grandense de Letras, com seu livro de poesias *Opalas* (1884). Tão marcantes foram as obras desses autores que merecem estudos mais detalhados em outros capítulos.

A história literária da Capital do Arroz continuou com o biógrafo Gregório da Fonseca (1875–1934), patrono da cadeira 30 da Academia Rio-Grandense de Letras, e o memorialista (por alguns considerado o melhor do país) e tribuno João Neves da Fontoura (1887–1963), ambos da Academia Brasileira de Letras. Esses e mais uma sucessão de autores deixaram seu registro pessoal na literatura do Rio Grande do Sul. Entre os principais, alguns merecem destaque.

O poeta Alarico Ribeiro (1876–1905); o teatrólogo Marcelo Gama (pseudônimo de Possidônio Cezimbra Machado) (1878–1915); o poeta Pedro Velho (1879–1919), autor de *Ocasos* (1906), patrono da cadeira 32 da Academia Rio-Grandense de Letras; o poeta e teatrólogo Paulo de Gouvêa (1901–1988); e o poeta regionalista Nilo Fernandes Barbosa (1912–1988).

Dos contemporâneos, quatro autores romperam a barreira regional e levaram a literatura feita no Rio Grande do Sul para o Brasil e exterior.

Antônio Carlos Resende nasceu em Cachoeira do Sul em 1929 e morreu em Porto Alegre em 2015. Formou-se em Direito, mas se destacou como radialista esportivo, tanto em Porto Alegre como no Rio de Janeiro, chegando a narrar jogos de Copa do Mundo. A partir dos 48 anos passou a dedicar-se à literatura, escrevendo novelas e romances. Entre seus principais títulos estão *Magra, mas não muito, as pernas sólidas, morena* (1978), *O rapaz que suava só do lado direito* (1979), *O louva-deus* (1980), *Pedro e Lia* (1983), *Por que me olhas, Maria Carolina?* (1983), *Magra, pero no mucho, las piernas fuortes, morena* (1986, Ada Korn Editora, Buenos Aires), *Igual a ti só o inferno* (1988), *Fiéis infiéis* (1993), *Mortes do amor* (2000), *Jairo e seus diabos* (2001) e *Dançando com o destino* (2012). Para o crítico literário Carlos André Moreira, nas obras de Rezende o desespero e o desejo faziam um par angustiante, mas de grande efeito estético.

Liberato Vieira da Cunha nasceu em Cachoeira do Sul em 1945. Graduou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da UFRGS (1967) e pós-graduou-se em Jornalismo pelo Intertationales Institut für Journalismus (Berlim, 1982 e 1987). Iniciou-se no jornalismo aos 14 anos, no *Jornal do Povo*, de sua terra natal. Trabalhou como jornalista no *Diário de Notícias*, *Correio do Povo*, *Folha da Tarde* e *Zero Hora*, em Porto Alegre. Foi correspondente internacional nos Estados Unidos e na Alemanha. Contos e crônicas suas foram traduzidos no Uruguai, Argentina, Peru, Colômbia, Espanha, França, Alemanha e Itália. Recebeu os prêmios ARI de jornalismo (sete vezes), Norton, Erico Verissimo, Kronika, Sociedad Interamericana de Prensa (Estados Unidos) e Poesia, Prosa e Arti Figurative (Itália). O Governo François Mitterrand condecorou-o com o título de *Chevalier des Arts et des Lettres de la Republique Française*. Sua obra foi estudada na Frei

Universität (Berlim), Universität Hamburg, Universität Eichstätt (Alemanha) e Mulhouse (França). Seu romance *O homem que colecionava manhãs* (Editora Objetiva, 2004) foi colocado pelo escritor Deonísio da Silva entre os dez melhores lançados no Brasil naquele ano. Os livros de crônicas *A companhia da solidão* (2000) e *Tratado das tentações* (2002) ganharam o prêmio Açorianos de Literatura. Destacam-se ainda *Miss Falklands* (1983), *Um hóspede na sacada* (1985), *A mulher de violeta* (1990), *As torrentes de Santaclara* (1993), *Um visto para o Interior* (1996), *A morte do violinista* (1996) e *O silêncio do mundo* (2013). Além desses livros individuais, participa de antologias e obras em colaboração com grandes vultos da literatura brasileira, como Erico Verissimo, Mario Quintana e Cyro Martins.

Célia Maria Maciel nasceu em Cachoeira do Sul em 1946. Jornalista e professora com especialização em Artes Brasileiras, Literatura Brasileira e Escrita Criativa. Ela se destaca ministrando oficinas de literatura no Brasil e em Portugal. Em 1999, foi patrona da Feira do Livro de Cachoeira do Sul e em 2014 foi tema-enredo da Escola de Samba Aldeanos do Samba, campeã do Carnaval de Cachoeira do Sul. Entre diversas premiações, sua crônica "Avencas do Porto", publicada no *Jornal do Povo*, de Cachoeira do Sul, ganhou o Prêmio ARI de Jornalismo (1994) e o poema *Outono/2005 (Canção para o que está esquecido)* ganhou o Prêmio Lila Ripoll, promovido pela Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul (2005). Seu livro de crônicas *Perfume para Madame Rosa* ganhou o prêmio literário Cidade de Manaus (2008) para livros inéditos e o livro infantil *O país do nariz, dos olhos, da boca & de outras partes interessantes* ganhou o prêmio Livro do Ano da Associação Gaúcha de Escritores (2010). Além da participação em diversas antologias, publicou também *Passo pássaro passado* (1981), *Mariana Quatro Olhos* (1985, Companhia Editora Nacional, São Paulo), *Campos de arroz maduro* (1995), *Criaturas minhas* (1999) e *Ao menor sopro* (2013).

Airton Ortiz nasceu no interior de Rio Pardo em 1954. Foi alfabetizado na EMEF Ataliba Brum, na zona rural de Cachoeira do Sul, onde está a biblioteca Airton Ortiz. Ainda guri mudou-se para a cidade, onde ganhou seu primeiro concurso literário e iniciou a carreira jornalista na Rádio Cachoeira e no *Jornal do Povo*. Formou-se em Jornalismo pela PUCRS (1982) e pós-graduou-se em Administração de Empresas pela UFRGS. Criou o jornal *Tchê!* e uma editora com o mesmo nome, especializados em cultura gaúcha. Em 1997, fechou a editora para dedicar-se com exclusividade ao jornalismo e à literatura, escrevendo livros e reportagens sobre suas viagens radicais pelo mundo. Criou o Jornalismo de Aventura, em que o autor é, ao mesmo tempo, repórter e protagonista da reportagem. Foi patrono em dezenas de feiras do livro, em especial da XXII Feira do Livro de Cachoeira do Sul e da 60ª Feira do Livro de Porto Alegre. Em 2013, recebeu o título de Cidadão Cachoeirense, outorgado pela Câmara Municipal por iniciativa do vereador Edson Richa. Em 2015, foi tema-enredo da Aldeanos do Samba, que levou para a avenida o tema "Viajando com Airton Ortiz". Foi tema do documentário *Nômade, vida & obra de Airton Ortiz*, dirigido por Luzimar Stricher. Os cinegrafistas acompanharam o escritor em Atenas, na temporada em que ele morou na capital da Grécia para escrever *Atenas (*2013*)*. Seus livros *Na estrada do Everest* (2000), *Pelos caminhos do Tibete* (2001), *Havana* (2010) e *Jerusalém* (2011) foram finalistas do prêmio Açorianos de Literatura. Os dois últimos ganharam o prêmio Livro do Ano da Associação Gaúcha de Escritores. *Expresso para a Índia* (2003) ganhou o prêmio Euclides da Cunha, da União Brasileira de Escritores. *Travessia da Amazônia* (2004) ganhou o prêmio Livro do Ano da Associação Gaúcha de Escritores. *Na trilha da Humanidade* (2006) se originou de uma série de reportagens publicada no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre. *Em busca do mundo maia* (2007) originou-se de uma série de reportagens publicada no *Jornal do*

Povo, de Cachoeira do Sul. O autor ainda publicou, entre outros, *Aventura no topo da África* (1999), *Cruzando a última fronteira* (2002), *Egito dos faraós* (2005), *Cartas do Everest* (2008), *Vietnã pós-guerra* (2009), *Gringo* (2012), *Paris* (2014), *Nova York* (2015), *Londres* (2016), *O guardião da chave dourada* (2017) e *Roma* (2018). Em 2015, foi eleito para a Academia Rio-grandense de Letras, ocupando a cadeira 14, que tem como patrono seu conterrâneo Fontoura Xavier e, em 2018, eleito para o Conselho Estadual de Cultura.

Poetas do Vale

Em 1976, durante a IV FENARROZ, um grupo formado por dezessete poetas liderados por Ely Marciniak e Paulo Salzano Vieira da Cunha lançou a antologia *Poetas do Vale*. Apresentado por Paulo de Gouvêa, o livro mescla antigos e novos talentos cachoeirenses, como Airton Ortiz, Alceu Cabral, Carmem Oliveira Félix, Cecília Kemel Zago, Célia Maria Maciel, Dalila Bairros Fonseca, Inge Lisolette Klix, Moacyr Cunha Rösing, Nilo Fernandes Barbosa e Valecy Beckenkamp. O projeto original evoluiu para uma série de volumes, publicados nos anos seguintes. Abriu espaço para mais de uma centena de autores e transformou o Poetas do Vale no principal movimento literário de Cachoeira do Sul. Em 2015, foi lançado o *Poetas do Vale* 9.

Luiz Gonzaga Lopes

2.10

Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul

Quem pesquisar e destrinchar os livros de história e jornais de todas as épocas verá que a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul foi forjada por homens ligados à literatura. Desde sua criação e instalação, pela Lei Provincial n. 724, de 14 de março de 1871, que autorizou o gasto de até oito contos de réis para aquisição de livros e criou o cargo de bibliotecário e de contínuo para sua administração, foram vinte e oito diretores, dos quais onze foram escritores. A saber: Victor Silva (1906–1922), Eduardo Guimaraens (1922–1928), Augusto Gonçalves de Souza Júnior (1928–1930), Augusto Meyer (1930–1938), Manoelito de Ornellas (1938–1939), Reynaldo Moura (1939–1956), Arthur Ferreira Filho (1956–1959), Jayme Caetano Braun (1959–1963), Mozart Pereira Soares (1991–1993), Laury Maciel (1993–1995) e Volnyr Santos (2001).

Mas vamos voltar ao começo da história. A Biblioteca iniciou suas atividades no dia 17 de janeiro de 1877, no antigo prédio do Liceu Dom Afonso, na esquina das ruas Duque de Caxias e Marechal Floriano. Entre 1877 e 1895, o acervo chegou a oito mil volumes. O primeiro diretor foi Fausto de Freitas e Castro (1871–1878), sucedido por homens como Frederico Bier (1879), Joaquim Pedro Soares (1879–1882), Graciano Alves Azambuja (1882–1884), novamente Joaquim Pedro Soares (1884–1887), João Pedro Henrique Duplan (que entregou o cargo de volta a

Joaquim Pedro depois de um ano, recebendo-o de volta depois). O diretor seguinte foi José Pinto da Fonseca Guimarães, 1897 e 1906. O primeiro escritor a ter este cargo, antes normalmente ocupados por bacharéis, foi Victor Silva (1906–1922).

A gestão de Victor Silva teve como principal meta a construção de um prédio próprio para a Biblioteca Pública. A instituição funcionava junto ao Ateneu Rio-Grandense em precárias condições: "De acordo com suas informações iniciais sobre a repartição, conhecidas através de relatórios, o acervo bibliográfico estava totalmente desorganizado, não sendo possível utilizar o único índice alfabético existente, por apresentar deficiências".[1] A pesquisadora apurou que a primeira gestão de escritor da Biblioteca foi em busca de adotar um método para classificar os documentos e obras: "Após fazer um estudo sobre os catálogos usados nas bibliotecas europeias, adotou o método Brunet (relativo ao bibliotecário francês Jacques-Charles Brunet, 1780–1867). Reorganiza o setor técnico e seleciona novos livros, sendo adquiridas muitas obras, algumas raras na atualidade, sobre literatura francesa e filosofia de Augusto Comte. Em relação às suas inclinações positivistas pairam dúvidas, se eram por interesse ou não"[2]. A gestão de Victor Silva foi muito proativa para a época. Vale lembrar que o escritor assumiu o mandato no segundo período do governo de Antônio Augusto Borges de Medeiros, entre 1903 e 1908. Em 1910, ele passa a realizar permutas com as bibliotecas do Pará e Pernambuco e também tem colaboração decisiva para a criação das bibliotecas de Cachoeira do Sul, Montenegro e Taquari. A verba para a aquisição de livros e assinaturas de periódicos foi aumentada graças à sua sugestão ao então deputado Getúlio Vargas, que fez passar emenda neste sentido na Assembleia.

1. Jaci Aquino Jardim. *Biblioteca*: onde circula o espírito do mundo, p. 66-69.
2. *Ibid*., p. 66-69.

O edifício atual, na esquina da Rua Riachuelo com Rua General Câmara, começou a ser erguido em 7 de fevereiro de 1912, com projeto de Affonso Hebert, uma vez que a antiga sede, na época transformada em Escola Complementar, se encontrava já superlotada. A primeira etapa da construção foi concluída em 1915, completando o bloco defronte à Rua Riachuelo. Em 22 de maio de 1919 foi contratada a ampliação da parte dos fundos, agora sob responsabilidade do engenheiro Teófilo Borges de Barros, sendo acabada em sua estrutura em 1921. Então começou a decoração, com aplicação de mármores e parquês, aquisição de mobiliário requintado, pinturas e esculturas, revestimento das paredes internas com pintura decorativa e instalação de estantes de aço, cujo peso obrigou ao reforço do piso. A pintura decorativa esteve a cargo de Fernando Schlater, enquanto as esculturas de mármore e bronze foram realizadas por Alfred Adloff, Eduardo de Sá e Giuseppe Gaudenzi. Quando as obras foram finalizadas e a Biblioteca finalmente inaugurada em 7 de setembro de 1922, pouco antes do falecimento de seu diretor, Victor Silva, em 13 de dezembro de 1922, que havia sido um dos mais ativos incentivadores do projeto, as instalações foram saudadas pela imprensa local como sendo do mais alto gabarito e elegância, com seus diversos espaços decorados segundo estilos variados, seguindo preceitos positivistas.

Quando da inauguração do prédio da Biblioteca, no qual funciona até os dias de hoje, Victor Silva disse em discurso um pouco do seu orgulho ao inaugurar o prédio, qualificar e classificar o acervo, diante do presidente do estado, que voltara a ser Borges de Medeiros (1913–1928):

> Há 14 anos, destes-me para compor a Biblioteca do Estado, 2.000 volumes sem catálogos e esparsos em duas salas modestas. Hoje, eu vos entrego 30.000 volumes classificados pelos métodos científicos e mais práticos da bibliografia dentro de uma Biblioteca modelar revestida

> de uma expressão de arte que significa para mim a realização de um sonho de beleza.[3]

É da tradição oral que Victor Silva, que orientou o projeto e a decoração da Biblioteca, teria se inspirado na Igreja de Sainte-Geneviève, em Paris, que havia sido transformada em biblioteca. O prédio foi inaugurado como parte das comemorações do Centenário da Independência, a 7 de setembro de 1922, sendo considerado espaço nobre de leitura, então privilégio de elites. O próprio Borges de Medeiros fazia suas leituras diárias de jornais na sala que tem o seu nome.

Conforme pesquisa de Caio Flávio Prates da Silveira para o Colóquio "Os escritores que dirigiram a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul", em 1996, a gestão de Victor Silva tinha lá seus percalços. Um deles era o de alguma divergência com seu vice-diretor, Eduardo Guimaraens: "E Mansueto Bernardi (1888–1966), através de preciso e alentado trabalho de Itálico Marcon (1938–), registrou passagens dos desencontros por vezes cáusticos de Victor Silva com seu vice-diretor e, depois, substituto, Eduardo Guimaraens (1892–1928). Victor Silva era um impertérrito parnasiano, enquanto Eduardo Guimaraens, grande devoto do Simbolismo".[4] Segundo este registro, certa feita, após uma azeda discussão, na manhã seguinte Guimaraens ficou na sala de leitura em vez de voltar para a secretaria:

> Sem demora, Victor Silva o mandou chamar e, diante de todos os funcionários reunidos, cavalheirescamente lhe apresentou escusas e ofereceu completa reparação. Justificou plenamente, desse modo, o poeta das VITÓRIAS, a divisa que adotara — "Victor qui se vincit". Daí por diante, não houve mais controvérsias, na casa do livro, entre o parnasiano e o simbolista, embora ficasse cada um com suas ideias e seus autores prediletos.

3. Caio Flávio Prates Silveira, "Victor Silva", p. 22.
4. *Ibid*., p. 24.

Foi Victor Silva que cunhou a expressão síntese da Biblioteca adotada por Jaci Aquino Jardim em seu livro: "Por aqui circula o espírito do mundo".

Após a morte de Silva, em dezembro de 1922, assumiu o cargo Eduardo Guimaraens. Sob a sua direção, a Biblioteca Pública seguiu o modelo teórico proposto pela obra *Repertório bibliográfico universal*. No artigo "Bibliotecas Públicas", publicado no jornal A *Federação*, em 10 de janeiro de 1924, Guimaraens deu as tintas do que seria a adaptação à realidade sul-rio-grandense das tendências seguidas a partir do exemplo de bibliotecas europeias:

> Nos boletins de consulta escritos e assinados pela mão dos consultantes, contados e separados com o máximo rigor e escrúpulo, e arquivados nos depósitos documentários da Biblioteca Pública, nota-se, como disse, a forte preponderância dos volumes que se referem a cousas do Brasil e sobretudo do nosso estado, o que na realidade vem mais uma vez evidenciar a elevação e o progresso, entre nós, da cultura cívica.[5]

Em 1928, com a morte prematura de Eduardo Guimaraens, assumiu a diretoria o escritor Augusto Gonçalves de Souza Júnior, que permaneceu no cargo até 1930. Sobre sua gestão, há primeiro que se dizer que a vocação para gestor já nascia desde os tempos de redação de revistas como *Máscara*, *Kodak*, *Cosmos*, *A Informação*, *Tribuna Literária* e em jornais como *Correio do Povo* e *Jornal da Noite*, mas também que teve de travar uma grande luta contra a burocracia do estado, encaminhando ao secretário Dr. Coelho de Souza uma pauta de melhoria do serviço prestado pela instituição e do acervo e conservação. Jornalista, escritor, conferencista e tradutor, teve uma coluna fixa intitulada "O comentário", no *Correio do Povo*, desde maio de 1931, e foi diretor do *Jornal da Manhã*, em 1934. Na literatura,

5. Maria Luiza Berwanger da Silva, "O bibliógrafo e o poeta Eduardo Guimaraens: identidade e memória", p. 42.

De Souza Júnior teve como principais características tratar da emergência de uma expressão da cidade que se desenvolvia na vida da província, conforme Guilhermino Cesar no ensaio "A vida literária", do livro *Rio Grande do Sul, terra e povo*, de 1969. Suas principais obras foram *Águas fortes*, *Castelo dos fantasmas*, *Juca Ratão hidrófobo* e *Enquanto a morte não vem*. Traduziu do italiano textos de Papini e Pirandello.

Após a gestão de De Souza Júnior, um dos grandes nomes da literatura sul-rio-grandense assumiu a instituição, em 1930: o poeta, ensaísta, crítico e memorialista Augusto Meyer, que deixaria o cargo somente em 1938 para residir no Rio de Janeiro, onde, a convite de conhecidos levados à capital federal com a revolução de 1930, Getúlio Vargas e Osvaldo Aranha, foi o primeiro diretor do recém-fundado Instituto Nacional do Livro, hoje extinto. Durante o tempo no qual foi diretor da Biblioteca Pública, a sua produção crítica não parou. É datada de 1935 a publicação do ensaio *Machado de Assis*, que colaborou muito para a elevação do patamar crítico sobre o autor. Um dos parceiros de tardes passadas na Biblioteca antes de ser diretor e depois foi o seu amigo Theodemiro Tostes. Nos dois volumes de suas memórias, *Segredos da infância* (1949) e *No tempo da flor* (1966), estão diversas referências à leitura e à leitura voraz de Meyer, mas não constam maiores detalhes sobre a sua gestão à frente da instituição. Como observa Tania Franco Carvalhal, "Meyer, na verdade, viveu à sombra da estante"[6], e por isso sua gestão à frente da Biblioteca teve como maior característica os esforços para uma maior qualidade do acervo e para firmar a instituição entre os intelectuais e leitores.

Após a gestão de Meyer, outro importante intelectual gaúcho, Manoelito de Ornellas, assumiu a nobre tarefa, numa gestão que durou somente de 1938 a 1939. A posse no cargo não foi um caminho de flores. Em sua obra *Mormaço*, Manoelito comenta

6. Tania Franco Carvalhal, "Augusto Meyer, leitor: da estante à biblioteca", p. 74.

que, embora tenha sido indicado por mais de 40 intelectuais gaúchos, tendo à frente Athos Damasceno e Erico Verissimo, a sua nomeação como diretor da Biblioteca foi embargada por Maurício Cardoso. Somente em 1938, com a morte de Maurício Cardoso e já sob o governo de Osvaldo Cordeiro de Farias, é que sua nomeação foi homologada. Manoelito destacava que a instituição era um espaço singular, com o silêncio envolvente de sua sala, revestida de pinturas e símbolos egípcios: "Através do janelão de vidro colorido, Manoelito avistava um pátio árabe, vestido de avencas, begônias e trepadeiras, onde cantava um repuxo com as vozes mais puras, acompanhado pelos pardais que rebanhavam na pia de mármore, nas tardes de verão [...]".[7] Ele tornou-se, nesta curta gestão, e posteriormente na sua conhecida coluna "Prosa das Terças", um batalhador incansável pela multiplicação das bibliotecas públicas e incentivador do público leitor em geral. Na crônica "Livros para a Escola Parobé", Manoelito explica a sua intenção de semear livros, começada lá naquele final dos anos 1930, e assim possibilitar o acesso das obras às crianças e aos integrantes de classes menos favorecidas:

> É porque o livro me apaixona, sonho em ver o livro na mão de todas as criaturas que ainda não conhecem as delícias de suas mensagens. Desejo plantar bibliotecas em todas as escolas e em todas as cidades da minha terra. Quero que o Rio Grande do Sul possa amanhã, apresentar nas estatísticas do país, um número surpreendente de bibliotecas públicas e possa dizer que em todos os estabelecimentos de ensino do estado, existe uma, pelo menos, à consulta livre e ampla e ao trabalho fecundo das pesquisas.[8]

A saída de Manoelito de Ornellas deixou uma grande missão para o novelista, romancista, poeta e jornalista santa-mariense Reynaldo Moura, redator do *Diário de Notícias* e colaborador

7. Maria Beatriz Papaleo, "Manoelito de Ornellas: um multiplicador de bibliotecas", p. 126.
8. Manoelito de Ornellas, "Livros para a Escola Parobé, p. 24.

do *Correio do Povo*, que trabalhou ainda na Imprensa Oficial. Durante a sua administração, transferiu a sala de leitura que estava precariamente instalada no subsolo para o térreo para poder dar melhores condições de leitura e manuseio das obras por parte dos leitores. Moura incentivou os escritores gaúchos por meio de palestras e encontros que eram realizados na sede da Biblioteca. Com cartazes, distribuídos por vários locais do prédio, destacava quem era o autor, a sua obra e também algumas peculiaridades de cada um dos escritores gaúchos reverenciados, para despertar um maior interesse dos frequentadores pelos autores locais. No discurso de despedida do cargo, na posse de Arthur Ferreira Filho, em 1956, Moura demonstrava todo o seu orgulho por esta maior valorização dos autores gaúchos na BPE:

> Uma satisfação, entretanto, levo comigo. Durante minha permanência nesta casa, contribuí largamente para a difusão dos autores rio-grandenses, dentro e fora do país. Inauguramos um Serviço de distribuição de obras de autores gaúchos pelas bibliotecas do país e do estrangeiro, e tivemos oportunidades de colher os frutos dessa propaganda.[9]

Arthur Ferreira Filho assumiu o cargo dizendo "se sentir perfeitamente bem, neste ambiente singular, onde se pode discutir filosofia com Platão ou conversar demoradamente com Anatole, sem correr o risco de que nos apontem a rua. [...] Aquele que nos suceder não há de encontrar apenas um vácuo, assinalando nossa passagem por esta casa".[10] Dirigiu a Biblioteca de 1956 a 1959. Durante a sua gestão foi realizada a reforma do prédio, aquela na qual ocorreu a perda da pintura original por ordem do diretor da Divisão de Cultura do Estado, Ado Malagoli. Realmente, não foi

9. Reynaldo Moura, "Discurso de despedida do cargo de diretor da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul", 1956.

10. Arthur Ferreira Filho, "Discurso de posse como diretor da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul", 1956.

o vácuo que marcou a sua gestão, mas o ato de mexer na originalidade da pintura do prédio, o que décadas depois foi revertido, para o bem do patrimônio histórico e cultural do Rio Grande do Sul.

Poeta regionalista, o *payador* Jayme Caetano Braun assumiu a empreitada de dirigir a instituição dos livros e documentos a partir de 1959. Durante a sua gestão, foi criada a Seção de Referência e restaurados os dois principais salões da casa: o Mourisco e o Egípcio. Ele permaneceu na função até o ano de 1963, quando começou a fase de diretores bibliotecários: Lucília Minssen, Ada Drügg de Freitas, Juliana Vianna Rosa, Leonora Lund, Ariete Pinto dos Santos e Suzette Levy Nunes Teixeira, fase que durou até o ano de 1991.

Em 1991, assumiu o escritor Mozart Pereira Soares. Dois anos depois da posse, Mozart ainda lutava por alguns ideais e viu que seu trabalho não seria um tapete de rosas. Em matéria do Segundo Caderno de *Zero Hora* no dia 2 de abril de 1993, o jornalista Jerônimo Teixeira titulou a matéria da entrevista com Mozart com a seguinte frase: "Uma Biblioteca entre o museu e a escola". Mozart declarou que durante a sua gestão teve uma equipe reduzida, com a saída de mais de 20 professores que eram cedidas da Secretaria de Educação, a transferência de parte do Arquivo de Periódicos para o Museu de Comunicação Hipólito José da Costa e também do setor de Livros em Braille para a Casa de Cultura Mario Quintana: "As pessoas em geral veem isto aqui mais como um museu do que como um depósito de livros". Em certo trecho da matéria, Teixeira assinala que "Soares reconhece que a biblioteca, contrariando a orientação universalista que seus fundadores lhe deram, é hoje eminentemente escolar. O setor mais procurado é o de referência, onde estudantes fazem suas pesquisas com bibliotecas escolares e regionais melhor servidas, Soares acredita que a Biblioteca Pública poderá reencontrar sua intenção original de depositária do saber e da literatura universais".[11]

11. Jerônimo Teixeira, "Uma Biblioteca entre o museu e a escola", p. 1.

Natural de Taquara, nascido em 1924, Laury Maciel foi o diretor da BPE de 1993 a 1995. Mestre em Letras pela PUCRS, com dissertação sobre "O universo degradado de Naziazeno Barbosa", sobre *Os ratos*, de Dyonélio Machado, e professor de literatura, escreveu livros como *Rosas de papel crepom* (1992), entre outros.

Quando terminou a sua gestão, a sucessora, a bibliotecária Cleci Grandi, organizou, em 1996, para as comemorações dos 125 anos da BPE, o seminário "Os escritores que dirigiram a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul", na sede da instituição, que teve abertura feita por Luiz Antonio de Assis Brasil, sob o tema "O papel do escritor na direção da instituição cultural".[12]

Já passamos pela vida e obra dos dez escritores que foram retratados até este ciclo de palestras de maio de 1996. Depois disso, outro escritor assumiria a direção da Biblioteca, mas por muito pouco tempo, Volnyr Santos, no ano de 2001. Poeta, crítico literário, professor de literatura, doutor em Letras pela PUCRS, o autor de *Tardias* não teve muito tempo para mostrar serviço, pois deixou o cargo cinco meses após assumi-lo em 2 de maio de 2001, passando o bastão para a bibliotecária Maria Hedy Lubisco Pandolfi e depois assumindo a bibliotecária Morgana Marcon, que esteve na função de 2003 até 2023. Atualmente, a diretora é a bibliotecária Ana Maria de Souza.

Fachada

A fachada do prédio, em estilo eclético, mostra uma das mais completas ilustrações do Calendário Positivista, com bustos de seus mais insignes vultos tutelares segundo a filosofia comtiana, constituindo-se num dos três únicos monumentos deste tipo no mundo. No século XIX, e nas primeiras décadas do século XX, o Rio Grande do Sul sofreu forte influência do pensamento de Augusto Comte, o fundador do Positivismo na França e que

12. Cleci Grandi, "Apresentação", p. 7-9.

teve no Rio Grande do Sul inúmeros seguidores. Um dos mais expressivos, Júlio de Castilhos, caracterizou seu governo por imprimir à Constituição do Estado uma linha de orientação positivista. Uma ideologia progressista e ao mesmo tempo autoritária pautou o estilo de sua gestão, definindo os rumos do Partido Republicano no sul do Brasil. Borges de Medeiros deu continuidade à obra política e administrativa do Castilhismo.

Restauro

Ao longo de sua história, o prédio da Biblioteca Pública passou por poucas intervenções em suas formas originais, mas uma particularmente impactou sua existência e é o alvo de permanente busca de recursos para sua recuperação: as pinturas murais da Sala de Leitura e do hall de entrada, das escadarias e algumas salas, que foram recobertas com tinta cinza na década de 1950 por ordem do então diretor da Divisão de Cultura, Ado Malagoli, que era artista plástico e acreditava que as imagens produziam a distração dos leitores e não tinham valor histórico, devendo desaparecer. Vários movimentos culturais e gestões da Biblioteca buscaram recuperar as pinturas que permanecem sob as camadas de tinta.

Outro fato marcante na história da Biblioteca foi a retirada de parte do mobiliário e adornos durante o governo de Euclides Triches, na década de 1970. O acinte foi precedido da vista da esposa do governador, Sra. Neda Triches, que percorreu todas as dependências da biblioteca acompanhada de sua secretária, que anotava todos os dados acerca do mobiliário e obras de arte. Ao final, declarando-se encantada com o que tinha visto, deixou a biblioteca. Poucos dias depois, tudo o que havia sido anotado foi levado para o Palácio Piratini por meio de uma requisição do governador, datada de 30 de junho de 1971, sob os protestos da diretora da época, Juliana Vianna Rosa. Em 1974, a Biblioteca passou por reformas, ficando fechada por um ano ao público. Foi

realizada a pintura externa e interna, e refeita as redes elétrica e hidráulica. Algumas telas de valor histórico foram restauradas.

Em 1988, o teto de uma das salas da biblioteca desabou parcialmente, colocando em risco a vida de funcionários e leitores. Em consequência disso e pela urgência de outras reformas, durante dezoito meses o prédio ficou fechado ao público. Foi substituído o madeiramento da cobertura e o tratamento da rede pluvial. Parte do mobiliário foi restaurado, a pintura mural do teto do Salão Mourisco foi estabilizada e algumas aberturas recuperadas. Após anos de má conservação e sem passar por grandes reformas, o que causou diversos danos ao prédio e seu mobiliário, a Biblioteca Pública iniciou em 2009 uma grande obra de restauro, patrocinada pelo BNDES. A recuperação e a modernização da Biblioteca Pública tiveram projeto aprovado pela Lei Rouanet, tendo finalizado sua primeira etapa em dezembro de 2012. Nesta etapa, alguns dos serviços da Biblioteca, como referência e empréstimos, foram transferidos para a Casa de Cultura Mario Quintana.

O projeto todo objetivava recuperar as formas originais do prédio histórico da Biblioteca, através do restauro de pisos, fachadas, aberturas, ornamentos, e da modernização das instalações elétricas e hidráulicas, da climatização e instalação de sistemas de segurança para o prédio e para o acervo. Em sua primeira etapa, foram restaurados: fachada, calçada, pisos de parquê e entrepisos, aberturas (portas e janelas de madeira), resolvidos problemas estruturais e de umidade, refeita tubulação para rede elétrica, lógica e instalação de ar-condicionado, retirada e acondicionamento dos lustres, recuperação dos adornos de bronze das portas, estabilização da pintura mural do Salão Egípcio e resolvido o restante de problemas de umidade e infiltrações no telhado e subsolo. Em 2015, com o patrocínio direto do SINDUSCON-RS, a Biblioteca teve sua rede elétrica renovada. Por meio da Associação de Amigos, foi instalada rede de *wi-fi* na

biblioteca e foram reformados os sanitários. A biblioteca reabriu as portas no dia 18 de dezembro de 2015. A partir de setembro de 2016, um projeto chamou a atenção na Biblioteca, o Chapéu Acústico, que toda a semana, às terças-feiras, no Salão Mourisco, reúne músicos e cantores gaúchos, sempre com casa cheia, sem a cobrança de ingressos, somente com contribuição espontânea dos presentes.

Acervo

A Biblioteca possui um vasto acervo bibliográfico que é referência no Brasil, com significativa seção de obras raras, e realiza regularmente recitais de música de câmara e outros eventos culturais em suas instalações. A Coleção de Obras Raras contém raridades dos séculos XVI a XIX, como a *Pharsalia*, de Lucanus, de 1519, e edições de *La divina commedia*, de Dante Alighieri, editada em 1921 por Conrado Ricci em uma edição restrita a mil exemplares. Outra edição de valor é *Os lusíadas*, de Luís de Camões, na edição comemorativa de 1819, que tem alto valor por sua reduzida edição de doze exemplares em pergaminho.

A Biblioteca possui uma coleção de 240 mil volumes que representam o mais importante conjunto bibliográfico de salvaguarda da memória sul-rio-grandense e de imensurável representatividade junto à memória nacional pela exclusividade dos títulos de monografias desde o século XVI e periódicos gaúchos do século XIX, dentre outros. A Biblioteca mantém acervo diversificado e serviços de acesso a materiais impressos, digitais, virtuais, bem como acervo em Braille e em áudio. Em 1986, o prédio da Biblioteca foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE), e em 2000, pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN).

Dirigentes da Biblioteca Pública

Primeira fase: bacharéis
1871–1878: Fausto de Freitas e Castro
1879: Frederico Bier
1879–1882: Joaquim Pedro Soares
1882–1884: Graciano Alves Azambuja
1884: Joaquim Pedro Soares
1885: João Pedro Henrique Duplan
1886–1887: Joaquim Pedro Soares
1887–1897: João Pedro Henrique Duplan
1897–1906: José Pinto da Fonseca Guimarães

Segunda fase: escritores
1906–1922: Victor Silva
1922–1928: Eduardo Guimaraens
1928–1930: Augusto Gonçalves de Souza Júnior
1930–1938: Augusto Meyer
1938–1939: Manoelito de Ornellas
1939–1956: Reynaldo Moura
1956–1959: Arthur Ferreira Filho
1959–1963: Jayme Caetano Braun

Terceira fase: bibliotecários
1963–1965: Lucília Minssen
1965–1967: Ada Drügg de Freitas
1967–1982: Juliana Vianna Rosa
1983–1984: Leonora Lund
1984–1987: Ariete Pinto dos Santos
1987–1991: Suzette Levy Nunes Teixeira

Quarta fase: escritores e bibliotecários, com ênfase na programação cultural
1991–1993: Mozart Pereira Soares (escritor)

1993–1995: Laury Maciel (escritor)
1995–1998: Cleci Grandi (bibliotecária)
1999–2000: Denise Paulsen (bibliotecária)
2001: Volnyr Santos (escritor)

Quinta fase: bibliotecários, com ênfase na preservação e recuperação do patrimônio histórico e bibliográfico
2001–2002: Maria Hedy Lubisco Pandolfi (bibliotecária)
2003–2023: Morgana Marcon (bibliotecária)
A partir de 2023: Ana Maria de Souza (bibliotecária)

Referências

BAKOS, Margaret Marchiori; PIRES, Letícia de Andrade (Org.). *Os escritores que dirigiram a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

CARVALHAL, Tania Franco, Augusto Meyer leitor: da estante à biblioteca. *In*: BAKOS, Margaret Marchiori; PIRES, Letícia de Andrade (Org.). *Os escritores que dirigiram a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 73-79.

ERMAKOFF, George. *Bibliotecas brasileiras*. Rio de Janeiro: Casa Editorial, 2015, p. 172-185.

GRANDI, Cleci. Apresentação. *In*: BAKOS, Margaret Marchiori; PIRES, Letícia de Andrade (Org.). *Os escritores que dirigiram a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 7-9.

JARDIM, Jaci Aquino. *Biblioteca*: onde circula o espírito do mundo. Rio de Janeiro: ELAPE Sistemas Educacionais, 2002.

LAZZARI, F. (Org.) *Associação dos Amigos da Biblioteca Pública*: cultura é nossa causa. Porto Alegre. Folder.

MARCON, Morgana; NEGRÃO, Télia (Org.) *Implantando a Biblioteca Pública*: diretrizes para a Administração Municipal. Porto Alegre: Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas do Estado do Rio Grande do Sul, 2005.

MOURA, N. (Org.). *Catálogo de obras raras ou valiosas da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1972. Edição comemorativa do centenário de fundação,1871-1971.

ORNELLAS, Manoelito de. Livros para a Escola Parobé. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23 out. 1962, p. 24.

PAPALEO, Maria Beatriz; Manoelito de Ornellas: um multiplicador de bibliotecas. *In*: BAKOS, Margaret Marchiori; PIRES, Letícia de Andrade (Org.). *Os escritores que dirigiram a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 121-129.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Cultura. Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004. Folder.

SILVA, Maria Luiza Berwanger da. O bibliógrafo e o poeta Eduardo Guimaraens: identidade e memória. *In*: BAKOS, Margaret Marchiori; PIRES, Letícia de Andrade (Org.). *Os escritores que dirigiram a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 41-58.

SILVEIRA, Caio Flávio Prates. Victor Silva. *In*: BAKOS, Margaret Marchiori; PIRES, Letícia de Andrade (Org.). *Os escritores que dirigiram a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 17-30.

TEIXEIRA, Jerônimo. Uma Biblioteca entre o museu e a escola. Segundo Caderno. *Zero Hora*, Porto Alegre, 2 abr. 1993, p. 1.

Francisco das Neves Alves

2.10.1

De Gabinete de Leitura a Biblioteca Rio-Grandense

Era um inverno de 1846. O Rio Grande do Sul ainda lambia suas profundas feridas abertas durante dez anos de guerra civil. O enfrentamento entre farroupilhas e legalistas, o mais grave dos conflitos bélicos oriundos da crise da época regencial, levara a província a um desgaste humano e material extremo. A palavra de ordem passara a ser reconstrução. Tornava-se necessária a retomada da produção pecuário-charqueadora, base da economia sul-rio-grandense, bem como a volta dos peões às suas atividades, deixando de lado as armas, para novamente dedicarem-se às lides campeiras. Era preciso ainda amainar os ódios e as paixões partidárias pelas quais se colocaram em contraposição os grupos rivais naqueles tempos de configuração de ideologias que marcariam o Brasil das décadas seguintes. Mas não seria apenas com base nos fundamentos socioeconômicos e políticos que se daria a reconstrução gaúcha: era também imperioso o aprimoramento cultural. Foi exatamente em tal contexto que se originou o primeiro Gabinete de Leitura sulino, na cidade do Rio Grande.

A mais antiga localidade sul-rio-grandense de origem portuguesa, fundada como um povoado junto às fortificações que visavam garantir a incorporação do território gaúcho ao projeto colonial luso, o Rio Grande teria uma significativa função político-estratégica nos primeiros anos de tal processo de colonização.

Ainda que viesse a perder suas características de centro administrativo regional, a povoação evoluiria, ascendendo à condição de vila e afirmando-se a partir das atividades comerciais, ainda mais por constituir o único porto provincial, chegando a ser denominada de porta de entrada do Rio Grande do Sul, por viajantes que visitaram estas terras. Notadamente a partir das transformações que sacudiram o Brasil, com a sua abertura ao mercado internacional, culminando com a emancipação política, o Rio Grande cresceria como núcleo urbano e como o mais importante empório mercantil da província, vindo a ser elevado à categoria de cidade em 1835.

Assim, transformara-se o estabelecimento portuário rio-grandino no principal ponto de escoamento do charque e produtos pecuários gaúchos, bem como de entrada das importações. Mas as atividades em tal porto iam bem além da chegada e saída de mercadorias. Por ali chegavam também as pessoas, os jornais, os livros e, em outros termos, as informações e opiniões expressas nacional e internacionalmente, os debates político-ideológicos que davam a volta ao mundo, então sacudido pelas revoluções liberais e os conceitos artístico-culturais que cultuavam ou combatiam o *status quo* reinante. Nesse sentido, aos poucos, a cidade do Rio Grande também se consolidaria como um centro cultural de relevância nos quadros regionais, pois as notícias chegavam ali primeiro, bem como as companhias cênicas e musicais ali se apresentavam antes de se dirigirem a outras localidades e mesmo à capital da província.

Todo este contexto tornava a cidade do Rio Grande um ambiente propício no qual se daria a gênese da reconstrução cultural da província no pós-guerra. Somava-se àqueles fatores uma certa tendência pelo gosto da leitura na comuna litorânea. Não é para menos que ali tinham surgido alguns dos mais antigos periódicos sul-rio-grandenses, sendo que a cidade contaria com uma importante imprensa na conjuntura gaúcha do século XIX,

mantendo níveis quantitativos e qualitativos inferiores à capital, mas superiores a todas as demais localidades sul-rio-grandenses, porque ali se praticava um jornalismo de ponta para os padrões da época e da região. Levando em conta todos estes fatores e com base na premissa pela qual o aprimoramento da leitura era um condicionante essencial para o progresso das nações, um conjunto de cidadãos de ascendência portuguesa reuniu-se em agosto de 1846 para dar origem a um centro onde as pessoas tivessem a oportunidade de ler, realizando tal ato tanto para aprofundar seus conhecimentos culturais/intelectuais quanto para promover o entretenimento.

A ideia original daquele grupo, coordenado por João Barbosa Coelho, era a de formar um Gabinete de Leitura no seio do qual os associados pudessem usufruir de livros que seriam adquiridos com o fundo arrecadado a partir dos sócios e mediante doações. Tal espírito associativo e comunitário, bem como a manutenção da natureza de foro privado, sem participação direta do poder público, fortemente presente no ato inaugural de 15 de agosto de 1846, se transformaria em uma característica essencial da casa cultural, que assim permaneceria ao longo de toda a sua existência, mantendo-se a inspiração dos fundadores. Depois de algum tempo, a ideia original dos proponentes do Gabinete de manter uma associação junto da qual seus membros pudessem usufruir da leitura passaria a ser superada, já que o acesso aos livros viria a tornar-se cada vez mais amplo, atingindo outros interessados que não apenas os sócios.

O acervo crescia constantemente e o espaço para a alocação dos livros tornava-se seguidamente insuficiente. Além disso, havia o inconveniente do Gabinete não possuir um imóvel próprio. Por isso, a sede da instituição cultural passou por mudanças constantes, ocupando vários prédios no centro citadino, como aqueles das ruas do Arsenal, da Praia e da Alfândega. Além dos livros, o Gabinete de Leitura oferecia também o acesso a

periódicos que caíam no gosto dos leitores, não só os noticiosos e políticos, mas também os literários e ilustrados. Os avanços eram notórios, mas os limites não deixavam de se fazer presentes, notadamente no que tange aos recursos necessários à manutenção do acervo. Dava-se assim uma alternância entre períodos mais prósperos e outros de diversos contratempos. Os óbices tornaram-se mais críticos no início dos anos 1870, quando o patrimônio do Gabinete esteve ameaçado de ir à penhora, tendo em vista processo movido por um dos membros que compusera a sua diretoria.

Aquela era ainda uma época na qual o mecenato constituía uma prática usual, e a crise foi superada a partir do apoio do Barão de Vila Isabel, que não só cobriu todas as dívidas do Gabinete como passou a atuar decisivamente à frente da entidade, visando a sua reestruturação. Em 1878, o Gabinete de Leitura, que estivera bem perto do fim, viveria uma verdadeira revolução interna com a mudança estatuária e organizacional, alterando inclusive a sua denominação, passando a chamar-se Biblioteca Rio-Grandense. Ainda que modificada em sua estrutura, a Biblioteca não perdeu sua razão de ser inicial, mantendo o caráter privado e associativo. Iniciava-se então um período de crescimento ainda mais intenso, em termos de acervo, de número de sócios e de atendimento à sociedade como um todo. Ao lado dos livros e documentos disponíveis, a instituição passou a organizar exposições e conferências literárias que mobilizavam o público em torno dos intentos culturais. Mas ia além, buscando também ampliar o número de leitores, vindo, na mesma época, a oferecer cursos noturnos que se transformariam em prática recorrente, permitindo o acesso ao estudo para aqueles que não tinham condições de frequentar o ensino regular, mormente os trabalhadores.

Apesar dos progressos, uma das preocupações centrais das diretorias permanecia ligada à conquista de um prédio definitivo e próprio para sediar a Biblioteca. Houve até mesmo a

possibilidade do recebimento de um terreno de parte do poder público, no qual deveria ter sido fundada uma escola, mas cujo edifício sofreu com um incêndio antes mesmo de ser concluído. Tal solução, entretanto, acabaria por não ser efetivada então. O encaminhamento definitivo só viria já próximo ao encerramento do século XIX, quando a Biblioteca Rio-Grandense adquiriu por compra, na Rua General Osório, o edifício no qual funcionara a Câmara Municipal, depois Intendência, que passara a funcionar em prédio próximo. A partir dali os trabalhos da Biblioteca deslancharam ainda mais, e ela crescentemente se transformaria no epicentro cultural da cidade. Em torno dela reuniram-se representantes da intelectualidade local e regional, fosse como membros da diretoria, fosse como promotores de atividades literárias, educacionais e culturais de amplo alcance.

Uma outra grande reforma predial e organizacional ocorreria alguns anos depois, com a ampliação do edifício, aumentando em pelo menos quatro vezes a sua capacidade de armazenamento de acervo, além de uma reestruturação estatutária, sem que fossem alteradas as condições fundamentais de sua existência. A Biblioteca continuava firme em seus propósitos não só de estimular a leitura, mas também de aprimorar a cultura, com a continuidade de seus cursos noturnos e da realização de exposições, conferências e eventos. Ia além, lançando reedições de obras raras e/ou esgotadas, cujo acesso era dificultoso. No seu seio reuniram-se entidades e grupos de intelectuais, estudaram pesquisadores de renome nacional e internacional e foi ela também decisiva para a implantação das primeiras experiências do ensino superior no Rio Grande. O empório comercial que também passara por um avanço no campo industrial tinha na sua Biblioteca um motivo de orgulho no que tange aos alcances culturais da urbe.

Ao completar seu centenário, a Biblioteca foi homenageada pelo jornal *Rio Grande*, que reuniu vários textos alusivos à data. Um deles dizia:

> O Rio Grande comemora, hoje, o centenário da sua Biblioteca Pública. As glórias dessa efeméride pertencem, de exclusivo, à cidade onde ela se ergue e se ostenta, como galardão legítimo de seu progresso. Mas a significação desse acontecimento orgulha e enaltece o Rio Grande do Sul, que tem na Biblioteca Rio-Grandense um monumento perene a atestar o desenvolvimento mental e espiritual de seu povo.
>
> É que o modesto Gabinete de Leitura, fundado nesse longínquo 15 de agosto de 1846, quando a vila de São Pedro recém adquirira os seus foros de cidade, soube transformar-se, no decurso de cem anos, pelo esforço de gerações que se sucederam, na famosa Biblioteca Rio-Grandense, cujo renome já transpôs, de há muito, os horizontes da vida municipal, para projetar-se e impor-se no cenário cultural do país, como a primeira do estado, ocupando o sexto lugar entre as suas congêneres no Brasil. [...] Abarcando, com efeito, na imensidão de seu arquivo bibliográfico, a crônica histórica e cultural do estado, a Biblioteca Rio-Grandense é o mais fecundo repositório dos faustos do nosso passado. Quem desejar aprofundar-se na análise da vida pretérita do Rio Grande do Sul, acompanhar o sentido da sua cultura e as coordenadas da sua civilização, terá, forçosamente, de recorrer às estantes repletas do velho casarão da Praça Xavier Ferreira. Ali palpita o Rio Grande do Sul, da sua gênese aos dias que correm, na exuberância viril da sua história, nas etapas marcantes da sua evolução, na apoteose dos seus talentos, na criação dos seus artistas, no pensamento maduro dos seus escritores, na inspiração de seus poetas, na combatividade dos seus jornalistas, na erudição

> dos seus ensaístas e sociólogos, na eloquência dos seus oradores, nos embates parlamentares dos seus políticos.
>
> Em cem anos de existência profícua, a Biblioteca Rio-Grandense acumulou com carinho, colecionou com paciência, selecionou com cuidado, o mais farto documentário da vida rio-grandense, dos seus reflexos no Brasil, das suas relações com os países vizinhos. [...]
>
> Auxiliem os nossos poderes públicos essa relevante iniciativa, amparando financeiramente a Biblioteca, colaborem todos os rio-grandinos nessa cruzada emancipadora e recuperadora de valores sociais, e a cidade do Rio Grande terá prestado um grande serviço ao Rio Grande do Sul, iniciando uma campanha que se sobreleva às demais, porque importa na libertação espiritual do nosso povo. Que esses cem anos de labor fecundo, que fizeram da Biblioteca Rio-Grandense uma expressão altíssima do progresso mental do nosso estado, sirvam-nos de exemplo para que, nestes dias de inquietação em que vivemos, se abram as portas desse templo de conhecimento à sede cultural das classes populares, e o Rio Grande, a cidade do trabalho e do músculo, será, também, a cidade do cérebro e do espírito![1]

As vivências culturais da Biblioteca Rio-Grandense vêm sendo marcantes em vários campos de atuação. Ao colocar seu acervo à disposição da comunidade em geral, a Biblioteca passou a ser denominada pelo epíteto de "Pública", embora, desde a sua criação, constitua uma instituição de caráter privado, sustentada somente a partir da contribuição de seus sócios. No entanto, tornou-se conhecida como "Pública" tendo em vista o amplo serviço que presta no atendimento à população, desde os estudiosos e cientistas das mais variadas áreas do conhecimento humano até a criança em processo de alfabetização.

1. Guilherme Schultz Filho, "Uma instituição do Rio Grande para o Rio Grande do Sul", p. 1.

A ampla atuação da Biblioteca pode ser denotada por algumas das metas que seu estatuto traçava para a entidade em meados do século XX: manter em sua sede uma biblioteca pública para a leitura de livros, jornais e revistas; difundir a instrução por meio de aulas gratuitas e de cursos de caráter teórico e especializado, quando sua criação for julgada oportuna; organizar arquivos, museus e coleções em geral; criar e manter bibliotecas circulantes ou filiais, no município do Rio Grande ou fora dele; fomentar o desenvolvimento das ciências, das letras e das artes, fundando e auxiliando a manutenção de centros de estudos e pesquisas; montar oficinas de encadernação e tipográfica para os serviços próprios e preparo de profissionais; estabelecer um pequeno observatório astronômico; proteger por todos os meios ao seu alcance a fundação de bibliotecas em outras localidades do país, principalmente no estado; e adquirir, arquivar ou imprimir originais literários ou artísticos, podendo também reimprimir livros raros e editar jornais ou revistas.[2]

Foram muitos os historiadores que, ao longo do tempo, ressaltaram a relevância da Biblioteca Rio-Grandense. Nesse sentido, afirmou-se que ela significava o conjunto de todos os pensamentos humanos transladados em livros, que foram, através dos séculos, incitar as gerações a prosseguir na trilha luminosa da ciência e das letras, oferecendo um refúgio sagrado das almas sedentas de um futuro mais vasto, de modo que tal instituição, escudada no seu passado, tinha direito, pois, a uma parte das simpatias dos homens de boa vontade.[3] Foi dito também que, ao observar-se o seu acervo, seriam vistos as raridades, as preciosidades, os valores altíssimos, intrínsecos, e, mais ainda, estimativos, que opulentavam e enobreciam aquela casa, numa riqueza imensa que ela, de portas abertas, dava a todos quantos

2. Abeillard Barreto, "Patrimônio cultural do Brasil".
3. Alfredo Ferreira Rodrigues, "15 de agosto de 1846", p. 2.

desejassem maravilhar-se na beleza e enriquecer-se na utilidade dos seus tesouros.[4]

Destacou-se essa casa cultural ainda pela destacada atuação no cenário cultural do Rio Grande do Sul, influindo na formação de grande número de intelectuais e facultando o estudo de obras raras a cientistas de renome[5], além de ser reconhecida fora do Brasil, correspondendo-se com eminentes bibliógrafos, constituindo, enfim, uma instituição que honrava a sua cidade e enaltecia a sua cultura.[6] Dessa maneira, considerava-se que era com a sensação plena da responsabilidade cumprida e com tal ânimo que a Biblioteca Rio-Grandense contribuíra com a grandeza e a felicidade do Brasil, numa permanente vigilância pelos seus foros de civilização e num continuado esforço em prol de sua inteireza moral e de seu progresso material.[7] Ela foi apontada ainda como uma venerável instituição, a qual plasmou, ao longo de sua existência, um papel indelével como depositária da cultura, do conhecimento e das experiências individuais e coletivas da humanidade.[8]

Atualmente, a Biblioteca Rio-Grandense conta com aproximadamente 450 mil livros, além de um acervo formidável de documentos em geral e, com grande destaque, para a sua coleção de jornais, uma das mais completas, notadamente quanto aos periódicos gaúchos e rio-grandinos, que circularam desde os primórdios do século XIX. Afora ser a mais antiga do estado do Rio Grande do Sul, a Biblioteca ainda permanece como a de maior acervo no contexto estadual e é uma das maiores na conjuntura nacional. De grande interesse para a leitura, o ensino e a

4. Edgar Fontoura, *A Biblioteca Rio-Grandense*.
5. Abeillard Barreto, "Uma iniciativa benemérita".
6. Antenor de Oliveira Monteiro, "Um centenário".
7. Abeillard Barreto, "Vigilância permanente e esforço continuado".
8. Francisco das Neves Alves, *Biblioteca Rio-Grandense*: textos para o estudo de uma instituição a serviço da cultura, p. 6.

pesquisa, dentre os vários arquivos, fundos e coleções específicas que compõem a Biblioteca podem ser destacados:

• Sala Silva Paes — coleção de aproximadamente 10 mil títulos sobre a formação do estado do Rio Grande do Sul, constituindo uma das mais completas a respeito do tema;

• Sala Abeillard Barreto — reúne aproximadamente 6 mil títulos herdados do historiador que dá nome à Sala, contendo principalmente obras sobre História do Rio Grande do Sul e do Brasil;

• Sala de Obras Raras — coleção de aproximadamente 3 mil títulos reunindo obras editadas desde o século XIV, dentre elas, a mais antiga, *Diálogos*, de Luciano, e a Coleção *Flora brasiliensis*, de Martius, cujos exemplares só se encontram em quatro outras instituições brasileiras;

• Sala Almirante Tamandaré — formada por aproximadamente 4 mil títulos, especializada em obras ligadas à História da Marinha e às Artes Náuticas;

• Arquivo Montenegro — coleção de aproximadamente 2 títulos, uma das mais completas acerca da Guerra do Paraguai, a qual, além do acervo bibliográfico, reúne centenas de documentos, fotografias e gravuras colecionadas pelo historiador José Arthur Montenegro; sua relevância é tão considerável que, em 1970, por ocasião das comemorações do centenário do encerramento da Guerra da Tríplice Aliança, a Marinha do Brasil pediu o empréstimo da coleção para organizar uma exposição no Rio de Janeiro;

• Coleção Agostinho José Lourenço — constitui um dos mais ricos acervos de jornais sul-rio-grandenses, com coleções completas de periódicos que circularam nos séculos XIX e XX no Rio Grande do Sul;

• Coleções de várias pastas ministeriais brasileiras, com destaque para a do Ministério das Relações Exteriores do século XIX;

• Coleção do *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro — uma das mais completas do país, envolvendo o período dos anos 1840 até a década de 1970;

• Coleção de fotografias — reunindo mais de 3 mil registros fotográficos, com destaque para os que envolvem a paisagem urbana no contexto citadino e estadual;

• Coleção das Leis do Império e da República do Brasil;

• Mapoteca — com mais de 2 mil mapas e plantas envolvendo contextos locais, regionais, nacionais e internacionais.

Mas as constantes fases de crise e estagnação que marcaram profundamente a formação histórica da metade sul do Rio Grande do Sul deixaram marcas profundas na cidade do Rio Grande, notadamente a partir da segunda metade do século XX. Ainda que tenha havido uma ou outra etapa de certa recuperação, a tendência geral foi de dificuldades para a comunidade e, inevitavelmente, os reflexos se fizeram sentir junto à Biblioteca Rio-Grandense. O enorme acervo e o grande prédio, conquistas de décadas de trabalho, apesar de um incomensurável valor, passaram a também constituir um fardo pesado em termos de manutenção. Os apoios à casa cultural escasseavam crescentemente e o número de sócios passou a diminuir cada vez mais drasticamente.

A natureza de entidade privada e associativa permaneceu e a Biblioteca continuou não esperando favores de parte do poder público, mas os problemas iam mais além. Mesmo que constituísse uma instituição sem fins lucrativos e de amplo atendimento ao público, a Biblioteca Rio-Grandense sofreu pesados reveses tendo em vista a alta incidência de tributações. Assim, ao invés de promover investimentos na preservação do edifício e do acervo, sem poder contar com qualquer tipo de isenção, a Biblioteca teve de voltar seus escassos recursos ao pagamento de tais tributos. Nessa linha, além da falta de apoio, ela sofria na carne com a ausência de políticas culturais governamentais nas mais variadas esferas da organização nacional. De certo modo, permanecia recorrentemente a situação bem demarcada por uma caricatura publicada no jornal rio-grandino *Artista*, em 6 de janeiro de 1906, e isto ainda em uma época na qual a Biblioteca

vivia uma fase de certa pujança. No desenho, a entidade cultural, representada por uma mulher empobrecida, cheia de livros à sua volta, estendia a mão a uma bem-vestida e aristocrática senhora que simbolizava a Intendência Municipal, em busca de apoio, lembrando que aquele que dava aos pobres emprestava a Deus:



Fonte: Artista, 6 jan. 1906.

A Biblioteca Rio-Grandense já desempenhou o papel de epicentro cultural no âmbito citadino e estadual, mas as dificuldades que lhe afetaram continuamente criaram certas peias a tal ação. Entretanto, mais recentemente, ela vem, ainda que de maneira modesta, buscando retomar sua função de promotora da cultura. Vários eventos acadêmico-científicos e culturais, de cunho local, regional, nacional e internacional, vêm sendo organizados por ela no último decênio. Além disso, a Biblioteca vem lançando uma série de livros, alguns avulsamente e outros vinculados a duas Coleções que ela está organizando em parceria com instituições portuguesas:

• A Coleção Documentos é editada pela Biblioteca Rio-Grandense em parceria com o Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL), e tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense uniram forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais. Desde 2016, tal Coleção já publicou mais de sessenta volumes.



Logomarca da Coleção Documentos. Fonte: Biblioteca Rio-Grandense.

• A Coleção Rio-Grandense, editada pela Biblioteca Rio-Grandense primeiramente em parceria com a Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização, e depois com a Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO, foi criada para tratar da mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, que tem uma formação prenhe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. Desse modo a Coleção Rio-Grandense tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária. Desde 2017, tal Coleção atingiu a marca de mais de cinquenta títulos publicados, constituindo uma das mais profícuas em se tratando da formação gaúcha.



Logomarca da Coleção Rio-Grandense. Fonte: Biblioteca Rio-Grandense.

Assim, apesar de todos os obstáculos, a Biblioteca Rio-Grandense permaneceu em atividade, constituindo a mais antiga instituição de seu gênero no contexto sul-rio-grandense. O exemplo do Gabinete de Leitura viria a ser seguido em outras localidades gaúchas, como na própria capital e na vizinha cidade de Pelotas, entre outras, constituindo-se tais casas de leitura, ao lado das livrarias, em lugares de encontro e de ebulição ativista de tantas gerações da intelectualidade sul-rio-grandense. A Biblioteca, por mais que permaneça como entidade privada, continua a ser conhecida pelo epíteto de "Pública", tamanha foi a tradição que construiu como estabelecimento cultural do mais amplo e constante atendimento público. Seus livros e coleções documentais representam um manancial inesgotável de estudo e suas ações

e seu acervo encerram em si aquilo que Abeillard Barreto muito bem denominou de patrimônio cultural do Brasil e, por que não ampliar, do mundo.

Referências

ALVES, Francisco das Neves. *Biblioteca Rio-Grandense*: textos para o estudo de uma instituição a serviço da cultura. Rio Grande: FURG, 2005.

BARRETO, Abeillard. Uma instituição centenária. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 13 abr. 1946.

BARRETO, Abeillard. Uma iniciativa benemérita. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 17 abr. 1946.

BARRETO, Abeillard. Patrimônio cultural do Brasil. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26 abr. 1946.

BARRETO, Abeillard. Vigilância permanente e esforço continuado. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 27 abr. 1946.

FERREIRA, Athos Damasceno. *Gabinetes de leitura e bibliotecas do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Centro Regional de Pesquisas Educacionais, 1973.

FONTOURA, Edgar. A *Biblioteca Rio-Grandense*. Rio Grande: Oficinas do Rio Grande, 1933.

MONTEIRO, Antenor de Oliveira. Um centenário. *Rio Grande*, Rio Grande, 18 maio 1946.

RODRIGUES, Alfredo Ferreira. 15 de agosto de 1846. *15 d'Agosto* — número único comemorativo do 40º aniversário da Biblioteca Rio-Grandense, Rio Grande, p. 2, 1886.

SCHULTZ FILHO, Guilherme. Uma instituição do Rio Grande para o Rio Grande do Sul. *Rio Grande*, Rio Grande,15 ago. 1946, p. 1.

Autores do volume

Airton Ortiz

Graduado em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); pós-graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Jornalista e escritor, com obras nos gêneros crônica, romance e infantil, além de relatos de viagem.

Alessandra Rech

Foi professora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Graduada em Jornalismo pela UCS; especialista em Epistemologias do Sul pelo Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (Clacso), Buenos Aires; mestre em Letras e Cultura pela UCS; doutora em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atuou no jornal *Pioneiro* (RBS), de 1993 a 2007, onde foi cronista semanal até 2014. Escritora, foi escolhida patrona da 37ª edição da Feira do Livro de Caxias do Sul (2021).

Antonio Hohlfeldt

Foi professor do Programa de Pós-Graduação em Literatura e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Graduado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); mestre e doutor em Letras pela PUCRS. Jornalista profissional, assina coluna de crítica teatral semanal no *Jornal do Comércio*, de Porto Alegre. É pesquisador do CNPq e membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Autor de

livros para crianças e jovens, tem publicados diversos trabalhos sobre literatura brasileira e, especialmente, sul-rio-grandense, além de obras sobre teoria e história do jornalismo.

Artur Emilio Alarcon Vaz

Professor da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Graduado em Letras pela FURG; mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Organizou diversos livros, entre os quais *Literatura, história e fontes primárias* (2013), *Carlos von Koseritz: novelas* (2014), *Contos: Juana Manuela Gorriti* (2017), *Práticas de ensino de literatura: do cânone ao contemporâneo* (2017) e *O homem maldito: romance brasileiro* (2023).

Camilo Mattar Raabe

Graduado, mestre e doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Poeta e escritor. Estuda especialmente o processo de criação literária, destacando-se os trabalhos com o espólio de Dyonelio Machado, em especial a edição de *Proscritos* e o corrente desenvolvimento de uma edição crítico-genética de *Terceira vigília*, ambos romances inéditos do escritor sul-rio-grandense. Dedica-se ainda a pesquisar a linguagem poética, críticas do imaginário e a história da literatura no Rio Grande do Sul.

Cida Golin

Professora dos cursos de Jornalismo e de Museologia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FABICO/UFRGS) e do Programa

de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Graduada em Comunicação Social pela UFRGS; mestre e doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Coordena o grupo de Estudos em Jornalismo e Publicações Culturais do Laboratório de Edição, Cultura e Design (LEAD) da FABICO. Autora de *Memórias de vida e criação e Mulheres de escritores: subsídios para uma história privada da literatura*. Nos últimos anos, pesquisa e orienta na área de jornalismo e cultura, especialmente publicações produzidas no Rio Grande do Sul. Entre esses trabalhos, estudou a revista *Madrugada* (1926) para a edição fac-similar comemorativa aos oitenta anos da publicação.

Cristina Maria Rosa

Professora na área da Alfabetização Literária, atua na Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Graduada em Pedagogia e mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Autora de *Onde está Meu ABC de Erico Verissimo? Notas sobre um livro desaparecido* (2013) e *Um alfabeto à parte: biobibliografia de Pedro Rubens de Freitas Wayne* (2009). Organizadora de *Escritas, leitores e história da leitura* (2012) e *Das leituras ao letramento literário* (2009). Também publicou nas coletâneas *Contos para ler a três* (2017) e *Contos de infâncias* (2017). Sua obra ficcional é composta por, entre outros, *Cobras no Laranjal* (2009), *Luíza* (2007) e *De arqueologias e de avôs* (2005).

Diego Eduardo Dill

Professor do curso de Jornalismo da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ) e organizador da Estação Literária de Cruz Alta.

Graduado em Jornalismo pela UNICRUZ e mestre em Estudos Literários pela Universidade de Passo Fundo (UPF).

Diego Grando

Graduado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); doutor em Letras pela UFRGS. Fez estágio de pós-doutorado como bolsista do Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD/Capes) junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, onde atuou também como professor colaborador na área de concentração em Escrita Criativa. Professor, poeta e tradutor. Foi Leitor Guimarães Rosa (Instituto Guimarães Rosa — Roma/MRE) na Università degli Studi "G. d'Annunzio", em Pescara, Itália. Como poeta, é autor de *Spoilers* (2017), *Sétima singular* (2012), *25 Rua do Templo* (2010) e *Desencantado carrossel* (2008).

Eduardo Arriada

Professor do Departamento de Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Graduado em História e em Estudos Sociais pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel); graduado em Direito pela UFPel; mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); doutor em Educação pela PUCRS. Pós-doutorado na University of Illinois at Urbana-Champaign, Estados Unidos, e na University of Canterbury, Nova Zelândia. Atua principalmente nos seguintes temas: história da educação; campo editorial do livro didático; história de editoras e livrarias; produção e circulação de livros.

Francisco das Neves Alves

Professor da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), atuando no curso de graduação em História e no Programa de Pós-Graduação em Letras. Graduado em História pela FURG; mestre e doutor em História pela PUCRS. Pós-doutorado no Instituto de Cultura e Estudos Sociais, Portugal; na Universidade de Lisboa; na Universidade Nova de Lisboa; na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) ; na Universidade do Porto; na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); na Cátedra Infante Dom Henrique, Portugal; e na Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis). Autor de inúmeros livros, capítulos e artigos, em especial abordando temas históricos e literários em periódicos do Rio Grande do Sul, do Brasil e de Portugal.

Isabel Cristina Arendt

Professora do curso de Letras da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e do curso de História no Instituto Superior de Educação Ivoti (ISEI). Graduada em Letras Português/Alemão; mestre e doutora em História pela UNISINOS. Dentre suas publicações, está o livro *Educação, religião e identidade étnica: o Allgemeine Lehrerzeitung e a escola evangélica alemã no Rio Grande do Sul* (2008).

Ivânia Campigotto Aquino

Professora de Literatura da Universidade de Passo Fundo (UPF), atuando na graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras, e coordenadora de Inovações Educacionais da Secretaria Municipal de Educação de Passo Fundo. Graduada em Letras pela UPF; mestre em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS);

doutora em Estudos de Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pós-doutorado em Estudos de Literatura pela UFRGS. Dentre suas publicações, encontram-se os livros *A representação da etnia alemã no romance sul-rio-grandense* (2007), *Romance em mapas* (2014) e *Construções narrativas: literatura e história* (2016).

Luís Augusto Fischer

Professor de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduado, mestre e doutor em Letras pela UFRGS. Estágio de pós-doutorado na Sorbonne, Paris VI (2014-2015), França. Professor visitante na Universidade de Princeton (2023), EUA. Autor de vários livros, entre os quais *Machado e Borges* (2008), *Duas formações, uma história: das "ideias fora do lugar" ao "perspectivismo ameríndio"* (2021) e *A ideologia modernista: a Semana de 22 e sua consagração* (2022).

Luís Rubira

Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Graduado em Filosofia pela UFPel; mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), com estágio de estudos na Université de Reims Champagne-Ardenne, França. Pós-doutorado em Filosofia pela Université de Reims Champagne-Ardenne e pela Universidad de La República, Uruguai. Atua na área de Filosofia, com ênfase em Ética e História da Filosofia Moderna e Contemporânea. Organizou e editou o *Almanaque do Bicentenário de Pelotas* (2012). Organizou, fixou textos e comentou o livro *Teatro de Simões Lopes Neto* (2017).

Luiz Gonzaga Lopes

Graduado em Comunicação Social pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS); especialista em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Jornalista cultural e escritor. Editor de Cultura do *Correio do Povo*, foi um dos responsáveis, junto com Juremir Machado da Silva, pela volta à circulação do "Caderno de Sábado", suplemento cultural dos anos 1960 e 1970, desde março de 2014. Como escritor, publicou o romance *Amor sobre tela* (2007) e a biografia *Deborah Finocchiaro: a arte transformadora*, para a série Gaúchos em Cena, do 21º Porto Alegre em Cena (2014).

Márcia Lopes Duarte

Professora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), tendo experiência em educação básica (ensino fundamental e médio). Graduada, mestre e doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Também coordenou e atuou em cursos de especialização e graduação nas áreas de Literatura, Metodologia e Escrita Criativa. Atuou, ainda, no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UNISINOS.

Matheus Abreu

Graduado em Jornalismo pela Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ). Diretor de fomento cultural na Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Cruz Alta, coordenador de mídia no Coletivo Cultural Ouvido Médio e organizador da Estação Literária de Cruz Alta.

Mauro Nicola Póvoas

Professor de Literatura no Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), onde atua na graduação e na pós-graduação. Graduado em Letras pela FURG; mestre e doutor em Letras (Teoria da Literatura) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Pós-doutorado na Universidade de Lisboa. Autor dos livros *Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX* (2017); *Periodismo e literatura no Rio Grande do Sul do século XIX* (2018); e *Sociedade Partenon Literário: história e temas* (2024).

Moisés Mendes

Jornalista, trabalhou na *Gazeta de Alegrete*, o mais antigo jornal em circulação do estado, com fortes vínculos com o abolicionismo no século XIX e com a literatura produzida na região da Fronteira gaúcha no século XX. Atuou como repórter e editor em jornais de Livramento, São Borja, Bento Gonçalves e Ijuí. Foi correspondente da Companhia Caldas Júnior em Ijuí. Tem mais de vinte prêmios jornalísticos. Publicou o livro de crônicas *Todos querem ser Mujica* (2016). No jornal *Zero Hora*, foi editor de Economia, editor especial e colunista. Atualmente, dedica-se ao blogdomoisesmendes.com.br e escreve para os jornais *on-line Extra Classe*, *Brasil 247* e *DCM*.

Orlando Fonseca

Professor aposentado da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Graduado em Letras Português/Inglês e mestre em Literatura Brasileira pela UFSM; doutor em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em

Produção Textual, Teoria da Literatura e Crítica, Estilística, Escrita Criativa, atuando principalmente nos seguintes temas: poesia, crônicas, identidade, memória e ficção.

Regina Kohlrausch

Professora de graduação e pós-graduação do curso de Letras da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Graduada em Letras Português/Espanhol e Respectivas Literaturas, mestre e doutora em Letras (Teoria da Literatura) pela PUCRS. Estágio de pós-doutoramento em Teoria Literária na Universidad de Vigo, Espanha, com apoio da CAPES/Fundación Carolina. Membro do GT História da Literatura da ANPOLL e coordenadora do grupo de pesquisa Escritores Sulinos.

René E. Gertz

Professor aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Graduado em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS); mestre em Ciência Política pela UFRGS e doutor em Ciência Política pela Universidade Livre de Berlim (FUB). Autor de livros como *O fascismo no sul do Brasil* (1987), *O perigo alemão* (1991) e *O aviador e o carroceiro: política, etnia e religião nos anos 1920* (2002); organizador de *Memórias de um imigrante anarquista* (1989), *Nós, os teuto-gaúchos* (1996) e *Karl von Koseritz: seleção de textos* (1999).

Romar Beling

Graduado e mestre em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Atua como jornalista, sendo editor na Editora Gazeta Santa Cruz, especializada em anuários de agronegócio, com textos em português e inglês e circulação nacional e internacional. É escritor, poeta, ensaísta, e atuou como professor no ensino médio e no ensino superior.

Este livro foi composto com fonte tipográfica
Transit BT 11pt e impresso sob papel pólen 80g/m^2
pela Pallotti, em Porto Alegre, às vésperas da
70º Feira do Livro, na primavera de 2024.